

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EXTENSÃO RURAL**

**“SOMOS SOLTEIRÕES”:
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SOLTEIRICE NA
AGRICULTURA FAMILIAR DE ALEGRETE/RS**

TESE DE DOUTORADO

Cassiane da Costa

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**“SOMOS SOLTEIRÕES”:
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SOLTEIRICE NA AGRICULTURA FAMILIAR DE
ALEGRETE/RS**

Cassiane da Costa

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Extensão Rural**.

Orientador: Prof. Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin

Santa Maria, RS, Brasil

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

da Costa, Cassiane
"Somos solteirões": a construção social da
solteirice na agricultura familiar de Alegrete/RS.
Cassiane da Costa. 2014.
211 p.; 30cm

Orientador: Joel Orlando Bevilaqua Marin
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-
Graduação em Extensão Rural, RS, 2014

1. Solteirice 2. Homens rurais 3. Agricultura familiar
4. Gênero 5. Reprodução social I. Bevilaqua Marin, Joel
Orlando II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado**

**“SOMOS SOLTEIRÕES”:
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA SOLTEIRICE NA AGRICULTURA
FAMILIAR DE ALEGRETE/RS**

elaborada por
Cassiane da Costa

como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Extensão Rural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Luis Alfonso Camarero Rioja (UNED)

Prof. Dr.^a Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

Prof. Dr. Luis Augusto Ebling Farinatti (UFSM)

Prof. Dr. José Marcos Froehlich (UFSM)

Santa Maria, 02 de julho de 2014.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Adão e Eracema, por terem me ensinado o valor da agricultura familiar, entre tantas outras coisas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força;

À família, pais Adão e Eracema; irmãs Adriana e Leandra; sobrinhos Cleiton, Andrei, Lucas e Gabriel; cunhados Neodir e Vorlei; minha base, pessoas maravilhosas com as quais pude contar sempre;

Ao namorado Francis, por estar ao meu lado em todos os momentos desta pesquisa, e por compreender as ausências;

Ao orientador Joel, pela ótima orientação, pela confiança e pelo apoio;

Aos professores, coordenação e funcionárias do PPGExR, pelas oportunidades de aprendizado e pela disponibilidade;

Aos membros da banca de qualificação e da banca de defesa da tese, pelas contribuições essenciais;

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida, que possibilitou a dedicação a este trabalho, e pela Bolsa PDSE, que possibilitou o estágio na UNED;

Aos professores e funcionários da UNED que me receberam bem e me ensinaram muito, especialmente ao prof. Luis Camarero.

Ao prof. Pedro, pelo incentivo, pelas oportunidades e pelos conselhos;

Aos colegas de curso, pelas experiências compartilhadas;

Ao pessoal do Curso de Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo e do Curso de Tecnólogo em Agricultura Familiar e Sustentabilidade, pelo aprendizado profissional proporcionado;

Aos amigos e amigas, pela força e compreensão nos momentos de ausência, em especial à Carine e ao Martin;

Aos solteirões entrevistados, pessoas que me acolheram, me emocionaram e me ensinaram muito;

Às famílias do espaço rural de Alegrete, que me receberam de portas abertas e compartilharam informações valiosas;

À Andréia Sá Brito, e seus familiares, pela calorosa acolhida no espaço urbano de Alegrete;

Aos entrevistados da EMATER, APAFA, Fundação Maronna, STR, COPTec professores e funcionários de escolas rurais, pela atenção e pelas informações e experiências compartilhadas;

Aos estudantes do Curso Técnico em Agroecologia do IFSC-Lages, pelo

carinho e pelo estímulo;

Aos colegas de trabalho e à coordenação do IFSC-Lages, por possibilitarem conciliar a finalização da tese com o trabalho docente, tão enriquecedor.

RESUMO

Tese de Doutorado
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

“SOMOS SOLTEIRÕES”: A CONSTRUÇÃO DA SOLTEIRICE NA AGRICULTURA FAMILIAR DE ALEGRETE/RS

AUTORA: CASSIANE DA COSTA

ORIENTADOR: PROF. DR. JOEL ORLANDO BEVILAQUA MARIN

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 02 de julho de 2014.

O objetivo geral deste trabalho foi compreender a solteirice masculina na agricultura familiar do município de Alegrete, estado do Rio Grande do Sul. A modalidade de pesquisa utilizada foi o estudo de caso. Dei ênfase às trajetórias de vida de agricultores familiares solteirões. Realizei entrevistas semi-estruturadas com seis agricultores familiares solteirões, e com informantes-chave do município. Além das entrevistas, utilizei a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a técnica da observação. Busquei fundamentação teórica nos conceitos de *célibat paysan*, poder simbólico, dominação simbólica e dominação masculina de Pierre Bourdieu. A solteirice de homens aparece de forma expressiva no espaço rural de Alegrete, relacionada com processos de masculinização e de envelhecimento da população. Os solteirões do espaço rural do município se concentram basicamente em dois grupos sociais: agricultores familiares que trabalham com pecuária de corte e peões assalariados de fazendas. O fenômeno da solteirice expandiu-se ao longo do tempo, favorecido pela concentração de exércitos de soldados e de gaúchos primitivos na região, pela concentração da posse de terra, pelo processo de modernização e pelo desenvolvimento da ideologia do gauchismo. A família, como campo social, fornece a base de afetividade para os solteirões, mas também é um espaço de disputa por poder, que vem se transformando nas últimas décadas. Existem algumas características que são compartilhadas pelos solteirões, como o apego à família, a valorização positiva da vida rural, do trabalho e da cultura gaúcha, além do desejo de autonomia pessoal. Essas semelhanças proporcionam a emergência da identidade de homem rural solteirão. A solteirice é o resultado da decisão dos homens em manterem-se solteiros, que se fundamenta em diversos fatores, dentre os quais se destacam a dominação simbólica, em termos de classe, gênero e etnia; as estratégias familiares; a condição de masculinização e envelhecimento da população rural, e a valorização positiva da identidade de homem rural solteirão. Dessa forma, a solteirice masculina na agricultura familiar alegretense é compreendida como uma construção social.

Palavras-chave: Solteirice. Homens rurais. Agricultura familiar. Gênero. Reprodução social.

ABSTRACT

Doctorate Thesis
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

“WE ARE BACHELORS”: THE SOCIAL CONSTRUCTION OF BACHELORDOM IN FAMILY FARMING OF ALEGRETE/RS

AUTHORESS: CASSIANE DA COSTA

ADVISOR: PROF. DR. JOEL ORLANDO BEVILAQUA MARIN

Date and Place of Defense: Santa Maria, July, 2, 2014.

This study had as objective to understand bachelordom in family farming of Alegrete, in Rio Grande do Sul State, Brazil. It is a case study with the emphasis on life stories of six bachelor farmers through semi-structured interviews with them and interviews with key informants of the city. Beside the interviews, it was used bibliographical and documental research and observation technique. It was based on the theoretical foundation of the concept “*célibat paysan*”, symbolic power, symbolic domination and male domination by Pierre Bourdieu. Bachelordom features very prominently in the rural area of Alegrete, related to masculinisation processes and population ageing. Bachelors from the rural area are concentrated in two social groups: family farmers who work in ranching and cowboys working in farms. Bachelordom phenomenon has been expanding over time favored by the concentration of soldiers army and “gauchos” (people from Rio Grande do Sul) in that area, the concentration of land tenure, the modernization process and the development of “gaucho” ideology. As a social field, family provides the basis of affectivity for the bachelors, but is also a space of power play which has been changing over the last decades. There are some characteristics which are shared among the bachelors, as the commitment to family, the positive appreciation of rural life, work and Rio Grande do Sul culture, besides the wish of personal independence. Those similarities provide the emergence of the bachelors’ identity. Bachelordom is a result of the men’s decision in keeping single based on several factors as symbolic domination in terms of social and gender classes and ethnicity; family strategies; the condition of masculinisation and rural population ageing; and the positive appreciation of the rural bachelor’s identity. So, bachelordom in family farming of Alegrete/RS is understood as a social construction.

Key-words: Bachelordom. Rural men. Family farming. Social reproduction.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRIPLEITE	- Associação dos Criadores de Gado Leiteiro e Produtores de Leite de Alegrete
APAFA	- Associação de Pecuaristas Familiares e Agricultores Familiares de Alegrete
COPTec	- Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos
CTG	- Centro de Tradições Gaúchas
EMATER/RS	- Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPAGRI	- Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MTG	- Movimento Tradicionalista Gaúcho
RS	- Rio Grande do Sul
SC	- Santa Catarina
STR	- Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Quem são os solteirões entrevistados?	23
1.2 Plano da obra	30
2 SOLTEIRICE MASCULINA E REPRODUÇÃO SOCIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR	31
2.1 Solteirice e desequilíbrios demográficos no espaço rural.....	32
2.1.1 Solteirice de homens rurais na Europa	34
2.1.2 Solteirice no espaço rural brasileiro	36
2.1.3 Solteirice de homens rurais no Rio Grande do Sul	39
2.2 A realidade do Alegrete rural: caracterização da agricultura familiar estudada	42
2.2.1 Sobre a dinâmica populacional	46
2.2.2 As consequências da estrutura populacional.....	51
2.2.3 A agricultura familiar estudada	55
2.3 Os solteirões na agricultura familiar alegretense	58
2.4 Herança e perspectivas sucessórias nos estabelecimentos dos solteirões	62
3 A SOLTEIRICE MASCULINA NO ARRANJO HISTÓRICO LOCAL ...	67
3.1 Raízes da solteirice masculina na Região de Campanha Gaúcha	67
3.1.1 Índios e colonização luso-portuguesa.....	68
3.1.2 Concentração da posse da terra: sesmarias e estâncias	71
3.1.3 Nem só de estancieiros e de peões se fez Alegrete	74
3.2 Gauchismo como cultura e ideologia	79
3.2.1 O gaúcho, a mulher e a sociabilização	82
3.2.2 O gauchismo e a mudança do gaúcho	86
3.3 A modernização não chega sozinha	92
3.3.1 O início da modernização em Alegrete	94
3.3.2 Antigamente tudo era mais difícil	99
4 SOLTEIRICE, FAMÍLIA E RELAÇÕES DE GÊNERO	107
4.1 Coisas de família.....	108
4.1.1 De que gente tu és? O poder do sobrenome.....	108
4.1.2 Estratégias familiares: sobre parteiras, lavadoras e trabalho na infância	112
4.1.3 Nem tudo são rosas: apoios e conflitos familiares	115
4.2 Entre homens e mulheres: a construção do masculino e do feminino... ..	121
4.2.1 Coisas de solteirão	126
4.3 Transformações das relações familiares e de gênero na agricultura familiar	131
4.3.1 A separação no espaço rural: mulheres que se rebelam	137
5 SER SOLTEIRÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE ALEGRETE	143
5.1 O orgulho de ser homem rural.....	144
5.1.1 Os solteirões e o gauchismo.....	149
5.1.2 O valor do trabalho	154
5.2 Entre a liberdade e a solidão.....	161
5.3 Masculinidade e solteirice: chamarreando só.....	167
6 Considerações finais	175

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185
APÊNDICES	195

1 INTRODUÇÃO

O “ser solteiro” ou o “estar solteiro” recebe uma ressignificação na sociedade contemporânea. Nesse contexto, o casamento perde força nos ideais de jovens, e o “estar encalhado”, o “benzer tormenta”, ou o “ficar para titia”, expressões populares estigmatizadoras, parecem não assustar mais, ou assustar menos do que no período de veneração do casamento no Brasil, forjado a partir da segunda metade do século XIX, conforme Tavares (2008). Muitas pessoas adultas, nas últimas décadas, passam a viver juntas, amigadas, ou ajuntadas, sem formalização da relação por contrato ou cerimônia religiosa. Outro grupo representativo é o dos que permanecem solteiros, residindo com familiares, amigos ou mesmo sozinhos. A sequência clássica da vida propagada pelo catolicismo do nascer, crescer, casar, ter filhos e morrer não é seguida por essas pessoas. Assim, essa ressignificação da solteirice que está sendo vivenciada valoriza elementos como a liberdade e a individualidade (TAVARES, 2008).

No espaço rural brasileiro, principalmente no Sul do país, a solteirice apresenta uma configuração particular. A presença de homens adultos solteiros é mais representativa do que a presença de mulheres adultas solteiras. No Rio Grande do Sul, a população rural passa pelos processos de envelhecimento e de masculinização. Nesse contexto, o solteirão¹ é um agente social importante e presente de forma significativa no espaço rural. Entretanto, pouco se sabe sobre quem são e como vivem esses solteirões. Os agentes de desenvolvimento, que há algumas décadas costumavam encontrar no espaço rural do Rio Grande do Sul estabelecimentos familiares onde conviviam o homem, a mulher e os seus vários filhos, agora encontram muitos adultos que vivem sozinhos ou com pais ou irmãos, bem como casais de idosos. O caminho do desenvolvimento do espaço rural contemporâneo, dadas as características da sua população, passa pelo estudo da solteirice.

Nas últimas décadas, os desequilíbrios populacionais passaram a fazer parte da dinâmica de diversos territórios rurais, como na Região Sul do Brasil. Nesse período, ganham importância temas inter-relacionados como a seletividade jovem e

¹ Termo pelo qual o homem adulto solteiro, e que nunca viveu com uma companheira, é popularmente conhecido no espaço rural do Rio Grande do Sul. Conforme definição do Novo Dicionário de Língua Portuguesa (FERREIRO, 1986, p. 1608), “homem maduro ou velho que ainda não se casou”.

feminina do êxodo rural, o envelhecimento populacional, a masculinização da população e a solteirice masculina. Esse processo de masculinização rural vem se intensificando no Rio Grande do Sul, sendo que não se apresenta de forma homogênea no âmbito das diferentes regiões. A Campanha Gaúcha², em 2007, era a região com maior predomínio de homens no Estado (COSTA, 2010; COSTA, FROEHLICH, CARPES, 2013).

A pesquisa de Anjos e Caldas (2005) mostra que a população rural da Região Sul do Brasil tem o maior índice de masculinização do país. A “fuga feminina” para os centros urbanos, para utilizar o termo de Bourdieu (2004), provoca a intensificação da solteirice entre os homens rurais. O termo “celibato camponês” foi utilizado por Pierre Bourdieu na década de 1960, em pesquisa realizada em Béarn, na França (BOURDIEU, 2004). Trata-se do celibato rural masculino como elemento central da abordagem de uma crise do campesinato³, provocada pelo comprometimento da sua reprodução social.

Na abordagem de Rodrigues (1991, p. 11), o celibato é entendido “enquanto uma prática camponesa realizada em um espaço/tempo específicos”. A autora se refere ao celibatário como “aquele que não gerou matrimônio, nem descendência própria” (RODRIGUES, 1991, p. 82). Os termos “celibato” e “celibatário” são comumente relacionados à questão religiosa no Brasil. Dessa forma, entendo que seja mais adequada a utilização dos seus sinônimos “solteirice” e “solteirão” neste estudo. Utilizo o termo solteirice em referência à condição de pessoas adultas que não constituíram relação conjugal. De forma, a operacionalizar a pesquisa, defino solteirão como o homem solteiro com trinta anos ou mais que nunca viveu maritalmente com alguém.

A solteirice configura-se como uma temática importante no contexto da agricultura familiar. Neste estudo, abordo agricultura familiar na perspectiva trabalhada por Wanderley (2009), “[...] entendida como aquela em que a família, ao

² A região da Campanha é formada pelos municípios Alegrete, Bagé, Dom Pedrito, Itaqui, Quaraí, Rosário do Sul, São Gabriel e Uruguaiana. Nessa região, que apresenta a maior concentração fundiária do Estado, a pecuária de corte extensiva é bastante influente (SILVA NETO, 2005).

³ “Ora, o conceito de camponês tem um peso que transcende a materialidade econômica da troca de mercadorias e sugere imediatamente características de sua organização social, tais como o trabalho familiar, os costumes de herança, a tradição religiosa e as formas de comportamento político. Se por um lado essas características são recortadas dialeticamente por outras provindas da classe dominante, ou mais difusamente, do conjunto da sociedade, essa conceituação permite penetrar abertamente no espaço das superestruturas, da cultura, do modo de vida” (MOURA, 1988, p. 69).

mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (WANDERLEY, 2009, p. 156). No seio dessa categoria social, a sucessão nos estabelecimentos agropecuários é dada de pais e mães para filhos e filhas. Além dos meios de produção, o ofício de agricultor familiar também é repassado no interior da família, de geração para geração. A formação de novos casais exerce um papel fundamental na reprodução social dos agricultores familiares.

A agricultura familiar na Campanha Gaúcha envolve uma realidade rica e pouco estudada pelos pesquisadores sociais. Ela pode ter a reprodução social comprometida, sendo que a intensidade da solteirice rural masculina é um indicador dessa situação. Em Alegrete, a estrutura demográfica rural está bastante desequilibrada. Os processos de masculinização e de envelhecimento populacionais ocorrem de forma mais intensa no espaço rural de Alegrete do que no espaço rural do Rio Grande do Sul ou do Brasil. Da mesma forma, o percentual de solteirões no espaço rural do município é bem maior do que o do Estado e o do país nas mesmas condições, o que influencia nos processos de sucessão dos estabelecimentos agropecuários.

Nessa perspectiva, esta pesquisa propõe-se a avançar na discussão, interpretando a solteirice de homens rurais no contexto de um dos municípios da Campanha Gaúcha, Alegrete. De forma a interpretar esse fenômeno social a partir do contexto da agricultura familiar da Campanha Gaúcha, proponho a investigação do seguinte problema: “De que forma a solteirice masculina se desenvolveu e se apresenta na agricultura familiar de Alegrete/RS?” Para tanto, elenquei como objetivo geral: “Compreender a solteirice masculina na agricultura familiar do município de Alegrete, estado do Rio Grande do Sul.” Especificamente, procurei relacionar a solteirice masculina com os desequilíbrios demográficos do espaço rural, bem como com a reprodução social na agricultura familiar; investigar o desenvolvimento da solteirice masculina no arranjo histórico do município de Alegrete; entender a solteirice no contexto local das relações familiares e das relações de gênero; e compreender como os homens vivem a condição de solteirão na agricultura familiar.

A solteirice de homens rurais vem se intensificando nas últimas décadas em várias partes do mundo, o que remete à importância do tema de pesquisa. Os solteirões, decididamente, fazem parte da dinâmica do espaço rural contemporâneo

e, mesmo assim, existem poucos estudos sobre o tema. Além disso, os estudos existentes sobre as consequências da masculinização da população rural costumam centrarem-se na realidade das mulheres. Isso torna ainda mais raros os estudos realizados especificamente sobre homens solteiros. A forma de viver desses homens é pouco estudada.

Os pesquisadores e agentes de desenvolvimento rural tornam invisível a categoria social dos solteirões. Nos estudos e nos programas estatais direcionados à agricultura familiar, é costumeiro aparecer a família tradicional, composta pelo pai, pela mãe e pelos filhos. Também se costuma trabalhar com públicos específicos, a partir de enquadramentos de geração e de sexo, como mulheres e jovens. Os homens rurais solteirões ficam à margem das políticas públicas e invisíveis socialmente, como se não existissem. Entretanto, eles existem e são agentes sociais importantes que atuam nos contextos rurais, como acontece na Campanha Gaúcha.

Os únicos estudos aprofundados que contemplam a solteirice de homens rurais no Brasil, de Woortmam e Woortmann (1990), Rodrigues (1991) e de Lopes (2006), foram realizados, respectivamente, na Colônia Teuto-brasileira, na Serra Gaúcha; na Colônia Ítalo-brasileira, no Espírito Santo; e em Putinga, município gaúcho do Vale do Taquari, de colonização italiana. Assim, as particularidades da temática no contexto da Campanha Gaúcha ainda não foram contempladas pelos pesquisadores sociais.

Algumas características de Alegrete, como ser o município de maior extensão territorial do Estado, ter baixa densidade demográfica e alto percentual de solteirões rurais, formam um cenário interessante para a pesquisa no local. O rural brasileiro é heterogêneo, e existem espaços do rural profundo que guardam as suas peculiaridades. Essa é a condição de vários aglomerados populacionais do município que são distantes do centro urbano, sendo alguns de difícil acesso. O município também tem um histórico marcado pela relação com a pecuária de corte e pelo gauchismo⁴, sendo que os reflexos são fortes no cotidiano da vida rural.

A categoria de agricultores familiares tem um papel fundamental em Alegrete, representando a maioria dos estabelecimentos agropecuários, embora a distribuição historicamente injusta de terras e o cenário estabelecido de relações de poder com a

⁴ Conforme Brum (2010, p. 69), o gauchismo “pode ser entendido como um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetiva celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante”.

agricultura empresarial a desfavoreça. Nesse campo, destaca-se o impulso recente na organização social dos agricultores familiares como forma de fortalecimento da categoria. Ademais, essa agricultura familiar local preserva um modo de viver característico, que resiste, em certa medida, às intervenções da globalização e do mercado. Enfim, essa é uma realidade cultural rica que está tendo a sua continuidade ameaçada pelos desequilíbrios populacionais, situação que merece atenção dos pesquisadores e agentes de desenvolvimento rural.

Neste estudo, trabalho com a perspectiva de que o “ser solteiro” ou o “estar solteiro” é uma decisão individual, que é influenciada pelo contexto em que a pessoa vive. Assim, trato a solteirice de homens na agricultura familiar como uma construção social. Nesse sentido, busco valorizar aspectos históricos, questões familiares e de gênero, juntamente com aspectos identitários. Nessa trajetória, busco fundamentação teórica nas obras de Pierre Bourdieu “El baile de los solteros” (2004), “O poder simbólico” (1989) e “Dominação Masculina” (2002). Utilizo principalmente o conceito de poder simbólico do autor, bem como seus desdobramentos, dominação simbólica e dominação masculina, que serão trabalhados ao longo do texto. “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (BOURDIEU, 1989, p. 15). Para trabalhar a solteirice masculina na agricultura familiar, recorro à noção de *célibat paysan*, utilizada por Pierre Bourdieu para interpretar o celibato entre camponeses da França na década de 1960.

Também utilizo a noção de masculinidade de Connel (1997) para atentar para o entrelaçamento entre identidade masculina, trajetórias de vida, relações sociais e características sócio-históricas na construção da solteirice masculina.

A masculinidade, se é possível definir brevemente, é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e as mulheres se comprometem com esta posição de gênero, e os efeitos destas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNEL, 1997, p. 35).

A modalidade de pesquisa utilizada foi o estudo de caso. Conforme Gil (2009, p. 54), essa modalidade é bastante utilizada nas Ciências Sociais e “(...) consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Para contemplar a complexidade que envolve o

estudo do caso da solteirice masculina em Alegrete/RS, utilizei várias técnicas e procedimentos metodológicos. Dei ênfase às trajetórias de vida de agricultores familiares solteirões. Utilizo trajetória no mesmo sentido de Bourdieu (2006, p. 189), como “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

Realizei entrevistas semi-estruturadas com seis agricultores familiares solteirões, com idade entre 37 e 78 anos, com auxílio de um roteiro de questões (Apêndice A). Também foi elaborado um questionário para a caracterização desses homens (Apêndice B). Os homens solteiros foram escolhidos de forma intencional, a partir da indicação de informantes-chave⁵. As conversas foram gravadas, com posterior transcrição integral, sistematização por categorias de análise e interpretação. As categorias de análise utilizadas foram: dinâmica populacional; educação; espaço rural de Alegrete; extensão rural; família; infância; infraestrutura; lazer; organização social; perspectivas dos homens; pessoas solteiras no rural; políticas públicas; relacionamentos amorosos; relações de gênero; religiosidade; saúde; ser solteiro; sucessão e herança; trabalho; gauchismo, e vida rural.

O critério de escolha dos solteirões foi a representatividade da diversidade inerente a este grupo, em relação a fatores como idade, família, tamanho de propriedade e localidade de residência. Inicialmente, a pretensão era de entrevistar doze agricultores familiares solteirões. Entretanto, a realidade do campo reduziu esse número para seis. Ao longo das entrevistas, pude observar que quatro dos doze homens não poderiam ser caracterizados como agricultores familiares, e dois já haviam morado com companheiras. Optei, então, por encaixar esses seis homens no grupo dos informantes-chave, pois todos são moradores e bons conhecedores do espaço rural do município, além de não terem companheiras atualmente.

Realizei vinte e duas entrevistas semi-estruturadas com informantes-chave do município, com o auxílio de um roteiro de questões (Apêndice C e Apêndice D). Dentre os entrevistados, de ambos os sexos, estavam agricultores familiares de diferentes localidades do município, moradores rurais, extensionistas da Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

⁵ Todos os nomes e sobrenomes dos entrevistados, bem como das pessoas mencionadas por eles são fictícios, de forma a preservar a identidade dessas pessoas.

(EMATER/RS), uma representante da Associação de Pecuaristas Familiares e Agricultores Familiares de Alegrete (APAFA), uma representante da Fundação Maronna, representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), professores de escolas rurais, uma funcionária de escola rural, um assentado da reforma agrária e extensionista da Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos (COPTec)⁶, e uma jovem de origem rural que estuda na cidade. Neste grupo de entrevistados, constam ainda um agricultor familiar separado, um peão de estância divorciado, duas mulheres de origem rural divorciadas, dois posteiros⁷ solteirões e dois moradores rurais solteirões que não são agricultores familiares⁸. Todos os entrevistados assinaram um termo de compromisso livre e esclarecido, conforme o modelo do Apêndice F, autorizando a utilização das suas falas neste trabalho.

Além das entrevistas, utilizei a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a técnica da observação. Na pesquisa bibliográfica, busquei principalmente estudos que tratam da solteirice masculina e do contexto sociohistórico de Alegrete. Na pesquisa documental, utilizei dados populacionais de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de documentos antigos do município. A observação livre foi utilizada para descrever as características dos solteirões e das suas unidades de produção, de forma a contribuir para a contextualização da problemática. As anotações foram feitas em um diário de campo. Da mesma forma, anotei relatos sobre sete conversas informais e relacionadas à temática que aconteceram durante a estadia no município, na rua, no hotel, nos deslocamentos de automóvel para o levantamento de dados de pesquisa, etc.

1.1 Quem são os solteirões entrevistados?

Os agricultores familiares solteirões me receberam muito bem, sendo muito atenciosos nas respostas. Entretanto, em alguns casos, mostravam-se inicialmente

⁶ Os entrevistados que trabalham na EMATER, Fundação Maronna, STR e COPTec são tratados como agentes de desenvolvimento ao longo do texto.

⁷ Posteiro é a forma pela qual é chamada localmente a pessoa que vive em uma propriedade em troca do seu trabalho nesse local, que não é registrado.

⁸ Uma listagem com todos os entrevistados pode ser encontrada no Apêndice E.

desconfiados.⁹ Apenas um homem não quis falar. As entrevistas costumavam ser realizadas na frente das casas, à sombra de uma árvore. No verão, o espaço da sombra na frente da casa serve como sala para as visitas, com uma brisa que ameniza a temperatura alta, acompanhada do chimarrão. As casas deles eram simples, herdadas dos pais ou construídas por eles mesmos. Todas estavam organizadas. Entretanto, nas casas dos que moravam sozinhos, ou com outro irmão solteiro, não havia produção vegetal para o consumo, o que difere da realidade das propriedades familiares onde existiam mulheres. Situação similar a essa foi encontrada por Lopes (2006) em Putinga/RS. Carlos, solteiro, 55 anos de idade, justifica a inexistência de cultivos de subsistência pelo seu baixo consumo de verduras e pelo costume de receber de vizinhos. Existe uma relação de troca de produtos e de favores entre vizinhos nessa realidade, conforme depoimento:

Não porque eu to, hoje mesmo é domingo, o pessoal sabe que a gente sai, mas dia de semana mesmo, vem pessoal aqui pra gente fazer soldinha, eletrônicos, solda elétrica também, para soldar arado de trator e estas coisas assim. É bom, ganha um dinheirinho também, e tem pessoas que me ajudam. Olha, não planto nada de lavoura, estes dias me deram carne, me dão carne, linguiça, coisa mais linda, estas coisas, aves. Eu faço o trabalho pra um e não cobro, ele tem aquilo ali, às vezes plantas de horta. Então não planto, tenho sempre. “Roubo” às vezes, vou lá no meu vizinho e pego. Tem o meu vizinho lá, eu levo ele na cidade, já aproveito e faço as minhas compras, vou com ele, ele não dirige (Carlos, 52 anos).

Reginaldo é um senhor sério e atencioso de 65 anos, é magro, mulato e usa bigode. Ele estudou até a quinta série do ensino fundamental, é agricultor familiar aposentado, e fazia changas¹⁰. No dia da entrevista, usava bombacha¹¹ e uma camisa pólo de manga curta, rasgada. Ele mora com o irmão, que também é solteirão, e que na ocasião não estava em casa. A propriedade de 5,5 hectares (ha) é bonita e de fácil acesso, localizada a 31km do centro da cidade. Atualmente, ele arrenda seu campo para um sobrinho que trabalha com bovinocultura de corte.

“O legítimo solteirão”, assim Gustavo, agente de desenvolvimento rural, definiu André, de 37 anos. André é muito extrovertido, alto, magro, pele morena,

⁹ As entrevistas com eles foram realizadas por mim na companhia de meu namorado e, em um dos casos, sozinha.

¹⁰ Prestação de serviço por dia em atividades agropecuárias de propriedades da região. Quem faz changa é conhecido como changueiro.

¹¹ Peça de roupa característica da indumentária gaúcha dos homens.

cabelos pretos e cacheados, sem barba e sem bigode, e sempre veste bombacha. Ele trabalha como alambrador, ou cortador de lenha, por empreitada, além de trabalhar na propriedade da família, de 40 hectares, e de difícil acesso, a cerca de 40km da cidade, onde vive com os pais. Seu pai é agricultor familiar aposentado e sua mãe é artesã. Ele estudou até a quarta série do ensino fundamental. Na propriedade, onde passei um dia com a família, encontra-se a criação de gado de corte e ovelhas para venda e consumo; a tapera¹² dos avôs de André, onde há um grande e diversificado pomar, cercado com vários cultivos vegetais para o autoconsumo e a alimentação de animais; além da criação de aves e suínos para o autoconsumo.

Brincalhão e alto astral, essas são as principais características de Luis, 56 anos. Ele é um homem magro, de estatura média, pele mulata, cabelos e bigode pretos. Tem seis anos de escolaridade. Vestia calção e camiseta no dia da entrevista. Além de ser pecuarista familiar, presta serviços como pintor e, nos momentos de folga, toca pandeiro na banda para animar festas na localidade. Durante a entrevista, que ocorreu sob a sombra de uma árvore, galinhas e gatos passeavam pela cozinha, sem que isso incomodasse Luis. Sua propriedade, composta de cinco hectares herdados dos pais e de quinze arrendados dos irmãos, encontra-se a cerca de 62 km da sede do município, sendo de difícil acesso. Não existe estrada até a casa, que fica dentro do campo nativo, a cerca de 1,5 quilômetros da estrada e atrás de um capão de mato. Ele mora sozinho, e tem três cachorros, os quais chama de filhos.

Carlos, 52 anos, conserta eletrodomésticos, e é gaiteiro¹³ na banda da localidade nos momentos de folga. Ele é baixo, magro, tem pele branca, não usa barba nem bigode, e tem cabelos castanhos curtos. É muito extrovertido e falante. Carlos mora sozinho na propriedade da família, muito bonita e bem estruturada, com 90 ha, localizada a cerca de 63 km da cidade. Sua mãe mora no centro urbano de Alegrete, mas passa alguns dias com ele, auxiliando-o na organização da casa. Diferentemente dos outros homens solteiros entrevistados, ele estudou até completar o ensino médio, é um inventor nato, e é autodidata. Ele trabalha com gado da raça *angus*, está fazendo cruzamentos e melhorando o seu gado, além de aplicar

¹² Casa abandonada.

¹³ Pessoa que toca o instrumento musical denominado gaita.

novas técnicas de manejo, o que não é comum entre os pecuaristas familiares da região. No dia da entrevista, usava bermuda e camiseta. Afirmou não gostar de usar bombacha.

Após a indicação de um bolicheiro¹⁴, encontrei a propriedade de Alberto, 60 anos. Muito sério e desconfiado a princípio, falava pouco, situação que se modificou ao longo da conversa. Alberto é moreno, de estatura média, magro, e tem bigode preto. Vestia camisa de manga curta e calção no dia da entrevista. Ele vive sozinho na sua propriedade de 43 hectares, que se localiza a cerca de 50 km da sede do município, a um quilômetro do asfalto. Pecuarista familiar recém aposentado, também criava ovelhas, mas lhe roubaram todas.

Júlio é um pecuarista familiar aposentado, alto, magro, de pele branca, cabelo curto, sem barba e bigode, com 78 anos e dois anos de estudo. Esse senhor sério e quieto vive com sua irmã, idosa e viúva, e seu irmão, que também é solteirão, em uma propriedade de 36 hectares, ao lado do asfalto, a cerca de 35 km da cidade. Inesperadamente, no início da entrevista, o irmão mais falante deu a desculpa de que precisava tratar as galinhas e entrou na casa, permanecendo ali até o final, observando pela janela. Retornou somente para se despedir. O fato de a irmã, bastante falante, e de um vizinho terem participado do momento da entrevista talvez tenha atrapalhado um pouco a conversa nos aspectos relacionados à solteirice, porém o relato foi rico em relação a outros pontos.

No quadro a seguir, apresento resumidamente as características desses entrevistados.

¹⁴ Dono de bolicho, bar do espaço rural.

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Ocupação	Tamanho da UPA e condição	Posição na família	Mora...
Reginaldo	65	Quinta série	Agricultor familiar aposentado, também era changueiro, não trabalha em atividades agropecuárias por questões de saúde.	5,5 ha, própria.	Antepenúltimo filho, segundo filho mais novo de sete.	Com um irmão também solteiro.
André	37,5	Quarta série	Alambrador, trabalha com lenha e é agricultor familiar.	40 ha, da família, sendo que uma parte está em seu nome	Segundo filho do casal, tem duas irmãs e um irmão por parte de pai, único na campanha.	Com os pais.
Luis	56	Sexta série	Agricultor familiar, trabalha como pintor eventualmente.	20 ha, sendo 05 seus e 15 arrendados	Um dos 04 irmãos, único na campanha	Sozinho
Carlos	52	Ensino médio completo	Agricultor familiar, conserta eletrodomésticos eventualmente.	90 ha, sendo 30 seu e o restante da família	Irmão mais novo, tem apenas uma irmã, único na campanha.	Sozinho, a mãe vem seguidamente da cidade para visitá-lo.
Alberto	60	Quarta série	Agricultor familiar aposentado há poucos meses, ativo nas atividades agropecuárias.	43 ha, própria.	Filho mais novo. Tem duas irmãs que moram na cidade. Uma delas é solteirona e tem uma filha, e a outra também era solteirona, mas encontrou um companheiro há pouco tempo.	Sozinho
Júlio	78	Segunda série	Agricultor familiar aposentado, não trabalha por questões de saúde	36 ha, da irmã	Segundo irmão mais velho de dez, um deles é solteiro.	Com irmã viúva e irmão solteiro

Quadro 01 – Resumo das características dos agricultores familiares solteirões entrevistados

Após essas apresentações, passo ao caso dos seis homens que não têm companheiras e foram entrevistados, porém não são agricultores familiares solteirões.

Um dos entrevistados, Paulo, 51 anos, branco, foi apontado pelo seu irmão como solteiro. Entretanto, ao chegar em sua propriedade, descobri que ele já tinha vivido um curto período de tempo com uma companheira, estando separado há vários anos. Ele é uma pessoa muito receptiva, e vive sozinho na propriedade de cerca de 250 hectares, distante 60km da sede do município, que herdou juntamente com os irmãos que vivem nas cidades. Nesse local, trabalha sozinho com a bovinocultura de corte. Utiliza parte da área para o cultivo de arroz, dividindo a rentabilidade com os irmãos. Paulo é bastante apegado à propriedade da família, e

costuma sair pouco, como relata seu irmão: “Olha, pra ti ter uma ideia, se ele vem na cidade uma vez por ano, é uma festa. Vive em função daquilo ali. Aí tu tira ele de lá, ele tá na ânsia de voltar. Ah meus cachorros, minhas coisas” (Vicente, professor de escola rural). No dia da entrevista, Paulo estava se preparando para participar do casamento do irmão Vicente, que aconteceria na cidade. Ele saiu pilchado¹⁵, no carro de outro irmão. Ao passar pela casa dos vizinhos, onde estava sendo realizada outra entrevista, provocou este comentário: “Estão indo pra cidade. Oh Paulo velho, o Paulo só vai se levar” (Pedro, 69 anos).

Os vizinhos de Paulo são Pedro e Juarez, ambos com 69 anos e negros. Eles são filhos de ex-empregadas domésticas da estância que tinha sede no local onde vivem, e que foi desmembrada. Parte da estância deu origem à propriedade onde Paulo vive, herança de seu pai, e parte ficou com um dos tios de Paulo, que também é solteirão e reside na mesma casa que Pedro e Juarez, entretanto não se encontrava no dia da entrevista. Conforme Pedro e Juarez, eles foram doados por suas mães para os antigos donos da estância, que os criaram. Eles consideram esse casal como pais adotivos, entretanto, em seus documentos, apenas consta o sobrenome das mães. Juarez, inclusive, não conseguiu aposentar-se como agricultor familiar porque não conseguiu comprovar essa condição, mesmo trabalhando sempre na propriedade sem carteira assinada, e fazendo changas em outras propriedades da localidade, como seu irmão. Diferentemente de Pedro, que vive da sua aposentadoria, e auxilia nos trabalhos da propriedade, Juarez ainda presta serviços para outras propriedades para se manter. Eles são definidos como posteiros por Paulo e seu irmão. A partir da entrevista desses dois atenciosos senhores, foi possível observar como é difícil a vida de alguns grupos familiares nessa realidade.

O outro entrevistado separado é Afonso, 72 anos, branco, que vive a 40km da sede do município. Embora tenha sido indicado por Vicente, professor de escola rural, como agricultor familiar solteirão e aposentado, Afonso teve uma companheira por trinta anos, com quem tem uma filha, e é aposentado como peão de fazenda. Esse senhor analfabeto e alegre mora sozinho, em condições precárias, em um casebre de chão batido construído com restos de materiais como latas e madeiras doados por vizinhos. Ele vive nesse casebre há cerca de dois anos; antes vivia na

¹⁵ Vestido com a pilcha, indumentária típica gaúcha.

fazenda onde trabalhava. A área onde mora é dele, pois herdou 06 hectares de seus pais, área essa que arrenda para pecuária.

Dois dos solteirões podem ser definidos como moradores rurais. Alceu, 61 anos, branco, é funcionário estadual aposentado. Ele vive sozinho em uma pequena propriedade que herdou dos pais a trinta quilômetros da sede do município, e cria animais para o consumo. Vários de seus irmãos são seus vizinhos. Conforme Elza, agricultora familiar aposentada, Alceu tem uma doença mental. Desde pequeno auxiliava sua mãe na lavagem de roupa na sanga, e entregava as roupas para as estudantes de uma escola técnica da localidade. Ele também trabalhou um período como peão de fazenda antes de tornar-se funcionário público estadual.

O outro morador solteiro entrevistado é Rodrigo, 36 anos, branco. Ele tem origem urbana e vive há cinco anos com a família na propriedade de cinco hectares herdada pela mãe a 60 km da sede do município. Ele não se adaptou à vida rural, sendo que pretende voltar à cidade em breve. Seu pai é aposentado, seus dois irmãos adotivos também são, e eles vivem dessa renda. Ele não se envolve com os trabalhos campeiros, auxilia a família com os trabalhos domésticos, cuidando dos dois irmãos doentes. Um dos irmãos adotivos de Rodrigo tem a sua idade, e o outro é idoso. Eles tem graves problemas mentais, necessitando de cuidados permanentes. Conforme a mãe de Rodrigo, ele tem depressão há vários anos, e está passando por um tratamento.

Iniciei a pesquisa acreditando que a solteirice estava fortemente relacionada com a reprodução social na agricultura familiar, na qual o modo de vida e os meios de produção são repassados de geração para geração. Pensava que a solteirice de homens ganha impulso em contextos onde a escolha de possíveis companheiras é restritiva, por exemplo. Assim, entendia que a estrutura demográfica do espaço rural de Alegrete, entre outros fatores, favorecia a solteirice masculina.

Também acreditava que as especificidades da construção sócio-histórica local, que remetem ao forte tradicionalismo campeiro e às características da pecuária de corte, atividade mercantil prioritária na região, como a baixa necessidade de mão-de-obra por unidade de área e divisão do trabalho, favoreciam a solteirice de homens rurais. Várias instituições participariam do agravamento do fenômeno, como o Estado, a Família, a Escola, a Igreja, a Mídia e o Movimento Tradicionalista Gaúcho, através da influência nas relações de gênero e nos projetos de vida. Entendia, ainda, que pudessem existir especificidades que distinguiriam os

homens solteiros entre si; entretanto, existiriam pontos em comum, em relação à história de vida, num contexto de distância da cidade e experiências de convivência semelhantes, que colaborariam com a construção de uma identidade em comum. Um dos traços comum entre esses homens seria o apego às lidas campeiras, ao modo de viver característico, e à família, o que influenciaria na decisão de permanência na agricultura familiar, mesmo sob a condição de solteiro.

1.2 Plano da obra

A tese está organizada em seis capítulos, dentre eles, Introdução e Considerações Finais. No capítulo 2, “Solteirice masculina e reprodução social na agricultura familiar”, abordo a solteirice de homens rurais como um fenômeno construído socialmente. Também trabalho a relação entre a solteirice e a reprodução social na agricultura familiar, a agricultura familiar de Alegrete. Na sequência, em “A solteirice masculina no arranjo histórico local”, trato das condições históricas que favoreceram a construção social da solteirice masculina em uma realidade rural moldada sobre relações de poder. No capítulo 4, “Solteirice, família e relações de gênero”, trabalho a solteirice no contexto local das relações familiares e das relações de gênero. No capítulo 5, “Ser solteirão na agricultura familiar de Alegrete”, discuto como os homens vivem a condição de solteirão na agricultura familiar.

2 SOLTEIRICE MASCULINA E REPRODUÇÃO SOCIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

Os desequilíbrios demográficos constituem uma ameaça à sustentabilidade social de territórios rurais em diversos países. Embora o desenvolvimento sustentável seja almejado e reconhecido nos projetos de desenvolvimento rural, contraditoriamente, o eixo social da sustentabilidade ainda é pouco trabalhado. A sustentabilidade social precisa ser construída em áreas rurais e, nesse sentido, o trabalho de Camarero et al (2009) aponta os desequilíbrios demográficos como uma das principais ameaças a ser enfrentada. Dentro da matriz dos desequilíbrios demográficos no espaço rural, contemporaneamente, ganham importância temas inter-relacionados como a seletividade jovem e feminina do êxodo rural, o envelhecimento populacional, a masculinização da população e o aumento do percentual de homens solteirões.

Neste capítulo, busco relacionar a solteirice masculina com os desequilíbrios demográficos do espaço rural, bem como com a reprodução social na agricultura familiar. Ele está estruturado em três subitens. Inicialmente, apresento o estado da arte dos estudos sobre a solteirice de homens rurais, dedicando atenção especial para as características do fenômeno no Rio Grande do Sul.

A categoria social 'agricultura familiar' abarca uma diversidade de grupos e especificidades. Dessa forma, a discussão sobre a relação entre a solteirice de homens rurais e a reprodução social na agricultura familiar torna-se mais rica quando se define 'qual agricultura familiar' está sendo abordada. Nesse sentido, no subitem 2.2, "Qual agricultura familiar? Caracterização da agricultura familiar de Alegrete", discuto a diversidade que carrega o conceito de agricultura familiar no Brasil, para caracterizar 'a agricultura familiar' do município de Alegrete.

Na sequência, no subitem 2.3 "Os solteirões e o comprometimento da reprodução social na agricultura familiar alegretense", trabalho com a caracterização da solteirice de homens no espaço rural de Alegrete. Também abordo as perspectivas de sucessão nos estabelecimentos agropecuários onde os solteirões vivem.

2.1 Solteirice e desequilíbrios demográficos no espaço rural

Na segunda metade do século XX, o Brasil passou por uma intensa desruralização da população, causada principalmente pela industrialização do país e pela modernização da agricultura¹⁶. O trabalho de Camarano e Abramovay (1999) apresenta elementos para a compreensão das particularidades do êxodo rural brasileiro no contexto histórico delimitado entre as décadas de 1950 e 1990. Esse processo, em muitos locais, perdeu paulatinamente a característica de remeter as famílias inteiras às cidades. Estruturou-se, ao longo desse período, o êxodo seletivo de jovens e mulheres. O êxodo feminino, nesse espaço de tempo, somente não superou o masculino na década de 1960 (CAMARANO, ABRAMOVAY, 1999). Como consequências desse processo, o espaço rural não sofreu um esvaziamento total, mas, em muitos locais, teve seu tecido social marcado pela masculinização e pelo envelhecimento, fenômenos agravados pela diminuição da taxa de fecundidade e da renovação da força de trabalho.

O envelhecimento da população é umas das consequências do êxodo dos jovens e da queda da fecundidade no rural. Para ilustrar a forte diminuição da taxa de fecundidade rural no Brasil nas últimas décadas, pode-se pontuar que a taxa de fecundidade do Rio Grande do Sul (RS), em 1962, era de 5,62, passando para 2,62 em 1995 entre mulheres de 15 a 44 anos (BRUMER, 2004). Em 2010, a taxa de fecundidade da população rural da Região Sul do Brasil¹⁷ era de 2,2, a menor do Brasil (CENSO DEMOGRÁFICO, IBGE, 2010). A população rural, por meio desse fenômeno, tem a sua taxa de dependência aumentada, pois se entende que a população idosa depende da população em idade ativa. Como há uma tendência de sobrevivência feminina, ligada a maiores fatores de risco e incidência de certas doenças em homens, conforme Goldani (1999), seria esperado que existissem mais mulheres do que homens entre a população idosa rural. Entretanto, alguns locais do Brasil apresentam uma realidade diferente, inclusive nesse grupo de idade é possível

¹⁶ Processo de integração técnica agricultura-indústria, em que a indústria se aproxima do rural, seja pela utilização massiva de maquinários e insumos industriais para o aumento da produtividade no campo ou pela aproximação entre produção primária e vários ramos industriais (DELGADO, 2001).

¹⁷ Região formada pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

encontrar, em certos lugares, os maiores índices de sobreposição masculina (COSTA, 2010; COSTA, FROEHLICH, CARPES, 2013; BERCOVICH, 1993).

A masculinização rural¹⁸ é outra consequência da seletividade feminina e jovem do êxodo rural nas últimas décadas. Existem várias possíveis explicações para essa seletividade: as características do patriarcado no espaço rural, interferindo no reconhecimento da mulher nesses espaços, como mostrado no caso espanhol, por Camarero et al (2009), e no brasileiro, por Giron (2008), Buto e Hora (2008) e Magalhães (2009); as características do trabalho desenvolvido pelas mulheres, em torno do lar, do cuidado com a família e da produção para subsistência, trabalho reprodutivo, e da interferência da modernização da agricultura sobre essa questão (BRUMER, 2004, PANZUTTI, 2006); o maior nível de estudo das moças (CAMARANO, ABRAMOVAY, 1999; SIQUEIRA, 2004); o desapego das jovens à vida rural e aos parceiros rurais, como trabalhado na experiência francesa (BOURDIEU, 2004), ou na realidade de Santa Catarina (STRAPASOLAS, 2004). Também são aspectos importante a divisão desigual da herança e o acesso à terra no Sul do Brasil (PAULILO, 2004; BRUMER, 2004); e a necessidade de trabalho demandada pelos principais sistemas produtivos das regiões (COSTA, 2010; COSTA, FROEHLICH, 2014). Os aspectos identitários, em relação à desvalorização de ser agricultora e de ser rural, conforme abordagens de Champagne (1986), Sampedro (1996) e Cruz (2006), conformam uma linha promissora de investigação.

No Sul do Brasil, nas últimas décadas, existe uma tendência de migração de mulheres de localidades rurais para as cidades, havendo uma concentração feminina principalmente em torno dos grandes centros urbanos. Essa “fuga feminina” para os centros urbanos provoca a intensificação da solteirice masculina. Esse fenômeno social é importante no contexto da agricultura familiar, já que a sucessão nos estabelecimentos agropecuários é dada de pais para filhos e filhas. Ao estudar a realidade francesa, Champagne (1986, p. 5) constata que “(...) a reprodução dos agricultores depende de sua vontade de se reproduzir e do desejo de seus filhos de se tornar, por sua vez, agricultores”. A formação de novas famílias é um elemento central para a reprodução social dessa categoria, sendo que a solteirice de homens pode, devido à sua intensidade, prejudicá-la em algumas regiões.

¹⁸ “Cuando hablamos de masculinización rural nos referimos a un desequilibrio demográfico que se concreta en un déficit de mujeres respecto a la proporción que naturalmente debiera existir entre los dos sexos o razón biológica” (CAMARERO et al., 2009, p. 50).

2.1.1 Solteirice de homens rurais na Europa

A pesquisa realizada na França por Bourdieu, na década de 1960, é o estudo pioneiro sobre a solteirice de homens rurais. A obra *El baile de los solteros* reúne três artigos resultantes dessa pesquisa. O baile foi uma representação simbólica, escolhida pelo autor, para mostrar a solteirice. A famosa cena descrita no livro menciona um baile rural em *Béarn*, quando os casais dançam, enquanto homens com cerca de trinta anos e roupa fora da moda observam o movimento; esses são os solteirões, “incasáveis” na descrição do autor. Eles não dançavam, apenas quando alguma moça vizinha fazia o convite por consideração; nesse caso, a dança seria desajeitada. Chama a atenção o fato de Bourdieu (2004) mencionar que os solteirões sabem que não vão dançar, e sabem que são “incasáveis”. O baile dos solteiros era o cenário de um choque de civilizações entre o campo e a cidade, sobre o qual os valores e os costumes urbanos avançavam. Sendo assim, os rapazes da cidade tinham a preferência feminina (BOURDIEU, 2004).

Nessa obra, Bourdieu explica a intensificação do fenômeno no campesinato a partir da modernização agrícola e da dominação simbólica de valores urbanos. Nesse contexto, o *habitus* camponês seria enfraquecido, principalmente entre as mulheres, que migram mais. Ao utilizar o conceito de *habitus*, o autor atenta para características históricas da sociedade estudada, bem como para a internalização dessa história por cada agente social, o que reflete na configuração da solteirice. O conceito de dominação simbólica, por sua vez, explica a relação entre o urbano e o rural no contexto de modernização agrícola e fortes câmbios sociais do espaço rural francês na década de 1960.

Na Espanha, a solteirice de homens é manifesta no espaço rural. Observa-se um percentual representativo de homens rurais adultos que continuam morando com seus pais, ou residem sozinhos (CAMARERO et al, 2009). Esses homens costumam ser mais numerosos em regiões de montanha, em *pueblos* que estão distantes de grandes centros urbanos (SAMPEDRO, 1996). O rural espanhol caracteriza-se pelo envelhecimento e pelo esvaziamento populacional em algumas regiões¹⁹. Nesse

¹⁹ Cabe ressaltar que o conceito de ‘rural’ espanhol é distinto do brasileiro, sendo que nos dois países esse conceito é discutido. No estudo de Camarero et al (2009), utiliza-se o limite populacional de dez mil habitantes em um município para defini-lo como rural.

contexto, existem iniciativas que contribuem para o repovoamento de regiões. Entre elas, pode-se citar as caravanas de mulheres, analisadas por Bodoque (2009). Essas curiosas caravanas tiveram início em 1985, quando um grupo de solteiros de *Plan*, um povoado espanhol na região dos *Pirineos* onde existiam pouquíssimas mulheres solteiras, resolveu colocar um anúncio no jornal à procura de esposas. O anúncio fez sucesso e se transformou em um grande encontro de solteiros. A caravana de mulheres chegava de vários locais, inclusive de Madrid. Esse encontro aconteceu por alguns anos, resultando numa série de casamentos. Essa experiência inusitada chamou a atenção da imprensa espanhola e tem continuidade por meio de agências de caravanas de mulheres (BODOQUE, 2009).

No livro "*Plan tal como fue*", Fantona e Roger (1989) relatam como foi organizado o primeiro Encontro de Solteiros de *Plan*, e apresentam alguns dos casamentos resultantes desse encontro. A região de *Plan* é descrita como local de relevo montanhoso, distante de grandes centros urbanos, onde as atividades agropecuárias eram importantes, principalmente a pecuária de corte, tendo serviços e meios de comunicação deficientes (FANTONA, ROGER, 1989). Esse livro é escrito de uma forma bastante simples, como uma narrativa das Festas de Solteiros de *Plan* a partir de pessoas que as vivenciaram. A sua riqueza reside na opção de buscar nas pessoas envolvidas na solteirice a explicação para esse fenômeno, embora não seja feita uma análise teórica a partir dos argumentos dessas pessoas. Um dos autores do livro, que também é um dos solteiros que organizou a primeira festa, dá um relato interessante, que remete à iniciativa dos próprios solteirões para combater a solteirice, percebendo-a como um problema social.

É interessante observar que, diferentemente de Bourdieu (2004), que enfatiza a modernização agrícola, Fantona e Roger (1989) enfatizam a industrialização da Espanha na explicação da solteirice de homens rurais. Assim, a dificuldade de possuir terra para o trabalho, relacionada à possibilidade de conseguir trabalho urbano são fatores estruturais apontados para o êxodo jovem. Também as questões de gênero seriam importantes para a decisão das jovens de abandonarem o rural. Já a permanência dos solteirões é explicada através da valorização do modo de vida rural, e como parte de estratégias familiares para dar continuidade à produção agropecuária e apoiar os parentes idosos. Esses elementos, embora pouco trabalhados no texto, são interessantes, sendo que alguns aparecem em outros estudos sobre o tema.

O filme “*Flores de Otro Mundo*”, escrito e dirigido por Icíar Bollaín, em 1999, também mostra a solteirice de homens no espaço rural espanhol. Contam-se histórias sobre o estranhamento inicial de mulheres de origem urbana que vão viver no espaço rural junto com homens que eram solteirões, a partir de um relacionamento amoroso iniciado em uma festa de solteiros. Mostram-se as dificuldades iniciais no convívio com a família dos homens, bem como as relações com o par, por vezes marcadas pelo machismo, e que, em alguns casos, não davam certo. Embora sejam histórias fictícias, o filme retrata no campo cinematográfico a problemática no espaço rural do país.

2.1.2 Solteirice no espaço rural brasileiro

No Brasil, o único estudo encontrado sobre a solteirice de homens rurais fora da Região Sul foi o de Rodrigues (1991). A autora pesquisou a solteirice entre os camponeses de dois municípios do Espírito Santo, analisando-a como o avesso do casamento, já que nesse aspecto se sustentaria sua definição, a partir da moral cristã. Nesse sentido, a autora pontua a influência do cristianismo sobre a noção de celibato. O aspecto religioso não é trabalhado por outro estudo sobre o tema, sendo importante em contextos onde a religião tem forte influência sobre o comportamento das pessoas. O solteirão no campesinato do Espírito Santo seria caracterizado por noções negativas como “sem terra”, “deserdado”, “sem casa”, “personagem desautorizada”, “reserva estrutural” e “mão-de-obra barata” (RODRIGUES, 1991). Essa representação negativa do solteirão, entretanto, não está necessariamente presente em todos os trabalhos sobre o tema. Na sua percepção, a pessoa solteira não gera diretamente descendência, mas contribui com a manutenção da estrutura familiar, já que costuma auxiliar no cuidado dos pais, dos sobrinhos, etc.

Existem outros trabalhos importantes no Brasil que tratam diretamente da solteirice de homens em realidades rurais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Encontrei vários estudos que abordam o tema no contexto do Rio Grande do Sul, embora seja secundário em alguns deles. Esses foram realizados por Woortmann e Woortmann (1990), Leal (1992), Lopes (2006), Marin (2008) e Piccin (2012). Já no caso catarinense, destacam-se o estudo de Mello (2006), o de

Strapasolas (2004) e o documentário “Celibato no Campo”, dirigido por Vitorino e Goldschmidt, [s/d]. A maioria dos trabalhos refere-se ao contexto da agricultura familiar, que tem importância significativa para a dinâmica socioeconômica nos dois estados. As exceções são os trabalhos de Leal (1992) e de Piccin (2012), que se referem aos peões de fazenda solteirões. Nesse contexto das fazendas, a solteirice é comum entre os peões no Rio Grande do Sul. Entretanto, essa situação não é totalmente desvinculada da agricultura familiar, pelo contrário, já que muitos peões são filhos de agricultores familiares (PICCIN, 2012).

Todos os estudos relacionados à solteirice de homens rurais em Santa Catarina (SC) analisam a realidade da agricultura familiar na Região Oeste do Estado. O fenômeno é trabalhado como uma das recentes transformações sociais na região por Mello (2006). Além da solteirice, o autor destaca a migração feminina e o problema na sucessão das unidades produtivas. O estudo é um dos resultados de várias investigações sobre essas temáticas realizadas no âmbito da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), importante apoio institucional para a pesquisa nessa área. Essas transformações sociais, que seriam recentes no contexto da região, são interpretadas como resultados da crise produzida pelo modelo de desenvolvimento vigente, que preza pela “inserção ao mercado através da articulação agroindustrial e a produção de *commodities*” (MELLO, 2006, p. 1).

Conforme Mello (2006), a Região Oeste de SC passou por um momento de crise na agricultura familiar que conduziu a uma situação de envelhecimento populacional, de esvaziamento de algumas localidades e de empobrecimento da população rural. As crises socioeconômica e ambiental provocaram mudanças e precarização nas relações sociais e econômicas. Aconteceu uma “ruptura” na forma com que era realizada a sucessão dos estabelecimentos a partir de 1970, com a abertura do espaço social e econômico (MELLO, 2006). A solteirice se disseminou entre os homens rurais nesse contexto. O forte êxodo rural de moças na região também é explicado por uma questão identitária, com influência da escola. A nucleação do ensino é vista por centenas de agricultores que participaram das pesquisas da EPAGRI com um dos fatores que agravam o problema. Ela provocaria o afastamento dos estudantes do rural, o que, juntamente com os conteúdos voltados à realidade urbana, promoveria a desvalorização dos saberes familiares e do espaço rural. Essa desvalorização, por sua vez, favoreceria a negação da

identidade de agricultor. Esse processo é interpretado como violência simbólica pelo autor.

O artigo, com influência bourdieusiana, trabalha a solteirice de homens atentando para a sua relação com a sucessão nos estabelecimentos agropecuários familiares, de forma semelhante à de Lopes (2006). A explicação para esse fenômeno é a influência das mudanças socioeconômicas vivenciadas na região nas últimas décadas sobre o *habitus* camponês, entendendo que ser colono passa a ser um estigma. O autor percebe duas chaves analíticas centrais nos estudos de Pierre Bourdieu para a compreensão do fato: a subordinação econômica camponesa ao mercado e a unificação dos mercados dos bens econômicos e simbólicos.

O estudo de Strapasolas (2004) também aborda a solteirice, embora o faça ao avesso, ao tratar da importância do casamento na agricultura familiar na Cidade do Ouro. Esse artigo aborda especificamente as redefinições acerca do significado do casamento. As entrevistas com jovens rurais apontam para a redefinição dos conceitos de casamento e de família, o que repercute em mudanças nos projetos de vida. O casamento passa a ser questionado por grande parte das moças que não concordam com o papel atribuído à mulher na agricultura familiar. Essa mudança influencia na escolha feminina pela vida e casamento urbano, e impacta sobre o mercado matrimonial, prejudicando os rapazes rurais que têm mais dificuldades para encontrar esposas (STRAPASOLAS, 2004). Aqui, como em Mello (2006), as questões identitárias são trabalhadas para explicar o êxodo das jovens rurais, relacionado à solteirice dos homens.

Cabe ainda mencionar a existência de um documentário sobre o assunto, dirigido por Vitorino e Goldschmidt, [s/d], “Celibato no Campo”, gravado na Região Oeste de Santa Catarina. Os diretores abordam a solteirice de homens como um novo fenômeno social na agricultura familiar da região, provocado pela intensificação da migração feminina. São utilizadas histórias reais de moças que migram para a cidade em busca de estudo e não retornam, e de homens rurais que permanecem solteiros. As histórias dos solteiros mostram a rotina diária e o desejo de constituir uma família. Também abordam a relação de proximidade desses homens com a família, bem como o seu apego à vida rural. Os relatos reais de solteirões, de seus familiares e de moças de origem rural fazem do documentário uma boa fonte de informações sobre a solteirice na região.

2.1.3 Solteirice de homens rurais no Rio Grande do Sul

Em 1990, Woortmann e Woortmann fazem uma abordagem da solteirice na Colônia teuto-brasileira, no Rio Grande do Sul. Nessa realidade, o casamento era arranjado pelas famílias, com a forte atuação dos casamenteiros. O casamento deveria acontecer no mesmo grupo étnico, entre pessoas com posição social parecida. Nas décadas de 1950 e 1960, havia um esforço geral para que todos casassem, os solteirões eram somente as pessoas com deficiências físicas graves. O reconhecimento na sociedade local como adulto pleno somente chegava com o casamento e o nascimento de um filho. Conforme os autores, o casamento nessa realidade assemelhava-se a uma peça teatral, em que os noivos eram atores, com o texto escrito pela comunidade e dirigido pelos pais, sendo que os jovens deveriam sentir-se ativos no processo (WOORTMANN, WOORTMANN, 1990).

Na Colônia teuto-brasileira, o celibato e o casamento dentro da comunidade ou com parentes eram opções para garantir a reprodução do próprio grupo social. O pai tinha a função de proteção do patrimônio, devendo intervir nos casamentos dos filhos e filhas e, quando necessário, construir a solteirice de alguns deles (WOORTMANN, WOORTMANN, 1990). O celibato eclesiástico era outra forma de preservar o patrimônio. A partir da década de 1950, houve uma diminuição do esforço coletivo para realizar os matrimônios, enquanto o número de solteirões e a idade média para o casamento aumentaram na Colônia Teuto-brasileira. Essas mudanças estariam relacionadas ao “estrangulamento do modelo de reprodução social”, ao esgotamento da fertilidade do solo e ao fechamento das fronteiras agrícolas. A migração, que seria uma decisão familiar, passaria a ser individual. O papel do sucessor passa de privilégio à prisão. Nesse cenário, é preciso conquistar o sucessor pela modernização da propriedade, ou pela antecipação da passagem da autoridade a ele (WOORTMANN, WOORTMANN, 1990).

A abordagem de Woortmann e Woortmann (1990) tem uma forte influência bourdieusiana. Observa-se que a década de 1950 é colocada como um marco divisor na explicação da solteirice, a partir de quando a dificuldade para acesso à terra é destacada. Antes desse marco, a solteirice na Colônia teuto-brasileira é tratada como resultado de imposições estruturais, e depois dele, é tratado como resultado da iniciativa individual. Entendo que, no primeiro período, embora as vidas

dos jovens e das jovens fossem bastante influenciadas por estratégias familiares, quando a figura do pai tinha muito poder, eles tinham certo espaço para iniciativas próprias. Nesse sentido, alguns pontos como a comparação de noivos com atores, e a construção do celibato pelo pai parecem significativas. Da mesma forma, entendo que, após 1950, a decisão da migração de jovens à cidade continua sendo influenciada pela família e por outras instituições, como a escola.

O trabalho de Marin (2008) também segue a orientação bourdieusiana. Ele analisou as motivações da intensificação do êxodo rural feminino nas últimas décadas e a consequente masculinização da população rural, no contexto da Quarta Colônia Italiana de Silveira Martins, no RS. O autor defende a relação entre a modernização da agricultura, o fechamento das fronteiras agrícolas e o celibato rural masculino. Nessa configuração, conforme Marin (2008), os rapazes são mais apegados à terra e ao trabalho na agricultura. Dessa forma, eles dedicam-se menos ao estudo, e optam pela permanência no espaço rural da Quarta Colônia como agricultores familiares, em proporção maior do que a das moças. O resultado é a intensificação da masculinização da população rural da região (MARIN, 2008). Nesse trabalho, entrevistam-se mulheres de origem rural que foram para a cidade, essa é uma abordagem interessante, que poderia ter sido enriquecida com entrevistas a homens solteiros. A modernização agrícola e a dificuldade de acesso à terra são apontados como os principais determinantes para o êxodo das jovens, embora também trate dos estudos como uma motivação. A permanência dos homens no espaço rural é explicada através de uma questão identitária, de apego à terra e à agricultura.

Em Putinga/RS, também município de colonização italiana, Lopes (2006) realizou uma pesquisa sobre a reprodução social nas unidades produtivas familiares dirigidas por solteirões. Entre os seus resultados está o fato de que nas propriedades de solteirões a produção não era diversificada, diferentemente do que acontecia nas propriedades de casais. A mulher na propriedade, seja esposa ou irmã do agricultor, tinha importante papel na produção de alimentos para o autoconsumo. A contratação de mão de obra era maior nas propriedades de homens solteiros do que nas de homens casados. As tarefas do lar nas propriedades de solteiros costumavam ser realizadas por vizinhas contratadas para tal. Os solteirões frequentavam bailes no lugar onde viviam, embora os considerassem monótonos por haver poucas mulheres solteiras, e essas preferirem homens mais jovens. Nas

propriedades de solteiros em que também residiam suas irmãs, elas realizavam o papel feminino que corresponderia à esposa no âmbito do trabalho, dedicando-se às tarefas domésticas e à produção de alimentos para a subsistência. A reprodução social nos estabelecimentos familiares de solteirões está comprometida por falta de sucessores, uma vez que eles não tiveram filhos, e que seus familiares, que provavelmente herdarão as propriedades como irmãos e sobrinhos, não trabalhavam na agricultura (LOPES, 2006).

Esses resultados oferecem uma contribuição importante para entender a solteirice de homens rurais. Além de focar na questão sucessória, na linha interpretativa de Champagne (1986), a autora inova ao fazer um estudo onde compara as unidades produtivas dirigidas por solteirões com outras dirigidas por homens casados. Os impactos da ausência da mulher nas propriedades dirigidas por solteirões e as observações acerca do papel das suas irmãs também são aspectos interessantes que contemplam questões de gênero.

O trabalho de Piccin (2012) traz elementos interessantes sobre a vida do peão de estância solteiro em São Gabriel. Nas estâncias haveria uma preferência pelo homem solteiro como trabalhador permanente para os trabalhos de cunho produtivo, contratando o trabalho de mulheres nas tarefas domésticas. As decisões dos patrões impactavam sobre as expectativas de vida dos peões solteiros. Entre os trabalhadores que iniciavam jovens na estância haveria uma concorrência pelo recebimento de uma casa do patrão quando atingisse certa idade, o que possibilitaria viver com uma companheira. Entretanto, alguns patrões que não tinham problema de mão de obra, não concediam espaços para constituição de novas famílias em suas propriedades. Se os peões não tinham a autorização para ter uma casa e uma constituir família no interior de outras estâncias, a solução mais adequada seria a resignação mental à condição de solteiros, aceitando-a (PICCIN, 2012).

Para o patrão esse caminho também seria mais barato, já que o peão solteiro morava e se alimentava no galpão, sendo necessário um desembolso menor para a manutenção de uma pessoa do que para a manutenção de uma família (PICCIN, 2012). O autor explica a solteirice dos peões de estância, que são filhos de camponeses, a partir da relação de dominação inerente à economia estancieira. As condições de vida das famílias camponesas não garantiam a reprodução social de

parte de seus filhos. Esse processo engendrava a continuidade da disponibilização de mão de obra necessária às estâncias.

O trabalho do peão solteiro em estâncias não pode ser considerado como única alternativa para alguns dos filhos de camponeses: “Na condição de *peão* (ou *capataz*) solteiro, garantir a própria subsistência na estância se traduz como a única alternativa (...)” (PICCIN, 2012, p. 262). Existem outras opções além do trabalho na estância. Entendo que algumas condições objetivas de vida e construções sociais acabam dificultando algumas alternativas, e potencializando outras, contudo, é preciso reconhecer que existem algumas possibilidades de escolha. Essa interessante abordagem inova ao explicar a solteirice de peões a partir das relações de dominação entre patrão e peão, e entre estancieiros e camponeses, embora esses fatores estruturais trabalhados não sejam os únicos que colaboram com a solteirice, como demonstro ao longo do texto.

Pode-se observar nesses trabalhos que a solteirice de homens rurais configura-se como uma problemática social. O fenômeno, que se intensifica em vários contextos, interfere no modo de vida e na reprodução social na agricultura familiar. Os estudos sobre a solteirice de homens rurais trazem à tona um leque de explicações para a problemática. Essas explicações contemplam fatores dos âmbitos estrutural, simbólico e identitário, assim como a questão é trabalhada no contexto alegretense. Elas possibilitam o entendimento da solteirice masculina no espaço rural como uma construção social. É sobre essa perspectiva que se assenta o presente trabalho. Busco trazer para o texto a valorização dos aspectos sociais e históricos que está presente na obra clássica sobre o tema, “*Baile de los solteros*”, de Bourdieu (2004).

2.2 A realidade do Alegrete rural: caracterização da agricultura familiar estudada

O município de Alegrete localiza-se no Sudoeste do Rio Grande do Sul, conforme o Mapa 1. É o maior município em área territorial do Estado, com 7.803,990 km² (IBGE, s.d.). A população total é de 77.653 habitantes, sendo 10,38% rurais (CENSO DEMOGRÁFICO, IBGE, 2010). Dentre as atividades agropecuárias

destaca-se a pecuária de corte extensiva e os cultivos de arroz e de soja. No ano de 2006, último ano com informação disponível, existiam 2.736 estabelecimentos agropecuários, sendo que 1.602 eram de agricultores familiares (CENSO AGROPECUÁRIO, IBGE, 2006). A concentração da posse da terra nas mãos de donos de grandes propriedades voltadas à pecuária de corte e à produção de arroz é característica dessa realidade, comprimindo, muitas vezes, os agricultores familiares em rincões²⁰. Conforme os dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2006), 59% dos estabelecimentos agropecuários de Alegrete eram familiares, entretanto, essa categoria mantinha apenas 7% da área total dos estabelecimentos do município.

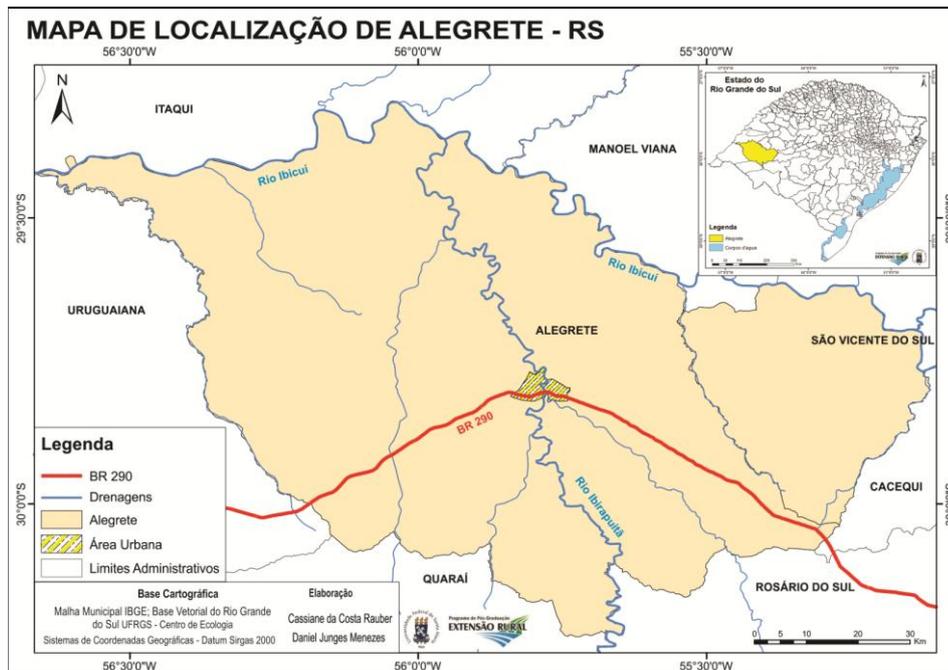


Figura 01 – Mapa de localização de Alegrete/RS

Fonte: Mapa elaborado para a pesquisa por Daniel Junges Menezes, 2014.

O número de famílias de agricultores familiares varia conforme as regiões do município. A agricultura familiar e, principalmente a pecuária familiar, são predominantes em localidades como Durasnal, Jacaquá e Passo Novo. As grandes fazendas e granjas de arroz predominam em localidades como Conceição, Rincão

²⁰ Lugar afastado e de difícil acesso dentro da localidade.

do São Miguel, e Itapororó Mariano Pinto, sendo que o Rio Ibirapuitã marca essa tendência divisória. Existem, entretanto, propriedades voltadas à agricultura e à pecuária empresariais no primeiro grupo de localidades citadas, e propriedades familiares no segundo.

Na pesquisa de Brito (2010), encontra-se uma classificação dos diferentes tipos de agricultores alegretenses da APA do Ibirapuitã: a) Agricultores patronais (empresariais e tradicionais, estes subdivididos em típicos e com turismo); b) Agricultores familiares (de origem estancieira, assalariados e changueiros, aposentados, quilombolas, comerciantes, aposentados, ocupantes ou agregados); c) Proletariado (assalariados permanentes ou temporários e teatinos)²¹. De forma geral, os agricultores patronais e suas famílias residem nas cidades. Esses mesmos grupos foram encontrados nas demais regiões rurais do município durante a pesquisa.

Algumas realidades fogem à tendência de concentração da propriedade da terra no município, como dois assentamentos de reforma agrária, o antigo Núcleo Colonial de Passo Novo e uma comunidade de quilombolas. A comunidade quilombola é formada por 28 famílias, cerca de cem pessoas, na Localidade Angico, distante 60 km da cidade. Os assentamentos de reforma agrária Novo Alegrete e Unidos pela Terra são recentes, cujas demarcações dos lotes iniciaram em 2008 e 2009, respectivamente. Originados da compra de uma propriedade em Passo Novo, contam com cerca de cem famílias assentadas.

Nesses assentamentos, no período das entrevistas, a principal produção era de alimentos para o autoconsumo, sendo que algumas famílias davam início à bovinocultura de leite e comercializavam alguns excedentes. Algumas pessoas estavam temporariamente fora dos lotes, nas frentes de trabalho, colhendo pêssego e maçã em Vacaria e Farroupilha. A maioria das pessoas que estava nas frentes de trabalho era formada por jovens e homens divorciados. Conforme Marcelo, assentado e agente de desenvolvimento rural, muitos dos homens que vivem sozinhos nos lotes dizem que foram deixados pela antiga companheira, que não quis acompanhá-los na vida de assentado.

O Núcleo Colonial de Passo Novo foi uma iniciativa de distribuição de lotes de terra com cerca de trinta hectares para cada família que aconteceu há algumas

²¹ Para maior detalhamento ver Brito (2010).

décadas. “Aqui o pai não pagou, ele veio para cá, vinha do Caverá. Ele morava no Caverá e chegou aqui, só que primeiro não davam nada, como deram agora. Ali ele fez casa e ficou, só que depois foi dividido” (Júlio, 78 anos). Nesse local, atualmente, existe um agrupamento de moradores que dispõe de vias pavimentadas, lanchonetes, bolichos, Centro de Tradições Gaúchas (CTG), praça com quadra de esporte e academia popular. Existe no local um campus do Instituto Federal Farroupilha, com boas estruturas físicas, funcionando com vários cursos de nível técnico, ensino médio e superior. Dessa forma, a distribuição de terras favoreceu o povoamento da localidade, que mantém uma população considerável, o que poderia ter acontecido em outros locais do município.

A bovinocultura de leite é uma atividade crescente entre os agricultores familiares do município. Atualmente, cerca de 130 famílias estão organizadas na Associação dos Criadores de Gado Leiteiro e Produtores de Leite de Alegrete (ACRIPLEITE). Eles se concentram próximo à cidade. Nas proximidades da cidade cerca de dez famílias de agricultores também estão trabalhando com olericultura. A comercialização para o Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE) estimulou a organização do grupo. Essa opção de comercialização dos produtos propiciou casos de famílias que retornaram para o espaço rural, conforme contou o agente de desenvolvimento rural Gustavo.

Embora tenha uma produção representativa no município, são poucos os agricultores familiares que trabalham com as produções de arroz e soja. Essas atividades produtivas costumam ser de agricultores que possuem extensas áreas de terra. A produção de eucalipto também é realizada em grande escala. Teve um grande impulso no município nos últimos anos, chegando a cerca de 21.000 ha plantados, conforme informações de um agente de desenvolvimento rural. O mesmo informante afirma que uma empresa multinacional do ramo comprou muitas áreas arenosas do município, onde o preço da terra é baixo.

Existe uma rede de instituições que trabalham de forma articulada pelo desenvolvimento rural do município, como a EMATER/RS, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Fundação Maronna²², a Secretaria Municipal da Agricultura,

²² A Fundação Maronna é uma entidade privada que foi deixada pelo testamento de dois irmãos, Francisco e Potito Maronna. A Fundação tem duas propriedades e não recebe recursos governamentais, a não ser para projetos específicos. Ela se auto-sustenta através das atividades da pecuária e agricultura. A renda das atividades agropecuárias é reinvestida em pesquisa e extensão. Foi instituída em 1983 (Amanda, agente de desenvolvimento rural).

o Instituto Federal Farroupilha, a APAFA e a AGRIPLEITE. Esse trabalho conjunto tem garantido a efetivação de experiências no âmbito da extensão rural, fortalecendo as organizações dos agricultores e agricultoras familiares, como APAFA, ACRIPLEITE, grupos de pecuaristas familiares e grupos de mulheres. “Até eu vejo as pessoas de fora falar que a gente serve um pouco de exemplo por trabalhar junto, cada um faz uma parte porque um sozinho não consegue fazer nada” (Amanda, agente de desenvolvimento rural).

A APAFA é uma associação que iniciou a partir da formação de grupos de agricultores e agricultoras familiares em 2002. Por meio dela são desenvolvidas atividades, como a feira na praça central do município. Também desenvolvem vários projetos para apoio dos associados e facilitam o acesso às políticas públicas. No período da realização das entrevistas estava em construção um centro de comercialização próprio na cidade. Observa-se, claramente, no relato da representante da associação, a preocupação com o futuro dos jovens agricultores familiares. A associação está lutando para que esses jovens tenham acesso aos meios de produção para continuar na agricultura. Conforme Lurdes, representante da APAFA, existe uma proposta de compra de uma área de terra por parte do Estado para distribuição entre os filhos de agricultores familiares e de empregados de fazendas do município.

2.2.1 Sobre a dinâmica populacional

No espaço rural alegretense, a masculinização, o envelhecimento e a solteirice masculina são características populacionais, que podem ser observados na evolução da pirâmide etária da população rural nas últimas décadas (Figura 2). A população rural do município já era masculinizada em 1970, mantendo essa situação até 2010. Ao longo das décadas, modifica-se a estrutura da população rural, passando de uma distribuição com base larga, refletindo altas taxas de fecundidade na década de 1970, com uma população jovem e sem grandes desequilíbrios entre os grupos de idade, para uma realidade de total desequilíbrio em 2010. Neste ano, a base da pirâmide encontra-se bastante estreita, refletindo a diminuição das taxas de fecundidade e o êxodo de pessoas jovens. Essa situação é

claramente insustentável, com processos fortes de envelhecimento populacional, masculinização e desequilíbrio entre os grupos de idade, provocados pelo êxodo de pessoas jovens.

A estrutura populacional urbana (Figura 3) também mostra um processo de envelhecimento populacional ao longo desse período. Em 2010, a pirâmide indicava a existência de uma população envelhecida e a migração de jovens para outros locais, geralmente movidos pela busca de postos de trabalho. Essa evolução é semelhante à da população rural, entretanto a intensidade dos processos é bem maior no espaço rural. Um fator que diferencia as duas condições é a sobreposição feminina no espaço urbano, o que está relacionado ao êxodo rural seletivo de mulheres que acontece no município e deixa a população rural masculinizada.

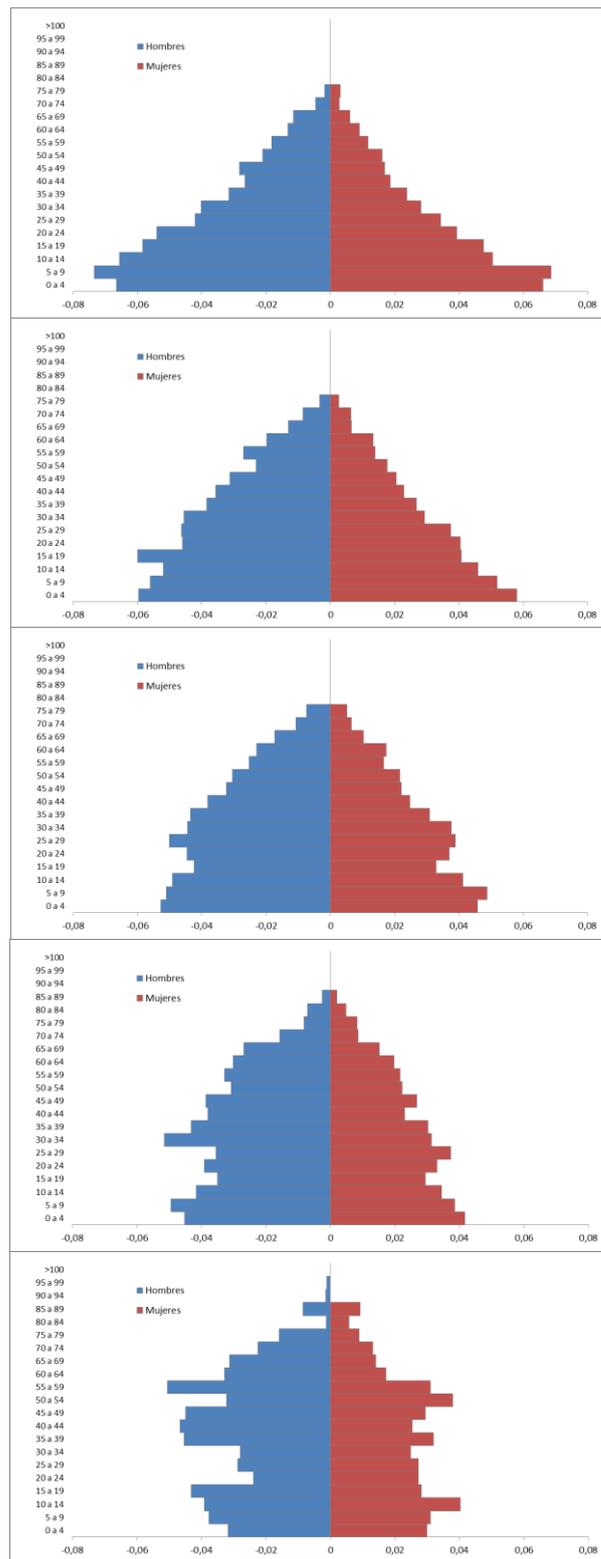


Figura 2- Evolução das pirâmides populacionais da população rural de Alegrete/RS entre 1970 e 2010

Fonte: Dados do Censo Demográfico, IBGE, amostra, elaboração da autora. Até o ano de 1991 os grupos de idade vão até 80 anos ou mais; a partir de 2000, vão até 100 anos ou mais. De cima para baixo: 1) População rural do município em 1970; 2) População rural do município em 1980; 3) População rural do município em 1991; 4) População rural do município em 2000; 9) População rural do município em 2010.

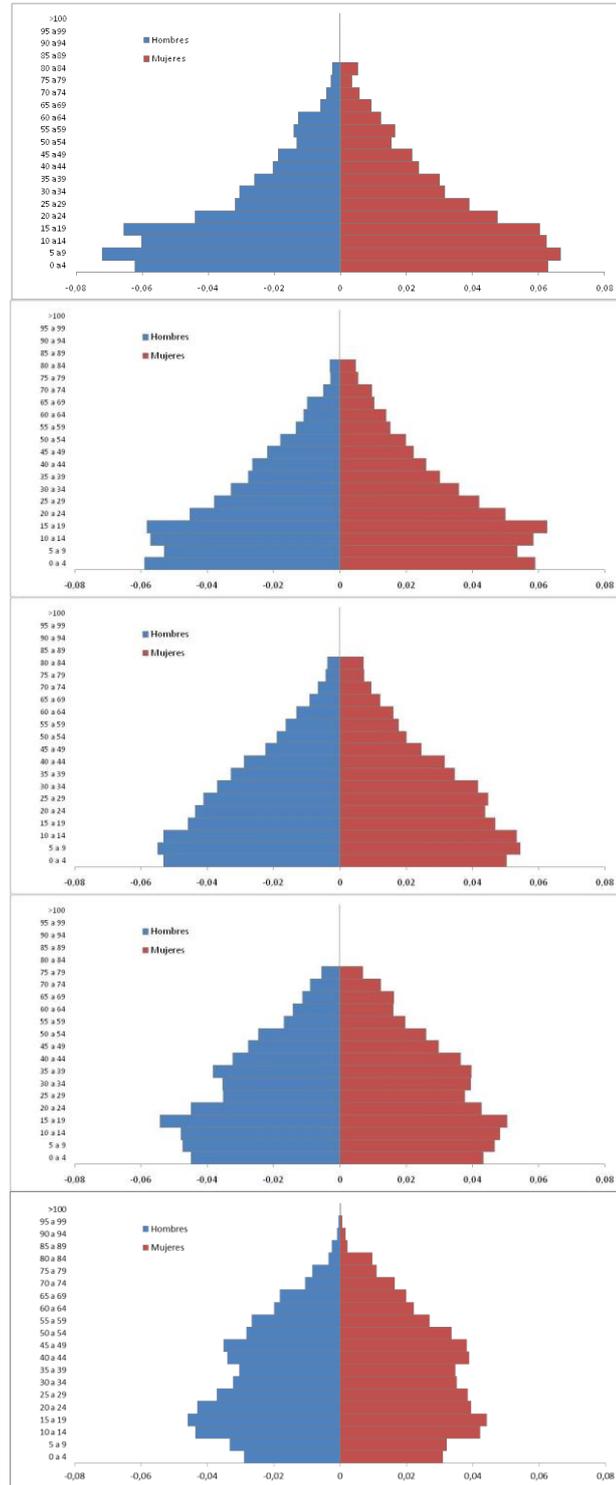


Figura 3- Evolução das pirâmides populacionais da população urbana de Alegrete/RS entre 1970 e 2010

Fonte: Dados do Censo Demográfico, IBGE, amostra, elaboração da autora. Até o ano de 1991 os grupos de idade vão até 80 anos ou mais; a partir de 2000, vão até 100 anos ou mais. De cima para baixo: 1) População urbana do município em 1970; 2) População urbana do município em 1980; 3) População urbana do município em 1991; 4) População urbana do município em 2000; 9) População urbana do município em 2010.

Na Figura 4, pode-se ver que entre 1970 e 2010 a população rural diminuiu no município, mantendo-se a predominância de homens. Já em relação à população urbana, houve um aumento até 2000, com posterior decréscimo. Esse decréscimo deve estar relacionado à diminuição das taxas de fecundidade, juntamente com a migração de parte da população jovem para outros municípios. A masculinização da população rural em Alegrete é bastante intensa em relação às condições do Rio Grande do Sul e do Brasil, conforme pode ser visto no Figura 5. No município, somente há sobreposição de mulheres a partir da população com 85 anos. A razão de sexo alcança uma relação de 180 homens por 100 mulheres entre a população idosa.

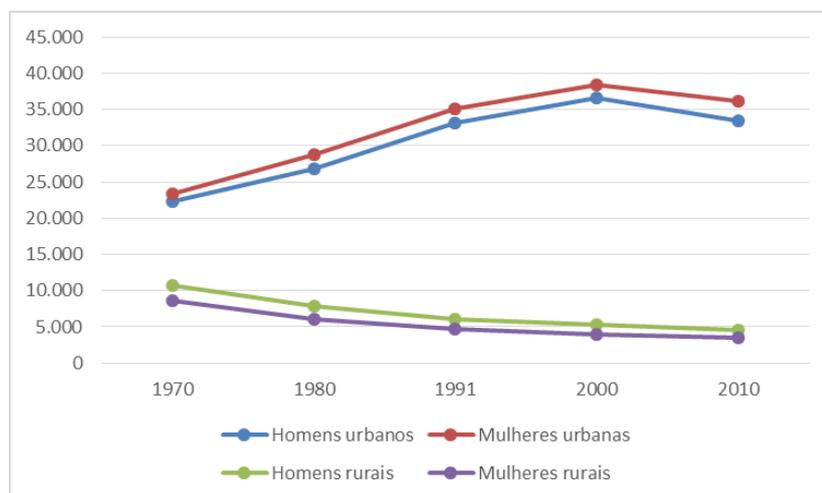


Figura 04 – Gráfico da evolução da população por sexo e condição de domicílio em Alegrete entre 1970 e 2010.

Fonte: Dados do Censo Demográfico 2010, amostra, elaboração da autora.

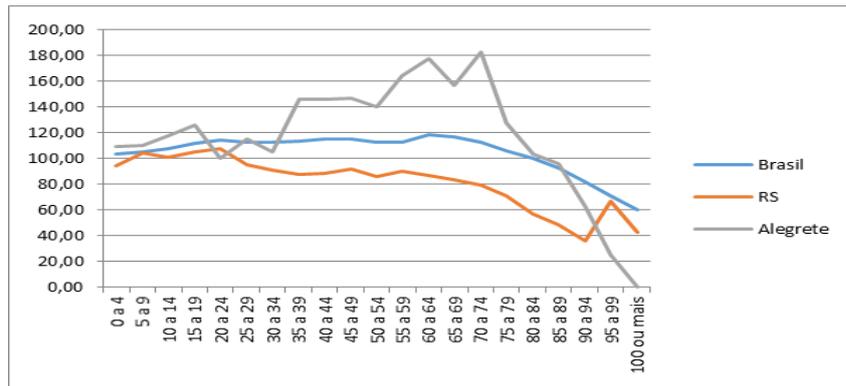


Figura 05 – Gráfico da razão de sexo para população rural do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Alegrete.

Fonte: Dados do Censo Demográfico 2010, elaboração própria.
Razão de sexo= (Número de homens/número de mulheres)* 100.

Os entrevistados, de forma geral, percebem essa configuração da população rural do município como um problema social que os preocupa, como veremos no próximo subitem.

2.2.2 As consequências da estrutura populacional

As situações de esvaziamento populacional em algumas regiões, envelhecimento e masculinização da população são mencionadas, reiteradamente, tanto pelos moradores quanto pelos homens solteiros ou pelos agentes de desenvolvimento rural. Conforme Reginaldo (65 anos²³), quem permanece no espaço rural são os aposentados. Os casais permanecem, mas os filhos migram para as cidades. A partir dos relatos e da observação de campo, pode perceber que as propriedades familiares nas quais se trabalha com pecuária de corte e que estão distantes da cidade têm moradores mais envelhecidos e masculinizados do que as propriedades onde são desenvolvidas outras atividades, que demandam bastante mão de obra, e que estão próximas da cidade. “Jovem não se acha mais, a não ser algum que estão trabalhando com leite ou alguma coisa” (André, 37 anos).

²³ Durante o trabalho, os solteirões serão referenciados pelo nome fictício e por sua idade.

As falas abaixo também mostram a preocupação dos entrevistados com essa questão populacional.

Olha, diminuiu os centros comunitários, ou não tem, e as festas diminuíram, até porque não tem gente. Tu vais fazer uma festa e vai dançar homem com homem? Não tem, isto é uma verdade, não tem. (...) Isto já é uma preocupação já de uns 8 a 10 anos na empresa, o envelhecimento do meio rural e a sucessão familiar como um todo. Aí o que acontece, eles arrendam a terra (Carlos, agente de desenvolvimento rural).

A própria natalidade, né, é baixíssima. Poucas crianças e cada vez diminuindo mais. A gente olha assim, se a gente for observar hoje um ensino médio, tantos alunos, turmas maiores. Aí tu vais ver as séries iniciais para fora, às vezes com sete crianças, oito, então, tu vê que está diminuindo (Rita, agente de desenvolvimento rural).

Tinha bastante moças naquele tempo. Claro que as famílias eram grandes, de duas, três casas era um bailão bem grande. Agora não, agora já tá se terminando (Júlio, 78 anos).

Ah, sim, tinha horror de gente, era povoado mesmo. Eu tava comentado, saia por aí nas casas tinha dez pessoas, oito, seis. Agora, hoje em dia, a maior parte tem um só ou é tapera (Adão, agricultor familiar).

Mas há muito tempo, lá não tem mais nada. Lá como diz o outro, tá pior que rodeio de touro, é só macho (risos), como se diz curto e grosso. (...) Mas lá não tem (risos). Esse é que é o problema. Prá lá não tem mais (André, 37 anos).

É, tá ficando só os velhos. Quem vai sustentar o pessoal lá da cidade? O que vai de alimentos pra cidade tem que ir aqui de fora, porque lá não tem. E quem vai continuar aqui depois que os novos forem? Tem que trazer gente de fora (Luis, 56 anos).

Uma coisa horrível. Quer um caseiro agora não acha. Um horror, é só tapera que se vê por aí. Tudo foram embora para a cidade. (...) Todo mundo vendendo e se amontoando na cidade, fazer o que lá né? É o que dá, o que dá é isto aí, como esta gente nestas malocas...Vira em gang. Mas vão trabalhar no que? Não tem. Vão trabalhar no que? (Alberto, 60 anos).

O próprio entrevistado que chama a atenção para o problema de postos de trabalho urbanos, comenta as possibilidades de trabalho no espaço rural.

Então fiquem lá pra fora, plantando umas lavouras, criando umas vacas, não é feio, todo mundo cria. Criar bichos, ou trabalhar de empregado de estância, ou alambrador, esquilador. Tem vários jeitos de trabalhar. Bah, pega um trator e fazer terra para fora, tem gente que trabalha assim. Compra uma equipezinha, o banco dá o dinheiro, o cara só trabalhando paga, 10 anos trabalhando... Aqui tem um cara que comprou um trator novo, trabalha só para fora, também não falta serviço nunca para ele. Já pagou o trator há muito tempo, bem novinho, tratorzinho novo, bah (Alberto, 60 anos).

A opção pela vida urbana é um caminho seguido por muitas pessoas de origem rural no município, entretanto essa tendência da população jovem e feminina não é a realidade de todos. Algumas pessoas compartilham a perspectiva de permanência no rural sugerida por Alberto. Um exemplo é o da jovem Aline, de origem rural, filha de pecuaristas familiares e artesões, que vivem a 40km da cidade. No momento da pesquisa, ela fazia o ensino médio na cidade e trabalhava como babá, mostrando interesse em retornar à propriedade da família para trabalhar com artesanato com lã após os estudos. Ela diz que a chamam de louca quando conta dos seus planos de retorno. A maioria das suas amigas da localidade quer viver na cidade. O depoimento a seguir também aborda os diferentes caminhos que os jovens e as jovens seguem.

Lá na minha comunidade mesmo, saem para fazer segundo grau, já em outras localidades tem segundo grau, aí eles ficam até completar o segundo grau para depois virem para o instituto federal ou fazerem uma faculdade. Mas tem muitos que falam assim, que a gente ouve eles falarem, que eles querem fazer agroindústria ou coisa assim, ligada à zona rural mesmo, e voltar para a comunidade para trabalhar ali. Têm muitos, as meninas mesmo que vão se formar professoras, querem retornar para a sua comunidade. A minha filha mesmo se formou em 2002, quando foi em março de 2003 ela já voltou para a localidade. Ela deu aula lá até o ano passado, mas ela adoeceu, teve problema de depressão, mas ela está na zona rural, é uma escola que vai e volta todo o dia, aí é mais fácil para ela. Na nossa localidade vai segunda e fica toda a semana lá, por isso ela trocou, mas trabalhou oito anos lá (Lurdes, agricultora familiar e professora aposentada).

Uma situação bastante comum no município é a do homem que vive e trabalha no espaço rural, e tem a companheira e filhos na cidade. Nos finais de semanas, o homem se desloca para a cidade, ou a mulher para o espaço rural. Em muitos casos, essa situação é justificada pela necessidade de estudo de jovens, geralmente as filhas moças no ensino médio, que não existe em algumas localidades, nem dispõem de transporte escolar, como ressaltou Lurdes. Algumas mães acompanham as filhas. Em outros casos, as mulheres moram na cidade para trabalhar em profissões como vendedoras de lojas, professoras, babás e empregadas domésticas.

A influência da questão agrária sobre o êxodo de agricultores familiares no município é clara. Essa é uma das consequências da distribuição desigual e injusta de terras na região, que implica na concentração na mãos de pequena parte da

população. Existe uma pressão das grandes fazendas e granjas sobre as propriedades dos agricultores familiares, principalmente quando são áreas contínuas às das propriedades empresariais. São utilizadas diversas estratégias para a compra. Na região da localidade Conceição, por exemplo, relata-se que alguns arroteiros compram o gado com preço alto, depois arrendam o campo, e, na sequência, propõem a compra da propriedade com pagamento à vista. Conforme o agente de desenvolvimento rural, após a compra da propriedade de agricultores familiares, desmancha-se a casa de moradia e retira-se a cerca que dividia a área. Por vezes, as casas não são derrubadas, transformando-se em taperas, que são muito comuns no município. O depoimento abaixo ilustra essa realidade e marca a resistência da família de um dos solteiros.

Não, e lá agora, por que ali pra trás de casa, ali tinha mais ou menos umas 80 famílias, agora só tem taperas. O que os Figueira não compraram, os Antunes compraram. Os Figueiras receberam 12 quadras, tem 26 quadras. Os Antunes receberam 12, tem 27 quadras. (...) Vêm abraçando tudo. Agora, estes tempos, o meu primo que vendeu 14 hectares para eles. Eu não comprei porque não tinha, senão tinha comprado. Dentro do nosso campo. Mas o Banco da Terra não dá, parente não dá. Tem mais esta. E era um campo que estava encerrado, 14 hectares e meio. (...) Nós estamos cercados na roda. Um dos donos um dia cruzou lá e mexeu comigo: “ainda vou te comprar este campo”, eu disse: “vamos ver se tu vai conseguir”. Eu disse: “não é assim”. Um dia ele veio e disse: “Ah, tenho que negociar com vocês este campo aí”. Eu disse: “se tu me pagar 10000 reais por hectare tu leva”²⁴ (André, 37 anos).

O forte êxodo da população rural no município nas últimas décadas reflete em diversas questões, como na falta de mão de obra para o trabalho agropecuário. Essa é uma preocupação da instituição que presta extensão rural gratuitamente no município, de agricultores familiares, de fazendeiros e de arroteiros, conforme pode ser observado nas falas abaixo.

O nosso público alvo tá cada vez mais envelhecido, porque a gente nota a falta de mão de obra no meio rural hoje. Nós estamos com um trabalho com o RS Biodiversidade que é para fazer algumas unidades demonstrativas de pastoreio rotativo. Muito bem, nós escolhemos produtores que precisam e aquela questão toda, o produtor está velho. Quem é que vai ajudar ele a abrir os buracos para botar os moirões, para prender as tramas, para fazer a cerca, enfim o serviço? A gente tem que conversar com os vizinhos que tenham alguns filhos ou algum pessoal mais novo que possa ajudar, porque na propriedade é isto aí mesmo, a pessoa está velha. E nós estamos

²⁴ Valor cerca de três vezes maior ao que a terra costuma ser vendida no local.

notando que o nosso público alvo da extensão rural, o agricultor familiar, ou seja, o pecuarista familiar ele está ficando, além de masculinizado, está ficando velho. E se nós não trabalharmos para trazer gente para o meio rural nós vamos perder público. Nós estamos perdendo público (Carlos, agente de desenvolvimento rural).

Em evento recente, um dos produtores de leite colocava que a sua dificuldade para aumentar a produção no Balde Cheio, era a mão de obra, e é uma exigência de todos os dias, tem que ordenhar duas vezes ao dia, esbarra na mão de obra. Na Semana Arrozeira, os produtores empresariais também reclamam da dificuldade de contratar mão de obra, de funcionários. Na área de pecuária também, nas estâncias os donos dizem: a gente dá casa, alimentação, a esposa se quiser pode trabalhar conosco, se não quiser, pode ficar cuidando dos filhos, se necessário, facilitam o transporte para o acesso das crianças à escola, mas mesmo assim não conseguem a permanência dos funcionários (Rita, agente de desenvolvimento rural).

Uma coisa horrível. Quer um caseiro, agora não acha. Um horror, é só tapera que se vê por aí (Alberto, 60 anos).

No caso da extensão rural, o depoimento do agente Carlos mostra a dificuldade de realização de algumas atividades em função do envelhecimento e da dificuldade de reprodução social na agricultura familiar de Alegrete. A preocupação com o impacto futuro dessa situação no trabalho da instituição também fica clara.

2.2.3 A agricultura familiar estudada

No item 2.1, observamos que os estudos clássicos sobre a solteirice masculina no espaço rural foram realizados em sociedades camponesas. Considerando a existência de uma relação de ruptura/continuidade entre campesinato e agricultura familiar, entende-se que a solteirice dos homens configura-se como uma problemática social importante no contexto da agricultura familiar. Nesse sentido, entende-se que a noção de ruptura/continuidade, de Wanderley (2009), é central para buscar compreender a agricultura familiar. No seio dessa categoria social, a sucessão nos estabelecimentos agropecuários é dada de pais para filhos e filhas. Além dos meios de produção, o ofício de agricultor familiar também é transmitido entre as gerações no interior da família. A formação de novas famílias tem papel central nessa realidade, portanto, a solteirice masculina pode, devido à sua intensidade, comprometer o futuro dessa categoria social em algumas realidades rurais.

Como foi abordado na introdução, utilizo agricultura familiar na perspectiva trabalhada por Wanderley (2009), que caracteriza essa categoria através da propriedade e do trabalho da família no estabelecimento agropecuário. Essa agricultura familiar se constrói no campo de forças da agricultura e do rural na sociedade moderna, marcada pela integração econômico-social, onde se recorre à experiência camponesa, adaptando-a para enfrentar aos novos desafios do desenvolvimento rural (WANDERLEY, 2009). Dessa forma, entendo que a afirmação de Wanderley (2009), de que existe um camponês bem acordado em cada agricultor familiar, nos auxilia na compreensão da categoria agricultura familiar.

A pesquisa de campo direcionou o trabalho para um grupo específico de agricultores familiares, os pecuaristas familiares. É nesse grupo que se concentra a imensa maioria dos solteirões que são agricultores familiares no município. A agricultura familiar no Brasil não é uma categoria homogênea, pelo contrário, carrega uma grande diversidade, como mostra Neves (2007). A autora explica que o termo foi construído politicamente no Brasil na década de 1990, no ensejo de constituir o agricultor familiar como agente dotado de direitos e beneficiário de políticas públicas (NEVES, 2007). Entretanto, Neves (2007) chama a atenção para a diversidade de condições sociais que o termo esconde. Entendo que a categoria agricultura familiar vem se fortalecendo no Brasil, e, ao longo desse processo, também vem forjando um processo identitário. Entretanto, devido à diversidade de grupos que abarca, torna-se imprescindível explicar qual agricultura familiar é trabalhada no estudo, o que farei na sequência.

Os agricultores familiares que são pecuaristas em Alegrete caracterizam-se pela propriedade dos meios de produção, pela realização do trabalho no estabelecimento, pela produção de bovinos e ovinos para consumo e comercialização, bem como pela relação com a natureza e com a cultura do gauchismo. Em relação à forte relação com a natureza, as famílias de pecuaristas familiares costumam trabalhar com a pecuária de corte em campo nativo, bovinocultura e ovinocultura, com baixos níveis de mecanização e de utilização de insumos externos à propriedade. Na forma tradicional de produção, o manejo dos animais costuma ser feito com a utilização de cavalos. O solo do campo nativo somente é revolvido para o cultivo de pastagens, prática que não é realizada em todos os estabelecimentos.

A produção para subsistência é importante nessa realidade, seja em relação ao consumo de bovinos, ovinos e aves, ou ao cultivo de diversos alimentos em pequenas lavouras que se localizam na proximidade das residências, e são chamadas de cercados. Nos cercados, as famílias costumam produzir milho, feijão, mandioca e batata, entre outros. Nas duas propriedades de pecuaristas familiares que me propiciaram estadia e alimentação durante as entrevistas, foi possível observar uma grande diversidade na alimentação. Nesse aspecto, a elaboração de alimentos artesanais e o consumo de carnes são característicos. Nessas propriedades pode-se ouvir sobre o modo de preparo, e provar alimentos como farinha de mandioca e polvilho artesanais; mandioca; carne de bovinos, de ovelha, de porco, de galinha e de caças; pizza caseira e doces típicos, como ambrosia e doce de pata de vaca.

A maioria das famílias de pecuaristas familiares vive longe de centros urbanos²⁵, em locais com baixa densidade demográfica e, em alguns casos, com problemas de estradas e meios de transporte coletivos, que reduzem as condições de mobilidade. Precisamos considerar que o espaço rural brasileiro guarda uma grande diversidade, e que estamos nos referindo neste estudo a uma realidade de rural profundo, para utilizar a expressão de Camarero et al (2009). Nessa realidade, as atividades agropecuárias são muito mais representativas do que as atividades não-agrícolas.

Em muitos desses estabelecimentos de pecuaristas familiares, devido ao alto custo de instalação de energia elétrica, não condizentes com a renda das famílias, o fornecimento desse serviço iniciou apenas na última década, através do Programa Luz para Todos do Governo Federal, que realizou a instalação gratuita. As residências podem ser consideradas simples, sem muitos eletrodomésticos. A comercialização dos animais costuma ser realizada conforme as necessidades da família, e a rentabilidade suplementada por benefícios sociais, como a aposentadoria rural. Em alguns casos, a dificuldade para acessar à terra por parte das famílias de pecuaristas familiares é enfrentada mediante estratégias como arrendamento ou criação de gado nos corredores (à beira das estradas).

A história da região e a importância da pecuária de corte extensiva para as famílias de pecuaristas familiares fazem com que usos e costumes vinculados ao

²⁵ Conforme Rita, agente de desenvolvimento rural, na realidade de Alegrete, 'longe de centros urbanos' significa uma distância maior do que vinte quilômetros.

gauchismo estejam presentes no cotidiano de suas vidas. A utilização da bombacha pelos homens no dia a dia, principalmente nos trabalhos de campo, o hábito de tomar chimarrão²⁶ e as utilizações de expressões típicas gaúchas são exemplos dessa forte relação. Enfim, as formas de viver e trabalhar características fazem dos agricultores familiares de Alegrete um grupo social específico.

As relações sociais entre um grupo de agricultores e pecuaristas empresariais que concentra a posse da terra e os recursos econômicos no espaço rural do município, e um grupo de agricultores familiares que tem pouca terra e recursos econômicos à disposição podem ser entendidas como lutas simbólicas por poder²⁷. Entendo que existe uma dominação simbólica da agricultura empresarial sobre a agricultura familiar nesse contexto, embora essa situação não seja imutável, pois que sempre surgem novas reconfigurações, e os agricultores familiares também alcancem logros.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição os de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos domesticados (BOURDIEU, 1989, p. 11).

A pressão de produtores empresariais sobre agricultores familiares para a compra de suas terras, bem como a resistência de algumas famílias, ilustra bem essa disputa. Para Bourdieu (2002), existe espaço para uma luta cognitiva, sendo que o dominado tem possibilidade de resistência.

2.3 Os solteirões na agricultura familiar alegretense

A solteirice masculina não é recente no espaço rural de Alegrete. Conforme pode ser visto na Figura 6, o percentual de solteirões no espaço rural de Alegrete se

²⁶ Bebida típica da cultura gaúcha.

²⁷ Reduzi a complexidade da situação à existência desses dois grandes grupos, embora existam subgrupos.

destaca em relação à proporção no Estado e no país. Esse gráfico também mostra que, nos três casos, o percentual de solteirões é bem maior do que o de solteironas. Conforme Elza, agricultora familiar aposentada, as solteironas de origem rural vão para a cidade trabalhar como empregadas domésticas, com vistas a garantir uma aposentadoria posterior. Esse é o caso das duas irmãs de Adalberto, 60 anos, por exemplo.

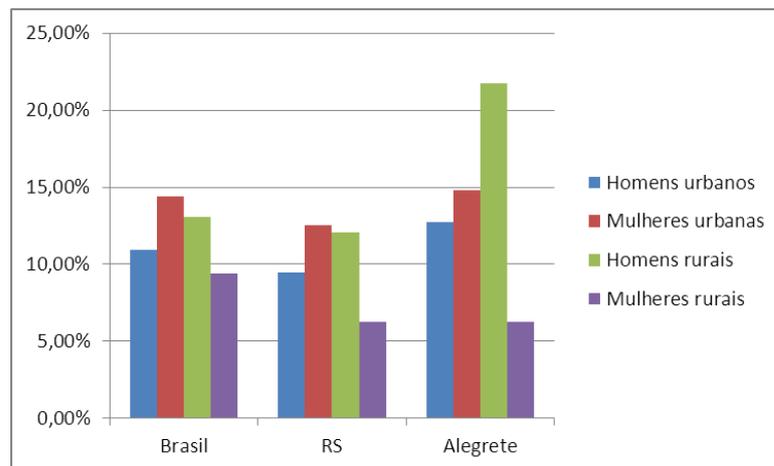


Figura 6 – Gráfico do percentual de pessoas com 40 anos ou mais solteiras e que não vivem em união.

Fonte: Dados do Censo Demográfico (IBGE, 2010).²⁸

Para alguns entrevistados, as pessoas passam a ser solteiras a partir de trinta anos. Já para outros, a partir de 40 anos. Conforme Lúcio, funcionário de escola, “solteirão de verdade nem namorada tem”. Ele considera solteirão a pessoa com mais de quarenta anos, pois casou com mais de trinta, e alguns homens casam com essa idade na região. Na mesma perspectiva, Otávio, vendedor de 41 anos, não se considera solteirão, já que tem namorada há cinco anos, mesmo que essa, que é funcionária da escola na localidade onde ele vive, more na cidade.

Estar solteiro com mais de trinta anos não quer dizer que a pessoa será sempre solteira. Em alguns casos, solteirões encontram companheiras que também

²⁸ Gráfico utilizado em Costa e Camarero (não publicado).

eram solteironas, separadas ou viúvas, principalmente os mais novos, já que nessa realidade é comum os homens encontrarem companheira até os quarenta anos:

E tem muitos que vão arrumando parceiras, agora de um tempo para cá uns quantos arrumaram. Geralmente são da cidade, eles levam elas para lá. Um rapaz mesmo tem 35 e arrumou companheira, o outro tem trinta e graças a Deus se dão bem. (Lurdes, representante da APAFA).

Já os homens mais velhos têm maiores restrições com mulheres de origem urbana, sendo que, quando encontram companheiras, geralmente são mulheres rurais, como no relato abaixo.

Nos meus tempos de baile, tinha uns solteirões que eu gostava de dançar, dançador. E depois de velhos eles casaram. Teve um que casou velho, com quarenta e poucos anos. (...) Ele teve três filhas, lindas as moças. As moças foram colegas dos meus filhos. Ele casou com uma mulher solteirona também, e tiveram três filhos ainda (Bibiana, funcionária de escola rural).

Os solteirões do espaço rural do município costumam ser agricultores familiares que se dedicam à pecuária de corte ou peões que trabalham como assalariados nas fazendas. Em outros grupos de agricultores familiares, que se dedicam à bovinocultura de leite e horticultura, não foram encontrados solteirões. Essas atividades, que são intensivas em mão de obra, necessitam do trabalho de famílias com várias pessoas, já a pecuária de corte em campo nativo é extensiva, e quando é desenvolvida em propriedades pequenas, pode ser atendida por apenas uma pessoa. Nas granjas existem poucos solteirões, como informa Gustavo, agente de desenvolvimento rural, já que existe uma preferência pela contratação de pessoas que tenham companheira nesses estabelecimentos. Não houve referência, nem foi encontrado solteirão que fosse agricultor patronal. Constata-se, assim, que a solteirice entre os homens rurais de Alegrete está concentrada em grupos sociais específicos.

Os solteirões da agricultura familiar, sobre os quais centralizo a pesquisa, são encontrados principalmente em propriedades pequenas, muitas vezes minifúndios, que geram uma baixa renda, e em localidades distantes do centro urbano. Diante dessa situação, muitas vezes, eles recorrem à estratégia de prestação de serviços em propriedades da região, como forma de complementação de renda,

principalmente trabalhando com manejo de gado ou alambrado, como pode ser visto nas falas que seguem.

Eles trabalham em casa, mas às vezes trabalham num vizinho, assim em mutirão, quando precisa de caseriar, fazer uma troca de serviço. Olha, estes solteirões já estão quase se aposentando, tem de cinquenta para mais (Lurdes, representante da APAFA).

Muitos assim moram naquelas chacinhas e trabalham fora. Trabalham assim nas outras propriedades, o Reginaldo e o irmão mesmo, sempre trabalharam pra fora, depois que se aposentaram que ficaram em casa. Prestam serviços pros outros que precisam (Bibiana, funcionária de escola rural).

É comum encontrar famílias com mais de um solteirão, sendo que, por vezes, vivem na mesma casa dois irmãos solteirões, ou um irmão e uma irmã solteirona. Também são comuns os casos de solteirões que vivem com os pais, e outros que vivem sozinhos. Os homens costumam viver sozinhos depois do falecimento dos pais, ou quando estes residem na cidade. Já as solteironas dificilmente vivem sozinhas, e algumas são mães solteiras. Geralmente eles têm baixa escolaridade, ensino fundamental incompleto, conforme a oferta de ensino disponível em suas localidades quando eram estudantes. Eles costumam designados de “pêlo duro”, forma popular pela qual são chamadas as pessoas descendentes da miscigenação das etnias negra, branca e indígena.

Os agricultores familiares solteiros estão concentrados em algumas localidades. No Durasnal, Bibiana, funcionária pública, menciona a existência de 32 solteirões que são agricultores familiares. Já no Jacaquá, o casal de pecuarista familiar Adão e Maria menciona doze. A maioria dos solteirões que são agricultores familiares, sejam os encontrados na pesquisa, sejam os referenciados pelos informantes-chave, tem entre 45 e 65 anos, sendo em vários casos aposentados como trabalhadores rurais²⁹. Foram encontrados poucos homens solteiros na faixa etária de 30 a 45 anos, o que pode ser explicado pelo envelhecimento da população rural do município. Os agricultores familiares dessa faixa etária geralmente estão casados. Alguns homens solteiros desse grupo de idade mudaram-se para a cidade. “Ali, o sobrinho do Reginaldo mesmo, ele está com 28, ele já saiu de lá. Vai ficar

²⁹ No Brasil, os agricultores familiares aposentam-se aos 60 anos, as mulheres aos 55.

solteirão também porque eu nunca vi ele com namorada. Já saiu de lá, trabalha fora” (Bibiana, funcionária de escola rural).

Em alguns casos, os solteirões têm doenças mentais. Nesses casos, vivem com familiares que os cuidam. Dona Elza, agricultora familiar aposentada e viúva, cuida de seu irmão solteiro, Frederico, de 69 anos, que é deficiente mental. Ele recebe benefício social e vive em uma casinha ao lado da sua. Embora Frederico tenha autonomia em relação aos seus cuidados pessoais e goste de participar de atividades como a limpeza do pátio, tem o seu próprio ritmo, toma vários medicamentos e necessita de atenção constante.

2.4 Herança e perspectivas sucessórias nos estabelecimentos dos solteirões

As propriedades onde vivem os solteirões vão passando de geração em geração nas famílias, como acontece de forma geral na agricultura familiar. Após o falecimento dos pais, a herança costuma ser dividida em partes iguais entre todos os filhos e filhas no espaço rural de Alegrete. Essa situação, que está de acordo com a legislação brasileira, embora pareça ser a mais justa, apresenta alguns problemas. Nos casos de propriedades pequenas, essa forma de transmissão hereditária provoca a excessiva fragmentação da terra, gerando minifúndios que dificilmente garantem renda suficiente para sua reprodução a partir das atividades agropecuárias. Nessas situações, é comum a venda do estabelecimento, geralmente para fazendeiros e granjeiros da região que têm disponibilidade de dinheiro e interesse em aumentar a área, e a divisão do pagamento entre os herdeiros.

Em alguns casos, o filho que permanece na propriedade cuidando dos pais idosos e da produção recebe algo a mais, geralmente a casa da família, onde costuma continuar residindo. Geralmente, o filho solteirão torna-se “o cuidador” dos pais enfermos e impossibilitados ao trabalho agropecuário na propriedade. O relato de Reginaldo, 65 anos, elucida essa situação. Ele explica como foi feita a divisão do estabelecimento, que era composto de duas áreas, entre eles e os seis irmãos após o falecimento da mãe.

Eu tirei dois anos em casa, aqui, cuidando, fazendo comida e coisa. Ela andava muito doente, não podia fazer. Até, quando fizeram o inventário me deram a casa, era velha, mas é que eu morava. É. Então, não deixaram entrar em inventário a casa para me darem. E peguei o meu campinho e aqui. (...) Todos pegaram um pedaço aqui e outro pedaço lá. Mas uns permutaram, como eu permutei com o finado meu irmão. Daí, eu dei a parte que me tocou lá e fiquei aqui, e aí ficou bom para as duas partes. O outro meu irmão também, que mora em Alegrete, permutou com um cunhado dele aí.

Entre os seis agricultores familiares solteirões entrevistados, apenas Alberto não viveu na propriedade dos pais depois de adulto. No caso dos cuidadores Reginaldo, Luis e Júlio, os pais já faleceram. André e Carlos são os únicos filhos que continuam vivendo na propriedade dos pais, já que seus irmãos moram e trabalham na cidade de Alegrete.

Quando seu pai ficou enfermo, Carlos retornou da cidade onde estudava para acompanhá-lo e trabalhar na propriedade, mas ele faleceu há alguns anos. A propriedade gera uma boa rentabilidade, com a qual Carlos conseguiu comprar uma nova área de terra, e pretende adquirir, em breve, uma casa na cidade. O pai de Carlos recebeu uma área de terra maior do que os pecuaristas familiares da região costumam receber. O tataravô de Carlos veio de Portugal e recebeu uma sesmaria³⁰, a qual deu origem à localidade onde vivem. Com o passar das gerações e com o grande número de herdeiros em cada geração, a sesmaria foi sendo dividida. Hoje a propriedade da família tem noventa hectares.

Na família de André, possivelmente será ele que assumirá o papel de cuidador e atenderá a propriedade, embora os pais não apresentassem problemas de saúde no período da entrevista, quando estavam se aposentando. O caso da divisão da herança nessa família mostra os aspectos de parcelamento da terra e de venda para fazendeiros da região. Nesse caso, embora o pai de André tenha assumido o trabalho na propriedade de seus pais, ele recebeu a mesma herança que seus irmãos, como pode ser percebido no diálogo que segue.

(Cassiane) - Tu nasceste nesta localidade?

(André) - Pelo que os velhos dizem, fui fabricado numa fazenda. Meu pai era capataz lá, e nasci na cidade. Nasci, eu tinha o quê, um mês quando eu fui lá para casa. Foi quando o pai estava construindo a casa lá. Ele

³⁰ “As sesmarias eram terras devolutas, medindo em regra 3 léguas por 1 légua (cerca de 13000 hectares)” (PESAVENTO, 1984, p. 15). Conforme Leite (2004), a sesmaria foi uma concessão de terras que garantia ao sesmeiro o domínio sobre a área.

abandonou as fazendas e foi trabalhar por conta. Aí ele cuidava o que era da vó.

(Cassiane) - A tua vó era daqui?

(André) - A nossa família mesma é natural de Cacequi. Aí o vô comprou este pedaço de campo, comprou uma quadra de primeiro, depois comprou outro pedaço, pouco mais de meia quadra. No total dava duas quadras e uns quebradinhos.

(Cassiane) - Bastante terra.

(André) - Mas é que eram onze filhos. Tocou catorze hectares e meio para cada um.

(Cassiane) - Eles dividiram em partes iguais?

(André) - Dividiram. Ficou o pai e duas tias minhas e nós compramos na época 14 hectares de um tio meu que mora em Porto Alegre, e o resto todo venderam para os Figueira, 106 hectares, mais de quadra de campo.

(Cassiane) - Esses teus tios não ficaram ali, foram todos morar na cidade?

(André) - Mas tudo moravam na cidade. Aí só que ficou ali fomos nós, duas tias já falecidas e um tio. Nós ficamos com 28 hectares, agora compramos mais dez.

As famílias de herdeiros utilizam várias estratégias para evitar o excessivo parcelamento da propriedade dos pais e a venda para estranhos. Quando é possível, realiza-se a compra da terra herdada pelos irmãos, como no caso relatado por André. Outra estratégia utilizada é o arrendamento da área herdada pelos irmãos que vivem na cidade. Esse é o caso de Luis, que vive na casa que era dos pais, herdou cinco hectares e arrendou quinze herdados pelos dois irmãos e pela irmã. A propriedade está com a família de Luis desde 1940. Seus avôs compraram 262 hectares na época, com o dinheiro recebido pelo trabalho de seu avô como capataz em uma estância da região. Ele faz questão de mostrar a escritura antiga onde consta a sua avó como compradora da terra.

(Luis) - Isto aqui era do meu avô. Aí ficou o meu pai cuidando dos velhos quando morreram e os meus irmãos foram tudo pra cidade. Tem um que era enfermeiro, já tá aposentado, tem este outro em Porto Alegre... E eu fui ficando aqui, que era mais novo, fui cuidando dos velhos, eram doentes. O pai faleceu com 87 anos e a mãe faleceu com 94.

(Cassiane) - Faz pouco tempo que ela faleceu?

(Luis) - Não, faz uns dez anos mais ou menos. Aí eu fiquei por aqui [...]

(Luis) - Eu guardei a escritura pra gente mostrar para alguém. Por que agora já fizeram inventário quando os velhos morreram, tá tudo pequenininho, uns venderam. Vai diminuindo, como tudo é assim, morre os velhos e faz a divisão.

(Cassiane) - Quantos hectares ficaram para o senhor?

(Luis) - Pra mim mesmo, que eu tenho, é cinco hectares meus. Mas aqui ao todo são vinte. Tem dos meus irmãos, eu que to aqui, tenho umas ovelhinhas e um gado, eles não têm nada, só tem o campo. Aí eles me arrendam, aí eu crio os meus bichinhos.

O estabelecimento agropecuário de Alberto não foi herdado dos pais, mas sim de dois tios solteirões. O pai de Alberto não tinha terra própria, era empregado de fazenda, sua mãe cuidou de um dos seus tios solteirões durante sua velhice, herdou uma casa na cidade e uma propriedade, que foram divididas em partes iguais entre Alberto e suas duas irmãs. Ele trabalhou um período como peão de fazenda e guardou dinheiro para comprar parte da propriedade de seu tio, quando ele precisou de dinheiro. Já tinha construído casa, se tornado pecuarista familiar, e estava pagando o restante do valor da terra quando esse tio faleceu e ele herdou a área. Posteriormente, herdou outra área de outro tio que era pecuarista familiar solteirão e sofreu um acidente de trânsito, ficando com uma propriedade de 43 hectares.

O pai de Júlio trabalhou como empregado na produção de arroz por um período, e tornou-se agricultor familiar quando recebeu um lote de terra de trinta hectares do governo. Quando Júlio serviu ao exército, foi viver na cidade, onde trabalhou um período como ajudante de pedreiro. Quando os pais estavam idosos, ele retornou à propriedade da família para cuidá-los e auxiliar no trabalho agropecuário. Depois que os pais faleceram e ele ficou doente, veio morar na propriedade da irmã, onde tinha algumas cabeças de gado.

De forma geral, as propriedades dos agricultores familiares solteirões no município têm a sucessão comprometida, da mesma forma que constatou Lopes (2006) em Putinga. Ao analisar esses seis casos específicos, pode-se perceber que a tendência futura, na velhice ou falecimento desses homens, é a de venda das propriedades para pessoas da região, e a divisão igualitária do dinheiro entre os herdeiros, irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas que, na maior parte dos casos, vivem nas cidades. Essa é uma questão que preocupa os entrevistados, que não têm filhos e, de forma geral, não veem perspectiva de que algum familiar prossiga trabalhando e vivendo na propriedade.

No futuro, Reginaldo pretende continuar arrendando seu campo para o sobrinho e, quando falecer, dividir em partes iguais seus bens entre todos os herdeiros. Dessa forma, espera ser cuidado na velhice pelos parentes, conforme depoimento:

Quando eu morrer, fica para todos os sobrinhos. Se eu morro primeiro que os irmãos, são os irmãos que herdam, então depois dos irmãos é dos sobrinhos. Tem gente que faz um atestado, dizem inventário, eu sou contra isso. Às vezes abandona, pega a área e tal e abandona. E assim não,

ficando para todos, um cuida, outro cuida assim. [...] Todos os sobrinhos me querem bem (Reginaldo).

Já Alberto não tem certeza sobre o destino da propriedade: “Agora, quando eu ficar velho e morrer, não sei pra quem vou deixar”. Já André pretende seguir trabalhando na propriedade, e, se as irmãs quiserem vender, comprar a parte delas futuramente. “Se as gurias quiserem vender, eu vou ter que comprar, porque botar fora aquilo lá eu não boto” (André). Carlos pensa em morar na cidade vizinha no futuro, e vir atender o gado na propriedade, embora não tenha muita certeza dessa decisão: “É, a gente diz uma coisa hoje, mas amanhã pode mudar”. No caso da propriedade da irmã de Júlio, provavelmente continuará sendo atendida pelo sobrinho que vive na cidade. Ele pretende trabalhar com confinamento de gado na área.

3 A SOLTEIRICE MASCULINA NO ARRANJO HISTÓRICO LOCAL

Neste capítulo, discuto o desenvolvimento da solteirice masculina no arranjo histórico do município de Alegrete. Ao longo do tempo, nesse território, configurou-se uma complexa teia de relações sociais entre grupos que marcaram o lugar em diferentes períodos, como indígenas, portugueses, espanhóis, escravos, fazendeiros, assalariados e camponeses. Essas relações proporcionaram a criação condições sociais para a emergência da solteirice masculina. Parte-se desse entendimento para traçar algumas linhas desse processo.

O capítulo está estruturado em três subitens. Inicialmente, abordo as condições históricas que favoreceram o desenvolvimento da solteirice masculina no território do município. Sob o título “Raízes da solteirice masculina na Campanha”, enfoco questões referentes à vida indígena e à colonização luso-portuguesa, à concentração da posse da terra, e às características dos grupos sociais que conformaram essa realidade, estabelecendo relações com os processos de formação da figura do gaúcho. Na sequência, “Gauchismo como cultura e ideologia” traz um resgate sociohistórico da construção da imagem do “centauro gaúcho”, da constituição da cultura gaúcha. Trata-se do gaúcho como figura masculina forjada desde o início da relação com o gado na região, passando pela relação do gauchismo com o movimento tradicionalista. Por fim, “A modernização não chega sozinha” trato das mudanças sociais desencadeadas pelo processo de modernização sobre essa realidade. Trabalho, principalmente, a relação entre o passado e o contemporâneo na perspectiva dos solteirões, nos âmbitos das transformações no modo de vida e em aspectos estruturais.

3.1 Raízes da solteirice masculina na Região de Campanha Gaúcha

A solteirice masculina no território que atualmente corresponde ao município de Alegrete foi estimulada por várias condições ao longo da história. Não existem registros sobre a solteirice na região antes da chegada de espanhóis e luso-

portugueses, embora fosse possível a sua existência entre os indígenas. Lévi-Strauss, em publicação lançada no Brasil em 1982, aborda a solteirice em uma sociedade indígena do Brasil central. Conforme o autor, o solteiro é retratado como um peso nessa sociedade indígena, já que a formação de famílias teria importância vital para o grupo, e o solteiro seria uma calamidade. Nesse relato, Lévi-Strauss não menciona em qual tribo isto aconteceu. Evidentemente, não se pode generalizar e utilizar essa informação para a realidade das tribos indígenas que vivam na região da Campanha Gaúcha antes da chegada de espanhóis e luso-portugueses. A informação, entretanto, serve para nos lembrar dessa possibilidade.

3.1.1 Índios e colonização luso-portuguesa

O território da região de Alegrete era ocupado por indígenas até o século XVII. Conforme Santos (2003), os Guaicurus ocupavam o pampa de Rio Grande do Sul e Uruguai, os Guaranis, o norte do Ibicuí, e os Boanes, Jaros, Guenoas, Minuanos e Charruas, o sul desse rio até a embocadura do Rio da Prata. Temos poucas informações sobre a forma de viver dessas tribos, Mas Santos (1999) relata que os Charruas e Minuanos praticavam a poligamia, sendo que cada homem poderia ter várias mulheres. Entre os Guaranis, a poligamia seria praticada pelas lideranças masculinas, entre os demais, seria comum oferecer a mulher para visitantes em sinal de hospitalidade, já que a mulher seria considerada como parte da casa. Na sociedade Guarani, a escolha da mulher seria feita pelo homem, e elas não poderiam negar, devendo aceitar o primeiro pedido. A infidelidade da mulher seria reprimida com sua morte. Enfim, essas seriam sociedades com traços patriarcais, conforme Santos (1999).

No século XVII, especificamente em 1626, padres jesuítas vieram do Paraguai para fundar as Reduções Jesuíticas com indígenas no território do atual Rio Grande do Sul. Os Guaranis foram os indígenas que ofereceram a menor resistência a essa catequização. Então, os padres introduziram bovinos na região e, após conflitos com paulistas que vinham buscar índios para escravizar, retornaram ao Paraguai em 1640 com muitos indígenas. O gado ficou livre, se reproduzindo pelo pampa com os cavalos xucros de origem uruguaia e também das reduções

jesuíticas, formando a “*Vacaria del Mar*”. Essa é a base para a prea do gado alçado, “caça” ao gado xucro para comercialização do couro, que despertou interesses sobre a região (PESAVENTO, 1984).

Os padres católicos jesuítas, chegados nos primórdios do século XVII, foram os primeiros celibatários sobre os quais encontramos registro no território do RS. Para tal afirmação, considero o fato de que eles deveriam viver em celibato religioso, conforme as normas da igreja católica apostólica romana. Embora o celibato religioso existisse, foi o celibato laico que se desenvolveu amplamente na Campanha Gaúcha. A solteirice masculina encontrou condições propícias na região para se desenvolver nesse período entre as últimas décadas do século XVII até meados do século XIX. A região que atualmente corresponde à Campanha Gaúcha recebia grandes contingentes de soldados dos exércitos³¹ e pessoas que se aventuravam na prea do gado xucro. Esses contingentes eram formados basicamente por homens.

Vários grupos participaram da prea do gado xucro, como portugueses de Sacramento, índios aldeados relacionados aos padres, argentinos que tinham permissão das autoridades espanholas e indivíduos que vaquejavam por conta própria, conforme Pesavento (1984). Paralelamente, a região do bioma pampa, fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina, foi marcada pelos conflitos pela posse da terra entre espanhóis e portugueses durante um longo período. Os indígenas tornam-se ótimos cavaleiros no contexto da *Vacaria del Mar*. Conforme Santos (2003), os soldados que desertavam dos exércitos que passavam pela região juntavam-se aos Charruas na formação da classe dos changadores, um grupo que vivia do comércio ilegal do couro e do sebo dos bovinos para os portos do Rio da Prata. Esses changadores são considerados os primeiros gaúchos³².

Em 1642, os jesuítas voltaram para o território do Rio Grande do Sul e fundaram os Sete Povos das Missões. Junto às reduções foram criadas estâncias de criação de gado, para exportação do couro para Buenos Aires (PESAVENTO, 1984). O território atual do município de Alegrete, conforme Santos (2003), fazia parte da

³¹ Os conflitos armados fazem parte da história da região de Alegrete, que se encontra em área de fronteira. Entre os que a população da região esteve envolvida citamos as Campanhas do Prata; Revolução de 1823; Guerra dos Farrapos (1835-1845); Guerra do Paraguai (1864-1870); Revoluções de 1923; 1924; 1926; 1930 e 1932.

³² Dada a importância que envolve os gaúchos e o gauchismo para entender a realidade de Alegrete e da solteirice masculina, trabalharei especificamente esses temas no próximo subitem.

Estância Missioneira de Santo Ângelo e da Estância da Conceição. Em 1750, foi assinado o Tratado de Madrid, que deixava os Sete Povos das Missões para Portugal, em troca de Sacramento. Os índios não aceitaram esse acordo e aconteceu a Guerra Guaranítica, entre 1754 e 1756, quando grande parte da população indígena foi dizimada pelas tropas luso-castelhanas. Os jesuítas deixaram a região, e as sesmarias, que já existiam no estado, se alastraram paulatinamente pelas terras dos Sete Povos das Missões. Muitos desses indígenas foram, posteriormente, trabalhar como peões de estância (PESAVENTO, 1984).

Os indígenas sofreram todas as formas de violência. O relato do viajante Saint-Hillaire, publicado em 1987, fez referências de que a maior parte dos militares em Campo de Belém³³, por volta de 1830, teria uma índia como companheira. Escreve o viajante que elas seriam úteis porque sabiam lavar e cozinhar. A preocupação do viajante era com os filhos das índias, que seriam certamente abandonados pelos pais e seriam mal educados por suas mães “[...] e assim se parecerão com os gaúchos espanhóis e, pouco a pouco, a raça branca degenerar-se-á na Capitania do Rio Grande” (SAINT-HILLAIRE, 1987, p. 223). Ele também comenta sobre mulheres e crianças indígenas sobreviventes de guerra, perseguidas no Uruguai, que vieram refugiar-se na Capela de Alegrete. Em Campo de Belém, os homens trabalhavam como peões, alguns meninos prestavam serviços aos militares, e as mulheres se prostituíam (SAINT-HILAIRE, 1987).

Conforme Farinatti (2007), o território de Alegrete foi ocupado a partir do início do século XIX pelos luso-brasileiros. Ali se organizou, posteriormente, um polo de produção pecuária que enviava novilhos para o abate em charqueadas. Alegrete surge com acampamento de exércitos e da igreja católica, onde a religião era utilizada para aglutinar a população, conforme Santos (2003). Em 1814, funda-se a Capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida, ao lado ocidental do Rio Inhanduí, em terras concedidas pelo Tenente-Coronel José de Abreu. Em 1816, esse povoado foi invadido e queimado pelos uruguaios das forças de Artigas. As pessoas dali foram em direção a um acampamento militar, na margem esquerda do rio Ibirapuitã, formaram um novo povoado, com outra capela. Em 1831, foi criada a vila do Alegrete nesse lugar (SANTOS, 2001; LAYTANO, 1957). O município, que foi criado em 1831, origina-se de Cachoeira, e abrangia Uruguiana (até 1846), Quaraí (até

³³ Região que corresponde atualmente ao território uruguaio, próximo à fronteira com o Brasil.

1875), Santana do Livramento (1857), parte de Rosário (1876), parte de Manoel Viana (1992), Bagé (até 1846), parte dos departamentos de Artigas (1851) e Rivera do Uruguai (SANTOS, 2003).

3.1.2 Concentração da posse da terra: sesmarias e estâncias

A questão agrária no município de Alegrete gerou e continua gerando conflitos sociais. Por volta da terceira década do século XVIII, as sesmarias começaram a ser distribuídas no território do Rio Grande do Sul, como forma de buscar o povoamento da região de fronteira, que era estratégica para o governo luso-brasileiro, e para promover a criação de gado *vacum* em estâncias³⁴. A terra foi doada a militares e tropeiros, conforme Pesavento (1984). Nesse contexto, as sesmarias eram uma forma de pagar pelos serviços militares prestados ao império. Na verdade, em muitos casos, o que se fez não foi povoar, porque a terra já estava povoada, mas sim expulsar os posseiros que ali viviam para estabelecer quem interessava à coroa, como apontam Farinatti (2007) e Santos (2003). Encontramos, na coletânea feita por Santos (2003), uma referência de Silveira (1909) às sesmarias de Alegrete, sendo que a maioria das sesmarias listadas teria três léguas, mas duas tinham nove léguas e uma, de um major, dez léguas. Essa situação condiz com a constatação de Garcia (2005) de que, por vezes, as regras para doação de sesmarias não foram cumpridas, sendo que os próprios militares, que eram responsáveis pelo processo, tinham áreas muito maiores do que as que oficialmente deveriam ter.

A carta de Sesmaria concedida a Thomas Ferreira Dalle, em 1815, no território do atual município de Alegrete, traz alguns elementos importantes e pode ser utilizada para discutir algumas questões sobre as sesmarias. O documento, assinado pelo Marquês de Alegrete, governador da Capitania, refere-se à concessão de uma área de uma légua de frente por três de fundos, com delimitações naturais, a

³⁴ A diferenciação entre estância e fazenda é trazida por Xavier (1969). A estância representaria uma comunidade em torno da família do estancieiro, já a fazenda é definida como “a simples exploração da propriedade rural, sem vínculos comunais ou familiares” (XAVIER, 1969, p. 76). Na verdade, o autor coloca os conceitos como dois polos, entretanto, há uma evolução temporal entre eles, sendo que as suas características não são totalmente diferenciadas.

um posseiro para estabelecimento de fazenda de criação de gado. Em contrapartida, a área deveria ser povoada em até dois anos, o que seria provado por meio do pagamento do dízimo à Igreja Católica. Nesse prazo, deveria ser feita a medição e demarcação da área. Também estava entre as obrigações conservar a área e plantar árvores e abertura de caminhos públicos, não vender para pessoas eclesiásticas, ceder área para formação de povoado, quando fosse o caso, e não vender ou trocar os campos sem autorização do governo.

Garcia (2005), em estudo sobre a questão agrária em Alegrete no período entre 1830 e 1880, destaca que o latifúndio não se formou sobre terra de ninguém, e que a terra foi apropriada desigualmente através das doações de sesmarias, da violência e da fraude documental³⁵ no território do município. A autora diz que a origem do latifúndio na região está nas doações de sesmaria, no alargamento das estâncias sobre terras do poder público e dos outros, pequenos criadores, para utilizar o seu termo.

Se hoje existe o receio por parte de alguns grandes latifundiários do município de que suas terras sejam “invadidas” por “sem-terra”, o que temos no século XIX é justamente o processo contrário: diversos conflitos judiciais nos revelam que pequenos produtores tiveram seus campos absorvidos pela apropriação ilícita dos grandes estabelecimentos. Ao comparecerem frente ao juiz para apresentarem as suas versões dos fatos, pequenos criadores atribuíam ao poder local de vizinhos ricos e poderosos o fato de estarem sendo despejados das terras que, segundo eles, ocupavam a décadas (GARCIA, 2005, p. 180).

Garcia (2005) não menciona casos de revogação de concessão de sesmaria por descumprimento de regras em Alegrete. Entretanto, a autora relata um caso claro de descumprimento de regras, sendo que a sesmaria não foi povoada nem medida, e a área foi vendida para um padre (três situações não permitidas). Houve um processo judicial aberto por um padre em 1824 para retirar dois posseiros. A compra ocorreu em 1822, quando não havia respaldo legal para a venda de terras, que pertenciam à Coroa. Um desses posseiros deixou a área ao longo do processo. O sesmeiro era um capitão que recebeu a sesmaria em 1814. O padre dizia, no processo, que o capitão não povoou a sesmaria porque estava em campanha, e que agora ele se vê impedido de povoar porque ali estão “intrusos”. Um dos réus deixou a terra durante o processo, e outro se manteve na área. Apesar de o comprador

³⁵ Para maiores informações, ler Garcia (2005).

assumir que o sesmeiro descumpriu quase todas as condições para a concessão da sesmaria, e de testemunhas confirmarem que os réus viviam na área, o réu foi condenado a desocupar a área, destruindo seu rancho e retirando os animais, além de pagar todos os custos do processo. O pequeno criador, que além da sua casa tinha uma mangueira para o gado, cerca de sessenta cabeças de gado e alguns cavalos, foi obrigado judicialmente a deixar a terra.

Cabe referenciar mais um caso, também relatado por Garcia (2005), para que se entenda algumas formas injustas de obtenção de terra no município. Um sesmeiro, tenente coronel, abriu um processo contra um homem que seria seu sócio na criação de gado, mas não queria deixar seus campos após o fim do contrato. O réu provou que a área ocupada por ele era fora da área concedida pela carta de sesmaria de 1814, e seria terra devoluta. Assim, denominando-se posseiro, acusou o tenente coronel de fraude. No início do processo, o réu pediu tempo ao juiz para conseguir um advogado de fora da cidade para defendê-lo, já que o único dali era patrono do sesmeiro, o que não foi atendido, e ele ficou sem advogado. Depois de três anos, o tenente coronel venceu a disputa de terra contra o posseiro, e o então juiz de direito da comarca que assinou a sentença foi o mesmo advogado e patrono do sesmeiro. Ao réu coube desocupar a terra e pagar os custos do processo. Na sentença, o juiz dizia que o réu reconhecia a posse do sesmeiro, e nada teria apresentado que o livrasse do despejo, embora as informações fossem inverídicas (GARCIA, 2005).

Alguns pequenos criadores de gado tentaram lutar na justiça por seus direitos, mas muitas vezes o poder dos oponentes sesmeiros vencia (GARCIA, 2005). Esses dois casos são ilustrativos das relações de poder então estabelecidas nessa sociedade.³⁶ Nessas condições, como confrontar com esses “senhores da terra e da guerra”³⁷? Um dado que pode dar uma ideia da magnitude da concentração fundiária em Alegrete era a existência de uma fazenda com 39.204 hectares, em 1834, conforme Garcia (2005). Os resultados dessa apropriação injusta e das relações de poder que garantiram a sua reprodução ao longo do tempo, têm reflexos na realidade agrária atual do município, no qual extensas

³⁶ Em Molas (1982), também encontramos referência a casos de conflitos agrários entre estancieiros e pequenos produtores na Argentina, onde o segundo grupo era vítima de injustiças como o incêndio de suas casas.

³⁷ Expressão utilizada por Piccin (2012).

fazendas contrastam com propriedades familiares com pouca terra. A dominação simbólica da agricultura patronal sobre a agricultura de caráter familiar vem sendo reproduzida há vários séculos no território do município. “O campo da produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 12).

3.1.3 Nem só de estancieiros e de peões se fez Alegrete

De acordo com Garcia (2005, p. 54), “a Campanha rio-grandense, portanto, além de ser uma região recortada de grandes propriedades, era também o espaço sobre o qual famílias muito pobres lutavam por sua sobrevivência”. Vale complementar a oportuna frase de Garcia: **e ainda lutam**.

Muitos escritores referiram-se à estrutura social da Campanha Gaúcha de uma forma simplificada. Entretanto, autores como Farinatti (2007, 2008) e Garcia (2005) mostram que a ideia de que após a formação das estâncias quem não era peão era estancieiro, é inverídica e está ultrapassada. Até hoje, algumas pessoas, que conhecem pouco a realidade rural do Alegrete, questionam a importância e até mesmo a existência da agricultura familiar do município. O espaço rural do município foi historicamente marcado por uma estrutura agrária muito desigual, onde a posse da terra é concentrada, como trabalhei no subitem anterior. A partir dos dados de inventários *post mortem* em Alegrete, Farinatti (2007) mostra indicadores sobre a concentração de riquezas no município, entre 1861 e 1870, os 10% mais ricos tinham 69,8% da riqueza, enquanto que os 50% mais pobres tinham 4,3%. Nesse cenário desigual, os estancieiros e os peões foram agentes sociais importantes na formação social do município. Entre os peões de estância, os índices de solteirice eram elevados. Entretanto, a realidade social foi e é bem mais complexa que essa dicotomia, portanto, é necessário apresentar as outras partes que a constituem.

Na realidade local no século XIX, conforme Garcia (2005), existia uma diversidade social que envolvia estancieiros, peões, pessoas livres pobres e escravos, sendo que os últimos dois grupos também eram expressivos. Existia uma camada da população que possuía bens e não era abastada. A partir de dados de inventários *post mortem*, a autora chama a atenção para a existência de um grupo

representativo que denominou “pequenos criadores”. Garcia e Farinatti mencionam que o inventário representava certo desembolso que muitas pessoas não tinham condições de pagar, assim nesses dados o grupo de pequenos criadores estaria sub-representado. Nessa sociedade, profundamente desigual, as famílias de “pequenos produtores” estavam em Alegrete desde a sua fundação. Essa população tinha dificuldade de se manter sem se submeter ao trabalho em outros estabelecimentos, ao menos sazonalmente, para garantir a sua renda (GARCIA, 2005).

Entre 1831 e 1870, Farinatti mostra que 57% dos inventariados criavam até 500 cabeças de gado. Parte significativa dessas famílias tinha traços camponeses. Eles criavam bovinos, cavalos e, por vezes, ovelhas, e faziam plantações. Eles produziam em suas terras, ou em terras de outros, concedidas pela lógica do favor. Esse grupo tinha uma racionalidade econômica específica. Eles partilhavam alguns aspectos culturais dos estancieiros, entretanto tinham valores, projetos e estratégias diferentes. Eles tinham uma parte minoritária do rebanho, mas socialmente eram muito representativos. Quem tinha até 500 reses poderia trabalhar com uma ou duas pessoas, mas precisava de auxílio para algumas atividades de manejo do gado, como marcação e castração. Assim, se poderia trabalhar com a mão de obra familiar, ou com um trabalhador, livre ou escravo (FARINATTI, 2007).

Desde o início do latifúndio, já existiam os produtores rurais sem-terra, como resultado do processo de apropriação desigual da terra na Campanha. Eles utilizavam a terra das estâncias, onde plantavam e podiam viver, em troca da lealdade e, por vezes, prestação de serviços aos donos da terra, em uma relação de reciprocidade vertical, como apontam Xavier (1969), Garcia (2005) e Farinatti (2007). Cerca da metade dos produtores inventariados em Alegrete na década de 1830 não tinha terra. Mesmo sobre terras que não eram suas, e devendo “obrigação” aos donos da terra, os agricultores desenvolviam uma unidade produtiva familiar, com certa autonomia, trabalhando juntamente com mulher e filhos. Esses “agregados” não tinham uma condição estável, pois poderiam ser expulsos das terras pelos donos ou sofrer ações judiciais para a expulsão, como ocorreu em muitos casos no período. Assim, os agregados deveriam responder às expectativas dos donos se quisessem permanecer ali. Eles auxiliavam-nos com a segurança na estância e, por vezes, cuidavam das divisas ainda sem cercas e auxiliavam nos serviços na época de maior demanda, embora isso não acontecesse em todos os casos, podendo

ainda servir politicamente e militarmente ao dono da terra (GARCIA, 2005; FARINATTI, 2007). A terra tinha um valor mercantil muito baixo até pouco mais da metade do século XIX em Alegrete, mas, segundo Garcia, não se sabe até que ponto os donos estariam dispostos a vendê-la. Alguns produtores também pagavam arrendamento pela terra, conforme Garcia (2005) mostra através de registros em testamentos.

Também existiam pequenas propriedades fora das estâncias, conforme Garcia (2005) e Farinatti (2007) relatam. Eram resultado da ocupação de terras devolutas e, posteriormente, da compra de ex-empregados que guardavam o dinheiro para iniciar um estabelecimento próprio familiar. Essa era uma tática muito utilizada no município, conforme Farinatti (2007), que mostra como o trabalho de peão e o campesinato estavam relacionados no espaço rural de Alegrete. Os peões de Alegrete do século XIX não eram pessoas errantes e sem vínculos familiares. Pelo contrário, eles faziam parte de famílias camponesas, que o autor chama de “pequenos produtores”, os quais tentavam sobreviver em uma realidade dura, onde com dificuldades conseguiam acessar recursos produtivos. Ao longo do século XIX, essas condições foram se agravando, sendo que na segunda metade do século se radicalizaram. Os peões, muitos filhos de camponeses do local, trabalhavam um período como peão, a fim de obter ingressos monetários para comprarem a sua propriedade e tornarem-se produtores familiares (FARINATTI, 2007). Essa estratégia continua sendo utilizada no município.

A criação de gado em campos não cercados envolvia diversas atividades, dentre as quais se pode citar a marcação, castração, curas, pastoreio regular e repontes. Os animais precisavam ser mantidos nos limites das propriedades, estando mais gordos e saudáveis quanto fosse possível. Encontramos pouca informação sobre o trabalho nas unidades produtivas familiares no município. Nas estâncias, utilizava-se a combinação de peões livres, peões escravos e contratados eventuais para realizar esses trabalhos, sob o comando do capataz. A maioria dos peões eventuais, que trabalhavam alguns dias ou meses, eram integrantes de unidades de produção familiares, geralmente filhos, que utilizavam essa estratégia para a reprodução social da família. O pagamento se dava em dinheiro e mercadorias, além de moradia e alimentação. Os trabalhadores temporários tinham a vantagem de receber mais em dinheiro e de desfrutar de maior autonomia do que os demais, embora essa forma de trabalho fosse instável (FARINATTI, 2007). Nessa

época, século XIX, os patrões vivam nas estâncias, embora não se tenha informações sobre a sua participação no trabalho. Na metade do século XIX, a maior parte dos peões de Alegrete era formada por jovens, solteiros, não-brancos e nascidos fora do município (FARINATTI, 2007). Entre os inventários dessa época, segundo Garcia (2005), encontravam-se os de peões, homens solteiros que só possuíam a roupa do corpo e apetrechos de montaria.

Na primeira metade do século XIX, o preço da terra era baixo no município. O período após a entrada em vigência da Lei da Terra (1850) foi marcado pelo fim da escravidão, cercamento da terra e conseqüente diminuição da necessidade de trabalho nas estâncias (GARCIA, 2005; FARINATTI, 2007). Também nessa época, os estancieiros passaram a impor maiores restrições ao acesso e permanência de moradores em suas terras. Os grupos sociais se articularam como podiam para garantir a sua reprodução social nessa conjuntura. Os produtores sem terra, que eram 50% nos inventários da década de 1830, passaram a ser 21% em 1870. Como não poderiam mais estabelecer-se em terras públicas após a Lei de Terras de 1850, e os donos passaram a contrapor a existência de agregados em suas terras, esses produtores sem terra, se quisessem continuar produzindo na pecuária local, teriam que comprar ou arrendar a terra. Entretanto, a compra de terras tornava-se difícil para pequenos produtores e peões, uma vez que os preços foram majorados em Alegrete. Cada hectare de terra que custava 739 réis em 1830, passou para 6488 réis em 1870 (GARCIA, 2005).

Além dessa dificuldade, não se encontram nos estudos de Garcia ou de Farinatti informações que garantam que os donos estivessem dispostos a vender ou arrendar a terra. Afinal, possuir terra e gado em grande quantidade era, e continua sendo, sinal de distinção na sociedade alegretense. A própria noção de agregados mudou, passando a referir-se, na segunda metade do século XX, à família que ocupava terra de outrem, podendo plantar e criar alguns animais, e que oferecia serviços regulares em troca, cuidando do campo e participando de atividades da pecuária (FARINATTI, 2007). Conforme Garcia (2005), cabia à grande parte da população da época buscar alternativas, como diminuir a quantidade de bovinos, muitos a ponto de não conseguirem mais se manter da produção pecuária. No contexto de encarecimento dos escravos, os estancieiros que produziam em grande escala puderam contar com o empobrecimento de outros produtores e a dificuldade de se manter dos produtores sem-terra para utilizar parte deles como mão de obra.

Em 1870, um terço dos inventariados possuía até 100 cabeças de gado e 70% até 500 cabeças. Ocorria, então, uma migração de grandes e médios produtores para esse grupo com menor quantidade de gado (GARCIA, 2005).

A partir dos dados disponibilizados em Farinatti (2007) sobre a população de Alegrete em 1859, pode-se calcular a razão de sexode 111 para a população livre, 113 para os escravos e 99 para os libertos, sendo esses grupos representados, respectivamente, por 74%, 24% e 2% da população total. Nesse ano, 52,7% da população era de homens, embora os dados gerais possam estar encobrindo algum processo de masculinização em alguns grupos de idade. Porém, no geral, a masculinização não é tão intensa como se poderia esperar a partir do histórico da região já trabalhado. O autor explica os dados da população livre a partir do peso da produção familiar no município, e a utiliza para quebrar a tese dos estancieiros/peões. Em 1872, ainda conforme Farinatti, a relação entre sexos continuava equilibrada, sendo que os homens eram 53,4% do total.

Em 1830 já era significativa a presença de escravos no território de Alegrete, sendo que em 1850, um quarto da população municipal era de escravos. A maior parte deles era constituída por escravos campeiros, ou seja, homens que trabalhavam no manejo do gado, mas também existiam escravos em outros serviços, inclusive pedreiros e ferreiros. As mulheres desenvolviam trabalhos no âmbito doméstico, faziam serviços da casa, atendiam às senhoras durante as gestações, cuidavam dos filhos delas e cultivavam produtos nas roças, sendo que no último caso os homens também participavam. As mulheres estancieiras coordenavam o processo de transformação de alimentos para o consumo na estância (GARCIA, 2005; FARINATTI, 2007). Não somente os estancieiros possuíam escravos, pois Farinatti (2007) mostra que um número representativo de produtores familiares do município também tinha um escravo no período. Os escravos fugiam, mas não em número que inviabilizasse a escravidão. Algumas vezes encaminhavam-se para a guerra, escapados ou enviados pelo dono (FARINATTI, 2007). O autor relata que, em alguns casos, os escravos podiam prestar serviços fora da propriedade ou criar algumas cabeças de gado. Com essas estratégias, ao longo de muito tempo de trabalho e com bastante dificuldade, alguns escravos conseguiam comprar sua liberdade. Essa seria uma forma de negociação desigual para manutenção da escravidão, ao lado da coação. Havia casos de libertação de escravos para cumprir a vontade dos donos falecidos. Havia também

relatos de escravos libertos que se tornavam pequenos produtores. O autor também nota que apareciam ainda registros de escravos campeiros com idade entre 09 e 14 anos.

O testamento de um estancieiro alegretense, de 1835, fazia várias menções ao destino de escravos após a sua morte. Uma delas, por exemplo, a uma escrava que cedeu para trabalhar para uma de suas filhas casadas, e que teria “parido duas vezes”, para utilizar os seus termos, e cujos filhos também entrariam no inventário. Outra criança escrava, uma menina de cinco anos, foi avaliada pelo valor igual ao de cinco dos cavalos do testamentário. Entre os libertos, por sua vez, estava um menino, para atender ao desejo da sua esposa falecida há cinco anos, e que ainda não tinha sido cumprido. Também deixava forra a “mulata Theodora”, que o teria servido bem, e o escravo Adão, ou pelo menos garante parte do valor necessário para sua liberdade. Os demais escravos foram distribuídos aos filhos (TESTAMENTO DE JOZE MOREÍRA LOPES, 1998). As pessoas escravas, homens, mulheres ou crianças, eram consideradas como parte dos bens, que eram repassados de geração a geração por herança, ou libertados, conforme a intenção do dono. No Rio Grande do Sul, o uso que o patrão fazia do escravo determinava que a sua forma de tratamento fosse mais brutal ou branda, conforme Freitas (1993), sendo que os escravos domésticos seriam mais bem tratados em relação aos demais.

3.2 Gauchismo como cultura e ideologia

O gaúcho original³⁸ surgiu a partir da relação com o gado chimarrão introduzido pelos brancos, como aponta Assunção (2007). Ele aparece como resultado do círculo composto pelo latifúndio, pastoreio, abundância de gado alçado e fronteira aberta (MEYER, 1957). Segundo Bettamio (1858, apud MEYER, 1957), seu aparecimento no território do RS se dá entre 1740 e 1760. O gaúcho original não era um tradicional camponês, nem um pastor com laços com a terra, tampouco

³⁸ Gaúcho dos tempos da prea do gado xucro e estágio de organização das estâncias, expressão utilizada por Assunção (2007). Também era chamado de gaúcho primitivo por Gonzaga (1980) e gaúcho antigo, por Braz (2002).

um marginal. Era um homem duro, desapegado ao lar, que trabalhava conforme as suas necessidades básicas (ASSUNÇÃO, 2007).³⁹ Conforme Braz (2002), ele surgiu da miscigenação entre índios, espanhóis, portugueses e negros. Encontramos em Assunção (2007, p. 241), a seguinte conceituação do termo gaúcho:

I) Calificó-se así en el siglo XVIII al hombre de Pueblo rural de las fértiles llanuras litorales del río de la Plata, vagabundo por los campos, faenero asalariado o clandestino, contrabandista de cueros, agregado a las primitivas estancias, hábil jinete de costumbres y vestuario particulares al que se calificaba, también, de changador o gauderio. Durante las guerras de la independencia fue sinónimo de tropas irregulares de la caballería patriota. II) Más tarde se aplicó y se aplica aún, en general, a todo el campesinado dedicado a los trabajos ganaderos en América Meridional, en Argentina, el Uruguay y el extremo sur del Brasil. III) Vale hoy tanto como hombre rural muy a caballo de la región platense; se aplica también al que es muy hábil en las faenas ganaderas y por ext. al que es generoso u hospitalario (neolog. gauchada=favor). IV) En Río Grand do Sur (Brasil), el natural o hijo de este Estado, "gaucho" (...).

Alguns autores referem-se ao gaúcho original como um vagabundo, que não respeitava a propriedade alheia. Entretanto, essas informações precisam ser questionadas. Eles trabalhavam, mas a lógica de trabalho era distinta da contemporânea, porque visavam à subsistência e não à acumulação. Então, trabalhavam conforme as suas necessidades básicas. Da mesma forma, a propriedade da terra e dos animais era algo estranho a eles, e como não poderia ser, diante da forma desigual como foi feita a sua apropriação. Assim, eles apenas viviam da sua forma, buscando satisfazer suas necessidades vitais. Se estivessem com fome, matavam um animal e comiam, não se importando com quem se dizia seu dono, conforme pode ser visto em Del Carril (1993). Para os estancieros, os gaúchos primários eram úteis, então eles “promoviam indiretamente a existência da “gauchería” como condição social.” (ASSUNÇÃO, 2007, p. 194, tradução nossa). Na realidade argentina, muitas vezes, era o próprio fazendeiro que contratava changadores, através do capataz, para matar ilegalmente certa quantidade de bovinos e entregá-los, sendo que ele comercializava os couros, pagando pouco para os changadores (ASSUNÇÃO, 2007). Assim, é necessário relativizar algumas informações sobre eles. E se pensarmos de outra forma, os estancieros

³⁹ Cabe ressaltar que esta descrição do gaúcho que vive sem família refere-se a apenas uma parte da população rural que viveu durante o período da prea do gado xucro.

trabalhavam? E porque não eram chamados de vagabundos pelos escritores? Seria essa, portanto, uma discriminação por classe social?

As difíceis condições de vida pelas quais os gaúchos passaram no Rio Grande do Sul são denunciadas por um padre jesuíta, que mostra como a questão poderia ter sido resolvida, se houvesse vontade política.

Ele não fica detido em nenhuma parte pela propriedade, pois que apenas em geral o pião possui um rancho baixo, coberto de palha, com paredes de paus verticais fincados no chão e tapados com barro. Aí no isolamento, e no meio do campo a mulher e os filhos vegetam como as plantas (...). Estes piões, esses gaúchos que vivem correndo pelas campanhas sem paradeiro fixo, quase sem família, se tornariam ótimos colonos, excelentes pais de famílias, laboriosos agricultores, se lhes dessem (sic) em propriedade um cato destas estâncias, destes campos onde numerosos existem quase vagabundos. Em uma estância isolada como são todas ordinariamente, sem vizinhos, quase sem comercio com o resto dos homens, cada família forma uma pequena colônia, cujo isolamento detém e impede os progressos da civilização, que não pode acrescentar-se à medida que a sociedade se fizer mais numerosa e que os laços que a unem se tornarem mais íntimos e multiplicados. Este resultado se obterá com a divisão de pequenos lotes das grandes estâncias. Neles mais convenientemente poderão subsistir com mais decência, mais morigerados e mais instruídos, maior proporção de famílias laboriosas” (GAY, 1862, p. 64 e p. 65 apud MEYER, 1957).

O gaúcho original era chamado de gaudério, termo com conotação negativa, relacionada à ideia de vagabundagem e roubo (ASSUNÇÃO, 2007). A organização das famílias, no contexto de organização inicial de estâncias, é comentada pelo autor, que trabalha a realidade argentina. Existiam pequenas e médias propriedades sobre terras ocupadas, onde o proprietário gaúcho vivia em um rancho miserável, com sua família, quando tinha, e algum agregado. Havia dois tipos de organização patriarcais na estância chimarrona ou primitiva, como chama: uma com fazendeiro, capataz, peões e/ou escravos, com mulheres e filhos; outra não estável, agrupada em torno de um chefe, com agregados, gaúchos e changadores (ASSUNÇÃO, 2007). Conforme Gonzaga (1980), os estancieiros buscaram a incorporação do gaúcho primitivo do RS no processo produtivo, como mão de obra especializada. Integrados na estância, eles teriam passado a incorporar valores disseminados pelos patrões, como a defesa da honra e do direito à propriedade.

Os pesquisadores atribuem uma série de características ao gaúcho. Em Assunção (2007), encontram-se traços como espírito libertário; habilidade de

ginete⁴⁰ e com as lidas de campo; caráter sofrido, bravo, calado e sarcástico; vida desordenada; desalinho ao se vestir; elasticidade e rigidez simultâneas, de regras morais e de conduta pessoal; participação, sem violência, na matança ilícita de bovinos; ausência do conceito de propriedade da terra e até do gado; paixão pelo jogo; posse amorosa abrupta, mediante o rapto da mulher, ainda que ela e os pais consentissem; altivez máscula e masculinidade. Reforçando o traço de masculinidade, Leal (1992) diz que o gaúcho é homem e precisa ser viril. Também são atribuídas outras características, como o caráter bélico (BRAZ, 2002); nobreza; amor à terra; cavalherismo; orgulho simples; forte hospitalidade; individualismo indomável e inflexível (ASSUNÇÃO, 2007). Ademais, Braz (2002) encontra em relatos de pesquisadores outras características como confiança; ética; coragem; simplicidade; respeitabilidade; impetuosidade; atração pela guerra à cavalo e pela briga; cuidado com a montaria; tradição na indumentária e forma de encilhar o cavalo.

Assim, esse agente social masculino foi sendo construído em uma realidade de concentração de terras, relações escravistas e conflitos armados, desde as disputas de fronteira com espanhóis, passando pela Guerra do Paraguai, Guerra dos Farrapos e conflitos internos do país nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, esse homem gaúcho não caía do céu adulto, nem vivia sozinho. Considerando esses aspectos, que alguns autores parecem ter esquecido, torna-se fundamental atentar para as mulheres e a infância nessa realidade.

3.2.1 O gaúcho, a mulher e a sociabilização

Pouco foi escrito sobre a família do gaúcho original, que costuma ser apresentado como um sujeito errante. Entretanto, no livro de Del Carril (1993), é reservado um item para tratar desse tema, "*La mujer, la familia e el rancho*". O texto inicia provocando a reflexão: "En cuanto tuvo caballo, el gaucho pensó en la mujer. Tuvo hijos y constituyó una familia" (DEL CARRIL, 1993, p. 77). Esse trecho importante, em referência à realidade argentina, compara duas situações, onde o

⁴⁰ Cavaleiro.

gaúcho tem acesso aos meios de produção e, posteriormente, passa paulatinamente a depender da venda de seu trabalho para outros para garantir a sua subsistência, aumentando os vínculos de dependência com as estâncias e perdendo a autonomia. Assim, explica o fato de que muitos gaúchos não tinham mulher e filhos através de uma questão estrutural, porque não havia base econômica para manter uma família. Esse é o argumento de um dos lados de uma discussão em relação à motivação da vida do gaúcho sem família. Essa seria uma determinação pelas condições sofridas de vida ou uma escolha pessoal pela liberdade? Trechos de uma magnífica obra literária da cultura gaúcha, o poema Martín Fierro⁴¹ (HERNÁNDEZ, 2010) pode contribuir na discussão. Nesses trechos, aparece a forma dúbia com que a mulher é tratada pelo gaúcho, com atração e repulsa, consta também uma referência à solteirice entre gaúchos.

“Si buscás vivir tranquilo
 dedicáte a solteriar-
 Mas si te querés casar,
 con esta advertencia sea,
 que es muy difícil guardar
 prenda que otros codisean.”
 (...)
 No tiene hijos, ni mujer,
 ni amigos ni protetores-
 pues todos son sus señores
 sin que ninguno lo ampare-
 Tiene la suerte del güey-
 ¿Y dónde irá el güey que no are?
 (...)
 ¡Quién es de una alma tan dura
 que no quiera a una mujer!
 Lo alivia en su padecer;
 si no sale calavera
 es la mejor compañera
 que el hombre puede tener.
 (...)
 Las mujeres desde entonces,
 conocí a todas en una-
 Ya no he de probar fortuna
 con carta tan conocida:
 mujer y perra parida,
 no se me acerca ninguna”.

Abordando o aspecto familiar, a obra de Del Carril (1993) também traz uma gravura do artista argentino Carlos Morel. Essa é uma das poucas obras que retrata

⁴¹ O poema foi publicado originalmente em duas versões, El gaúcho Martín Fierro, em 1872, e La vuelta de Martín Fierro, em 1879. Nele apresentam-se as condições de vida do gaúcho na Argentina, nessa época.

o gaúcho, homem de meia idade, representado em cena do cotidiano familiar, com a mulher, três filhos, um possível cunhado, o cavalo e o cachorro. A imagem é de uma família simples, cuja residência é um rancho coberto por palhas ao fundo (Figura 7). Também há, na mesma obra, outra imagem que representa o interior do rancho gaúcho, com um momento de lazer de gaúchos no século XIX, em uma casa que reúne pessoas de várias idades, onde se toca violão, toma-se chimarrão e come-se churrasco. O autor do livro afirma que moradia do gaúcho é rancho feito de barro, com teto de palhas, sem divisórias internas, proporcionando um único ambiente, onde conviveriam, de forma promíscua, homens, mulheres ou crianças, viajantes, cachorros e galinhas. Na verdade, trata-se de uma condição social que não lhes permitia construir casas sólidas, mas sim ranchos de um único cômodo. Nesse quadro, as mulheres estão juntas, perto do fogo, sendo que uma delas aparece cozinhando (Figura 8). Essas duas obras figurativas demonstram traços da organização familiar dos gaúchos.



Figura 7- “La familia del gaucho”, de Carlos Morel (1841)

Fonte: Del Carril (1993, p. 77).



Figura 8- “Interior de Rancho”, de Carlos Pellegrini (1841)

Fonte: Del Carril (1993, p. 79).

Da mesma forma que é difícil encontrar informações sobre as famílias gaúchas, também é difícil encontrar menções sobre o papel das mulheres nessa sociedade. Elas são socialmente invisibilizadas. Em Sarmiento (1999), encontra-se um raro relato referente às mulheres gaúchas na Argentina em 1845. Entre os gaúchos, as mulheres realizavam a maior parte do trabalho, sendo responsáveis por funções como o cuidado com a casa, preparação de alimentos, tosquia de ovelhas, ordenha de vacas, fabricação de queijos e de roupas para uso da família. Além disso, eram responsáveis pelo cuidado dos filhos pequenos⁴². Conforme o autor, como as mulheres se ocupavam com grande parte do trabalho, os homens tinham garantidos espaços diários de ócio nos bolichos (SARMIENTO, 1999).

De acordo com Head (1845, apud ASSUNÇÃO, 2007, p. 257), nessa época as crianças gaúchas seriam criadas nos ranchos com liberdade. Ele teria visto várias mães entregando facas afiadas para crianças pequenas brincarem. Desde que apendiam a caminhar, já brincariam com coisas relacionadas ao trabalho na vida adulta, preparando-se para as atividades de gaúchos. Brincavam com pássaros e cachorros. A partir de quatro anos já aprendiam a andar a cavalo e, aos poucos, ajudavam nas lidas com o gado. Desde cedo, tornavam-se bons ginetes. Enquanto iam crescendo, as brincadeiras envolviam maior risco e destreza: brincando

⁴² Provavelmente também se ocupavam dos cuidados com idosos e doentes.

aprendiam a lidar com o laço, com a boleadeira e, depois, a domar cavalos. Nesse mesmo sentido está a colocação de Braz (2002), de que o “ser gaúcho” se aprende desde criança, num longo processo formativo comandado pela família, no qual a criança aprende como se estivesse brincando, visando formar um gaúcho hábil nos trabalhos campeiros. Embora tenha se passado muito tempo, a forma de socialização dos gaúchos continuava sendo orientada nesse sentido até algumas décadas atrás, conforme os depoimentos orais dos entrevistados.

3.2.2 O gauchismo e a mudança do gaúcho

Em alguns momentos da sua história, o gaúcho teve como opção dois caminhos: morte ou transformação (ASSUNÇÃO, 2007). Ao que parece, muitos gaúchos optaram pelo segundo. A primeira mudança do gaúcho se deu com o aparecimento das charqueadas⁴³, a partir daí o changador passou a ser desnecessário. O produto de interesse passou, então, a ser charque e não mais o couro. O antigo changador precisou buscar novas alternativas profissionais, como empregado da estância, carreteiro ou jornaleiro. Ocorre uma mudança rumo à descaracterização do gaúcho original, dando início a um processo de câmbio sem perder as características essenciais. As qualidades e saberes de campeiro continuavam vivas nas estâncias, até se aperfeiçoavam (ASSUNÇÃO, 2007).

Já nos finais do século XIX, o gaúcho se transformou durante o câmbio cultural e tecnológico então em curso, o da modernização. Frente a condições como a introdução de novas raças de gado, o cercamento das propriedades com arames, o cultivo de grãos, a expansão da ovinocultura, a entrada do trem de ferro que substituiu a carreta, a chegada de imigrantes de origem europeia e o fim dos confrontos armados. O gaúcho, aos poucos, se “apaisana”. O tipo original some, integra-se à sociedade rural em franca mudanças sociais⁴⁴. Para Assunção (2007), o gaúcho continua vivendo em uma realidade marcada pelo gado e pelo cavalo,

⁴³ Charqueada era a parte de uma propriedade agropecuária destinada à produção do charque, carne salgada e seca ao sol.

⁴⁴ A modernização no contexto do espaço rural de Alegrete será tratada no próximo subitem.

guarda aspectos culturais do gaúcho original, mas precisa adequar-se às mudanças sociais.

Ele modificou-se, mas permaneceu a desconfiança com as coisas da cidade. Os coletivos de gaúchos se integraram como trabalhadores rurais, peões e capatazes, ou permaneceram trabalhadores temporários, domadores, carreteiros, tropeiros, agregados ou pequenos proprietários que se estabeleciam nos rincões e limites do latifúndio. Permanecia também a tendência à mobilidade espacial. Muitos desses “paisanos” mantinham viva sua identidade de gaúcho, em relação ao gosto pela aventura e liberdade, liberdade que para os trabalhadores passou a significar independência ou autonomia. Buscaram atividades relacionadas à lida do campo, junto ao gado, vinculadas ao “ser gaúcho”. Na cidade, alguns se marginalizaram, deixando no passado aquele gaúcho original. Argentinos, uruguaios e gaúchos do RS veem o gaúcho como um símbolo (ASSUNÇÃO, 2007).

De acordo com Gonzaga (1980), em meados do século XIX, o denominado “gaúcho original” já tinha desaparecido do pampa, quando a aristocracia rural recriou o gaúcho, transfigurando-o de gaúcho-pária para gaúcho-aristocrata. A exploração latifundiária passou a ser disfarçada pela celebração de virtudes que todos teriam. Essa figura repleta de virtudes civis e militares foi moldada até o século XX. O gaúcho no RS agora se tornou herói, homem da campanha, da pecuária, de qualquer grupo social (GONZAGA, 1980).

(...) E desta forma, o sem-terra glorificaria o nomadismo; o que não tem escolha, canonizaria a liberdade; o que não pode possuir mulher, elevaria o amor passageiro; o privado de domesticidade, louvaria a aventura; o que nada tem, fora o cavalo e a faca, atribuir-se-ia, como pertences, a coragem e o vigor; e por fim, o miserável afirmaria o amor-próprio (GONZAGA, 1980, p. 131).

Dessa forma, vai se fortalecendo, com o passar do tempo, a cultura gaúcha no Rio Grande do Sul. Abordo cultura, no sentido de Montesinos (2007), como um conjunto de costumes, princípios, hábitos, práticas, formas de pensar, expectativas, conhecimentos, etc, compartilhado por um grupo de indivíduos e que se passa de geração em geração. Conforme atenta Oliven (2010), a cultura gaúcha não é a única no Rio Grande do Sul. Entretanto, na Região da Campanha Gaúcha, realidade do município de Alegrete, a cultura gauchesca tem papel de destaque, motivo pelo qual é abordada neste estudo.

No gauchismo, não cabe somente o tradicionalismo, mas todas as manifestações, estruturadas ou não, que operam com um processo identitário relacionado ao Rio Grande do Sul e ao gaúcho (MACIEL, 2007). O tradicionalismo é uma parte do gauchismo, como o nativismo, movimento em que os adeptos não aceitam o tradicionalismo e buscam ser independentes em relação a ele. Há uma luta para estabelecer quem tem poder de falar sobre o gaúcho, e nesse campo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) tem muito poder. O tradicionalismo inicia suas atividades no RS no final do século XIX. Conforme Vargas (2011), em 1898, fundou-se o grêmio gaúcho em Porto Alegre. João Cezimbra Jaques, major, republicano e positivista, fundou-o com o objetivo de cultuar as tradições gaúchas. O símbolo máximo era Bento Gonçalves, general da Revolução Farroupilha, militar e latifundiário. Em 1948, o tradicionalismo se reorganizou em Porto Alegre, em um movimento liderado por Barbosa Lessa e Paixão Cortes, então estudantes na capital e oriundos do interior do Estado (BRUM, 2010). A ideia era formar um clube de apologia e culto às “tradições gaúchas”. Daí nasceram os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs)⁴⁵.

O tradicionalismo basicamente oferece uma cartilha de como cultuar corretamente o gaúcho e promover os seus valores na sociedade atual, na leitura das lideranças do MTG. Conforme Brum (2010), o tradicionalismo busca criar uma unidade, uma construção de identidade regional, para se diferenciar perante o Brasil. Criaram-se símbolos nesse sentido. Foram criados e apropriados elementos materiais e simbólicos para representar o tradicionalismo, entre eles o gaúcho e a prenda como homem e mulher, a pilcha como roupa, o pampa como lugar, o cavalo como animal, o chimarrão como bebida e o churrasco como comida. O MTG diz preservar valores do passado, como honra e família. Há um discurso do tradicionalismo como uma grande família que cultua o gaúcho (BRUM, 2010).

Após a chegada da modernização na campanha, os trabalhadores passaram a idolatrar o passado. Décadas depois, o MTG vai promover a encenação do passado, da vida na estância antes da modernização. O mito do gaúcho foi completado durante a crise da pecuária do Estado diante dos frigoríficos uruguaios,

⁴⁵ “O Centro de Tradições Gaúchas, ou simplesmente CTG, é um espaço de culto ao gaúcho. Espécie de clube social onde se realizam fandangos (bailes) e outras atividades tradicionalistas. O CTG, em sua estrutura, apropria-se e (re) significa a nomenclatura das antigas estâncias. Seu presidente é designado como patrão, o tesoureiro é o agregado das patacas, etc. Os homens que o frequentam recebem a designação de peões, as mulheres, de prendas” (BRUM, 2010, p. 65).

passando a representar o nome gentílico dos habitantes do RS. A ideologia do gaúcho servia, então, para reafirmar o poder dos pecuaristas. E assim a ideia de democracia social é propagada, escondendo injustiças do sistema latifundiário. A literatura culta e a popular auxiliam nessa disseminação (GONZAGA, 1980). Na realidade do RS, Pesavento (1984) remete ao período pós 1930, quando o êxodo rural acentuou-se, na realidade de diminuição de necessidade de mão de obra na pecuária, e final das revoluções. Aí surgiu a imagem do gaúcho a pé, proletário do pampa, que foi expulso para as cidades sem especialização. Esse gaúcho a pé, excluído do espaço rural, está bem descrito na trilogia do Gaúcho a Pé, de Cyro Martins⁴⁶.

Conforme Pesavento (1980), o Rio Grande do Sul teve um passado militarizado. Muitos historiadores definiam o gaúcho como um herói dos conflitos, como a Revolução Farroupilha. O heroísmo era para todos os gaúchos, como homens rurais, entretanto, os exemplos glorificados são da oligarquia rural, como o General Bento Gonçalves. Essa literatura é uma idealização da figura do gaúcho, seus atos e suas ideias. Outra idealização seria a igualdade na sociedade estancieira. Aspectos como tomar chimarrão na mesma cuia, vestir-se com roupas iguais e lutar junto nos conflitos foram, e continuam sendo, tomados como indicadores de igualdade, a “democracia dos pampas”. Assim, a historiografia oficial buscava, por vezes, criar uma imagem positiva da classe dirigente e representá-la para as demais pessoas do Estado. Nessa visão não haveria conflitos, nem diferenças, e quem domina o faria porque seria legitimamente superior. No entanto, na realidade, a suposta camaradagem não eliminou o distanciamento entre senhores e subordinados, sendo que a arbitrariedade e a violência se faziam presentes (PESAVENTO, 1980).

Golin (1983), em “A ideologia do gauchismo” também nos proporciona uma leitura crítica do tradicionalismo no RS. O autor mostra que o MTG criou um cenário de contemplação do passado, da vida na estância, tentando forjar uma sensação de pertencimento a uma comunidade, na qual haveria unidade. Dessa forma, forja-se a ideologia escondendo a opressão e direitos de algumas classes sociais. Uma das peças principais da dominação ideológica seria a unificação, sendo que o pago da oligarquia é colocado como pago de todos. Para o autor, o pago mistificado na

⁴⁶ Trilogia composta pelos livros “Sem Rumo” (1981), “Porteira Fechada”, (1979) e “Estrada Nova”, (1985).

verdade é muito injusto, onde gaúchos sem terra vivem em ranchos nos corredores, servindo como reserva de mão de obra barata. O tradicionalismo nasceu da elite e tem uma ideologia positivista, de melhorar conservando, de negar o conflito social, de desenvolvimento material sem renovação social. Ele afasta os itens relacionados ao folclore dos minifúndios e de origem africana, cultuando e buscando reviver a vida da casa grande dos estancieiros. Parte da literatura defende que o tradicionalismo não representa bem o peão, mas sim a visão que o patrão gostaria que ele tivesse (GOLIN, 1983).

Outrossim, o mito do gaúcho como herói é desconstruído por Freitas (1993), ao mostrar sob outra perspectiva, o gaúcho como integrante de um grupo social explorado. A ideia de que a natureza faz o trabalho no capitalismo pastoril é desconstruída por ele. Nas estâncias, os trabalhadores trabalhavam em tarefas pesadas e perigosas, que, por fim, geravam rendas para o estancieiro, donos das terras, das tropas e das boiadas. Não era um sistema de produção pecuarista que se realizava sem trabalho, ao contrário, era baseado na exploração do trabalho dos homens e mulheres empobrecidos e de escravos. O relato de Molas (1982), sobre a realidade de Buenos Aires em 1777, elucida que peões trabalhavam desde as quatro horas da manhã até uma hora depois do pôr do sol, que, retirando o tempo de almoço, resultaria em uma jornada diária de mais de 12 horas de trabalho. Essa ideologia da produção sem trabalho teria influenciado a ocorrência de uma anomia histórica dos trabalhadores das estâncias. Mesmo deslocando-se para a cidade, o gaúcho teria continuado alienado e, não tendo uma atuação social forte para mudar seu presente, se apegaria ao passado. A elite urbana teria se apropriado e promovido isto através do folclore, da literatura, da poesia, da música e outras expressões culturais e artísticas (FREITAS, 1993).

Conforme Golin (1983), nas Regiões de Fronteira e Fronteira Oeste do RS, o latifúndio exerce sua poderosa influência sobre a sociedade, bem como sobre o MTG. O tradicionalismo teria posição contrária às lutas de classe, “a ponto de sufocar, por meio de sua ideologia, qualquer foco de obtenção de consciência de classe” (GOLIN, 1983, p.88). Nesse sentido, encontramos um trecho de Golin (1983) sobre a pressão do MTG em Alegrete para modificar a estátua do Negrinho do Pastoreio⁴⁷ que está em local de destaque no Parque Rui Ramos.

⁴⁷ O Negrinho do Pastoreio é uma conhecida lenda afro-cristã do RS que remete à escravidão. Um menino escravo seria responsável pelo cuidado dos animais em uma estância. Certo dia, ao voltar



Figura 9 - Escultura “Negrinho Triunfante”, do escultor Vasco Prado

Fonte: Alves, [20--].

A estátua, obra de Vasco Prado, teria desagradado os tradicionalistas. Cabe atentar para o tamanho desproporcional do cavalo em relação ao cavaleiro, o tamanho reduzido da sua cabeça, a barriga côncava e o corpo nu e as mãos erguidas. A estátua pode representar uma crítica à ideologia do gauchismo. Ela desvela as contradições e mazelas da sociedade gaúcha, marca do artista, e talvez por isto tenha desagradado alguns grupos tradicionalistas.

Na verdade, essa perspectiva do gauchismo, como ideologia, tem elementos interessantes, mas não deixa espaço para a atuação do indivíduo e para a luta simbólica. Contudo, com será demonstrado no capítulo 05, os solteirões entrevistados têm diferentes perspectivas de entendimento sobre o tradicionalismo, inclusive criticando alguns pontos e, em função dessa avaliação, não os adotando na sua vida. Assim, a relação entre cada indivíduo e o gauchismo nesse contexto parece ser complexa, sendo que o indivíduo também legitima, critica e participa da reprodução e constante reconstrução do gauchismo.

para casa, foi castigado por seu dono por ter perdido uma carreira, depois por ter perdido seus cavalos. Dado por morto depois de tanto apanhar, o dono o teria colocado nu dentro de um formigueiro para ser devorado por formigas. Após algum tempo, entretanto, milagrosamente, o menino teria amanhecido sem nenhum ferimento, com a tropilha de cavalos, transformando-se em anjo, protegido de Nossa Senhora (LOPES NETO, 2002).

3.3 A modernização não chega sozinha

O principal estudo que relaciona a solteirice de homens rurais e a modernização⁴⁸ é o de Bourdieu (2004). O processo de urbanização na França, que aconteceu entre 1911 e 1954, desencadeou transformações dos valores daquela época. No âmbito familiar, diminuiu a autoridade dos pais, em muitos casos, que era baseada na ameaça de deserdar, frente à educação e às novas ideias. As mulheres, menos apegadas ao rural e à terra, e, portanto, mais abertas aos modelos culturais urbanos, mostraram-se mais aptas a escolher a vida urbana, desclassificando paulatinamente os homens rurais como possíveis parceiros a partir da modernização. Em muitas regiões rurais, as moças passaram a ser socializadas para a valorização do estudo e, assim, preparadas para o trabalho e a vida urbana. O mercado matrimonial rural, que era fechado em torno da sociedade camponesa, abriu-se. A “revolução simbólica” no mercado matrimonial condicionou a reprodução da mão de obra e, conseqüentemente, da propriedade camponesa (BOURDIEU, 2004).

A mudança para a cidade representaria para a mulher a possibilidade de emancipação. Elas foram motivadas pelas transformações familiares e sociais e passaram a se comportar como mulheres urbanas, em relação a vestimentas e técnicas corporais. A formação cultural também deixaria as moças mais atentas aos aspectos externos das pessoas, o que não ficava bem para os homens. Bourdieu entendia que, a partir do conhecimento parcial da cidade, a moça camponesa relacionasse à vida urbana signos que para ela representam a liberdade, como roupas e penteados. Assim, ela se fascinaria por esse mundo, vendo apenas os seus aspectos positivos, e reproduziria o que conhecesse da aparência da mulher urbana. A moça camponesa já não queria mais casar com um bom rapaz camponês. As moças seriam mais sensíveis aos atrativos urbanos, menos preocupadas com o futuro da propriedade, menos apegadas à vida camponesa, menos comprometidas com o trabalho, com maior nível de educação, desqualificariam as virtudes e os valores da sociedade campesina. O machismo e a autoridade da sogra na casa rural

⁴⁸ Entendo modernização como um processo amplo de câmbio em uma sociedade, que passa de tradicional à moderna. As mudanças se dão em âmbitos como o da tecnologia, da comunicação e o da cultura. Podemos relacioná-la com a abertura paulatina do universo rural, que até então mantinha um forte grau de autonomia, o qual intensifica o contato com as realidades urbana e global.

da época, também são pontuados como condições das quais as jovens não mais queriam submeter-se (BOURDIEU, 2004).

Na análise de Bourdieu (2004), o próprio grupo de camponeses parecia conspirar contra si, pois reclamava do êxodo rural e da solteirice, mas contribuía com eles, enviando as filhas moças para o casamento urbano, portanto se constituía como uma estratégia familiar. O sistema de ensino era percebido pelo autor como principal instrumento de dominação simbólica urbana, que conquista novo mercado para seus bens simbólicos. Os valores da escola acelerariam a renúncia dos valores da tradição. A escolarização reforçaria a solteirice. Os filhos de camponeses, ao longo dos anos, adquiriam a postura de estudantes, afastando-se da sociedade camponesa. Quem estudasse mais, teria maior tendência de emigrar, e os camponeses ofereceriam estudo principalmente às moças. Haveria dois possíveis caminhos para o problema: a desmoralização, que provoca a debandada, através das fugas individuais; ou a mobilização dos camponeses para a construção de uma alternativa coletiva (BOURDIEU, 2004).

O autor trabalha com a abertura objetiva e subjetiva do universo camponês a partir da modernização. Essa abertura do local, que era caracterizado pelo “particularismo cultural” e pelo “*localcentrismo*”, teria vindo acompanhada da quebra da resistência aos valores centrais e da sua autonomia. A unificação do mercado e dos bens econômicos e simbólicos prejudicou a manutenção dos valores camponeses. A dependência teria se tornado profunda (BOURDIEU, 2004).

A pequena agricultura passou a depender dos bens da indústria e dos empréstimos bancários para se modernizar; tendeu à especialização produtiva e maior integração mercantil. Essa subordinação à lógica do mercado, aliada à unificação do mercado dos bens simbólicos, contribuiu para processos, como o êxodo massivo. Essa unificação impactou a autonomia ética e a capacidade de resistência do camponês (BOURDIEU, 2004). As ideias de intercâmbios simbólicos e de *habitus* são utilizadas por Pierre Bourdieu para explicar a solteirice entre camponeses. Ele defende que não havia regras, obrigações expostas, mas existiam *habitus*, socialmente arraigados, que favoreciam a reprodução social da categoria camponesa. Esses *habitus* funcionavam como contrapeso em relação aos efeitos da unificação dos mercados dos bens simbólicos, dominada pelas realidades urbanas. Entretanto, a “fuga feminina seria o sinal da desvalorização dos valores camponeses,

e de comprometimento da reprodução social camponesa, através da unificação do mercado matrimonial”.

Na realidade brasileira, três estudos com marco teórico bourdieusiano também relacionam o aumento no número de solteirões no espaço rural com câmbios produzidos pelo processo de modernização (WOORTMANN, K. E WOORTMANN, E., 1990; MARIN, 2008; MELLO, 2006). Além desses, existem outros trabalhos que não falam especificadamente sobre a solteirice, mas relacionam a modernização agrícola com o afastamento das mulheres dos trabalhos produtivos da agropecuária e, como consequência, com a seletividade feminina do êxodo rural em contextos brasileiros, como os de Brumer (2004), Anjos e Caldas (2005), Panzuti (2006), Costa (2010), Costa, Froehlich e Carpes (2013), e Costa e Froehlich (2014). Em estudo anterior (COSTA, 2010) foi possível observar que a masculinização da população rural do RS aumentou sensivelmente na região da Depressão Central entre 1950 e 2007. Entende-se que a modernização provocou a diminuição drástica do grau de intensidade de utilização da terra e da mão de obra em algumas atividades agropecuárias. A situação condiz com a realidade da produção expressiva de arroz e soja na região. Nessa transformação, a mulher diminui seu papel produtivo na propriedade, passando a buscar, em muitos casos, trabalho nas cidades, o que explica a intensificação do êxodo feminino nesses locais⁴⁹.

A influência do processo de modernização rural sobre a solteirice de homens que aparece nesses estudos também acontece em Alegrete. Esse é um processo que perpassa relações familiares e de gênero, questões identitárias e referentes ao trabalho, entre outras. Na realidade alegretense não é diferente, o processo de modernização tem um papel importante para entender a solteirice, já que ele contribui com o êxodo rural, principalmente de mulheres, aumentando a masculinização rural.

3.3.1 O início da modernização em Alegrete

À medida que essas transformações ocorriam, a vida no campo perdia os antigos elementos que estabeleciam a agradável e característica vida rural. (...) Ao mesmo tempo, portanto, que a economia mercantil se desenvolvia, a fazenda tornava-se uma tapera que acentuava nos trabalhadores remanescentes o interesse pela vida urbana (XAVIER, 1969, p. 83).

⁴⁹ Para maiores informações, consultar Costa (2010) e Costa, Froehlich e Carpes (2013).

A partir de 1880, Garcia (2005) observa o aumento da importância das atividades comerciais para os grupos mais ricos de Alegrete. Essa é uma das táticas para garantia da reprodução da categoria. Como se pode observar em Farinatti (2007), o casamento também era utilizado para levar a influência das famílias estancieiras até os âmbitos do comércio e do exército. Farinatti (2007) mostra que na época em que termina suas análises, 1865, o município vivia fortes transformações no que tange ao impacto da transição para o fim da utilização da mão de obra escrava e o aumento do preço da terra, decorrente tanto das leis abolicionistas quanto da Lei de Terras, de 1850, que restringiu o acesso à terra aos negros libertos e aos homens livres e pobres. Nas últimas décadas do século XIX, mudanças sociais foram aceleradas com a chegada da ferrovia, o cercamento dos campos e introdução de novas raças bovinas. Essas condições marcaram os processos de transformação modernizante no universo social em torno da pecuária de corte, conforme o autor ocorrido após 1870⁵⁰. Na verdade, esses processos modernizantes acontecem até a primeira década do ano 2000, principalmente no âmbito das questões estruturais, como acesso a energia elétrica para grande parte da população, e acesso à escolarização.

O início da modernização nessa região também é observado por Xavier (1969), a partir do final do século XIX. Com a maior integração de mercados, as carretas utilizadas no transporte são substituídas pelo trem, as vias de comunicação são melhoradas, grandes propriedades sofrem fracionamentos através da herança, as propriedades são aramadas para demarcação de limites, o trabalho volta-se para a economia mercantil, a carne é valorizada no mercado, impondo a busca por novas raças de gado, as relações com as famílias de estancieiros tornam-se mais fracas, já que esses vão para a cidade, a estância torna-se fazenda. Ademais, diminui a necessidade de trabalho nessas propriedades. As trocas mercantis se fortaleceram, provocando mudanças econômicas, sociais e culturais nas cidades e nos campos (XAVIER, 1969).

Os centros urbanos cresceram e tornaram-se mais atrativos às populações rurais. Os fazendeiros, por sua vez, passaram a estabelecer residências na cidade, inicialmente para permanecer durante o inverno e, depois, vão prolongando a

⁵⁰ É relatado por Molas (1982) um processo de modernização semelhante a esse na pecuária argentina, que se inicia nesse mesmo período.

estadia. Os jovens animavam-se pelas condições e atrativos da vida urbana, que supostamente seria diversificada e moderna, e ali permaneciam o ano todo, com pretexto de continuidade aos estudos. Aos poucos, os outros integrantes da família juntavam-se para viver nos centros urbanos. O estancieiro tinha interesses comerciais e políticos que o levou para a cidade. Nesse cenário de mudanças econômicas, políticas e culturais as cidades cresceram, enquanto o meio rural sofria progressivo esvaziamento populacional (XAVIER, 1969).

Nesse movimento rumo às cidades, alguns hábitos de vida rural persistiram, a exemplo da vestimenta e alimentação. Mas a vida no meio urbano também apresentava dificuldades, os serviços públicos eram deficientes. As pessoas têm uma recordação nostálgica na vida no espaço rural. Os gaúchos que vivem no rural também não estavam satisfeitos, a atração que a cidade exerceu sobre os estancieiros, exerceu e exerce sobre eles. Nesse caso, soma-se a falta de assistência, a pobreza e o isolamento, conforme Xavier (1969). A cidade tornou-se um ideal, senão para os gaúchos, para muitos de seus filhos passou a representar um lugar com mais possibilidades. No século XIX, o charque e o trigo marcaram a mercantilização da economia no Estado. Com relação ao trigo, os problemas de mercado e sanitários, em pouco tempo, desestimularam a produção. Já o charque trouxe ou aumentou a riqueza de alguns e introduziu em grande número os escravos no Estado. A partir da década de 1860 as charqueadas do Rio Grande do Sul entram em crise. A proibição do tráfico negreiro em 1850 provocou uma crise de mão de obra escrava, “crise de braços” nas palavras de Pesavento (1984). Enquanto isto, a produção de charque no Uruguai se rearticula. Em 1884, o Rio Grande do Sul extinguiu a escravidão mediante a cláusula de prestação de serviços. A utilização de mão de obra contratada dissemina-se. Em 1889 proclama-se a República no Brasil (PESAVENTO, 1984).

Na metade norte do Estado o governo apóia um processo de povoamento e colonização com colonos de origem europeia, muitas vezes desalojando os caboclos que viviam nas áreas. Conforme Pesavento (1984), a partir de 1824 aconteceu a imigração com colonos alemães e, a partir de 1875, a imigração italiana na Província de São Pedro do RS, atual Estado do RS. Mas, desde 1752, imigrantes açorianos chegaram a terras da Província. Assim, a agricultura familiar é promovida na metade norte do estado, enquanto a estrutura fundiária da campanha permanece intocada. A crise na produção de charque no Rio Grande do Sul provocada pelas dificuldades de

inserção do produto no mercado, exploração dos estancieiros pelos charqueadores e a elevação dos níveis tecnológicos da produção no Uruguai provocaram a organização dos estancieiros do Estado. Em 1912 foi fundada a União dos Criadores, uma instituição que trabalhava em prol da difusão de novas técnicas para renovar a pecuária e a criação de um frigorífico com capitais locais. O poder público Estadual apoiava essa renovação, uma vez que o projeto dos estancieiros facilitava a entrada de capital internacional para difundir tecnologia na pecuária. Então, a pecuária teve um novo fôlego, passando por mudanças tecnológicas, com mudanças no padrão genético e nos métodos de criação do gado de corte (PESAVENTO, 1984).

A remuneração do trabalho na agricultura e pecuária era baixa. A necessidade de trabalho dos peões das fazendas diminuiu a partir do completo cercamento dos campos e a introdução de algumas tecnologias no processo de criação do gado. O êxodo rural, que já acontecia desde a década de 1930, acentuou-se. Os trabalhadores rurais buscavam emprego na cidade, onde a sua grande habilidade com o manejo dos animais não lhe serviam, mas eles não tinham especialização para outras ocupações laborais. O desenvolvimento industrial no Estado abriu frentes de trabalho nas fábricas, para onde seguiam os trabalhadores rurais. Não obstante, não existiam espaços de trabalho para todos, o que resulta na formação de um exército de reserva que se aglomerou nas periferias das cidades e que sobrevivia em nível de subemprego (PESAVENTO, 1984).

A primeira metade do século XX foi marcada por crises na pecuária, conforme Pesavento (1984). Nesse cenário, as charqueadas foram substituídas por cooperativas que modernizaram os processos de industrialização da carne. Já no final da década de 1940 a pecuária permanecia em crise, uma vez que os frigoríficos internacionais conseguiram rebaixar o preço da carne. Muitos estancieiros e charqueadores faliram e suas propriedades foram tomadas pelos bancos e arrematadas por outros grandes fazendeiros, o que resultou no aprofundamento da concentração da estrutura fundiária. O preço da terra se elevava, enquanto que o do gado não, levando os produtores a apostarem no aumento da produtividade, através da renovação dos métodos criatórios. Passaram então a apostar nos investimentos em pastagem artificial, vacinas, banheiros, carrapaticidas e reprodutores de alta qualidade, mas essas mudanças demandavam capital, o que estava escasso, ou pelo menos parecia estar (PESAVENTO, 1984).

A partir de 1950, a mecanização em algumas atividades, como na rizicultura, o cercamento completo dos campos e o final das revoluções expulsaram trabalhadores de dentro da grande propriedade para a cidade. Os novos urbanos faziam parte um proletariado, cujo aumento numérico causava tensão social e pressões por terra, trabalho e condições de vida digna. Com isso, surgiu uma preocupação política sobre o êxodo rural no Estado, colocado com um dos maiores problemas no período (PESAVENTO, 1984).

O Governo de Juscelino Kubistscheck (1955-1960) promoveu uma política de industrialização do país, abrindo a economia do país ao capital estrangeiro. Nesse período também é iniciada no país a denominada modernização conservadora da agricultura. Com esse processo foi colaborado com o êxodo rural através do apoio à mecanização de atividades agrícolas, com promoção por crédito rural, extensão rural e assistência técnica, diminuindo a necessidade de mão de obra na agropecuária. O êxodo das famílias rurais segue elevado até a década de 1980, quando a população que restou no campo inicia um êxodo rural seletivo de mulheres e jovens. No RS, os desequilíbrios da população rural são mais fortes na realidade da Campanha, como a masculinização rural (COSTA, 2010; COSTA, FROEHLICH, CARPES, 2013).

Em 1914 ocorre uma expansão das lavouras de arroz, da região de Cachoeira do Sul para outras no Estado (PESAVENTO, 1984), que posteriormente chegaram até Alegrete. Assim, os chamados granjeiros, muitos de descendência italiana e alemã, paulatinamente, adentram territórios antes ocupados pela pecuária para desenvolver a agricultura no município de Alegrete, em propriedades extensas, chamadas granjas. Inicialmente, esses granjeiros passaram a produzir trigo, arroz⁵¹, milho e, depois de algumas décadas, a soja vem ganhando espaços produtivos crescentes. Algumas fazendas passaram a utilizar a integração lavoura-pecuária, com cultivo de pastagens de inverno. O cultivo de eucalipto, estimulado principalmente por grandes empresas de capital internacional, também se alastra por milhares de hectares no município, nas últimas décadas. Nessas atividades, a utilização de maquinários e insumos de origem industrial passou a ser massiva com o passar do tempo. Em parte das fazendas e em grande parte da pecuária familiar

⁵¹ Conforme Afonso, há cerca de trinta anos, os gringos, como os chama, começaram a produzir arroz na localidade Conceição. Nessa região, as granjas arrozeiras ocupam parte considerável da paisagem atualmente.

mantêm-se um modo de produção extensivo, com baixa utilização de insumos externos.

3.3.2 Antigamente tudo era mais difícil

Parte das mudanças que ocorreram durante o processo de modernização estão vivas na memória dos agentes sociais entrevistados nesta pesquisa. Falar dos “tempos de antigamente” é um assunto que os deixa à vontade. A referência a esse passado recente, de algumas décadas atrás, muitas vezes tem uma conotação negativa, lembrado como tempo de sofrimento, uma vez que tudo é rememorado como mais difícil. Entretanto, nos mesmos relatos encontramos aspectos positivos, que demonstram saudade do modo de vida antigo.

Encontramos na obra de Braz (2002), descrições de outros pesquisadores sobre as casas dos gaúchos simples, nas primeiras décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Os relatos condizem com a descrição das casas dos entrevistados de Alegrete, que teriam abrigado parte deles, seus pais, avós e vizinhos até algumas décadas atrás. Seriam casas simples construídas de barro e capim, com chão batido. Alguns entrevistados descrevem o processo artesanal da construção das moradias, que aprenderam a fazer-fazendo, com uso dos recursos naturais disponíveis, como o capim caninha, que existe em profusão nos campos dos pampas.⁵²

Na avaliação dos entrevistados, esse tipo de casa oferecia um bom conforto térmico, sendo fresca no verão e quente no inverno. O teto de capim, quando bem feito, não deixaria passar água e o barulho da chuva seria suave. A construção de uma casa, dessa forma, não representava custos elevados, sendo feita com mão de obra local, utilizando o saber fazer transmitidos entre as gerações e os materiais

⁵² Com muita propriedade, três agentes sociais entrevistados relatam o processo de construção, passo a passo: “Faz a parede de taquara, enche de carqueja, depois passa barro e fica bonito. Enche de capim a parede, mas põe uns paus assim de comprido, agarra ali e põe taquara. Esta taquara ali, por isto é que estas moradas velhas têm taquaras. Aí prega ali, e enche ali, vamos dizer desta carqueja que tem no campo ou alecrim. Depois faz um barro e passa ali. (...) Eu ainda sei fazer. Estes dias eu falei: eu sei, eu me criei lidando com casa de capim. Se fazer uma chinha do capim não chove. Não chove mesmo e é bom porque não faz nenhum barulho a chuva, tu não ouve nenhum barulhinho” (Luis, 56 anos).

disponíveis. Um ponto negativo seria a necessidade constante de reparos, sendo que em poucos anos, a casa precisava ser refeita.

Já há algumas décadas, conforme os relatos orais, não se utiliza mais esse tipo de moradia. Nesse tipo de construção materiais que existem no lugar, como capim caninha, barro, taquara, carqueja e alecrim são as matérias-primas. Até hoje os moradores rurais costumam construir suas casas, com auxílio de familiares ou de vizinhos. São construções simples, com uma arquitetura particular, pois costumam ser de alvenaria, baixas, com teto plano, poucos cômodos e sem áreas externas cobertas. A mobília prima pela simplicidade, funcionalidade e atendimento das necessidades da família, sendo alguns móveis fabricados pelos moradores, como cadeiras e bancos. Para abrigar do sol e proporcionar um ambiente agradável para o mate, costuma-se plantar, nas cercanias da casa, árvores, que proporcionam sombra fresca e abundante.

O deslocamento era difícil em algumas localidades, sendo que o cavalo era o meio de transporte mais utilizado. Na verdade, até hoje somente dois dos seis solteirões têm automóveis. Mas o cavalo, como meio de transporte, somente agora vem perdendo importância, uma vez que o acesso ao ônibus facilita o deslocamento. Em algumas localidades, o ônibus passa em apenas alguns dias da semana. A carona também é muito utilizada nas estradas do espaço rural do município⁵³. Com as maiores facilidades do transporte público, os cavalos agora são mais utilizados mais na lida de campo, pois para se deslocar em pequenas distâncias não valeria a pena o esforço de encilhar. Conforme Luis, até que preparasse o animal e abrisse todas as porteiras para chegar até a estrada e ir ao bolicho, por exemplo, demoraria mais tempo do que se fosse caminhado a pé, cruzando entre os arames das cercas.

Alguns dos solteirões, com mais idade, lembram-se do tempo do asfaltamento de algumas vias que atravessam o município. Durante o asfaltamento da BR 290, há algumas décadas atrás, Reginaldo levava alimentos que a família produzia de carroça para vender aos trabalhadores. Ainda hoje o deslocamento em alguns trechos de estradas rurais do município é difícil, principalmente em relação a acessos secundários a propriedades de agricultores familiares. Como o município é

⁵³ Como o transporte coletivo é raro em algumas localidades de Alegrete, e carro próprio não está ao alcance de todos, a carona é bastante comum. As pessoas que precisam se informam com os vizinhos que têm carro quando estes irão à cidade. Outros vão esperar na beira da estrada. Na estrada de Mariano Pinto, por exemplo, essa cena é comum, uma estrada onde o ônibus passa somente três dias por semana.

bastante grande, após chuvas muito intensas, mesmo as estradas principais que costumam ser bem conservadas, ficam comprometidas por um período, situação que ocorreu na época da realização das entrevistas a campo, dezembro de 2012. O acesso para Rincão do 28 pelo acesso de Vasco Alves, por exemplo, estava interrompido para carros pequenos.

A energia elétrica nas casas também é um conforto recente para muitos deles. Um grande número de agricultores familiares do município teve acesso à energia elétrica a menos de uma década, através do Programa Luz para Todos, do Governo Federal, que faz a instalação de forma gratuita. Essa é uma conquista muito prestigiada pelos entrevistados. “Bastante gente pobre igual a eu não tinha condição de botar a luz” diz Reginaldo, que tem energia elétrica em casa há apenas seis anos. Anteriormente, utilizava-se iluminação com lampião de querosene. Em alguns casos existiam geladeiras a gás, mas elas representam um custo elevado para manutenção, então a conservação da carne costumava ser feita através de charque. A adaptação às novas tecnologias na realidade deles é comentada por Reginaldo. “É, nós ainda temos aí (um lampião) porque às vezes falta luz, mas é diferente quando falta luz, parece assim que não clareia, coisa séria, o que é o costume né”⁵⁴.

Depois da chegada da energia elétrica, os moradores investiram na compra de alguns eletrodomésticos, embora costumem comprar apenas o que julgam necessário. Para Luis, a televisão é uma companhia nos domingos à tarde, ou à noite, sendo que gosta muito de assistir programas de notícias. Já o telefone celular é bastante utilizado por Alberto, que costuma se comunicar por mensagem de celular frequentemente.

Entre os solteirões, Reginaldo é o único que não tem televisão, nem geladeira, a energia elétrica mudou pouco sua forma de viver. Ele gosta de ouvir rádio para se informar através de estações de rádio locais⁵⁵. As mudanças trazidas pela energia elétrica, nesse caso, foram em relação à iluminação e ao acesso à

⁵⁴ A falta de luz parece ser frequente nessa realidade. Durante o período de entrevistas, um temporal danificou a rede de distribuição de energia elétrica no espaço rural do município, em alguns casos os moradores ficaram uma semana sem energia. Nesse contexto, alguns recorreram a práticas antigas, como o charque, para não perder os alimentos que estavam guardados.

⁵⁵ No dia posterior à tragédia da Boate Kiss, em Santa Maria, em janeiro de 2013, ele ficou sabendo do ocorrido pelo rádio, e, não tendo telefone, foi até um ponto de comércio de produtos de agricultores familiares próximo de sua casa e pediu para o atendente fazer uma ligação para mim, para saber se eu estava bem.

água encanada, através de uma bomba. O entrevistado relembra como sofria ao final do dia, quando chegava em casa cansado do trabalho, e precisava ir buscar água a cerca de 500 metros em barris, com cavalo. Os acessos à luz e água encanada foram grandes avanços para ele. A carne ele compra em pequenos pedaços de vizinhos, ou faz charque para guardar. A roupa é lavada na sanga, isto é, no pequeno córrego que corre nas proximidades da casa. Ele comenta que sua sobrinha que mora próximo se ofereceu para fazer esse serviço por ele, mas essa é uma forma utilizada para passar seu tempo, já que agora está aposentado, com 69 anos, e não presta mais serviços fora da propriedade. O vizinho Otávio comenta que Reginaldo tem condições de comprar eletrodomésticos, mas é muito econômico, prefere guardar dinheiro na poupança. Realmente ele conta que tem uma reserva de dinheiro guardada no banco, entretanto optou por continuar vivendo dessa forma simples porque não sente a necessidade de ter mais coisas. As dificuldades financeiras que passou em alguns períodos de sua vida o levam a reservar o dinheiro para algum possível problema de saúde. Para ele, a vida está bem e entende que não precisa de mais coisas.

No âmbito da educação, houve muitas transformações nas últimas décadas. Os solteirões têm baixa escolaridade; somente um deles chegou a cursar o ensino médio completo. Como explicação da baixa escolaridade, eles narram as dificuldades que passavam para frequentar a escola. A noção de educação, para eles, era estreitamente relacionada às séries iniciais, ofertadas localmente. De forma geral, existiam pequenas escolas municipais de ensino fundamental, por vezes até a quinta série, espalhadas pelas localidades. A escolaridade dos moradores da localidade costuma ir até o nível de ensino oferecido localmente quando eram estudantes.

Os professores e professoras, em muitos casos, vinham de fora e moravam em alguma casa cedida por uma família da localidade ou mesmo na escola. Em outras situações eram pessoas da própria localidade, geralmente mulheres, que lecionavam. A infraestrutura da escola era precária, funcionado com turmas multisseriadas⁵⁶, que atendiam até cinquenta estudantes por uma única professora, no mesmo turno e na mesma sala. Dona Elza, agricultora familiar, faz um relato curioso sobre a escola que frequentou, e que era improvisada na sala da casa de

⁵⁶ Cada turma costumava ser composta por estudantes que cursavam diferentes séries iniciais e por um professor ou por uma professora.

sua família durante a semana. E, nos finais de semana, as moças da casa retiravam todas as carteiras, para arrumar o lugar de recepção dos namorados.

O ensino costumava ter por base a disciplina. Vários relatos orais fazem referências aos castigos físicos e às admoestações aplicados pelas professoras. Embora reconhecessem vários problemas, Carlos e sua mãe relacionam o ensino daquela época com o atual, recebido por crianças conhecidas, e dizem que na forma de ensino antiga havia um maior nível de cobrança em relação aos conteúdos ensinados. Luis, por sua vez, exalta a forma de ensino da sua professora, pelas lições de vida que transmitia aos estudantes.

Às vezes eu digo não é desfazer de vocês porque eu me dou bem (em relação às professoras locais), agora mestre era a minha, daquelas não existe hoje. E na sala dela era um silêncio, ela ensinava desde a gente sentar na mesa, como agarrar o talher, a posição na mesa, isto tudo ela ensinava também. E tinha autoridade, se a gente errava com ela, no tempo em que puxava a orelha. E ela batia, ela tinha uma régua, quando era demais, tinha que bater (Luis).

Dava só de reguada e puxão de orelha (risos). Só que aprendia. Eu sei fazer conta de dividir com zero e vírgula, tu sabes? A prova dos nove tu sabes? (Carlos).

No caso de Reginaldo, que vinha de uma família humilde, cujo pai havia falecido ainda quando ele e seus irmãos e irmãs eram pequenos, a continuidade dos estudos fora da localidade foi impossível. Ele relata que o professor, inclusive, queria que ele fosse estudar em Santa Cruz do Sul, onde estavam suas filhas, para lhes fazer companhia, mas não teve condições financeiras. Quando as filhas de seu professor vinham visitar os pais, ele as levava de carroça até a parada de ônibus. No seu caso, a forma de prolongar os estudos, pelo menos por um ano, foi pedir para o professor para repetir a quinta série, mesmo sendo aprovado no ano anterior, conforme relato: “Eu era muito cotado com o professor, mas eu não tinha condições de estudar né, não podia” (Reginaldo).

A baixa escolaridade dos entrevistados também estava relacionada à estratégia das famílias, que demandavam cedo o trabalho das crianças e jovens, seja em sua propriedade, seja para prestar serviços para outros. O primeiro trabalho de Reginaldo, por exemplo, foi aos oito anos de idade, no cultivo de linho, durante as férias da escola, para ajudar economicamente a sua família.

Na localidade em que mora o solteirão Júlio não havia escola até quando ele tinha quinze anos, antes disto, pagava para receber algumas aulas de um senhor em outra localidade. Sua irmã Julieta conta que os alunos precisavam usar um avental branco com um tope azul para frequentar a escola. O tamanco de couro e com sola de madeira era o calçado que usavam para ir à escola, pois só os mais ricos tinham calçado fechado naquela época, há cerca de 55 anos atrás. Em tom jocoso, ainda hoje lembram-se de que o barro dos tamancos, levantado ao caminhar, respingava no avental, deixando-o manchado na parte traseira. Dessa forma, precisavam lavar os aventais quase todos os dias, a fim de poderem entrar na escola na manhã seguinte.

A forma de transporte até a escola era a pé, ou quando longe, a cavalo. Como havia poucos recursos na escola, os estudantes precisavam colaborar em atividades de limpeza da sala de aula e arredores. As melhorias que ocorreram no sistema escolar nas últimas décadas são destacadas por muitos dos entrevistados:

(...) eu saía a pé aqui. Naqueles tempos que usava alpargata, aquilo desmanchava se molhar, no inverno de pezinho no chão igual capivara. Tinha que levar na mão, lá quase chegando tinha uns açudes, lavava os pés, secava e colocava as alpargatas para ir pro colégio. E às vezes levantava meio queimado, o velho não dava moleza, não podia falhar, saía, nós ia lavar a cara ali na sanga, sem café, sem nada, ia lá voltava ao meio dia, chegava uma hora, e aí ia almoçar e tomar café. (...) No tempo que depois tinha merenda, mas daí lá não tinha lenha. Então, cada um levava cinco, seis rachas de lenha na mochila pra fazer o fogo pra nós fazer nossa merenda, nós que fazia. Vinha da Prefeitura ou do Governo não sei o leite em pó, mas daí nós levava o açúcar. Levava uma caneca, uma colher e uma latinha com açúcar. Nós que fazia nossa merenda. Então hoje tem poço artesiano e água encanada, e não tinha água. Tem uma cacimba logo abaixo ali. Nós ia buscar água de balde, umas latas dessas de 20 litros. Pegava um pau, colocava assim com um guri, ele numa ponta e eu na outra e levava o balde de água. Prá lavar a sala de aula sábado que era dia de lavar, os guri carregavam água lá da cacimba naqueles baldes e as gurias lavavam a sala de aula. Era sacrifício naquele tempo, hoje não, hoje eles tem tudo (Luis, 56 anos).

Com relação à saúde, também existem relatos de situações de “antigamente”, quando uma pessoa picada de cobra precisava ser transportada de carroça até o hospital da cidade. Atualmente, o deslocamento pode ser feito de carro próprio ou de vizinhos, entretanto o doente ainda precisa ir até a cidade para ser atendido, pois mesmo sendo o município de maior área territorial do Rio Grande do Sul, encontrei somente um posto de saúde no espaço rural, na localidade Conceição. Dessa forma, entendo que a modernização trouxe muitas transformações, mas em alguns

aspectos, a infraestrutura do espaço rural alegretense ainda continua muito semelhante àquela do “tempo de antigamente”.

Nessa sociedade rural, os “senhores da terra e da guerra” garantiram o favorecimento da reprodução social do seu grupo ao longo dos últimos séculos, a partir do desfavorecimento da reprodução social das famílias camponesas, da população de origem indígena e negra. Nas últimas décadas, uma das formas de garantir essa dominação é a disseminação de valores do primeiro grupo através do culto ao tradicionalismo gaúcho.

As diferentes classes e frações de classe estão envolvidas em uma luta propriamente simbólica para imporem a definição de mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posição ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 1989, p. 11).

As relações de disputa de poder e dominação entre agricultura patronal e agricultura familiar não são as únicas que estão estabelecidas nessa realidade atualmente. Também existem disputas de poder entre homens e mulheres, entre gerações e entre etnias. No próximo capítulo desenvolverei a discussão sobre as relações de gênero e entre gerações no âmbito da agricultura familiar.

4 SOLTEIRICE, FAMÍLIA E RELAÇÕES DE GÊNERO

A família é uma instituição importante na vida dos solteirões. É no âmbito familiar que ocorre grande parte dos processos de sociabilização e preparação para a vida adulta de gaúchos. Esse também é um espaço privilegiado para transmissão intergeracional dos papéis sociais e das imagens atribuídos aos homens e às mulheres. Neste capítulo, trabalho a solteirice no contexto local das relações familiares e de gênero. Primeiramente, abordo questões que se referem às relações familiares, conflitos e estratégias nesse âmbito. Na sequência, trato do processo de construção das questões de gênero na família e como são vivenciadas pelos solteirões. Por último, trato de mudanças que vem acontecendo nas últimas décadas em Alegrete em relação ao empoderamento das mulheres rurais e à questão do divórcio. Antes de iniciar propriamente a discussão sobre essas temáticas, cabe esclarecer o sentido atribuído aos termos família e gênero neste trabalho. A partir dos depoimentos dos entrevistados, pode-se perceber que eles entendem que a família não é formada somente por aquelas pessoas com as quais residem, no sentido de um grupo doméstico formado por pessoas que tem entre si relações de filiação e de casamento (ALMEIDA, 1986). Os entrevistados tratam de família no sentido mais amplo, sendo composta por todos os parentes, e pessoas sem laços sanguíneos e de casamento, mas com as quais tem uma forte relação, como os padrinhos e madrinhas.

Gênero, na perspectiva trabalhada por Saffioti (2004, p. 110): “[...] diz respeito a representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando essas inter-relacionadas”. Nesse sentido, gênero é uma categoria analítica e histórica, relacionada a imagens que a sociedade constrói do feminino e do masculino (SAFFIOTI, 2004). Já as relações de gênero são “[...] relações entre o masculino e o feminino, entre homens e mulheres” (SAFFIOTI, 2004, p. 117). O gênero não é isolado, está relacionado com classe e etnia. Conforme Saffioti (2004), existe uma estrutura de poder que unifica as três ordens.

4.1 Coisas de família

O sobrenome é uma forma de distinção social. Pertencer à determinada família pode abrir ou fechar portas na sociedade local alegretense. A família é percebida como uma base, lugar de proteção, afetividade e ajuda mútua. Entretanto, ela também é cenário de conflitos, de disputas por poder. Na abordagem dos conflitos familiares, destaco as disputas entre os sexos e entre as gerações, com uma tendência de dominação simbólica masculina, e dos pais sobre os filhos e filhas. Trato também as estratégias que as famílias lançam mão para garantir a reprodução socioeconômica do grupo.

4.1.1 De que gente tu és? O poder do sobrenome

O sobrenome foi, e em certa medida continua sendo, um sinal de distinção social no espaço rural alegretense. Na obra “Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)”, Farinatti (2007) mostra como as relações familiares constituídas na elite agrária do município também configuravam relações de poder. As pessoas que faziam parte da elite agrária alegretense nesse período agiam dentro de um marco estratégico familiar. Nas condições do século XIX, era importante para a elite articular poderes no âmbito da pecuária, do comércio e das guerras. Esses eram três campos importantes onde cada família deveria ser influente. As alianças familiares eram chaves para alcançar e manter posições de destaque na elite.

Através das alianças matrimoniais a família poderia garantir a presença nos diferentes campos. Os pais não podiam obrigar filhos e filhas a casar-se com determinadas pessoas, mas utilizavam a autoridade paterna e incentivos materiais para garantir casamentos que fossem de interesse da família. Assim, utilizavam estratégias como antecipação de herança, permissão para que os filhos utilizassem os campos dos pais, assistências em dinheiro para os filhos estudantes e empréstimos dentro da família para potencializar determinados casamentos. Nesse

sentido, Farinatti (2007) classifica as relações entre pais e filhos e filhas como relações verticais e desiguais.

A elite agrária alegretense estava bastante relacionada com os poderes militares e as guerras de fronteira nesse período do século XIX estudado por Farinatti. Dessa forma, era importante que algumas das filhas dos estancieiros se casassem com militares. Da mesma forma, era importante que algum filho ou filha se casasse com alguém de uma família importante no ramo do comércio. Também era importante ter na família pessoas com diplomas acadêmicos e influência na esfera política. Através dessas redes de “amor ao poder,” a família estaria bem articulada, com domínio nos diferentes campos de atuação social, garantindo a manutenção de posição de família de elite, conforme afirma Farinatti (2007).

Em Alegrete, conforme o relato de Valmir, administrador de fazenda, a importância da origem familiar na escolha dos pretendentes para os casamentos é bastante antiga na região, desde o tempo das sesmarias. Por vezes, dois irmãos ganhavam sesmarias perto uma da outra, o que teria influenciado que os casamentos entre primos se tornassem comuns. Essa seria uma forma de garantir a continuidade da posse da terra na família, além de que os pretendentes eram bem conhecidos. Com o passar do tempo essa prática teria se tornado menos comum.

Essas descrições sobre as alianças matrimoniais em Alegrete referem-se ao século XIX, e à realidade das famílias de estancieiros. Entretanto, elas fornecem elementos interessantes para pensar sobre as uniões matrimoniais na agricultura familiar do município. Será que nesse âmbito existem certas preferências por determinados pretendentes, em desfavorecimento de outros, conforme o grupo social? Os depoimentos dos entrevistados apontam para uma resposta afirmativa.

O caso relatado pelo Luis, 56 anos, e por Maria, agricultora familiar, é ilustrativo dessa questão. Os bailes que aconteciam na época da juventude de Luis, chamados surpresas, eram encontros noturnos realizados em casas da localidade com apresentação de músicos locais, dança e comida. A surpresa, considerada uma das principais formas de lazer e diversão naquela realidade, também era um espaço de segregação social, conforme se pode observar no diálogo com Luis.

(Cassiane) - Como era no seu tempo, eram diferentes os bailes?

(Luis) - Era bem diferente. Mas naquele tempo não saia os bailes, naquele tempo tinha, era separado, cada família fazia os seus bailes sempre separados, os outros não podiam ir, não era essa integração que é hoje.

(Cassiane) - Era baile da família só?

(Luis) - Da família e dos bem chegados. Porque às vezes eram vizinhos, de dois quilômetros, mas não ia lá no baile, e se ia, não podia dançar.

(Cassiane) - Não podia dançar?

(Luis) - É, de primeiro.

(Cassiane) - Por que isso?

(Luis) - Não, mas era assim, era a tradição assim. Aí depois, agora, porque esses Azevedo lá da Maria, pode perguntar para eles, era outro departamento. Eu mesmo não ia nos bailes deles. Mas eles também não vinham aqui, nos bailes da minha gente, eles não vinham.

(Cassiane) - Era separado?

(Luis) - Separado. Aqui tem uns morenos, moram lá, lá tinha baile, ainda ele era compadre da mãe, seu Mauro Souza. E saía festa seguido, nós daqui dançava, eu tenho um irmão mais moço que tocava gaita, quase sempre, quando a gente se dava bem, ele ia tocar. Aí eu era piazote, bem pequeno, ele arrumava com a mãe, quando meu outro irmão foi servir, pra bater pandeiro, nós tinha pandeiro, aí eu ia.

Esse relato mostra como a segregação social existente na sociedade era explicitada nos bailes. Luis faz parte da família Silva, de origem indígena, que vive em um rincão⁵⁷, na mesma localidade onde vive Maria. O avô de Luis foi, durante muitos anos, empregado na estância de familiares de Maria, onde vivia com a família, até quando utilizou o dinheiro recebido por seu trabalho para comprar uma área de terra e tornar-se pecuarista familiar. Já Maria faz parte da família Azevedo, de origem portuguesa, antigos donos de sesmaria. Os bailes eram para familiares e bem chegados. Esses “bem chegados”, na verdade, eram pessoas de origem e condição econômica semelhante à da família que promovia o baile. Observa-se ainda que a cor da pele também influenciava, Luis e seus irmãos participavam dos bailes na casa de Mauro Souza, família de “morenos”, como ele diz. O depoimento de Maria reforça esses elementos.

(Maria) - Pra falar a verdade Cassiane, eu nunca entrei no Rincão dos Silva, por causa que, naquela época que a gente se criou, diziam que os Silva eram de segunda.

(Adão, esposo de Maria) - É que tudo são meio mulatos assim sabe.

(Maria) Meio índio assim. Então, nossa família muito abusada que era na época, ignorante, eles não iam nos bailes nossos.

(Adão) - Eles pra ir em baile, só depois com os bailes na capela, não eram convidados.

(Cassiane) É uma linha que tem para lá? Eles criaram como se fosse uma comunidade só deles?

(Maria) É, o Rincão dos Silva. Agora hoje não, hoje não tem problema, vão em baile e tudo.

(Cassiane) As coisas vão mudando com o tempo.

⁵⁷ Lugar afastado e de difícil acesso dentro da localidade.

(Maria) Mas que nem eles virem aqui em casa, eu ir na casa deles, não. Ali com a Lurdes não tem problema, com os outros, mas a gente ainda tem aquela coisa.

(Cassiane) Ficou meio separado.

(Maria) Ensinavam os avôs nossos, os pais... (...) Olha se existe isto, família de segunda, quer dizer que nós somos de primeira (risos).

O muro simbólico que foi criado entre as duas famílias foi tão forte, e tantas vezes reproduzido entre as gerações, que ainda existe, embora tenha se enfraquecido, conforme os entrevistados. Atualmente, os integrantes das duas famílias na localidade são agricultores familiares, entretanto a origem étnica e o sobrenome ainda os separam. O muro simbólico entre a família de origem portuguesa, e descendente do sesmeiro e a família de origem indígena, e descendente do empregado do sesmeiro ainda existe. Embora Maria reconheça o absurdo que é a ideia de tratar uma família como “família de segunda”, ainda reproduz parte da visão preconceituosa que seus familiares lhe passaram. Esse caso também ilustra como essa segregação social perpassa os relacionamentos amorosos.

(Cassiane) - Os antigos achavam que era assim, dividiam, de certo não queriam que se misturassem as famílias.

(Maria) - Deus o livre namorar um Silva, Deus o livre, não existe até hoje um Azevedo namorar um Silva.

(Cassiane) - E não teve ninguém da família que teimou em namorar?

(Maria) - Ninguém (risos).

O sobrenome e a condição socioeconômica influenciam a possibilidade de encontrar uma companheira nesse contexto. Quando perguntei à Maria se ela permitiria que sua filha, que é jovem, namorasse um Silva, ela respondeu que não. Dessa forma, a solteirice de alguns homens pode ter sido potencializada pelo preconceito social enraizado nessa sociedade. Ao perguntar para Luis se era necessário pedir autorização ao pai da moça para namorar, ele responde, de forma jocosa “É. Tinha que o véio aprovar o namorado. Por isso que eu fiquei solteiro, nunca fui aprovado (risos)”. A partir desses depoimentos, pode-se observar que existe uma dominação simbólica na sociedade estudada, em relação à etnia e em relação à classe social. Essa dominação simbólica tem repercussões sobre a formação de casais, e, portanto, sobre a solteirice. Em relação à etnia o branco

domina o negro, o indígena ou o descendente desses grupos. Já em relação à classe, a agricultura patronal domina a agricultura familiar.

Além dessa estratificação social, nessa realidade, existem conflitos entre as famílias, gerados a partir de disputas pela posse da terra. Nesse caso, os casamentos entre pessoas das duas famílias envolvidas também ficavam comprometidos. Maria conta que a disputa por terras gerou uma briga entre um antepassado seu e um antepassado do seu marido, que também descende de uma família de estancieiros da região. Nessa briga, seu tio-avô teria matado o tio-avô de seu marido no campo. Essa morte provocou tensões e rivalidades entre as duas famílias, que somente foi quebrado com o casamento de uma prima de Maria com um irmão de Adão, muito tempo depois do ocorrido.

4.1.2 Estratégias familiares: sobre parteiras, lavadoras e trabalho na infância

Da mesma forma com que as elites agrárias de Alegrete tinham estratégias para sua reprodução social ou para a manutenção do status de elite, as famílias camponesas também desenvolviam suas estratégias de reprodução social, numa sociedade marcadamente oligárquica e hierarquizada. A dominação da agricultura patronal sobre a agricultura camponesa, nessa realidade, gerava dificuldades no âmbito econômico e de acesso aos meios de produção para as famílias camponesas, que lançavam mão de estratégias para garantir a sobrevivência de seus membros e a sua continuidade.

Em definitivo, o conceito de “estratégias familiares”, é um conceito que tem problemas, sobretudo pelo seu caráter fundamentalmente descritivo, mas que tem a virtude de trazer a atenção sobre o papel da família como âmbito em que se desdobram as estratégias de gênero, que condicionam e são condicionadas pelas estratégias globais de sobrevivência familiar. A configuração concreta dos papéis laborais femininos e masculinos em cada contexto agrário e rural deve contemplar-se assim, como resultado da tensão entre as duas dinâmicas (SAMPEDEIRO, 1996, p.142 e p. 145, tradução nossa).

Entendo que a escolha de um dos filhos para cuidar dos pais na velhice e da propriedade da família, por exemplo, é uma estratégia que favorece a solteirice

desses homens. A família de Reginaldo, 65 anos, utilizou várias estratégias para se manter após o falecimento de seu pai.

(Reginaldo) - Quando meu pai faleceu, eu tinha dois anos. O outro irmão mais novo não era nascido ainda, ele ficou na barriga da finada mãe. Dali a sete meses ele nasceu. E ela ficou viúva, nos criou tudo com sacrifício. Pobre ela.

(Cassiane) - Guerreira ela.

(Reginaldo) - É, pobre. O outro meu irmão que ajudou muito, é falecido, o mais velho. Tinha 14 anos quando o pai faleceu, foi ele que trabalhava para nos dar bóia né. [...] Ela atendia muitas mulheres que ganhavam neném por aí. Ela ia de cavalo. Era parteira de campanha. [...] É, e lavava roupa para fora, lavava roupa pros vizinhos, trabalhava viu. E esse meu irmão também, tinha 14 anos, mas já pegava serviço bravo por aí para nos dar o que comer.

A mãe de Reginaldo, que ficou viúva quando estava grávida e tinha mais seis filhos pequenos, utilizou várias estratégias, juntamente com seus filhos e filhas, para manter a família, já que dispunham de uma propriedade pequena para garantir o sustento somente através da produção agropecuária. Ela trabalhava na localidade e proximidades como parteira e também lavava roupas na sanga para complementar a renda. Há algumas décadas era bastante comum o trabalho de mulheres como parteiras e lavadoras no espaço rural do município. As irmãs de Reginaldo trabalhavam na limpeza de casas na localidade, como lavadeiras ou no preparo de palhas de milho para cigarro. Ele e seus irmãos trabalhavam por dia em atividades agropecuárias. Reginaldo relata que seu primeiro trabalho ocorreu aos oito anos, durante as férias das aulas, na colheita de linho.

(Cassiane) - E o senhor quando foi crescendo logo começou a trabalhar fora também para ajudar a mãe?

(Reginaldo) - Logo comecei a trabalhar. É, a primeira vez que comecei a trabalhar naquela vez tinha plantação de linho.

(Cassiane) - Linho, não conheço.

(Reginaldo) - Não conhece, é, agora até pra cá não existe. Era só para fazer óleo. A serventia era só fazer óleo. Então quando eu saí do colégio, não eu tava em férias, eu tinha oito anos, era pequeno, bem guri, veio um vizinho daqui lá do Lajeado Grande e me levou para trilhar linho. Foi a primeira vez que eu trabalhei de peão. Aproveitei as férias e ganhei uns trocos, a pobreza nossa era grande né.

(Cassiane) - Sim.

(Reginaldo) - Tomara ter uns troquinhos, a mãe com sete filhos para criar, o mais velho com 14 anos.

O trabalho das crianças, nessas condições, se fazia necessário. No caso de Reginaldo, o trabalho foi compatibilizado com o estudo, que se estendeu até a sexta série do ensino fundamental, nível máximo de escolaridade ofertado na sua localidade naquele período, há cerca de cinquenta anos atrás. Em outros casos, o abandono da escola para trabalhar também era uma estratégia utilizada pelas famílias.

A avó de Luis também era parteira de campanha. Ela mesma realizou o parto do neto. Essa função, que vem desaparecendo nas últimas décadas, envolvia um saber popular que era repassado de mulher para mulher, entre as gerações.

(Cassiane) - O senhor nasceu aqui mesmo, ou no hospital?

(Luis) - Aqui mesmo.

(Cassiane) - Tinha parteira de campanha?

(Luis) - A minha vó era a parteira. Era parteira, e era avó de muita gente. Às vezes era tarde, aparecia um a cavalo e ela saía para ganhar neto por aí.

(Cassiane) - Fez o parto do neto dela, que tal!

(Luis) - Mora gente por aqui, esses mais velhos, esses Azevedo, ela que fazia os partos. Ela ia lá pro São João, o finado Florêncio Azevedo e os filhos dele. Ela ia lá e ficava, era longe. A comadre Antonieta tava pra ganhar neném, ela ia umas quantas semanas antes e ficava lá, retrancada. Do tempo em que o remédio era galinha. A mulher ia ganhar neném, fazia uma gaiola e botava uns frangos engordar, cevava pro caldo. Ganhava o filho e fazia o caldo de galinha bem gordo e dava.

Ao lembrar-se das histórias referentes ao trabalho de sua avó, Luis mencionou a existência de uma música gauchesca cantada por Antônio Gringo, que retrata como era o trabalho de parteira.

Mãos abençoadas

Vejam a velhita, sob o humilde teto
Cabelos brancos, o dorso corcundo
Desfia nos dedos as dúzias de netos
Que ajudou, paciente, a vislumbrar o mundo.

Nos passes de lua, co'a petiça atada
E os apetrechos todos preparados
A velha parteira dormia fardada
Não tinha hora pra atender chamados.

Parteira velha de mãos abençoadas
Esteio de vida para a vizinhança
Curtida de tempo, de sol e de geadas
Anciã na idade, alma de criança
Partejando filhos pelas madrugadas
Deste luz a sonhos prenhes de esperança

A Tia Taíma, que mal vira a roda
 Pode inventar moda dia menos dia
 A filha da Joana é nesta semana
 Se pela de medo - é a primeira cria

Tesoura afiada, água na gamela
 Um pouco de azeite, tramela no quarto
 Galinha cevada da perna amarela
 Pra um caldo bem forte, logo após o parto

Empreitada feita, passava a receita
 Pra negacear o mal de sete dias:
 Muito cuidado até cair o umbigo
 Pra dor de barriga, chá de massania

Quanto recuerdo dos sábios conselhos
 Do chá de jujo e purgante de sena...
 Não apanhe vento nem em pensamento
 E não lave a cabeça toda quarentena
 (Sarturi, Machado, Gringo, [19--]).

Como observa Luis, a letra traz muitos detalhes sobre o universo de trabalho das parteiras na Campanha Gaúcha. O entrevistado reconhece muitas das características do trabalho da avó nessa letra, como a saída a cavalo durante a noite para atender grávidas, a realização de muitos partos de familiares e de moradoras da localidade, e a receita da canja de galinha após o parto. A atuação das parteiras envolve um saber local que é ressaltado pelos entrevistados, embora o trabalho delas tenha diminuído consideravelmente nas últimas décadas, a partir da facilitação do acesso ao hospital e da diminuição da população rural.

4.1.3 Nem tudo são rosas: apoios e conflitos familiares

Nesse item, trato a família como um campo social. Os campos sociais são “campos de lutas”. No seu interior os agentes lutam, conforme sua posição e força, conservando ou transformando a estrutura do campo (BOURDIEU, 1996; THIRY-CHERQUES, 2006). No campo familiar, atento para as disputas de poder entre gerações e entre homens e mulheres. Nas famílias do espaço rural de Alegrete, é característica a existência de uma hierarquia pai-mãe-filho-filha. Nessa relação, as moças são duas vezes dominadas, pela condição de mulher e pela condição de filha.

Os depoimentos dos solteirões evidenciam um forte apego à família. Muitas vezes referem-se aos pais, mães, irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas com carinho, como pessoas importantes nas suas vidas, que lhe dão sustentação e apoio, ou que geram saudades. Entretanto, por vezes, eles demonstram ressentimentos e reclamam dessas pessoas. As contradições e disputas dentro da família não podem passar despercebidas. Conforme Mendras (1978), a família carrega uma série de situações potenciais de conflito, sendo que cada papel tem condição específica, interesses e estratégias. No dia a dia existe uma competição entre os papéis. Ainda nesse sentido, é esclarecedora a análise de Sampedro (1996, p. 29, tradução nossa):

Família e exploração agrária são duas realidades diferentes; é cada vez mais a família que condiciona o futuro da exploração, e não o inverso; a família não é uma unidade compacta que se guia pela maximização do benefício econômico, mas sim é uma relação dinâmica de conflito e colaboração entre gêneros e gerações; é essa dinâmica familiar que interatua com forças macroeconômicas do capitalismo, com as políticas, agrárias ou não, do Estado e com as oportunidades que oferece o mercado de trabalho não agrário a nível local, desenvolvendo complexas estratégias familiares que asseguram a sobrevivência material e social do grupo doméstico.

Os pais e mães falecidos são lembrados com carinho pelos entrevistados, principalmente pelos que foram cuidadores. Eles reclamam que sentiram muito o seu falecimento. Afonso, peão de estância aposentado e separado, mostra a admiração e gratidão que tem pelo pai falecido, relacionando o aprendizado referente ao trabalho. “Ele era muito bom, era muito caprichoso, muito trabalhador e ensinava a fazer o serviço. Tem gente que não ensina os filhos a fazer, naquele tempo ensinavam. Dizia: ‘olha meu filho, faz assim, assim e assim’.”

Alguns castigos sofridos durante a infância e o medo que tinham em relação aos pais também são lembrados. Algumas vezes, o bom relacionamento entre irmãos em famílias grandes era garantido através da autoridade dos pais, e do medo dos castigos. “Lá em casa se davam muito bem, se tratavam com respeito, não podiam brigar, não podiam nada, senão eles castigavam” (Julieta, agricultora familiar aposentada, irmã de Júlio). Esses castigos variavam desde uma repreensão oral, até o castigo físico. Júlio, 78 anos, recorda que sua mãe batia nas palmas das mãos dos filhos com uma “pá de doce”, utensílio doméstico que utilizava para mexer as

panelas. “Na mão, pegava aqui e dava até (mostrando a palma da mão) chegava inchar. Isto aqui, era de chorar. Eu não chorava, era muito difícil prá chorar. Os outros choravam, enchia as mãos de bolha.” Os castigos sofridos na infância marcavam tanto que esse senhor ainda os lembra com detalhes.

O pai de criação é mencionado com carinho por Pedro e Juarez, posteiros solteiros, embora Pedro conte que tinha medo dele até quando adulto, pois com vinte e três anos fumava cigarro de palha, conhecido como paiero, às escondidas. Para que o pai de criação, que por horas chama de padrinho, não descobrisse, tirava os palitos de fósforos da caixa e colocava-os em um dos bolsos da calça, e a caixa no outro, de forma a não fazer barulho. Eles também contam que quando eram crianças apanhavam por ouvir as conversas das visitas.

(Cassiane) – Ele não era de surrar?

(Pedro) - Não. Só que a gente, se chegasse visita e tava conversando, dava uma olhada, fazia senha assim, o cara fazia que nem via. Depois que a visita saía, bah, eu cansei de apanhar por causa de visita.

(Juarez) - Depois tem que ajustar as contas.

(Pedro) - Nas primeiras vezes eu disparava, depois via que se disparava era pior, tomava mais umas duas varadas por disparar. Depois disse, mas eu não vou disparar mais. Mas o finado, que era dono daqui, o finado meu padrinho, pai de criação, mas chegava visita, sentava por ali, aí mandava vir o mate. Aí vinha o mate, a primeira vez alcancei a cuia, mate, tudo, puxei o banco e me sentei, ele me deu uma olhada assim, aí eu já disse: tá, eu já sei o que é. Depois um dia ele me disse: oh, quando eu te chamar, tu traz a chaleira e o mate, mas não fica escutando a conversa dos mais velhos.

(Cassiane) - Por que será?

(Pedro) - Mas era assim, era assim a criação, bah.

Pode-se observar que, há algumas décadas, havia uma rigidez hierárquica nas relações entre as gerações, ou seja, a dominação dos pais sobre os filhos, principalmente durante o período de infância e juventude dos filhos. Atualmente, as relações entre o filho adulto e os pais, por vezes, também se tornam tensas, não obstante a ampliação da autonomia do filho, que enfrenta os pais em algumas situações, no esforço de conquistar poder diante deles.

(Cassiane) - Como é o relacionamento com o teu pai e tua mãe? Sempre bem tranquilo?

(André, 37 anos) - Ah, de vez em quando tem aquele bate-boca né.

(Cassiane) - Com o pai ou com a mãe?

(André) - Com os dois. Isto é normal. Mas hoje em dia o que o pessoal se queixa que os velhos não querem dar apoio para os filhos. Esse é o problema. Eu no meu caso, lá em casa mesmo, eu trabalho com madeira, eu tiro madeira em casa mesmo. Eu trabalho na margem, o meu lucro com

a madeira que eu tiro lá é de 20%, 40% eu dou pro pai, 40% é só para a demanda das máquinas, o meu lucro é 20%. O meu lucro é bem pequenininho. E é só o que dá, ele entra só com o mato e eu entro com o resto. De vez em quando tem que ir buscar gasolina, cada vez que eu vou buscar combustível na cidade, é novecentos, mil reais, mil e pouco, quando tem que comprar óleo dois tempos, é mil e duzentos, e assim vai.

(Cassiane) - E as decisões sobre a propriedade, o preço de venda do gado, vocês decidem juntos?

(André) - Não, esse negócio do gado tudo quem comanda é ele. Agora no meu dinheiro e no meu serviço quem manda sou eu. Aí é totalmente diferente. Por enquanto é ele quem gira né. Mas é claro, eu e a mana, o gado meu e dela é no meu talão. Tenho o meu talão, a minha marca, tudo, mas quando tem que vender é ele que vende.

(Cassiane) - Ele que vê o preço, tudo?

(André) - É que geralmente vai na balança né.

(Cassiane) - E a tua mãe trabalha separada, ela trabalha com os artesanatos dela, o dinheiro é separado também?

(André) - Sim, ela tem o dinheiro dela. No dinheiro dela ele não mexe. Ela paga a luz e alguma outra coisa, e o Lima paga o rancho. O rancho é somente dele.

Observa-se, nesse depoimento, que o filho tem certa autonomia sobre o seu trabalho e o gerenciamento do dinheiro recebido a partir dele, entretanto, o pai mantém o controle sobre a parte da produção da propriedade que é comercializada. No âmbito do trabalho, pai e filho têm uma parceria, sendo que parte do gado é do filho, e ele trabalha no manejo dos animais juntamente com o pai, mas a venda fica a cargo do pai. Já no caso do corte da floresta de eucalipto, o filho reclama que o pai ficou com um grande percentual da renda, deixando pouco para ele. Observa-se, ainda, certo distanciamento do filho em relação ao pai, que lhe chama pelo sobrenome. Essa situação de distanciamento é fruto da insatisfação de André, diante da dominação do pai, especialmente no que se refere à autonomia financeira e, por consequência, pessoal. A relação entre o pai e a mãe de André mostra aspectos nos quais existe a dominação masculina, como o controle das decisões do âmbito produtivo e o gerenciamento da renda proveniente da venda de produtos agropecuários na propriedade. Entretanto, há aspectos nos quais ela se mostra fortalecida, como o gerenciamento de recursos da renda gerada a partir de trabalho com artesanatos, e a divisão das despesas da casa. Mais uma vez, mostra-se um tensionamento do agente social dominado, no caso a mãe de André, na perspectiva de conquistar poder na relação com o marido.

A relação entre pais e filhos e filhas no espaço rural de Alegrete conforme Rita, agente desenvolvimento rural, é marcada pela resistência dos pais em aceitar a efetiva participação dos filhos e filhas jovens na unidade produtiva, principalmente

nas tomadas de decisão. Essa situação é reforçada em relação às moças. Essas questões dificultam o processo de sucessão na propriedade, já que as jovens têm pouco poder no âmbito da unidade produtiva.

(Rita) - E isto é um antagonismo. Na verdade, o jovem enfrenta muita resistência por parte da família, porque eles enxergam aquele jovem como uma criança ainda, tu não sabes nada. Passei a minha vida inteira sabendo isto, vai querer saber mais do que eu. Não deixa esse jovem aplicar o conhecimento na propriedade, por mais que ele tenha estudado, tenha feito faculdade, tenha se especializado, eles ainda enfrentam, os que voltam, enfrentam dificuldade. Daí, muitas vezes, eles acabam não ficando nas propriedades.

(Cassiane) - Imagino que a moça sofra mais restrições ainda.

(Rita) - Imagina, uma menina, nós temos um público muito machista. A sociedade está em evolução, mas a sua essência, em primeiro lugar a nossa população rural é uma população idosa, tem os senhores, e vir uma menina, uma criança, uma bebê ainda...

A relação entre irmãos adultos, algumas vezes é bastante amistosa. Alguns irmãos vivem na mesma casa, tendo um convívio saudável e cuidando um ao outro, quando idosos ou doentes. Entre os solteirões entrevistados, Reginaldo e Júlio vivem com irmãos. No caso de Júlio, ele mora com a irmã viúva e o irmão solteirão. No caso de Reginaldo, ele vive com o irmão solteirão, com o qual admite ter bom relacionamento.

Moramos juntos aqui, ele tem uma casinha dele lá, fez a casa, mas nunca foi morar lá. Nós somos 'solteirão', é, eu e ele solteiros. É, deu certo um com o outro. Muita gente se admirava de nós dar certo. Sempre dá uma briguinha, mas não, me dou bem com ele (Reginaldo, 65 anos).

Nos casos de dois solteiros que moram sozinhos, o contato com os irmãos e irmãs não é frequente, seja quando existam boas relações familiares, ou não. Em ambos os casos, eles sentem a falta dos irmãos e irmãs. Luis (56 anos) tem uma boa convivência com os irmãos e a irmã, mas, reclama da ausência deles após o falecimento dos pais, o que provocou o distanciamento entre os irmãos.

Graças a Deus, se damos bem. Eles às vezes vêm aqui, mas o negócio é assim, o que une os irmãos são os pais. No momento em que os pais morrem, os irmãos se dão bem, mas já se separam. Cada um vai pra um lado. O que eu digo pra esses mais novos é que o que une a gente mais é os pais, não é que a gente não se dê bem, mas é daí na época de Natal e

Fim de Ano vem tudo daí, aniversário dos velhos. Depois que morrem os velhos a gente vai se [...] (Luis).

Nesse caso, a relação entre os irmãos é boa, mas em outras, eles nem mesmo se cumprimentam. Alberto (60 anos) lamenta bastante do distanciamento das duas irmãs e da sobrinha, que vivem na cidade. Uma das irmãs nunca foi na casa dele, mesmo vivendo no mesmo município. As suas irmãs foram trabalhar como empregadas domésticas na cidade, quando jovens, mas que se afastaram dele após as mortes dos pais e a emergência de conflitos familiares. Até pouco tempo atrás, ele levava produtos da propriedade para as irmãs. Oferecer os produtos de seu trabalho é uma forma sua de demonstrar carinho⁵⁸. “Passava lá levar, carneava uma ovelha, quando tinha ovelha, levava a metade para elas” (Alberto).

A desavença entre Alberto e as irmãs foi causada por problemas relacionados a uma casa. Os três herdaram uma casa na cidade, onde as mulheres vivem. O fato de uma das irmãs levar uma amiga para morar na casa sem o consentimento dele, e o atraso no pagamento de impostos do imóvel, provocaram conflitos. O principal motivador, entretanto, foi o fato de que uma das irmãs encontrou um companheiro e levou para morar no lugar, sem a anuência do irmão.

(Alberto) - Agora faz uns dois anos, a minha irmã tem sessenta e um anos, agarrou e se ajuntou com um homem, colocou o homem para dentro de casa. Um homem estranho, nem sei quem é. Tá lá ela com a filha e o homem. Fui lá e botei a boca nela. Eu ia botar na justiça para tirar de lá, mas ela botou um homem para dentro de casa sem combinar comigo nada, que sou dono.

(Cassiane) - Ela não chegou a namorar, trazer para o senhor conhecer? Levou direto para casa?

(Alberto) - Direto para casa. Erradíssima né?

(Cassiane) – Sim.

(Alberto) - O tempo de falar comigo: eu vou pegar um companheiro, to velha, não sei o que, bbb, tu tem a tua parte aqui. Agarrou e fez tudo por conta dela.

Esses conflitos comprometeram a relação entre eles, há cerca de dois anos. Nesse período, Alberto não falou mais com as irmãs, nem com a sobrinha, demonstrando tristeza com essa situação. Na verdade, o que parece ter agravado a situação foi o fato de sua irmã não consultá-lo antes da tomada de decisões, ferindo

⁵⁸ Também recebi de Alberto ovos de galinha caipira durante a pesquisa.

seu orgulho de irmão, que reivindicava poderes de decisão. Conforme Alberto, os conflitos entre irmãos são comuns naquela realidade. Para ilustrar, ele conta o caso do primo que era solteirão e morava junto com o irmão casado e a esposa, e teve uma relação amorosa com a cunhada. Esse fato provocou um conflito na família, sendo que o seu primo, que era solteiro, está junto com a ex-esposa do irmão.

4.2 Entre homens e mulheres: a construção do masculino e do feminino

A infância é lembrada pelos entrevistados com um sentimento misto de contemplação e de reclamação. Esse era um período de brincadeiras, embora também fosse de trabalho. A iniciação do trabalho aconteceu nessa etapa, ocorrendo de forma diferenciada conforme o sexo. A iniciação precoce no trabalho é característica nesse contexto. A socialização dos meninos e meninas estancieiros, no Rio Grande do Sul, era direcionada ao trabalho, conforme Xavier (1969). As meninas eram preparadas para serem donas de casa, fazendo artesanato e bordados, até o casamento. Como casavam muito cedo, era costume ter escravas que lhe acompanhassem nessa tarefa, após o casamento. Já os meninos acompanhavam a lida de campo, aprendendo a dirigir e trabalhar na estância (XAVIER, 1969). Nessa referência à sociabilização de meninos e meninas nas estâncias gaúchas há séculos atrás, Xavier deixa clara a diferenciação por sexo, preparando os meninos para as tarefas campeiras, para o papel de estancieiro, e as meninas para as tarefas do lar e para o papel de dona de casa. Essa diferenciação também acontece na realidade da agricultura familiar estudada.

Os entrevistados recordam as brincadeiras de infância, caracterizadas pela diferenciação por sexo. As brincadeiras dos meninos eram relacionadas ao trabalho de gaúcho adulto, já as das meninas eram voltadas ao cuidado de mãe, constituindo a dicotomia gado de osso/boneca de pano. André (37 anos) recorda que “brincava de gado de osso, só gado de osso e sabugo, madeira, coisa assim. Brinquedo de plástico não tinha, coisa assim não tinha. E as gurias brincavam com bonecas de pano”. Vários depoimentos de homens recordaram a brincadeira com gado de osso, específica da região da Campanha Gaúcha, e voltada à realidade da pecuária de corte.

(Cassiane) - E então o senhor lembra do que brincava na sua infância? Do que as crianças brincavam? Tinha uma turma grande então...

(Reginaldo, 65 anos) - Brincava, é, talvez já visse falar do ossinho, gadinho de osso.

(Cassiane) - Sim.

(Reginaldo) - Fazia mangueirinha, brincava de gadinho de osso é. Futebol era difícil, surgiu aí no colégio jogar bola. Mas no outro dia que começamos a jogar bola um aluno quebrou o pé, jogando bola quebrou o pé, aí o professor proibiu. Tinha outros brinquedos, correr carreira de brinquedo, e em casa brincava de gadinho de osso. Do osso do animal fazia terneira, vaquinha, fazia até banheiro, fazia um buraco e enchia de água para banhar o animal. Sabe o que é banheiro? Talvez conheça banheiro.

A carreira a pé nas estradas do espaço rural e o futebol também foram mencionados como formas de diversão durante a infância de Luis (56 anos). A carreira com cavalos em cancha reta é uma forma de lazer tradicional no local, a carreira a pé pode estar relacionada com esse gosto pela carreira com animais. Já o futebol foi uma brincadeira que se desenvolveu nas últimas décadas entre eles. Pode-se observar que todos os brinquedos eram feitos com materiais locais, elaborados por eles ou pelas mães, no caso das bonecas.

(Cassiane) - E do que o senhor brincava?

(Luis) - Nós corria carreira, a pé na estrada, porque não tinha cascalho naquela estrada. Ali tinha uma areirinha na frente da escola e nós corria carreira.

(Cassiane) - Tinha bastante gurizada da sua idade?

(Luis) - Tinha bastante. Olha, depois nós descobrimos o futebol. Fizemos umas bolas de pano e começamos a jogar, depois teve até um time de futebol, bastante gente. Ih, correr carreira, tinha as carreiras de campanha, de cancha reta.

Outra forma de diversão mencionada pelos homens era andar a cavalo. Através das brincadeiras, reforçava-se a preparação para os papéis a serem desempenhados na vida adulta, que no caso dos homens, era nas atividades de manejo do gado. Comprovam-se, assim, as afirmações de Braz (2002) em relação ao processo formativo do gaúcho que se dá no âmbito da família, desde a infância. Assim, criados no interior de uma estância, Pedro e Juarez falam sobre o universo das brincadeiras nesse ambiente.

(Pedro) E eu assim envolvido com o negócio que gostava muito de andar a cavalo e sair para o campo né. Eles encilhavam um cavalo e nós já estava em cima. Eu era pequeno e aprendi a andar de cavalo, bah.

[...]

(Cassiane) - E quando vocês eram crianças, do que brincavam? Tinha bastante piazada aqui na estância?

(Pedro) - Bah. Eu era mais taludo.

(Juarez) - Não. Brincava de tudo quanto era coisa.

(Pedro) - Faziam, de laranjinha, essas pequenas que caem, faziam gado, mangueirinha de osso também, cavavam assim poço, pra um banheiro de banhar. E às vezes dava briga.

(Cassiane) - É, por que?

(Pedro) - Às vezes um agarrava uma laranjinha assim que era do outro, mas o outro conhecia, porque eles faziam umas guampinhas e cravavam assim de aramezinho ou de espinho. Eu cansei de ver, mas não cheguei a ter isto aí.

(Cassiane) - Só via os irmãos brincando?

(Pedro) - Eh. E aqui sempre foi bastante gente, criança.

(Cassiane) - E de pega-pega, carreira?

(Pedro) - Bah.

(Cassiane) - É divertida a infância na campanha né, as crianças brincam bastante.

(Pedro) - Bah.

(Juarez) - É. Mas a senhora sabe que era antes. Hoje está bem diferente, ao menos na campanha. As crianças já não brincam da maneira que brincavam antes.

(Cassiane) - Jogavam bola?

(Pedro) - Nós tinha time completo, se juntava com os vizinhos.

(Cassiane) - E as meninas brincavam junto?

(Juarez) - À parte. A regra como diz o outro, mandava. Tinha regra. Pra um lado, de boneca, de coisa assim. E os guris à parte.

É comum a vários depoimentos, a vinculação das brincadeiras de meninas com bonecas de pano. Através da boneca, reproduzia-se a perspectiva da mulher de campanha como “mulher do gaúcho”, devotada ao cuidado dos filhos e do lar. Nesse caso, meninos e meninas nem podiam brincar juntos, pois, como explica Juarez, essas eram as regras sociais da época sob as quais eles foram socializados.

Um dos casos relatados chama a atenção porque se diferencia dos demais processos de socialização na família. Antônia, mãe de Carlos (52 anos) conta que criou os filhos praticamente fechados dentro de casa, porque tinha medo. “Eles trabalham porque aprenderam agora, porque eu não deixava eles saírem pra fora. Às vezes o Carlos vinha e dizia: ‘mãe, posso tirar o chinelo?’ Tinha muita cobra aí e eu tinha medo deles brincarem.” Nos demais casos, parecia haver liberdade para a brincadeira fora de casa. Essa liberdade, entretanto, era vinculada ao comprometimento no âmbito do trabalho. Afonso, peão aposentado, por exemplo, reclama que não teve tempo para brincar na sua infância, já que necessitava trabalhar. “Olha, brinquedo nós não tivemos tempo de brincar, porque nós se criamos trabalhando. Vivia trabalhando numa coisa, em outra, e o meu pai me ensinando. Eu não aprendi a brincar. Nós não aprendemos a brincar” (Afonso).

A socialização no trabalho durante a infância também reflete o que é entendido como coisa de menino, e o que é entendido como coisa de menina na sociedade rural de Alegrete. Os relatos dos entrevistados mostram que a distribuição das tarefas entre os filhos e filhas obedecia a um padrão conforme o sexo, geralmente sendo destinadas atividades relacionadas com o manejo do gado e da agricultura aos meninos, e tarefas do trabalho doméstico e do cuidado de irmãos menores às meninas. Dessa forma, através das brincadeiras e da divisão das tarefas na infância, garantia-se a naturalização da divisão clássica do trabalho entre homens e mulheres, e a dominação do masculino sobre o feminino. Como relata Alceu, morador rural aposentado e solteirão, “as mais velhas tinham que cuidar os mais novos, sempre tinha um mais pequeno, no outro ano tinha outro, e outro [...] (risos).” Os depoimentos de Carlos e de sua mãe, Antônia abordam a diferenciação do trabalho por sexo.

(Carlos) - Porque as crianças antigamente tinham um compromisso daqueles. Nós criava porco também. Chegava a hora, tinha que dar boia pro cavalo e pro porco ali, e pras aves.

(Antônia) - E tirar leite, não tirava?

(Carlos) - Mas, não podia levantar tarde, tinha que levantar seis horas da manhã sempre.

(Cassiane) - E a mana ajudava também a fazer esse serviço, ou não?

(Antônia) - Ajudava.

(Carlos) - É que a obrigação maior era dos filhos (risos).

(Cassiane) Do homem. Te lascou (risos).

(Antônia) - Ela era mais dentro de casa. A mulher era mais dentro de casa.

(Carlos) - É que antigamente as crianças trabalhavam muito. Eu com dez anos, por aí, já plantava lavoura, entende. Comecei a trabalhar com oito anos. Trabalhava com boi no arado, um serviço mais ou menos meio escravo assim, todo mundo, todos. Hoje não, hoje a criança não trabalha. Até uma certa idade não faz nada.

A iniciação no trabalho costumava ser bem cedo. Nas famílias com vários filhos, as tarefas eram divididas conforme a idade, como conta Júlio (78 anos), que começou a trabalhar com dez anos no plantio das culturas agrícolas e no trabalho com bois. O pai dele dividia os filhos em dois grupos, os mais velhos iam com ele prestar serviço fora da propriedade, geralmente na colheita de arroz por empreitada. Já os menores trabalhavam na propriedade da família.

No caso de André (37 anos), a iniciação ao trabalho aconteceu cedo. Ele também menciona o trabalho das irmãs no cercado, na produção de alimentos para o autoconsumo da família. Além disto, diz que elas realizavam todos os tipos de

tarefas na propriedade, assim como a sua mãe. Pode-se observar, portanto, relatos que apontam para a realização de trabalho no âmbito produtivo por parte das mulheres nas propriedades familiares. Os depoimentos que relacionam as atividades das mulheres apenas ao âmbito do lar nessas propriedades podem estar promovendo a invisibilização do trabalho produtivo dessas.

(Cassiane) - Como era a infância de vocês? Trabalhavam?

(André) - Sim, acho que eu tinha o quê, cinco anos. O pai ia lavrando e plantando e eu ia botando adubo de trás num carrinho de cinco quilos, aí é que aprendi.

(Cassiane) - E as manas trabalhavam também?

(André) - Também.

(Cassiane) - Em todos os serviços ou só dentro de casa?

(André) - Em todos. Elas iam para o cercado capinar, tem que aprender.

(Cassiane) - Tua mãe também fazia todos os serviços?

(André) - Sim.

Afonso, peão aposentado, relata detalhadamente as atividades que fazia quando era criança, há cerca de sessenta anos atrás. As dificuldades financeiras da família e a enfermidade do pai fizeram com que ele desenvolvesse tarefas pesadas desde muito cedo. Ele frequentou pouco tempo a escola, e não conseguiu se alfabetizar. Com catorze anos já foi trabalhar como peão de fazenda, onde tinha condições de trabalho precárias.

(Afonso) - A senhora sabe que eu fui assim, meu pai era pobre, saí para trabalhar com 14 anos. [...] Meu pai tinha campo, tinha ovelha, gado, tudo. Mas, nós se criamos tudo trabalhando. Nós não se criamos às custas dele porque esta vila aqui até lá o, até lá em riba, tudo é nosso aqui, aí tinha parente, sobrinho, tio... Nós se criamos tudo trabalhando. Meu pai sofria da asma. Então nós tinha que trabalhar para ajudar ele. Ele morreu e nunca se curou. E eu saí trabalhar com 14 anos.

(Cassiane) - O senhor era peão de estância?

(Afonso) - Eu era peão de estância, trabalhava em estância assim. O tempo que não tinha roupa, naquelas estâncias a gente chegava para trabalhar, não tinha roupa de cama, não tinha nada, a gente tinha que dormir assim nos pelegos molhados no chão, um poncho molhado para fazer de coberta para dormir...

Olha menina, agora tem uma lei que o guri de 16, 17 anos não pode trabalhar mais. A mãe não pode surrar o guri, ou o pai, porque prendem. De primeiro o guri saia trabalhar com 10 anos. Agora não.

(Cassiane) - O senhor trabalhava desde pequeno como changueiro?

(Afonso) - Desde pequeno eu trabalhava. A mamãe era pobre e não tinha água, não tinha luz, ela ia lavar numa sanga lá. Enquanto a mamãe ia lavar ali, quando ela chegava, eu tava com o mate pronto e com a boia pronta.

(Cassiane) - Fazia comida, ajudava a limpar a casa e tudo?

(Afonso) - Naquele tempo a casa era de chão, de capim e de turrão, não tinha como limpar. Só varria com uma vassoura, uma vassoura igual esta aí. E tudo era com dificuldade.

(Cassiane) - O senhor lembra com que idade começou a trabalhar com seu pai?

(Afonso) - Com 11 anos. Ele tirava pedra, de veia, tirava laje de metro. Naquele tempo não usavam piso de cimento, tiravam laje e botavam nos pisos, dentro de casa e nas calçadas de fora.

(Cassiane) - Já era serviço pesado.

(Afonso) - Nós se criamos com serviço braçal. A gente pra tirar laje, aqui tem um cerro. Então, a pessoa para tirar a laje tem que abrir um metro de fundura, a pedra brota lá do fundo. Nós tinha que tirar aquelas lajes assim para cima, empurrando pra tirar lá em cima. Assim foi o nosso serviço, se criamos trabalhando.

No relato de Afonso, chama a atenção o fato de que ele também desenvolvia tarefas domésticas, como cozinhar, preparar chimarrão ou varrer a casa, enquanto a mãe lavava roupas na sanga. Entre os entrevistados, esse é o único homem que menciona ter realizado tarefas domésticas enquanto era criança. Ele defende o trabalho infantil como forma de educar os filhos, prepará-los para a vida, mencionando casos da localidade, como um jovem de dezessete anos que não sabe trabalhar: “Não sabem fazer nada. E ainda pegam mulher. No fim, as gurias deixam, pois estão passando fome, não sabem fazer nada, não sabem carrear uma ovelha para comer”. Da mesma forma que Carlos, Afonso observa na sua localidade que atualmente as crianças trabalham menos do que trabalhavam na época em que ele era criança.

4.2.1 Coisas de solteirão

Os solteirões acabam realizando tarefas domésticas e o cuidado de familiares enfermos, atividades que são vistas como femininas na sociedade de Alegrete. Assim, no contexto contemporâneo, mudam-se os rígidos papéis sociais de homens e mulheres, no interior da família e na sociedade. A sociedade rural alegretense é patriarcal⁵⁹. Nesse contexto, a masculinidade hegemônica é relacionada com atributos da imagem estereotipada do gaúcho, como virilidade, coragem, força e

⁵⁹ “O conceito de ‘patriarcado’ alude a um conjunto de relações sociais entre os homens e as mulheres que mediante o controle da organização econômica e das instituições sociais, os primeiros mantêm a dependência e a subordinação econômica e legal da mulher.” (SAMPEDRO, 1996, p. 52, tradução nossa).

trabalho com o gado. O termo masculinidade hegemônica é utilizado aqui no sentido trabalhado por Connel e Messerschmidt (2013), como a forma de masculinidade dominante e legitimada nessa realidade. Ou seja, a forma mais aceita de ser homem em determinados contextos socioeconômicos. A masculinidade hegemônica, no contexto em estudo, remete à figura do gaúcho, que é másculo, destemido, dominador da natureza, provedor, e que faz sucesso com as mulheres. Entretanto, essa não é a única masculinidade existente, conforme Connel e Messerschmidt (2013), existe uma pluralidade de masculinidades, e uma hierarquia entre elas. Conforme Connel (1997, p. 72, tradução nossa),

As masculinidades são configurações da prática estruturadas pelas relações de gênero. São inerentemente históricas, e se fazem e refazem como um processo político que afeta o equilíbrio de interesses da sociedade e a direção da mudança social.

Existem, portanto, masculinidades dominadas pela masculinidade hegemônica, e que também influenciam a sua mudança ao longo do tempo. O universo de vida dos solteirões remete a uma forma de masculinidade dominada no espaço rural de Alegrete, com aspectos que se diferenciam da imagem estereotipada do gaúcho, como por exemplo, a realização de trabalhos domésticos no dia a dia e o cuidado de familiares idosos, tarefas percebidas como femininas nessa realidade. A inexistência de mulheres jovens na casa, muitas vezes, exige dos homens solteiros a assunção de trabalhos considerados femininos.

O diálogo abaixo traz representação de um agente e uma agente de desenvolvimento rural acerca da masculinidade no espaço rural do município. O diálogo inicia-se com meu interesse sobre a existência de homens rurais solteiros que assumem a homossexualidade nesse contexto. Esses depoimentos, principalmente no depoimento de Rita, que trabalha com questões de gênero no espaço rural, apontam claramente para a figura do homem gaúcho, heterossexual e que controla a mulher como modelo de masculinidade hegemônica no Alegrete rural. A homossexualidade foge desse padrão, sendo ocultada, conforme os entrevistados.

(Cassiane) - E essa questão do homossexualismo é representativa entres esses solteirões?

(Gustavo) - Não

(Rita) - Não.

(Cassiane) - Que se assuma como homossexual no interior não tem muitos?

(Rita) - Não, muito pelo contrário, machismo. Talvez até pela própria brutalidade as mulheres não aguentam. Além de passar dificuldade, aturar o marido machista, bruto, economicamente controlador. Tem mulheres que vão para fora, e isto aí contam muito para nós, que passam assim, o marido é que vem fazer a compra na cidade, que vai comprar remédio, a mulher fica fora quatro, cinco meses sem botar o pé na cidade, só se precisar de uma consulta. Desde, eu digo, não pode nem escolher um absorvente, porque é ele quem vai determinar, ele não vai nem comprar roupa, é um corte de fazenda para que ela faça lá. Então, é muito complicado. Talvez essa mulher agora abandona a família, o filho, porque não aguenta.

(Gustavo) - Essa região é diferente porque tem a tradição, o fronteiroço, o gaúcho aqui do pampa, ele é diferenciado. Pra ti descobrir um homossexual, olha tu vais ter que passar uma peneira, mas uma peneira muito boa porque é difícil.

(Rita) - Não vou dizer que não exista, mas...

(Cassiane) - A sociedade não aceita, então eles se fecham.

(Gustavo) - Mas é muito difícil aqui em Alegrete, bah. Eu no meio rural vou te dizer o seguinte, eu não conheço nenhum, e olha que nós andamos por aí.

A divisão clássica do trabalho, nessa realidade, atribui ao homem as tarefas de manejo do gado e do controle das atividades agropecuárias voltadas à comercialização, enquanto que à mulher são destinadas as tarefas de limpeza da casa, de produção e elaboração de alimentos e artesanatos, bem como o cuidado das crianças, idosos e enfermos. Muitas vezes, a mulher também atua nos trabalhos entendidos como “produtivos”, além dos trabalhos do “âmbito reprodutivo”, embora seu trabalho seja, costumeiramente, invisibilizado.

A masculinidade que os solteirões entrevistados vivenciam não pode ser considerada hegemônica. O apego demonstrado em relação aos familiares, mesmo quando existem conflitos, e a realização de trabalhos que são vistos como femininos estão relacionados a essa masculinidade. O relato de Reginaldo (65 anos) mostra a dedicação ao cuidado da mãe enferma até o seu falecimento.

(Reginaldo) - Eu me lembro bem dela. Fui eu quem mais cuidei ela. Então ela dava mais certo comigo. Eu tirei dois anos em casa, aqui, cuidando, fazendo comida e coisa. Ela andava muito doente, não podia fazer. Até, quando fizeram o inventário me deram a casa. Era velha, mas é que eu morava. [...] Sempre, sempre morei com ela. Antes de ela falecer, dois anos, eu não podia trabalhar, né. Por dois anos não pude trabalhar cuidando dela. Eu que fazia comida, fazia o café para ela. Gostava mais de mim né. Quase sempre a pessoa velha agarra um, né. Até mesmo uma comida que eu fazia, ela achava melhor do que as outras faziam, as próprias filhas faziam, ou outros filhos. Não tinha que ser [...].

(Cassiane) - E quando ela faleceu o senhor deve ter achado bastante falta dela.

(Reginaldo) - Mas bah! Como não? Muito, é!

Nessa fala pode-se perceber a constante dedicação de Reginaldo ao cuidado da mãe enferma. Percebe-se certa satisfação ao relatar a preferência que a mãe tinha pelo seu cuidado, pela sua comida. Ele assumiu o papel de “cuidador” na família, dedicando-se integralmente aos cuidados da mãe enferma, durante dois anos. Chama a atenção na sua fala a menção de que ele deixou de trabalhar por esse período, o que mostra que a sua concepção de trabalho está relacionada às tarefas do âmbito produtivo, como o manejo de animais e a prestação de serviços agropecuários em outras propriedades, não considerando o cuidado da mãe doente, a elaboração de comida e o cuidado da casa como trabalhos. Dessa forma, o trabalho no âmbito doméstico é invisibilizado, seja realizado por um homem ou por uma mulher. Da mesma forma que Reginaldo, Luis (56 anos) dedicou-se ao cuidado da mãe enferma, sentindo bastante o seu falecimento. Já Carlos (52 anos) e Júlio (78 anos) retornaram à propriedade da família após adultos para atender aos pais idosos e à propriedade.

Os solteirões realizam tarefas do lar, como cozinhar, limpar a casa e lavar roupas, e falam normalmente sobre elas. Essas tarefas são desenvolvidas, principalmente, nos casos em que não existam mulheres na casa. Para Reginaldo, que está aposentado, a tarefa de lavar roupa no córrego, por exemplo, representa uma forma de se entreter. “Isso é pra mim me entreter, não pode parar de um tudo” (Reginaldo). Já Luis faz uma brincadeira, mencionando suas habilidades com os trabalhos domésticos como uma justificativa para continuar solteiro. “Eu sei lavar, sei cozinhar. Lavo roupa, faço tudo. A minha roupa sou eu quem lavo. Então, pra que? e então, fico sozinho, vai dar mais despesa ainda pra mim, não. Fica aí pra mim tomar cerveja e fazer festa”.

Uma das poucas tarefas que eles não dominam é a elaboração de pão caseiro. Cada um busca uma alternativa para o problema, Reginaldo compra pão da Associação de Agricultores Familiares da localidade, já Carlos espera a mãe visitá-lo para fazer. A sua mãe mora na cidade, mas costuma vir frequentemente à sua casa, passando alguns dias com o filho, fazendo pães e guardando-os no freezer. Ela também auxilia na limpeza da casa e cozinha quando está com o filho. Essa é uma preocupação de Carlos, quer aprender a fazer pão. A sua mãe, Antônia, menciona que Carlos faz todos os trabalhos de casa, embora ela goste de ajudá-lo.

Hoje ele veio atar o cachorro e eu disse assim: 'mas, meu filho, porque tu não gritou que a mãe atava o cachorro?' Ele foi e disse: 'eu não sou como os homens antigos que achavam que as mulheres tinham que fazer tudo.' Não. Não pede nada. Eu fico brava com ele. Se tem que atar o cachorro, vai lá e faz. Mas assim como ele faz as coisas para mim, eu faço [...] (Antônia).

Nesse depoimento, podemos observar que Carlos se considera diferente dos homens antigos. Nessa passagem, mostra-se como os papéis historicamente atribuídos ao homem e à mulher vêm mudando, e como Carlos se posiciona contra a antiga divisão do trabalho, atuando nas tarefas do lar mesmo quando a mãe está na sua casa. Essa situação também pode ser observada durante um almoço na casa de André (37 anos), ele auxiliou a mãe durante toda a preparação do almoço. Quando perguntei a ela se ele atuava nos trabalhos domésticos, ela disse que sim, sempre lhe auxiliava, inclusive se responsabilizando por algumas tarefas que seriam mais pesadas, como lavar a casa. Esse envolvimento do filho é explicado pela mãe pela sua formação, já que desde pequeno ela teria acostumado ele a realizar trabalhos domésticos, o que não era habitual naquele local.

A fala de Juarez, posteiro solteirão, diferencia-se dos demais em relação ao trabalho doméstico.

(Cassiane) - E como é ser solteiro? É bom?

(Pedro) - É bom.

(Juarez) - Olha, a senhora sabe que pra mim já não é. Principalmente pro camarada que trabalha, não é bom. Pra mim não. Tem que ter uma pessoa só pra fazer alimentos pra ele porque não tem tempo, pra lavar roupa. Pro cara que nem o Olívio, não trabalha para fora, aí é diferente, aí tem tempo, ele não tem compromisso.

(Cassiane) - Chega na hora de meio dia, vocês têm de fazer comida também?

(Juarez) - É claro.

(Cassiane) - E a roupa são vocês que lavam?

(Pedro) - É.

(Juarez) - Então é ruim, é ruim nesse sentido.

Para Juarez, o problema da vida de solteiro é ter que fazer as tarefas do lar quando chega do trabalho na lavoura ou no campo. Ele defende que uma companheira faz falta para fazer essas tarefas da casa. Na sua fala, tem como ponto de partida a masculinidade hegemônica local, onde o papel do homem é trabalhar nas lidas campeiras, enquanto que a mulher deve cuidar dos trabalhos domésticos. Embora esteja passando por mudanças nas relações de gênero, a sociedade rural de Alegrete continua sendo patriarcal. Enquanto Juarez relata a intenção de ter uma

companheira para fazer os trabalhos domésticos, os demais solteirões entrevistados desenvolvem essas atividades, sem considerá-las femininas.

4.3 Transformações das relações familiares e de gênero na agricultura familiar

Em Alegrete, nas últimas décadas, processam-se diversas mudanças nas relações de gênero e de família. Essas mudanças influenciam as vidas dos solteirões, e são influenciadas por eles. Especificamente, atento para o processo de empoderamento das mulheres rurais de Alegrete, em curso desde as últimas décadas, que implicam em mudanças nas relações entre homens e mulheres. O divórcio, crescente nas últimas décadas, também resulta em mudanças nas concepções de família.

As relações entre homem e mulher, bem como os papéis socialmente atribuídos, estão passando por significativas transformações nas últimas décadas. Houve mudanças nas relações de gênero, como maior participação da mulher no mercado de trabalho e ensino secundário, aumento da idade para o casamento e maior número de divórcios. As conquistas, entretanto, não representam condições igualitárias. As mulheres continuam ocupando posições menos favorecidas. A unidade doméstica é um lugar onde a dominação masculina se apresenta de forma bastante intensa (BOURDIEU, 2002). O espaço rural de Alegrete está longe de ser um território de igualdade entre homens e mulheres, pelo contrário, é um espaço de dominação masculina fundamentado em uma sociedade patriarcal e hierarquizada. A dominação masculina é uma dominação simbólica construída e reproduzida historicamente através da ideia de homens dominantes e de mulheres submissas (BOURDIEU, 2002). Para Bourdieu (2002), existe espaço para uma luta cognitiva, no qual o dominado tem a uma possibilidade de resistência. Em Alegrete é possível observar isto na prática, pois as mulheres rurais vêm alcançando algumas conquistas através da luta.

Um caso relatado por Bibiana, funcionária de escola rural, mostra como a dominação masculina está enraizada na história de Alegrete. Ela conta a história de Aloísio Peixoto, primeiro patrão do Centro de Tradições Gaúchas da localidade onde tinha uma estância com aproximadamente sessenta quadras de campo, cerca de

5227 ha. O homem de origem portuguesa, que já é falecido, teria vários filhos não reconhecidos no espaço rural do município.

Esse finado Aloísio, eu não conheci ele, mas eles contam a história de que ele tem filho perdido por tudo quanto é lugar. Porque ele pegava, naquele tempo tinha umas mulheres, umas morenas, negras velhas que lavavam na sanga, na beira de sanga, nos arroios. Lavavam pra fora. E dizem que ele rondava, quando via a morena velha, velhas, na época eram novas né, mulher nova. Dizem que ele via as mulheres lavando e ele vinha com a corda e laçava a mulher. Aí se a mulher queria gritar, dizem que ele dizia assim: “o tio Aloísio dá um capãozinho pra ti, fica quieta”. Dava uma ovelha, um capão pra comer né, pra ela ficar quieta e ficava com ela. Depois elas engravidavam. Ele teve um monte de filhos perdidos (Bibiana).

Esse caso retrata a dominação masculina, e também envolve dominação por condição social e etnia. O estancieiro, de origem portuguesa, aproveitava-se da condição econômica desfavorecida das mulheres lavadoras negras para manter relações sexuais com elas. Na verdade, essas mulheres eram tratadas por ele como animais, inclusive sendo laçadas. “As mulheres se submetiam, para ganhar um pouco de carne, ficavam com ele” (Bibiana). Essa é uma das histórias contadas por moradores de uma localidade rural de Alegrete sobre a vida no local há algumas décadas atrás, e que não foi meramente inventada por essas pessoas. Ela mostra como essa sociedade está assentada sobre a desigualdade por sexo, condição socioeconômica e etnia.

Atualmente, a relação entre os sexos continua desigual no espaço rural de Alegrete. A gestão das atividades agropecuárias nas propriedades familiares do município, bem como da rentabilidade gerada por elas costuma estar centralizada no homem. Conforme Evandro, agente de desenvolvimento rural, alguns homens centralizam a gestão da propriedade de tal forma que após o falecimento, a esposa fica totalmente desinformada sobre a situação da propriedade. Da mesma forma que a esposa, a filha jovem também costuma depender do pai quando precisa comprar alguma coisa. Aline, jovem de origem rural que trabalha como babá na cidade para cursar o ensino médio, conta que trabalhava com os pais na propriedade e tinha certa liberdade para opinar. Entretanto, a gestão do dinheiro era feita pelo pai. “Quando a gente tinha que vir na cidade: ‘Ah pai me empresta dinheiro?’ Daí ele dava cinco, dez, quinze reais, daí dizia que tinha que levar troco ainda” (Aline). Assim, a jovem precisa lutar duas vezes contra a submissão na família, como mulher

e como filha. Entendo que essa situação também contribui para o maior êxodo de moças, em relação aos rapazes no local.

A escassez de mão de obra nas atividades agropecuárias de Alegrete tem favorecido o treinamento de mulheres para atuar em atividades tecnificadas no âmbito da agricultura empresarial. Conforme Rita, agente de desenvolvimento rural, os arroteiros estão investindo na qualificação das mulheres para trabalhar como tratoristas. Esse era um campo de trabalho considerado masculino, até pouco tempo, no entanto, uma das estratégias dos arroteiros para garantir a mão de obra necessária tem sido o investimento no treinamento de mulheres. Na última semana arroteira do município, um dos temas trabalhados foi o bem estar da mulher. Conforme Rita, os arroteiros entendem que se a mulher estivesse bem lá fora, o homem estaria trabalhando bem, os filhos estariam bem, e eles conseguiriam fazer com que essa mão de obra permanecesse por mais tempo.

Nos últimos anos, as mulheres rurais alegretenses vêm alcançando conquistas importantes, seja no âmbito individual, ou no coletivo, combatendo a dominação masculina. As mudanças nas relações de gênero que acontecem em outros lugares também repercutem nessa realidade, animadas pela luta das mulheres. Nesse sentido, destaca-se a organização de grupos de mulheres rurais no município. Atualmente, existem vários grupos que são espaços de lazer, aprendizado e discussão. Os grupos têm apoio de agentes de desenvolvimento rural, mas, conforme o relato de uma liderança na organização de mulheres rurais de Alegrete, a iniciativa dessas organizações é das próprias mulheres rurais, tendo, por vezes, relação com o Movimento das Mulheres Camponesas. No âmbito produtivo, os grupos estão envolvidos com ações voltadas à agroindustrialização de produtos e à elaboração de artesanato, utilizando materiais como lã de ovelha, por exemplo.

As mulheres rurais estão assumindo espaços importantes na liderança de organizações representativas de agricultores familiares no município, como a APAFA e a ACRIPLEITE, que na época da pesquisa eram lideradas por mulheres.

(Lurdes) - Na nossa diretoria são poucos homens, quase tudo é mulher. É que a gente participa muito. De primeiro, as mulheres ficavam muito para trás, agora a gente participa muito desses encontros de mulheres, caminhada de mulheres. Vai ônibus daqui com um monte de mulheres para Porto Alegre, vários lugares. Aí as mulheres estão se dando conta né, e não é como antigamente que o homem que era o dono. Se apossavam da

mulher e eram donos. Eles é quem sabiam tudo, agora não, as mulheres tem voz e vez, como dizem.

(Cassiane) - Que bom, a partir de quando a senhora nota essa mudança?

(Lurdes) - Acho que de uns 10 anos para cá. Porque antes elas eram muito, esperavam tudo pelo marido.

O relato de Lurdes menciona o empoderamento das mulheres, a partir da organização em grupos. Essa organização, que é recente no município, está se transformando em um espaço importante para a luta por condições de igualdade entre homens e mulheres rurais.

A extensão rural trabalha com as questões de gênero em Alegrete, mas será que essa atuação sempre promove a igualdade entre homens e mulheres?

Em um dos grupos de pecuaristas familiares do município, os extensionistas apostam na preparação das mulheres para atuação nas atividades produtivas, por exemplo, através de encaminhamento para cursos de inseminação artificial em bovinos. A participação na gestão da propriedade também é estimulada. “A gente estimula que as mulheres façam a parte de anotações de custos. Elas são totalmente envolvidas no processo” (Amanda, agente de desenvolvimento rural). Esse aspecto é especialmente importante na realidade local, onde a gestão da unidade produtiva costuma ser centralizada pelos homens. A extensionista fala sobre o crescente envolvimento das mulheres com o grupo de pecuaristas familiares.

Melhorou muito no grupo. Eu noto que nos outros grupos quem participam mais são os homens, mas quando nós fazemos dia de campo as mulheres vão lá na localidade. No grupo elas participam mais, têm algumas mulheres, que nós sabemos que sabem mais, mas não opinam por causa do marido. No ano passado no encontro de pecuaristas familiares foi uma mulher que fez o relato das atividades do grupo. Ali nas reuniões são elas que levam os lanches, no serviço da casa eles não ajudam, elas fazem tudo na casa, cuidam da horta e ainda ajudam na mangueira (Amanda).

O relato de Amanda mostra como as mulheres vêm conquistando espaços em um grupo de pecuaristas familiares, o que é significativo já que outros extensionistas do município dizem que a pecuária de corte envolve menos o trabalho de mulheres na agricultura familiar do município, em relação a outras atividades como bovinocultura de leite e olericultura. Nesse processo ainda há muito que avançar, como pode ser percebido na menção às mulheres que tem conhecimento sobre o

assunto tratado no grupo, e poderiam participar mais, mas se calam diante da presença do marido.

Os extensionistas rurais do município estão começando a atentar para a necessidade de realizar trabalhos voltados à participação das mulheres nas atividades produtivas nas propriedades familiares, sendo que existem diferenças na organização do trabalho conforme a instituição. O caso da instituição onde trabalham Rita e Gustavo oferece subsídios para refletir sobre a postura da extensão rural nesse ponto. O trabalho dos extensionistas na instituição é organizado em campos de atuação, sendo que Rita se dedica à área social e Gustavo à área técnica e atividades administrativas.

Procuro acompanhar todas as regiões, mas trabalho com alguns grupos de mulheres e jovens em específico: artesanato, lazer, geração de renda, saúde, muita coisa na área da alimentação, diversificação, higiene e qualificação. Elas gostam disto. A partir daí, os guris trabalham a parte técnica. Os homens vão para passar o dia inteiro. Nós dividimos o público, os homens com a parte técnica, e as mulheres com a área de interesse que elas possuem. Isso quando é grupo de pecuaristas familiares, que a mulher não está ligada ao trabalho produtivo. Diferente do que ocorre nas reuniões dos produtores de leite, que é impossível tentar dividir (Rita).

Essa situação de divisão do público relacionado à pecuária de corte conforme o sexo, tratando das questões técnicas com os homens, e de questões sociais com as mulheres, condiz com a realidade da atuação da extensão rural quando foi implantada no país, no final da década de 1940, no sistema “um jipe, um agrônomo, uma professora”, conforme Fonseca (1985). É necessário mudar essa situação que acaba reforçando a divisão clássica do trabalho na agricultura familiar, contribuindo com a invisibilidade do trabalho das mulheres e com a dominação masculina. Considerando-se que a instituição onde Rita trabalha oferece serviços de assistência técnica e extensão rural de forma gratuita para os agricultores familiares no Rio Grande do Sul, a partir de repasse de recursos públicos, é essencial discutir e repensar essa forma de trabalho.

As questões que são trabalhadas com as mulheres também interessam aos homens. Por exemplo, os solteirões entrevistados não sabem fazer pão, sendo que um deles, inclusive comentou que precisa aprender. Os homens também precisam discutir questões de gênero para potencializar a construção de uma sociedade mais igualitária. Por outro lado, as mulheres não podem ser excluídas da formação e das

discussões sobre questões produtivas. A própria extensionista reconhece essa necessidade a partir de reclamações das mulheres rurais.

Alguns grupos que nós trabalhamos, a periodicidade é mensal. Então, como sou na área mais social, com essas mulheres, ah, mais na alimentação, na parte de bem-estar, tá, e a gente faz muito oficinas de alimentos, farinha de mandioca, abóbora e assim por diante. E ela (uma integrante do grupo) pegou um dia e me disse assim: “Rita, eu vou te dizer uma coisa: tu não me leva a mal, tu não precisa me chamar para coisa de comida, artesanato, tu não me chamas. Agora, se for para fazer uma cerca, um dia que for para trabalhar, virar uma terra, me chama. Me chama, que eu estou lá” (Rita).

Os extensionistas Gustavo e Rita entendem que as mulheres da agricultura familiar alegretense envolvem-se bastante no trabalho na bovinocultura de leite e na olericultura, todavia, envolvem-se pouco na pecuária de corte. Eles mencionam o caso de uma mulher jovem que mora na propriedade da família com a filha, trabalha com pecuária de corte na sua propriedade, e presta serviço para outras como um caso raro.

(Gustavo) - Aí eu comecei a perguntar. E ela disse: -“não, eu toco eu e a minha filha a propriedade aí fora”. Eu disse: -“e onde é que tu estudas?”. Ela disse: -“eu estudo no polo do Angico”. Eu disse: -“mas tu deves precisar de vez em quando [...]”. Não sei se me coloquei mal, disse: -“Tu deves precisar de um homem para algumas coisas assim, não em termos de relações [...]”. Ela disse: -“Não, é eu e minha guria”.

(Rita) - Aí ela pegou e olhou assim e disse: “tá aqui o meu peão, porque ela é meu braço direito, quando não está no colégio, somos nós duas”. Eu fiquei assim, impressionada. Porque também a gente vê que não é fácil, não é fácil só mulher.

(Gustavo) - E ela veio aqui para fazer um PRONAF porque ela queria comprar mais alguns animais, melhorar umas cercas dela.

(Rita) - E é interessante que ela ainda presta serviços para vizinhos.

(Gustavo) - Se precisar, ela vai e monta a cavalo. Eu disse assim: “e se precisar dar vacina?” Disse: “não, é tudo eu e minha guria”. Eu me surpreendi.

Em outro momento da entrevista, entretanto, Rita diz que é comum as mulheres rurais que trabalham com os maridos no alambrado, construção e conserto de cercas. “Mas isto é comum aqui. Nós temos muito isto aqui em Alegrete. O homem vai para fazer a cerca e a mulher vai junto. Ele corta com o motosserra, ela fura o moirão” (Rita).

O envolvimento das mulheres nas atividades da pecuária familiar no município foi um ponto que gerou curiosidade. Alguns entrevistados disseram que as

mulheres se envolviam pouco, já outros, que trabalham da mesma forma que os homens. Conforme Otávio, morador rural e vendedor de loja de produtos oriundos da agricultura familiar, as mulheres participam do trabalho na agricultura familiar do município, às vezes trabalhando melhor do que os maridos, inclusive na pecuária de corte. Ele comenta que elas também atuam no alambrado: “Ajudam, às vezes é um casalzinho de velhos em casa, então eles vão juntos” (Otávio).

Nas duas famílias de agricultores familiares que me hospedaram, uma noite em cada casa, as mulheres desenvolviam atividades no âmbito da casa, do cultivo de plantas de cercado e do beneficiamento de alimentos. Em uma delas, a mulher também era artesã. Na família A, o filho solteirão trabalhava com pecuária de corte, alambrado e produção de madeira, além de auxiliar a mãe nos trabalhos domésticos. Já o marido trabalhava na pecuária de corte, no cultivo das plantas de cercado, e não auxiliava nos trabalhos domésticos. Na família B, o marido trabalhava na pecuária de corte, no cultivo das plantas de cercado, e participava das atividades domésticas, e a filha jovem era basicamente estudante. Os pais contaram que a filha única do casal foi criada “recebendo tudo nas mãos”, e que atualmente eles encontram resistência quando precisam que ela desenvolva alguma atividade no âmbito doméstico, ou no cuidado com os animais. “Ela não sai da frente da TV” (Adão).

4.3.1 A separação no espaço rural: mulheres que se rebelam

Durante o levantamento de dados de campo, tive o relato de três casos de separação de casais do espaço rural alegretense por iniciativa feminina. Esse tema surgiu naturalmente durante as entrevistas, constituindo-se em um elemento interessante para ilustrar as mudanças em curso nas relações de gênero nessa realidade, bem como exemplificar o tensionamento das mulheres rurais diante da dominação masculina. Conforme os entrevistados, os casos de divórcios estão aumentando no espaço rural do município. Carlos e Otávio comentam que, há algumas décadas passadas, as mulheres divorciadas sofriam certas restrições na sociedade local, como serem proibidas de participar de bailes em CTGs, o que foi se modificando ao longo do tempo. O número de mulheres rurais que se separam do

companheiro após terem filhos crescidos vem aumentando, conforme os agentes de desenvolvimento Gustavo e Rita.

(Rita) - As mulheres acima dos 50 anos estão se rebelando. Se rebelando assim porque antigamente era feio uma mulher se separar.

(Gustavo) - Não estão mais preocupados com isto.

(Rita) - Não estão mais preocupadas, independente se é daqui ou de fora. Elas já chegam numa maturidade da vida financeira e psicológica.

(Gustavo) - Não estão aguentando mais o cara ser bruto, e aquela questão, e resolvem trocar.

(Rita) - Os filhos já estão crescidos, então pegam e muitas vezes pegando um cara mais novo, que também era muito do homem, o homem ter uma mulher mais nova, as mulheres estão namorando e constituindo uma família com caras mais novos.

(Gustavo) - É verdade.

(Cassiane) - Tem homem de monte.

(Rita) - Dá para escolher.

(Gustavo) - Tem sobrando.

(Rita) - Também a gente vê homens de vinte e poucos anos sendo mantidos por essas mulheres que tem uma condição financeira melhor, que tem a sua maturidade.

(Gustavo) - Querem um cara novo.

(Rita) - É bom para eles e assim vai indo.

(Gustavo) - É muito comum isto.

(Rita) - E está numa crescente, antes não se via muito isto.

Os dois homens separados que foram entrevistados moravam sozinhos, e foram indicados por informantes-chave como agricultores familiares solteirões. Após iniciar a entrevista, foi possível perceber que, na verdade, um deles era um peão de fazenda aposentado que tinha sido casado por trinta anos, Afonso, e o outro era pecuarista familiar separado, Paulo. O caso de Paulo foi surpreendente porque foi indicado pelo próprio irmão como solteirão, mas, na verdade, foi “amigado” durante alguns anos. Esses casos são interessantes, já que são homens rurais que vivem sozinhos, e que, juntamente com muitos homens que vivem e trabalham no espaço rural durante os dias de semana, tendo as companheiras na cidade, aumentam a sensação de masculinização no espaço rural de Alegrete.

A mulher entrevistada é uma informante-chave que, espontaneamente, falou sobre a experiência do divórcio. Bibiana é funcionária de escola rural, e ex-agricultora familiar. Nesse caso, diferentemente dos homens separados, Lurdes encontrou um novo companheiro, com quem vive atualmente. Quando ela se divorciou, tinha seus três filhos crescidos, confirmando a situação relatada por Rita.

O entrevistado Paulo é loquaz, porém, quando se refere à separação da companheira, torna-se lacônico, preferindo evitar o assunto. Ele diz que nunca foi

casado, mas morou junto com uma companheira por alguns anos. “Até me juntei, mas não deu certo, foi um para cada lado e deu” (Paulo). Quando tinha trinta anos, há 21 anos, Paulo foi viver com uma mulher da mesma localidade que a sua. Conforme ele, o relacionamento terminou porque ela quis ir viver na cidade, e ele não, já que adora a vida rural. “Aí depois ela foi para a cidade, aí não deu, passava mais lá do que aqui” (Paulo).

Para Afonso, o relacionamento teria terminado porque a mulher queria que ele fosse morar na cidade, e ele não quis.

A senhora sabe que eu [...]. Foi engraçado, eu quando saí do quartel eu peguei uma mulher, a mulher era empregada na cidade e eu trabalhava para fora. Eu tenho uma filha com ela, essa minha filha tem 40 anos. Casou, quando ela foi daqui de Alegrete para Santa Maria, foi com um guri de cinco anos, agora faz cinco anos que ela tá pra lá. Então, ele tá com dez. E essa mulher, quando fazia trinta anos que nós vivia juntos, ela queria que eu fosse trabalhar na cidade. Eu disse: “não, na cidade eu não vou”. Aí foi e foi e nós se desacetamos. Aí os patrões dela se aposentaram e foram morar em Uruguaiana, aí nós se deixamos, faz 20 anos que nós se deixamos. Eu não sei se ela é viva ou é morta (Afonso).

Nessa união, durante trinta anos o casal viveu separado, ele trabalhando como peão de fazenda no espaço rural, e ela como empregada doméstica na cidade. Ele visitava sua companheira somente uma vez por mês, quando recebia seu salário na cidade. Quando Alberto viajava para a cidade, uma empregada da fazenda, que era solteira, também ia para fazer compras. A companheira dele tinha ciúmes dessa empregada. “E a mulher começou a inventar que eu vivia de namoro com a empregada da estância, que era muito bonita. Eu disse: ‘não, capaz que vai ser’” (Alberto). Ele diz que realmente não tinha um relacionamento com a empregada da fazenda, mas depois que a mulher o deixou, procurou a empregada e namorou ela por um tempo.

Após se divorciar do marido, cerca de um ano antes da entrevista, Bibiana também se mudou para a cidade. Ela casou-se com dezoito anos, e teve três filhos. Ela trabalha há muitos anos como funcionária de escola, sendo que atualmente trabalha na localidade onde morava com o ex-marido. Os problemas da relação teriam começado quando ela foi trabalhar em uma escola a setenta quilômetros de casa, precisando permanecer durante a semana na escola. Seu marido começou a reclamar, ter ciúmes, até que a relação foi se minando. Ela conta que teria

permanecido na casa por algum tempo, mesmo separada do marido, até sua filha completar dezoito anos. Bibiana pensava no que os seus filhos e os seus pais iriam dizer. Mesmo sendo uma iniciativa dela, o momento de sair de casa e romper um casamento de 27 anos foi difícil, conforme depoimento:

Foi difícil. Foi difícil pra ele e foi difícil pra mim. Ele não acreditava que eu ia sair, e eu nunca acreditava que eu iria ter coragem de sair. Dizia, mas dizer é uma coisa, fazer é outra. O dia que eu decidi mesmo, a gente até discutiu forte. O dia mesmo que fui falar, ele ficou furioso. Eu disse pra ele que queria uma casa pra vir embora, e a gente discutiu e tudo, eu vim embora pra cidade. Aí o dia em que eu fui sair, eu tinha uma “caminhonetinha”, uma pick up corsa, aí encostei e comecei a carregar as coisas, mas não trouxe nada das coisas de casa, tudo que eu tenho, já comprei aqui. Eu não trouxe quase nada de lá, mas assim minha roupa, minhas coisas pessoais. Eu fui colocando na camioneta e chorando. E ele simplesmente sumiu. Ele é quem comprou essa casa aqui para mim, veio pra cá, ajudou a limpar tudo, bem, feliz da vida. Mas não sei o que ele pensou, que eu ia ficar com a casa, que não iria sair de lá. Aí quando ele viu sair, credo, sumiu, desapareceu, foi chorar também em algum lugar. E eu quando saí de lá, não vi ele quando saí, vim chorando também, até a cidade. Aí eu cheguei aqui, entrei em depressão. Eu fiquei um mês e vinte e três dias sem sair de casa, só dentro de casa, sem sair para lugar nenhum. Eu tava de férias (Bibiana).

A pressão do processo de separação foi forte para ela. Mesmo após a separação, ela demorou certo tempo para começar a sair de casa para se divertir porque ainda se sentia casada. Por certo período, Bibiana ia à casa do ex-marido nos finais de semana e fazia as tarefas domésticas para ele. Quando começou ir aos bailes e arrumou um namorado, ela não tinha coragem de contar para o ex-marido. As filhas contaram a novidade que ele recebeu bem. Existe uma relação de amizade entre os dois, sendo que o ex-marido dela vive sozinho no espaço rural.

Os pais do ex-marido de Bibiana também eram separados. Conforme Bibiana, o pai dele bebia muito, e a mãe dele trabalhava na lavoura para criar com sacrifício os oito filhos que tiveram. A sua mãe não quis mais a vida que levava, vendo o marido chegar em casa caído de bêbado, e se separou. A princípio os dois ficaram de mal, mas moravam perto. Ele parou de beber e, com o passar do tempo, tornaram-se amigos e tomavam chimarrão juntos. A mãe ficou morando com os filhos, e, depois que esses casaram, arrumou um novo companheiro. Já o pai, ficou sozinho, pois, conforme Bibiana, disse que tinha medo de ter alguém que o lograsse.

As mulheres rurais de Alegrete, de forma geral, vêm se fortalecendo nos últimos anos. Lurdes, que é agricultora familiar e professora rural aposentada, conta

que estão ocorrendo mudanças nas relações de gênero. “Eu mesmo, no meu primeiro casamento, era ele que mandava e pronto, depois eu fui me alertando que não podia ser assim, o dinheiro era meu, eu é que tinha que tomar as decisões sobre o que iria fazer com o meu dinheiro” (Lurdes). Esse processo de empoderamento feminino e luta das mulheres contra a dominação masculina, desencadeado nas últimas décadas, é vivenciado pelos solteirões. Eles também atuam nesse processo, e precisam estar cientes das suas consequências. Caso desejem encontrar companheiras, os solteirões precisam considerar que as mulheres rurais de Alegrete estão questionando a dominação masculina, e querem viver em condição de igualdade com os homens.

5 SER SOLTEIRÃO NA AGRICULTURA FAMILIAR DE ALEGRETE

Afinal de contas, como é ser solteirão? Buscando responder essa pergunta, trabalho neste capítulo a forma como os homens vivem a condição de solteirão na agricultura familiar. O conceito de masculinidade serve para vincular as características da sociedade onde os homens nasceram, as suas trajetórias de vida, os significados que eles atribuem à vida rural, ao trabalho e à solteirice. Enfim, aspectos identitários e representações sociais são criados e transformados sobre uma base estrutural. A masculinidade precisa ser entendida como uma construção histórica e social no âmbito do gênero, relacionada com outras estruturas como classe e etnia (CONNEL, 1997).

No contexto dos Estados Unidos da América, Campbell, Bill e Finney (2006) mostram que a ideia de ser homem naquele país tem como modelo a figura do homem rural, homem estereotipado e, por vezes, representado pela figura do vaqueiro (*cowboy*). A ruralidade seria associada com formas tradicionais da masculinidade, mesmo que isto não condissesse com a realidade. Essa figura do vaqueiro americano tem semelhanças com a figura do gaúcho, estereótipo que também serve como modelo de masculinidade hegemônica no espaço rural de Alegrete.

Existem pontos que convergem e pontos que divergem entre os depoimentos dos entrevistados. Isto ocorre porque cada pessoa tem as suas especificidades, a suas experiências e a sua forma de atribuir significados às suas vivências. Entretanto, esses homens mostram características, gostos e formas de pensar que muitas vezes são semelhantes, essa semelhança é resultado do contexto social e histórico, bem como de aspectos culturais compartilhados. Essas convergências somadas ao fato de todos serem homens, agricultores familiares e solteirões no mesmo local, possibilita a emergência de uma identidade em comum, uma masculinidade que é construída a partir das características da agricultura familiar na região, seu histórico, de questões familiares e de gênero. Conforme Bourdieu (2011), as propriedades de gênero estão associadas às propriedades de classe. Inicialmente trato de questões identitárias e referente à masculinidade, características que unem e separam esses homens, dedicando atenção especial às

categorias gauchismo e trabalho. Na sequência, enfoco as relações entre o desejo de autonomia a representação negativa da solidão que esses homens demonstram.

Por fim, abordo a construção da identidade de homem rural solteirão.

5.1 O orgulho de ser homem rural

Um dos aspectos que unifica os solteirões entrevistados é a representação social sobre o espaço rural como espaço de vida, um lugar bom para viver. Entendo representações sociais no sentido de Cruz (2006, p. 20, tradução nossa), como “processos grupais e coletivos de apropriação afetiva e cognitiva da realidade, construindo conhecimentos de sentido comum a partir das referências simbólicas do grupo de pertencimento”.

O espaço rural de Alegrete é mencionado pelos solteiros entrevistados como um lugar de que gostam, sendo que apenas um deles menciona a intenção de morar na cidade e continuar atendendo os animais na propriedade no futuro. O depoimento de Reginaldo (65 anos) exemplifica a afetividade pelo rural: “Gosto, gosto muito da campanha. Dizem campanha, pra fora assim é campanha. Sempre gostei, nasci e me criei aqui. Acho difícil agora ir para a cidade.” O depoimento de André (37 anos) exprime amor pela vida rural e repulsa pela vida urbana. Ele relaciona a cidade com prisão e o rural com liberdade.

(André) - Uma chácara de 40 ha que tem mangueira pronta, banheiro de gado, tem um mato coisa mais linda, um arvoredo, tem eucalipto à vontade, na chácara velha que era do meu avô e lá em casa eu tenho uma mangueira bem feita lá, tem galpão, tem casa boa, com água, com luz, com tudo [...].

(Cassiane) - Na cidade também tu não quer trabalhar?

(André) - Não, mas na cidade nem a tapa.

(Cassiane) - Não gosta de estar na cidade?

(André) - Estar em prisão, não, chega, eu gosto de ser livre e solto, no vento [...].

(Cassiane) - É isto André, tu gostas da vida que tu levas?

(André) - Amo a vida que eu levo.

Já Luis (56 anos) menciona que até já foi chamado de louco, devido sua decisão de continuar morando no espaço rural, após o falecimento de sua mãe, de

quem cuidava. Em seu depoimento, ele valoriza a segurança do local onde vive e a sociabilidade com os vizinhos.

Aí eu fiquei por aqui, aí o pessoal diz: “tu é louco, morar sozinho lá, em vez de vender e ir morar na cidade.” E eu digo: “não, mas eu nasci lá e eu gosto muito de lá.” Aqui ainda é tranquilo, a gente pode sair, a gente sai, fica às vezes uma semana, pede pra um vizinho vir aqui e dar uma boia pras galinhas, pros cachorros aí, e ninguém rouba nada. A gente pode deixar a casa até aberta, um lugar tranquilo (Luis).

A questão da segurança também é citada como ponto positivo do espaço rural por Carlos (52 anos). Na sua localidade, o único crime que costuma acontecer é o abate de bovinos no campo durante a noite, seguido pelo roubo da carne, crime denominado abigeato. Em contraponto, a cidade de Alegrete é mencionada por ele como um lugar perigoso, onde sua mãe já foi roubada na saída de uma agência bancária. A existência de opções de lazer e redes de sociabilidade na sua localidade é elencada como um ponto positivo por Carlos: “Tem gente que compra campo longe, em fundo de campo. Eu não compraria assim. Aqui tem dois bares, tem o pólo, a Igreja. Hoje mesmo tem festa na Igreja de tarde. Sempre tem uma programação” (Carlos).

Já para Alberto (60 anos), o espaço rural não transmite mais segurança, pelo contrário, esse é um ponto que o deixa triste, falar sobre os vários arrombamentos que foram sofridos em sua casa e sobre os roubos de animais. Quando realizei a entrevista, sua casa estava com a porta quebrada, com sinais de arrombamento recente. Devido à sequência de arrombamentos, Alberto decidiu que não consertaria mais a porta. Não obstante, ele não abre mão de ser agricultor familiar e viver na campanha.

(Alberto) - Bah, já arrombaram cinco vezes aqui.

(Cassiane) - O senhor lida com ovelhas também, ou só gado?

(Alberto) - Terminaram com as minhas ovelhas. Lidava com ovelha, roubam de tudo, o que puderem estão levando. Roubaram tudo.

(Cassiane) - Quantas roubaram do senhor?

(Alberto) - Uns dois lotes, umas quarenta. Quarenta não é nada, quarenta é para duas noites para eles. [...] Eu moro solito, passo mais é lidando no campo. Na chácara, arrumando cerca.

(Cassiane) - É melhor trabalhar no que é seu do que trabalhar de peão?

(Alberto) - É muito melhor. Mas não tem outra coisa, bah o cara é dono. O cara empregado aí tem compromisso.

(Cassiane) - E o senhor gosta da vida da campanha?

(Alberto) - É bom.

(Cassiane) - Nunca pensou em morar na cidade?

(Alberto) - Às vezes me aborreço, mas eu vender o que é meu aqui, ir para a cidade fazer o que né? Aí morre mais ligeiro. Tenho cavalos bem mansinhos aí, cavalo, casa e tudo. Tudo que é do cara, comprar uma casa lá, vendendo tudo isto aí eu compro uma mansão. Eu que queria ficar aí né, bah.

Os entrevistados evidenciam um apego ao modo de vida no espaço rural de Alegrete, mostrando intenção de permanecer nessa realidade. Foi na “campanha” onde seus antepassados viveram, e onde eles nasceram, cresceram e foram socializados. Muitos familiares, conhecidos e amigos de infância vivem na mesma localidade que os solteirões, situação que possibilita a formação de laços de sociabilidade que tornam a vida local atrativa para eles. Mesmo vivendo em um município onde o êxodo urbano tem sido intenso nas últimas décadas, os homens optaram por permanecer porque gostam da vida de “campanha”. Como afirma Bourdieu (2011), esse gosto não é natural, é construído socialmente a partir da socialização.

O lazer também é um ponto em que as respostas dos solteirões convergem quando falam do passado, do tempo da juventude. Nesse sentido, as diversões típicas da campanha, como os bailes de rancho e as carreiras, são lembradas com nostalgia. A representação social em torno do lazer na juventude remete a questões como convívio com familiares e vizinhos e formas de diversão que não existem mais. Apenas Júlio (78 anos) diz que não participava de bailes de rancho, e nem de carreiras na juventude. Já Reginaldo participava desses eventos com frequência.

(Cassiane) - E como foi na sua juventude, na época de jovem, o que o senhor fazia para se divertir? Tinha muitos bailes aqui na região? Carreiras?
(Reginaldo) - Tinha baile, carreira, eu gostava de tudo, gostava de correr carreira, corri muita carreira. Depois que fundaram o CTG só saía baile no CTG né.

(Cassiane) - Antes daí tinham vários lugares onde saíam bailes?

(Reginaldo) - Vários lugares. Faziam baile e convidavam os vizinhos.

(Cassiane) - Faziam nas casas mesmo?

(Reginaldo) - Faziam nas casas mesmo.

(Cassiane) - Que legal, mas dançavam de que maneira? No terreiro?

(Reginaldo) - Não, dentro de casa, tal de baile de rancho que se diz.

(Cassiane) - E tinha o gaitero que tocava?

(Reginaldo) - Tinha o gaitero[...]. É, convidavam. Convidavam os vizinhos, é bem como convidar para uma festa. É convida para um baile tal dia, quase sempre era sábado que saía baile. Lá na Vargem Verde, logo aí no Parové, lá se reunia uma duplinha e sábado de tarde já saía baile. Tinha gaitero, bastante gaitero para tocar. E bastante moça, tinha lá nesta região bastante moça, na campanha.

(Cassiane) - Por aqui não tinha muitas moças?
 (Reginaldo) - Por aqui tinha, mas pouco né.
 (Cassiane) - Então o senhor ia para lá nos bailes?
 (Reginaldo) - Ia, ia nos bailes lá.
 (Cassiane) - Iam de cavalo?
 (Reginaldo) - De cavalo. Quase sempre ia de cavalo.
 (Cassiane) - Iam em uma turma, o senhor e os seus irmãos?
 (Reginaldo) - É, uma turma, as irmãs também iam em baile quando convidavam por aqui né, eram três irmãs que eu tinha.

Esse “baile de rancho” referenciado por Reginaldo, ou “surpresa”, conforme denominado pelos demais entrevistados, era uma forma tradicional de lazer na campanha até algumas décadas atrás. Essas surpresas também descritas por Luis:

(Cassiane) - Naquele tempo então era nas casas.
 (Luis) - Era nas casas. Naquele tempo da surpresa. Às vezes tinha uns da mesma turma que faziam baile lá e não iam. Aí se combinavam de noite, certa hora da noite e chegavam tocando e outros batiam lá nos poleiros e já iam matando umas galinhas pra fazer, era assim a surpresa, baile de campanha.
 (Cassiane) - Era quando tinha aniversário?
 (Luis) - Não, mas claro, mais nos aniversários. Mas o baile era assim, tinha gaiteiro, porque os bailes de Campanha, escurecia e seguia o baile, só terminava no outro dia quando saía o sol. Como é que tinha cara que tocava sozinho, sem acompanhamento na gaita e o pessoal dançava a noite inteira e aguentavam. Agora contrata o cara, um toca quatro horas, é o máximo é cinco horas de baile, não mais.
 (Cassiane) - E eram as famílias inteiras dançando? Pai, filho [...].
 (Luis) - Sim.
 (Cassiane) - E as moças iam também?
 (Luis) - Iam. As moças saíam de a pé pra bater surpresa, de noite, caindo nas macegas, nem lanterna não tinha naquela época.
 (Cassiane) - Mas moça não ia sozinha, tinha que ir um pai ou irmão?
 (Luis) - Não, claro iam os velhos, mas não afrouxavam (risos).

As carreiras também eram eventos dos quais os homens costumavam participar. As carreiras em cancha reta são eventos, geralmente organizados nos finais de semana, quando as pessoas se reúnem para assistir e apostar em corridas disputadas entre dois cavalos, conduzidos por cavaleiros. Por vezes, as mulheres também assistiam, mas, conforme Julieta, agricultora familiar aposentada, há algumas décadas atrás, esse era um espaço para homens. Alguns dos solteirões também cuidavam os cavalos e disputavam as carreiras. Embora continuem existindo, a maioria deles não frequenta mais esses eventos. Já os bailes de rancho foram substituídos por bailes e festas nas sedes das localidades e CTGs, e por festas realizadas nas casas.

Quando se trata das atividades de lazer das quais participam atualmente, o comportamento dos solteirões se diferencia em dois grupos, grupo dos festeiros, formado pelos mais jovens, e grupo dos caseiros, como eles se reconhecem, formado pelos mais idosos. Na verdade, esses grupos também marcam diferenças de personalidade entre eles, conforme foi possível observar nas entrevistas. Os solteirões do grupo dos festeiros são extrovertidos e falantes, sendo que faziam brincadeiras e piadas durante a conversa. Já os solteirões do grupo dos caseiros são sérios, reservados e se mostraram desconfiados no início das entrevistas, demorando certo tempo para falarem sobre as suas vidas, diferentemente dos homens do primeiro grupo. Os três caseiros, Reginaldo (65 anos), Júlio (78 anos) e Alberto (60 anos), declaram que saem pouco de casa. Eles passam o tempo livre com familiares, e no caso de Alberto, que não convive com seus familiares, a forma de lazer é o convívio com amigos que moram na vizinhança. Durante a entrevista, por exemplo, um dos amigos de Alberto ligou chamando-o para conversarem no posto de gasolina que fica perto da rodovia e da sua casa.

O grupo dos festeiros é formado por André (37 anos), Luis (56 anos) e Carlos (52 anos). O baile é uma forma de diversão prestigiada pelos três. Nos finais de semana, geralmente André vai para os bailes da cidade, permanecendo hospedado na casa de uma das irmãs.

(André) - Às vezes eu vou lá pro CTG Rancho Verde e danço a noite inteira com as véias (risos).

(Cassiane) - Mas ah André.

(André) - Ou, senão, no Salão Ouro dos Pampas. Mas lá vale a pena, é só conjunto bom na domingueira.

(Cassiane) - E tu gostas de ir à cidade, nos bailes do interior tu não vais muito André?

(André) - Mas baile no interior, onde sai mais é aqui no CTG Floriano, dois ou três bailes por ano. No CTG Mário Cunha que tem o rodeio e Semana Farroupilha e no CTG Alegria.

(Cassiane) - É muito pouco então.

(André) - É, baile mesmo, só na cidade. E nos do Alfredo é difícil eu falhar [...].

(André) - Eu não sei dançar devagar.

(Cassiane) - E quando tu vais aos bailes está sempre dançando?

(André) - Como diz o outro estou mais conhecido que erva brava, não me deixam parar.

Quando perguntei a Luis (56 anos) se frequentava bailes quando era novo, ele respondeu: “Mas, até que eu tô velho, vou. Tô sempre nos bailes!” Além de

participar desses eventos, ele também é integrante de um grupo musical juntamente com Carlos (52 anos) e com outros amigos. “Aí nós fizemos, animamos algum bailezinho, botamos umas caixinhas de som e uns microfones pra cantar. No ano passado, a recém começou” (Luis). Esse grupo anima as atividades de lazer da localidade, durante os finais de semana. Além de participar do grupo, Carlos menciona que sempre é convidado para participar de festas nas casas dos vizinhos e, por vezes, atua como gaiteiro nessas festas familiares.

Além dos bailes, os solteiros do grupo dos festeiros também costumam participar de outras atividades de lazer. Quando está em casa nos finais de semana, André faz pescarias. Já Luis, que mora sozinho, diz que nos domingos costuma assistir televisão e frequentar um dos bares da localidade, que chama de “bolicho”: “Ah, sempre vou à noitinha, jogar uns trucos, tomar uma cerveja, jogar conversa fora” (Luis). Esses locais também são frequentados por Carlos. Após a entrevista, realizada em um domingo, ele deixou sua mãe em casa, e foi para um dos bolichos da localidade.

No âmbito da religiosidade, os solteirões têm um comportamento semelhante. Eles acreditam em Deus, mas não costumam frequentar templos religiosos. Conforme declara Reginaldo: “A minha religião é acreditar em Deus, o resto [...]”. Esse é um assunto que Carlos tem dificuldades de debater na localidade, pois conforme ele, o espiritismo, doutrina que acredita e sobre a qual costuma ler, não é bem compreendida por alguns vizinhos. “Só que nessa comunidade eu não converso com as pessoas sobre isto. Ah, o Carlos é do saravá. Espiritismo pras pessoas é saravá, aí complica tudo” (Carlos). Ele comenta que quando era criança, tinha algumas visões, e que os pais tratavam isto com benzimento, dizendo que seria “ar”: “Sei que me levavam na benzedeira, eu tinha uns quatro anos acho, pegou um ar. Ninguém vive sem ar (risos)”.

5.1.1 Os solteirões e o gauchismo

A influência do gauchismo é forte na realidade alegretense. Desde a forma de falar e das expressões coloquiais dos moradores locais marcadas por, como “bah” e “tchê”, passando pelos hábitos alimentares marcados pelo churrasco, arroz

carreteiro e chimarrão, até as vestimentas. É muito comum encontrar os homens vestindo bombachas no dia a dia, principalmente no espaço rural, como alguns dos entrevistados. Existem muitos grupos tradicionalistas no espaço rural e no urbano, sendo que atividades costumam ter grande participação da população. O desfile do Dia do Gaúcho, 20 de setembro, por exemplo, costuma ser um dos maiores do estado do Rio Grande do Sul, com oito mil a dez mil pessoas desfilando, conforme depoimento de Gustavo, agente de desenvolvimento rural. Ele comenta, juntamente com sua colega de trabalho Rita, que nos meses de agosto e setembro é difícil desenvolver atividades de extensão rural, uma vez que, nessa época, as atenções estão voltadas para a chegada da Semana Farroupilha, que antecede o Dia do Gaúcho. “Nós não marcamos reuniões com esses grupos no mês de setembro. Não tem público, a pessoa está com a cabeça envolvida. É o resguardo do dinheiro, é tudo preparando, cavalo, roupa” (Rita, Agente de desenvolvimento).

A estrutura central de muitas localidades do espaço rural de Alegrete é marcada por um CTG e uma escola polo (escola que centraliza os estudantes de uma região do município). Em algumas localidades, o CTG é o único espaço comunitário de lazer. Em realidades do Estado onde houve colonização com colonos alemães e italianos, por exemplo, o habitual é existir uma igreja católica, um salão de festas comunitário ligado à igreja e uma escola. No espaço rural alegretense, o tradicionalismo também permeia as instituições escolares. Em uma das escolas polo visitadas, havia um grupo de danças tradicionalistas. Em outra, conforme relato de um professor, o gauchismo era cultuado, inclusive com um acampamento na escola durante a Semana Farroupilha. O gauchismo também está presente nas atividades de extensão rural. O II Encontro dos Pecuaristas Familiares, do qual participei, foi realizado dentro de um CTG na Localidade de Mariano Pinto. A atividade mística do evento foi realizada pelo coral de crianças da escola polo local, que cantaram músicas gaúchas, como o Canto Alegretense.

Conforme Leal (1992), os CTGs oferecem autoestima. Talvez dessa forma possa ser explicada a adesão de parte da população rural alegretense a esses clubes tradicionalistas gaúchos, os quais seguem estritamente as normas do MTG. A partir do convite do solteirão André, responsável pelo conserto de móveis em um CTG, foi possível participar de um jantar-baile de troca de patronagem⁶⁰ nesse CTG

⁶⁰ Direção do CTG.

que ficava em uma localidade distante dez quilômetros da cidade. Essa atividade é ilustrativa de alguns pontos já trabalhados sobre o tradicionalismo. O patrão, bombeiro aposentado com problemas de saúde, reassumiu o cargo, pois, conforme André, ninguém mais queria assumir. Entre os participantes do evento, pessoas do espaço rural e urbano do município, estavam presentes vários extensionistas rurais e lideranças. Nesse evento, foi possível observar como o tradicionalismo permeia vários âmbitos nessa realidade.

Muitas pessoas do espaço rural e urbano de Alegrete, assim como acontece em outros municípios, se vestem com as roupas que o MTG diz que são as do gaúcho, e vão para o CTG portarem-se como “verdadeiros” gaúchos, ou desfilam a cavalo no Dia 20 de Setembro. Enquanto preocupam-se com a forma “correta” de homenagear o gaúcho, os gaúchos contemporâneos continuam lutando para viver e se reproduzir socioeconomicamente como grupo social nesse mesmo município, como acontece com os agricultores familiares solteirões. Nesse sentido, serve bem aqui a afirmação de Assunção (2007) em referência aos gaúchos argentinos: “Deveríamos livrar os descendentes dos gaúchos de toda a miséria, promovendo as pessoas que trabalham no espaço rural atualmente. Dessa forma, o gaúcho seria homenageado, a nossa consciência ficaria satisfeita, e a justiça seria feita” (ASSUNÇÃO, 2007, tradução nossa).

Em relação ao gauchismo, alguns costumes e gostos são compartilhados por todos os solteiros, como tomar chimarrão e gostar de música gaúcha. Existem, entretanto, contradições em relação a alguns assuntos. A maioria das entrevistas foi realizada enquanto tomávamos chimarrão, costumeiramente oferecido às visitas na região. O chimarrão é um signo compartilhado da identidade gaúcha e um sinal de hospitalidade.

As músicas gauchescas são as preferidas por todos os homens. Como são frutos de uma construção social, os gostos estão relacionados com a classe social, conforme Bourdieu (2011). “O gosto é o que emparelha e assemelha coisas e pessoas” (BOURDIEU, 2011, p.225). Quando pergunto os cantores que André mais gosta, ele responde: “Porca Véia⁶¹, sou que nem a minha mãe. Tenho toda a coleção deles, tenho seis ou sete CDs, tudo original.” Ouvindo as músicas cantadas por Porca Véia, é possível observar que as letras remetem a tarefas rotineiras

⁶¹ Porca Véia é o nome artístico de um cantor de músicas gaúchas.

desses homens, como a lida com o gado. As letras também falam de amor, de relacionamentos que, por vezes, não dão certo, e de saudades, como a letra que segue.

Lembranças

(Letra de Telmo de Lima Freitas, interpretação de Porca Véia)

Quando as almas perdidas se encontram
Machucadas pelo desprazer
Um aceno, um riso apenas
Da vontade da gente viver

São os velhos mistérios da vida
Rebenquiados pelo dia-a-dia
Já cansados de tanta tristeza
Vão em busca de nova alegria (Bis)

E ao morrer nesta tarde morena
Quando o sol despacito se vai
As lembranças tranqueiras com as águas
Passageiras do rio Uruguai

E as guitarras eternas cigarras
Entre as flores dos velhos ipês
Sempre vivas dormidas se acordam
Na lembrança da primeira vez.

Alguns dos entrevistados utilizam bombacha no dia a dia, como André que declara: “Ah, eu de calça é coisa mais difícil, é raro. Tenho calça nova, tênis novo, sapato, tudo novo, mas usar é muito difícil. Se eu usar duas vezes por ano é muito”. Ele conta que não poderá usar bombacha no casamento de uma prima. Como esse foi um pedido da prima, diz que abrirá uma exceção. Já Reginaldo conta que quando está em casa usa somente bombacha, mas quando vai para a cidade, usa calça e sapatos. Conforme ele, a bombacha é adequada aos trabalhos campeiros: “É bem mais fácil, montar a cavalo mesmo. Bombacha é mais folgada e tal, quando ia montar a cavalo ou coisa assim” (Reginaldo). Já no caso de Luis, o preço alto da peça de vestimenta é mencionado como motivo para não utilizá-la cotidianamente, de forma que quando veste roupa típica gaúcha e sai a cavalo na estrada, diz que seus vizinhos não o reconhecem.

(Cassiane) - E o senhor não é de usar bombacha no dia a dia?

(Luis) - Eu tenho, mas o problema é que a bombacha é muito cara para fazer. Uma calça jeans é mais barata do que uma bombacha.

(Cassiane) - Capaz?

(Luis) - Claro. A costureira não cobra menos que cinquenta reais.

(Cassiane) - Ah não, então é caro mesmo.

(Luis) - Bombacha tu compra por cento e pouco, calça jeans por cinquenta, e depende da bombacha, tem até de duzentos e pouco.

(Cassiane) - Não sabia, achei que era bem barato.

(Luis busca uma bombacha).

(Luis) - Uma bombachinha dessas que comprei no ano passado pra Semana Farroupilha.

(Cassiane) - Que bonita, mas essa é de marca.

(Luis) - Saiu oitenta reais, hoje está cento e poucos. Umas botas boas se mandar fazer é duzentos e poucos, trezentos reais. Quantos pares de sapatos dá? Tem sapatos de trinta, quarenta reais, então não é fácil. [...] Mas eu mais é na Semana Farroupilha, eu desfilo. Aí eu vou oito dias antes, porque eu vou por terra, levando os cavalos. Eu e o meu irmão vamos desfilar. Aí eu vou, faço em sete horas daqui a Alegrete, sessenta quilômetros.

Nesse caso, existe interesse em utilizar a bombacha no dia a dia, mas a condição econômica do entrevistado não lhe permite. A peça de vestimenta é utilizada por Luis somente em eventos especiais, como o Desfile do Dia do Gaúcho. Quando algum familiar costura, os homens apenas compram o tecido, diminuindo o custo da peça, como é o caso de André. Para Carlos, usar bombacha não garante que o homem seja um gaúcho, desempenhando as lidas de campo de forma adequada. Outro ponto interessante mencionado no seu depoimento é a obrigatoriedade de utilizar bombacha na escola em que cursava o ensino médio há alguns anos, no espaço urbano de Alegrete.

(Cassiane) - O povo é bem apegado nessa coisa de gauchismo, de tradição gaúcha.

(Carlos) - Menos eu.

(Cassiane) - Tu não usas bombacha, tchê?

(Carlos) - Usava na cidade, quando estava estudando, lá tinha que usar a bombacha pra ir no colégio, principalmente na semana farroupilha. Mas aqui pra fora não, tem uns caras que, às vezes, usam bombacha e não conhecem campo (risos). Não conhece uma vaca, pra ver se a vaca tá doente ou não e fazer a medicação num animal. São campeiros, só se fazem de campeiros, mas não são. Os caras usam espora, bombacha e bota, mas não sabem medicar um animal, então, não resolve.

(Cassiane) - Gauchinho de apartamento também então.

(Carlos) - A calça de brim é mais resistente, até pra um acidente lá na mangueira. Pra andar de moto mesmo, já pensou se a pessoa cai.

A competição em rodeios também é mencionada como uma atividade que demanda certo investimento financeiro, o que dificulta a participação dos solteirões. Conforme André, os rodeios não tem o objetivo de proporcionar diversão, mas sim de gerar lucro.

(Cassiane) - E quando tu eras jovem, ia bastante para bailes, rodeios?

(André) - Não, eu comecei a participar em rodeios, faz uns seis anos atrás.

(Cassiane) - Por que tu não ias antes?

(André faz sinal com a mão em referência ao dinheiro)

(André) - Dinheiro.

(Cassiane) - É muito caro para participar dessas coisas?

(André) - Só num rodeio para ti atirar o laço na equipe é mais ou menos cinquenta pilas por cabeça. Aí cinquenta pilas por cabeça, mais boia para o cavalo, mais uma coisinha ou outra. Mais o frete de lá até aqui, o frete é cem pilas. No mínimo tem que ter quinhentos pilas para tu ir num rodeio, senão não vale a pena. Então, não tem fundamento.

(Cassiane) - Então vão os caras que são fazendeiros.

(André) - É. O rodeio hoje em dia não é mais para se divertir. Hoje em dia é comércio. Rodeio hoje em dia é somente comércio. Aí depois quando eu estava lá nos Fagundes andou saindo uns rodeios de vaca mecânica lá para cima, laçava eu e os guris, até prêmio eu tirei.

Alguns dos entrevistados gostam de participar de atividades promovidas por CTGs, como Luis. Alguns deles reclamam da necessidade de desembolso financeiro para participar dessas atividades, mostrando que tem uma visão crítica em referência a alguns pontos do tradicionalismo. O fato de não utilizar bombacha no dia a dia não quer dizer que eles não sejam gaúchos. Os solteirões são gaúchos reais, muito diferentes do estereótipo de gaúcho.

5.1.2 O valor do trabalho

O trabalho produtivo dos solteirões está relacionado às chamadas lidas campeiras, ao manejo do gado e ao trabalho nas lavouras.⁶² O trabalho é uma categoria central na vida dos solteirões. A representação social construída por eles em torno do trabalho remete à dignidade e ao orgulho. Conforme Leal (1992), o trabalho pode significar o sentido da vida dos gaúchos. A autora busca interpretar as altas taxas de suicídio entre gaúchos da região de fronteira entre Brasil e Uruguai na década de 1990, com a perda da capacidade produtiva do trabalhador. O suicídio típico seria feito por peões de estância solitários que, devido ao avançar da idade, passavam a ter dificuldade para realizar as tarefas campeiras, e se enforcavam em uma árvore no campo. Para Leal (1992), quando se dá a morte cultural do gaúcho, ele desce do cavalo e pratica o suicídio, já que a perda da identidade de gaúcho

⁶² O trabalho no âmbito reprodutivo, como o cuidado de familiares enfermos e a elaboração de comida, já foi tratado no capítulo 4.

seria a perda da identidade masculina (LEAL, 1992). A afirmação de que o trabalho campeiro, a identidade gaúcha e a masculinidade estariam estreitamente vinculados, é reiterada nesta pesquisa a partir dos relatos dos solteirões.

Os solteiros relatam a realização de trabalhos pesados ao longo da vida. Os entrevistados mais idosos, Reginaldo (65 anos) e Júlio (78 anos), lembram-se da penosidade do trabalho que realizavam, mas contam que, devido a problemas de saúde, atualmente não desenvolvem mais essas tarefas. Reginaldo ressalta os trabalhos assalariados na prestação de serviços para outras propriedades.

(Reginaldo) – Eu trabalhei em serviço bravo, serviço de banhado, fazendo vala, plantação de arroz, de tudo um pouco né. Mais serviço de mato, tirando madeira. E agora hoje estou aposentado né, como produtor rural. Me aposentei como rural.

(Cassiane) - E o senhor tinha, o senhor trabalhava com pecuária também?

(Reginaldo) - Trabalhava, mas pouquinho é, pecuária, muito pouco.

(Cassiane) - Mais para o gasto do senhor?

(Reginaldo) - Mais para o gasto.

(Cassiane) - Tinha gado e ovelha?

(Reginaldo) - Não, só gado, tinha umas rezinhas, muito pouco. Trabalhava assim, uns diziam 'jornalero', quase sempre pegava de 'jornalero', como diziam. Trabalhava em tudo que era serviço. Trabalhava por dia, empreitada, tudo que era serviço. [...] Eu era acostumado a lavrar aqui, mas eu ia no lombo do cavalo e o meu irmão no arado né, enterrar milho, lavrar a terrinha pouca.

No relato de Reginaldo é possível observar que a propriedade tinha mais diversidade produtiva antes da morte de sua mãe. Ele relata que a família criava galinhas e cultivava plantas de cercado como mandioca, batata e milho, mas, atualmente ele e seu irmão não produzem mais. Como tem algumas enfermidades, como problemas na coluna, possivelmente causadas pelo trabalho pesado, ele arrenda seu campo e praticamente não desenvolve produção para a subsistência.

O trabalho campeiro carrega um significado de liberdade para os entrevistados. O trabalho livre seria aquele realizado com autonomia, seja na propriedade própria, ou na prestação de serviços por dia. Essa é a forma de trabalho prestigiada por eles. Conforme Bourdieu (2011), a divisão do trabalho entre os sexos, em relação à prática e às representações, diferencia-se conforme a classe social. Dessa forma, existe uma correspondência entre o grupo social dos homens e o "gosto pelo trabalho". Os trabalhos que exigem a presença constante ou os

trabalhos de peão são considerados prisões, uma vez que subtraem a liberdade e autonomia pessoal:

(Cassiane) - Vocês não quiseram entrar no leite André?

(André, 37 anos) - Nãoooo, tá louco, é uma prisão velha sem tamanho. Não. Eu não tenho essa frescura de estar preso. Eu tenho que ser livre, livre e solto. Dá qualquer coisinha, a gente oh, (esfrega as mãos) estou indo. Já não quero trabalhar de peão para não andar preso.

(Cassiane) - Pois é, tu me contaste que trabalhou de peão um tempo [...].

(André) - Dois anos e abandonei.

(Cassiane) - Onde era?

(André) - Nos Antunes. Teve um ano lá que eu fiquei solito, seis meses lá na produção pra ganhar seiscentos e poucos pilas, não. Correndo vaca, terneiro bichado e vaca se botando em mim, voava pau, arrancava aspa de vaca lá para poder curar terneiro. E tenho exemplo né, o pai tem cinco costelas quebradas aqui em baixo na paleta, uma vaca pegou ele, judiou todo ele assim, ficou todo roxo o peito do velho.

(Cassiane) - Daí tu trabalhou três anos e não quis mais então [...].

(André) - Abandonei.

(Cassiane) - Há bastante tempo isto?

(André) - Já tá fazendo agora em maio três anos que eu saí da fazenda.

(Cassiane) - E não é fácil conseguir quem trabalhe assim, eles estão pegando gente de fora, é complicado, os caras pagam pouco.

(André) - Agora mesmo, a Antônia estava atrás, ontem falei com ela, disse: não sabe de algum peão? Eu disse: olha, não sei e eu não digo peão para ela mesmo. Não querem pagar o que vale. Tá sempre chorando, quer descontar tudo. Tá fazendo dezenove quadras, tá só o capataz lá, faz mais de mês.

Essa questão do baixo preço pago pelos fazendeiros pelo dia de trabalho também é motivo de reclamação por parte de Paulo, agricultor familiar separado. Ele menciona dois fatos relacionados ao tema, destacando as respostas dos trabalhadores, no caso ele próprio e seu vizinho. Através desses relatos, ele mostra que existe resistência dos trabalhadores à intenção de alguns fazendeiros de pagar um valor injusto por dia de trabalho.

(Paulo) - Os caras querem que trabalhe de graça, daí não dá, não é lucro, para ganhar quinze reais por dia.

(Cassiane) - Nossa. Quinze reais?

(Paulo) - Eh, e acham muito ainda. Um dia veio um cara que tinha um arrendado ali, arrendava bastante bois, disse: bah, "te pago quinze reais para ti correr o dia inteiro boi, vai ali depois." "Até não ando com fome", eu disse. Disse: "fique com o senhor, deve estar muito pobre, vai enriquecer demais." Ele deu uma volta e nunca mais me procurou.

(Cassiane) - Mas tá certo.

(Paulo) - Mas é uma falta de [...].

(Cassiane) - É falta de respeito.

(Paulo) - Depois eles reclamam que não acham quem trabalhe.

(Cassiane) - Esse era um fazendeiro grande, tinha bastante terra?

(Paulo) - Sim, eu arrendava um pedaço ali para esse cara. Eu disse para ele: “um dia o senhor vai vir para ali, que era ruim de entrar né (local onde atolei o carro), e ele tinha um caminhonete, vai chover e o senhor vai se atolar lá. E o senhor vai vir me pedir, eu tenho um tratorzinho aí”. Não é que o homem veio e se atolou mesmo. Tava ele, veio me pedir aí. Disse: “não, o senhor paga pouco”.

(Cassiane) - Ele veio aqui?

(Paulo) - Não, ele veio até um pedaço e tinha outro que estava com ele, funcionário. Mas eu cheguei lá e me atraquei com ele. “O mundo dá voltas, o senhor queria me pagar quinze reais, agora vai ter que me pagar o óleo”. “Não, te pago”. “Pra lhe mostrar, eu não quero nada”. Saí aqui por diante.” Não gastei nada de óleo, para lhe mostrar que eu não preciso migalha”. Nunca mais veio.

(Cassiane) - Bah, que lição.

(Paulo) - Quando me viu de novo não sabia onde metia a cabeça.

(Cassiane) - Tiro o chapéu para o senhor. Tem que dar nos dedos mesmo desse tipo de gente.

(Paulo) - Tem uns caras aí que pagam dezessete reais por dia, e se pagam vinte e cinco, botam as mãos na cabeça. Aí tem um moreno velho, para cuidar de uma lavoura grande ofereceram vinte reais por dia, ele não é bobo, disse: “mas por isso eu não trabalho. Vinte reais um guri não quer nem para abrir uma porteira.” O cara deu meia volta, e disse: “faça a sua proposta, então.” Disse: não eu quero cinquenta reais.

(Cassiane) - E ele contratou?

(Paulo) - Contratou.

O trabalho recebe uma avaliação positiva, mesmo quando se trata de atividades pesadas. Nesse sentido, André conta que gosta mais de trabalhar com madeira como, por exemplo, corte de árvores, preparação de madeira e construção de cercas, do que propriamente com a pecuária de corte. As mãos do solteiro estavam machucadas no dia da entrevista, resultado das farpas do arame com o qual estava trabalhando. Quando pergunto se ele gosta do trabalho, a resposta é “como diz o outro, tem que ter amor à camiseta, se não tiver amor à camiseta, não aguenta. [...] Ai, ai, é o que eu digo, eu sou um artista com a motosserra na mão”.

O trabalho pesado pode trazer algumas repercussões negativas sobre a saúde. No caso de André, o coice que levou de uma vaca, em 1996, ainda hoje lhe causa dores no joelho. Ele conta que precisaria ter feito uma cirurgia no joelho, mas o problema voltaria quando ele fizesse esforço físico. O maior incômodo da dor seria nos bailes, já que André gosta muito de dançar. A alternativa encontrada por ele para não precisar abandonar esse tipo de diversão foi utilizar uma joelheira.

(André) - Ai.

(Cassiane) - O que foi, está com câimbras?

(André) - Dói todas as juntas hoje, o tempo está para chuva. Pra quem tem dois joelhos estourados e um ombro.

(Cassiane) - Mas tu conseguiste colocar o joelho de volta no lugar?

(André) – Não, um tem estiramento e um rompeu, vai muito bem, depois a rótula sai do lugar.

(Cassiane) - E se fazer a cirurgia ajeita?

(André) - Ajeita, mas não pode forçar, a mínima coisa sai de novo. Então, relativamente não vale a pena, melhor deixar do jeito que ta. Aí não pode nem dançar direito [...].

(Cassiane) - Pois é, mas tu disseste que dança rápido, não incomoda?

(André) - E a joelheira gaúcha. Imprensa ele e vai embora, não tem perigo, depois que tu aprende a pisar sempre firme, o perigo é se tem um buraco no salão.

Os problemas de coluna também são comuns, possivelmente causados pelos esforços realizados ao longo de décadas. Reginaldo (65 anos) conta que não pode mais desenvolver atividades agropecuárias porque tem problemas na coluna e em uma das pernas. Júlio (78 anos) também tem problemas de coluna: “Quando eu vou fazer o serviço a cavalo e o cavalo troteia já me dá uma dor aqui assim. Quando dói aqui ainda dá para andar, mas quando dói aqui e as pernas, aí tem que apeiar e puxar o cavalo a cabresto” (Júlio).

Quando a pecuária de corte extensiva é a matriz produtiva, algumas vezes, o tamanho da unidade de produção familiar não possibilita a rentabilidade mínima para subsistência dos membros da família. Essa é a forma pela qual André justifica a necessidade de assalariar-se temporariamente, na prestação de serviços em propriedades circunvizinhas. Entretanto, mesmo que tivesse mais terra à disposição, André não se dedicaria integralmente à pecuária de corte: “Não, eu não posso ficar muito parado, eu tenho que estar sempre em movimento. E a pecuária não dá tanto assim, pecuária é morosa” (André). Dessa forma, a prestação de serviços para terceiros é justificada pelo tamanho da propriedade da família e também pelo anseio de sair de vez em quando desse espaço familiar, em busca de maior autonomia.

A organização das atividades produtivas na propriedade segue necessidades que, por vezes, são determinadas pela natureza. Dessa forma, algumas vezes os solteirões precisam trabalhar durante o domingo, por exemplo. Na primeira vez que fui à propriedade de Carlos (52 anos), não foi possível entrevistá-lo, já que estava vacinando um grupo de terneiros com o auxílio do vizinho. Aquele turno era o único do qual o vizinho dispunha para auxiliá-lo nessa tarefa. Ao retornar à propriedade em um domingo pela manhã, no horário agendado previamente, encontrei Carlos voltando do campo a cavalo. Ele estava procurando uma vaca que havia parido no dia anterior. Como encontrou o animal, já aproveitou para vacinar. Conforme Carlos, não existe um horário pré-agendado de trabalho, sendo que às vezes precisa

trabalhar no domingo, e tem autonomia para sair na segunda-feira: “é as horas que dá folga, não tem domingo, segunda, terça” (Carlos).

A propriedade de Carlos se difere das demais em relação à gestão. Ele mostra uma visão empreendedora que busca a maximização da renda e promove as inovações, diferentemente dos demais solteiros, que apresentam características mais tradicionais em relação à produção. Possivelmente, o nível de escolaridade e o tamanho da propriedade, que são maiores do que os dos outros entrevistados, influenciem a forma de gestão e a maior inserção mercantil.

(Carlos) - Porque hoje eu digo que quero o que dá dinheiro, o que não dá dinheiro, eu deixo pro lado. Quem é que não gosta de dinheiro hoje (risos). Então, é o gado aqui fora, a ovelha já deu lucro.

(Cassiane) - Tu não tens ovelha?

(Carlos) - Tem também. Tem umas cinquenta ovelhas, só pra carne, pro churrasco. A lã vale pouco, oito reais. Lembro que nós vendemos lã em oitenta e poucos, a lã era como se fosse cem reais o quilo. Hoje, então, valia a pena ter ovelha. Hoje não vale mais. Então, tirando o gado, porque o gado assim pode morrer alguma rês, mas é difícil, se cuidar bem e tem produto bom hoje.

(Cassiane) - E tu foste melhorando o teu gado né?

(Carlos) - Já to no terceiro touro puro, de cabanha, o touro é caro hoje. Claro eu comprei um touro de pouco valor, de uns três mil, mas um touro bom é de seis mil, oito mil. Mas compensa, carneiro já tenho trinta e um aqui.

(Cassiane) - E tu vendes em leilão?

(Carlos) - Não os caras comprem aqui mesmo. Raça boa é isto aí. Vem e já comprem.

Esse solteiro é autodidata, costuma comprar livros sobre diversos assuntos e aprender sozinho a consertar máquinas e automóveis. Outra facilidade de Carlos é em relação às invenções. Ele conta que inventou diversos equipamentos para a casa para facilitar os trabalhos domésticos no período em que não tinha luz elétrica na residência.

(Carlos) – Então, faltou luz, aquela televisão ali estragou, eu tenho que saber de tudo um pouco. Então, dizem quando fica a luz na campanha fraquinha, sabe como é?

(Cassiane) - Sim, em meia fase.

(Carlos) - O que eu faço? Eu pego o voltímetro e vejo quantos volts tem ali, vamos dizer que tenha trinta volts. Então, eu coloco o bico em série de doze e fica energia igual. Eu ligo a lâmpada e fica com luz igual aqui (risos).

(Cassiane) - Nossa. Olha isto.

(Carlos) - O carro, aquela caminhoneta mesmo, eu não levo no mecânico, deu problema no motor, eu arrumo. Comprei aquele jogo de lâmpada pra ajustar a válvula ali, tiro a tampa, ajusto a válvula, eu faço de tudo um pouco, mas se eu vou lidar lá no campo? sei lá também.

Esses diferentes saberes são utilizados para auxiliar as pessoas na localidade. Os vizinhos de Carlos costumam procurá-lo quando precisam consertar algum eletrodoméstico ou máquina. Da mesma forma, Luis (56 anos) conserta eletrodomésticos de vizinhos quando é solicitado. Em troca, eles recebem pequenas quantidades de dinheiro ou presentes, como carne, entre outros.

(Luis) - Eu tenho que ir lá, pra lá da casa dele, uns cinco quilômetros num casal, queimou o aparelho da parabólica, eles compravam outro, um vizinho foi lá, mas não pegou nada, moram lá perto do cerrinho. Digo não, mas eu vou lá. Fui lá, mas não tinha luz.

(Cassiane) - O senhor arruma?

(Luis) - Arrumo. Sou grosso assim, mas eu desmonto ela e faço funcionar. Eu disse, mas não posso ir hoje, era sexta feira. Tem um vizinho que foi pra cidade e ia me trazer umas coisas, tenho que esperar ele, e tenho que reparar a casa dele e os bichos também. Aí ela disse: “não, mas domingo faz um esforço pra vim aqui arrumar e almoçar, porque faz duas semanas que nós estamos sem televisão.” Digo: “olha, eu não garanto domingo, porque sábado tem festa e se eu tomo umas cervejas, acordo judiado.” (risos). Não digo almoçar, mas no domingo à tardinha pego um cavalo e vou.

Além desses consertos, Luis também exerce outra atividade não agrícola na localidade, a pintura. Há algumas décadas atrás, ele exerceu a função de pintor em Porto Alegre. Atualmente Luis utiliza essa experiência para pintar as casas de vizinhos, quando é solicitado. Ele menciona que prefere trabalhar por empreitada, de forma a ter certa autonomia no serviço. Dessa forma, pinta da sua forma e no seu ritmo, sendo que os donos da casa somente podem avaliar o serviço e sugerir alterações após o término da tarefa. De forma jocosa, ele comenta que não gosta de ter patrão nem mulher lhe dando ordens: “Não, sempre foi meio de empreitada, meio independente. E agora é assim também que faço algum serviço, não te cobro tanto. Não gosto de patrão no meu pé, nem de patroa também (risos)”.

Júlio (78 anos) também trabalhou fora da agricultura. Ele conta que saiu da propriedade dos pais para servir o quartel, permanecendo por alguns anos na cidade. Após sair do quartel, ele trabalhou como auxiliar de pedreiro. Esse era considerado um trabalho pesado e o abandonou quando Júlio decidiu retornar à propriedade dos pais. A enfermidade do pai e a necessidade de realizar as tarefas agropecuárias na propriedade da família incentivaram essa decisão.

As tarefas realizadas na própria propriedade ou a prestação de serviços por diária ou por empreitada são formas de trabalhos avaliados positivamente pelos

solteirões. Entretanto, o trabalho como peão de fazenda, com carteira assinada, é rejeitado por eles. Várias são as justificativas para essa rejeição, como, por exemplo, a restrição da autonomia do trabalhador, o baixo valor pago pelos patrões, a quantidade e o peso do trabalho exigido dos trabalhadores a responsabilidade inerente à realização de trabalho para outra pessoa e as insatisfatórias condições de vida nas fazendas.

O relato de Francisco, peão de fazenda aposentado, traz à tona as dificuldades pelas quais passou quando começou a trabalhar, com catorze anos: “Naquelas estâncias a gente chegava para trabalhar, não tinha roupa de cama, não tinha nada. A gente tinha que dormir assim nos pelegos molhados no chão, um poncho molhado para fazer de coberta para dormir”. Piccin (2012) também relata as condições degradantes de trabalho pelas quais passavam os peões solteiros em São Gabriel/RS, há algumas décadas atrás. Situação similar é descrita por Leal (1989) no contexto de fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina.

5.2 Entre a liberdade e a solidão

De forma geral, os solteirões tiveram e têm relacionamentos amorosos que terminam por diferentes motivos, como receio do casamento, falta de compatibilidade, ciúmes e desinteresse das mulheres pela vida no espaço rural.

A funcionária pública Bibiana conta que Reginaldo e seu irmão solteirão nunca tiveram namoradas. Essa seria uma condição de muitos solteirões, não teriam casado porque não namoravam, seriam tímidos.

(Bibiana) - E tu sabes que é uma coisa importante, o Lucrécio e o Reginaldo nunca tiveram namorada. Talvez eles ficassem com mulher naquele tempo deles de vir pros cabarés, como dizem. Hoje em dia, os homens já nem vão mais, já tem namoradas e ficam. Mas, naquele tempo, os homens vinham de fora com o dinheiro. Talvez eles viessem e fossem, mas namorada nunca tiveram. O irmão deles ainda teve, depois de velho aqui na cidade, agarrou uma mulher, registrou a menina dela como filha.

(Cassiane) - Sim, ele me contou, me disse que só teve namorada de baile mesmo.

(Bibiana) - Um deles casou, teve duas filhas e já morreu e aqueles ali ficaram solteiros. Geralmente, solteirão fica solteirão, porque não namora. Não sei se por timidez. Esse outro também, nunca vi ele com namorada. [...] Ali, o sobrinho do Reginaldo mesmo, ele tá com 28, ele já saiu de lá. Vai

ficar solteirão também porque eu nunca vi ele com namorada. Já saiu de lá, trabalha fora. A guria com 24 já casou, e ele vai ficar solteirão. Nunca vi ele com namorada, e é da mesma idade dos meus. Estudaram juntos, se criaram juntos, os meus já casaram.

A fala de Bibiana, que foi vizinha da família de Reginaldo durante várias décadas, traz elementos interessantes para a análise. Ela exemplifica uma das características da solteirice no espaço rural de Alegrete, que é a concentração de solteirões em algumas famílias. Assim, na família de Reginaldo são dois irmãos solteirões, e um sobrinho que está solteiro com 24 anos, além de outro irmão de Reginaldo que também era solteirão e encontrou uma companheira de origem urbana. Ela explica a situação a partir da timidez desses homens solteiros, o que teria dificultado os namoros. De fato, Reginaldo diz que somente teve “namoradinha de baile”. Porém, essa situação também pode ser influenciada pelas condições econômica da família, que tem pouca terra e após a morte do pai de Reginaldo, precisou utilizar várias estratégias para se manter.

Essa informante também faz menção ao fato de os solteirões frequentarem casas de prostituição no município, situação que seria mais comum há algumas décadas atrás. Afonso, que é peão de estância aposentado e separado, conta que frequenta uma casa de prostituição.

(Cassiane) - Eu vi falar que tem bastante aqui essas casas de prostitutas, não sei como chamam aqui [...].

(Afonso) - É, estas mulher de tasca, de cabaré. Isto ali é mulher que a gente quando vai pra cidade procura ali que ali tem aquelas mulheres de tasca, mulher de cabaré, tem tudo ali né. [...].

(Cassiane) - O problema é que daí gasta tudo o dinheiro, leva todo o dinheiro pra elas.

(Afonso) - É. A gente num cabaré pra tomar uma cerveja lá é dez reais. E aqui pra nós tomar uma cerveja, ontem nós tinha aqui uma carreira, carreira em cancha reta, a cerveja é três pilas. Na cidade lá a gente paga dez. Aqui nós corremos carreira, atamos, fazemos de tudo um pouco, se entretermos também aí.

Os agentes de desenvolvimento rural Gustavo e Rita também confirmam que frequentar casas de prostituição é algo considerado comum por muitos homens rurais do município, sendo esse um dos elementos da cultura machista, conforme entendimento de Rita. Os estabelecimentos estariam localizados nas estradas que dão acesso à cidade. Na época da Semana Farroupilha, seria comum passar na

“casa das chinas”, como chamam no município. “Mas não é motivo de esconder ou não, para eles, é normal. É motivo até de se vangloriar, ah, fui lá, peguei tantas” (Rita). Nenhum dos solteirões entrevistados mencionou que frequenta esse tipo de local, embora essa pergunta não tenha sido feita de forma direta⁶³.

Alguns dos solteirões falaram sobre os relacionamentos amorosos que tiveram no passado. Alberto, 60 anos, conta que há algumas décadas foi noivo, mas não quis casar. Quando sentia pressão para casar, ele deixava a namorada, fugia do casamento, que naquela época não valorizava. E, entretanto, atualmente, sente falta de uma companheira.

(Cassiane) - O senhor nunca se casou?

(Alberto) - Nunca. Não quis, fui ficando velho. Eu fui namorado, tinha noiva, mas nunca queria casar. Achava que nunca ia ficar velho assim ligeiro, mas envelhece, passa a época.

(Cassiane) - O senhor não queria ou ela?

(Alberto) - Eu não queria.

(Cassiane) - Namorou quanto tempo com ela?

(Alberto) - Bah, eu fui noivo de aliança, uns três anos. Mas uma guria boa.

(Cassiane) - Daqui do interior também?

(Alberto) - Era. Aí namorei ela, e o velho, tá, noivei. Aí arrendei uma chácara lá perto da cidade, meia quadra de campo, com casa e tudo. Aí o dono disse: “traz ela para vir morar nesta casa aí, com tudo.” Não quis casar. Ela morava nesta região perto do pólo, Durasnal por ali, para dentro, para lá, aí eu morava nesta região, aí arrumei um campo lá no Caverá, tá, era noivo e a guria ficou aqui. Aí arrumei outra namorada lá.

(Cassiane) - Ah, o senhor era namorador.

(Alberto) - Aí eu não vim mais aí ver a guria, daí ela casou com outro.

(Cassiane) - Bah, que pena.

(Alberto) - Isto acontece né.

(Cassiane) - É, às vezes não dá certo

(Alberto) - Mas me dou bem com ela até hoje.

(Cassiane) - Sim, e o senhor namorava em casa? No final de semana?

(Alberto) - Noivo e tudo.

(Cassiane) - De família boa?

(Alberto) - Boa, os Antunes.

(Cassiane) - Depois não deu certo com nenhuma outra?

(Alberto) - Não, a outra queria casar, foi apertando, apertando, achei melhor desistir.

Outra explicação dada para o fim dos relacionamentos é o ciúme. Essa questão foi pontuada como problemática por dois dos solteirões. Carlos, 55 anos, agricultor familiar e gaiteiro, menciona a situação de um amigo que casou e teve que vender a gaita porque a mulher não quis que ele tocasse mais o instrumento. Para

⁶³ As questões que envolvem sexualidade foram pouco abordadas durante as entrevistas com os solteirões. Senti-me pouco à vontade para tratar desses aspectos com os homens que conhecia há pouco tempo.

ele, que comprou a gaita do amigo, essa situação é absurda, pois entende que cada pessoa tem que fazer o que quer. Já Luis, 55 anos, conta de forma bem-humorada que seus relacionamentos não costumam dar certo porque as mulheres sentem ciúmes dele. O ciúme não é aceito por ele, que defende que uma relação amorosa precisa ter a confiança como base.

(Cassiane) - O senhor chegou a namorar bastante tempo?

(Luis) - Já tive umas namoradas aí mas [...], até agora ainda surge alguma, mas. [...]

(Cassiane) - O senhor chegou a ter uma namorada que durou bastante tempo?

(Luis) - Não, nunca durou muito, porque eu sou muito sem-vergonha. Eu sempre tô rindo e coisa, e também, das coisas que eu acho, tem umas gurizadas aí, primos meus e coisa, arrumaram mulher, que a mulher não quer que, tem ciúme. Por exemplo, pessoas que foram criados juntos, a mulher não quer que converse com outra mulher. Às vezes até com homem, se vai conversar com outro homem, a mulher fica com ciúmes, eu acho horrível.

(Cassiane) - Por isso que não dava certo?

(Luis) - Eu acho que um relacionamento, claro que se o cara tiver uma mulher, também não vai gostar de algumas coisas. Mas porque que ela vai terminar com os amigos dela, ou com as amigas dela? Ou não vai conversar com as pessoas? Eu acho até feio isto aí. Porque eu acho que o casamento tem que ser na base da confiança. O homem tem que confiar na mulher, mas a mulher também confiar no homem. Como é que vão andar sempre um grudado no outro? Não vai conversar com um amigo?

(Cassiane) - E as gurias eram muito ciumentas, por isto não dava certo?

(Luis) - Não, e até hoje as mulheres só querem, olha desculpa (risos), mas elas são danadas, elas não largam do pé. É beliscão, eu tava olhando, passou uma bonita, graças a Deus, Deus deu os olhos pra gente ver (risos). E a mulher é bonita e o cara não pode olhar, mas por que?

(Cassiane) - O senhor já levou beliscão seu Luis?

(Luis) - É aí que dá os problemas (risos). Aí não fecha. Então por isto é que eu to solteiro.

Outra motivação para os fim dos namoros é a falta de paciência diante dos conflitos nos relacionamentos. Essa situação é recorrente com André, 37 anos. Ele teve várias namoradas de origem urbana que conheceu nos bailes. Conforme André, o fim das relações era provocado por pequenos conflitos que ele não tinha paciência para resolver, preferindo terminar a relação.

(André) - No meu caso, todas as que eu tive eu conheci assim nos bailes.

(Cassiane) - Chegou a durar mais de um ano?

(André) - A que durou mesmo durou um ano e três meses. Nós tava meio juntos e coisa e ela me disse uma coisa que eu não gostei e eu oh, to indo (risos). [...] Ah não. Não tenho muita paciência, o louco é muito curtido, pouca coisa e já estava indo, abandonando o posto. [...]

(Cassiane) - E tu pensas em ter uma companheira para morar junto ou não?

(André) - Já tentei, mas não deu certo também. Teve uma agora esses tempos, que nós andava meio floreado e coisa, mas ela já começou de frescura, pronto, pode ir passear então. Incomodar não. Se é para mim me incomodar, então eu fico solteiro. Não, estar se incomodando, chega, só se fosse louco. E hoje em dia o que as mulheres aqui do Alegrete querem mais é festa, não querem trabalhar, não querem nada. Então, chega de tá se bobeando. Sai, faz um pouco de festa depois vai para casa trabalhar, deu, ganha mais (risos).

Na fala de André aparece repetidamente a ideia de que a mulher não pode incomodar, quando a namorada provocar algum incômodo, ele termina a relação. Ele não avalia suas atitudes, se a mulher reclama de algo, surge algum problema, é porque ela incomoda. Assim, ter um relacionamento é associado com incômodos e ciúmes por André, Luis e Carlos. Essas situações, juntamente com o medo de casamento de Alberto, que fugia das relações quando a namorada queria casar, tem uma base em comum, que é o receio de perder a liberdade, a autonomia, ou melhor, o domínio masculino.

Outro medo que eles expressam é em relação ao mito das mulheres da cidade. Como a população rural é bastante masculinizada no município, uma alternativa para encontrar companheiras seria buscar mulheres da cidade. Entretanto, eles mostram algumas restrições em relação a elas. Formou-se, ao longo do tempo, um mito de que ter relacionamento com mulher da cidade é perigoso, elas podem dar o golpe para ficar com a terra e os bens do homem rural, ou inclusive matá-lo.

(Reginaldo, 65 anos) - É, me acostumei morar sozinho. Tá danado tem certas mulheres que às vezes só querem dar o golpe no indivíduo. Tem muita gente aí [...]. Já tem acontecido, nos vizinhos meus aqui [...], casaram, se juntaram com as mulheres e darem golpe.

(Cassiane) - Ficam pouco tempo e depois vão embora com as coisas das pessoas?

(Reginaldo) - É, com as coisas das pessoas. [...]

(Cassiane) - Essas da cidade é complicado né, daí não sabe quem é.

(Alberto) - Mas isso aí a gente tem medo. Até mandam matar os caras aí. Elas mandam matar.

(Cassiane) - Que horror. Aqui mesmo acontece isso?

(Alberto) - Acontece aí. Mandavam os amantes delas matam.

Esse receio em relação às mulheres da cidade que é expresso por vários dos entrevistados também está relacionado ao fato de que geralmente as mulheres de origem urbana não querem morar no espaço rural. Elas gostam de viver na cidade e receber os companheiros aos finais de semana, ou ir de vez em quando para o

espaço rural, o que é comum no município. Todavia, os solteirões entrevistados não aceitam essa situação. De forma geral, eles entendem que ter uma companheira implica na convivência, no estar junto e na aceitação, pois, como não gostam de viver na cidade, a mulher deve aceitar morar com eles no campo.

E tem, eu não me casei porque deixei oportunidade, e agora mesmo, tem umas professoras, umas deixadas, digo não. Mas pra que eu vou me casar, até dá uma ficadinha com vocês eu posso, mas eu não vou ser bobo. Porque aí vocês tão lá na cidade, tá, aí se eu ficar com vocês, depois vai dizer: Não, Luis, tu me manda uma carne, qualquer coisa. E eu bobalhão, vou ter que estar trabalhando mais, vou ter que trabalhar mais para mandar as coisas pra ti se eu vou ficar sozinho sempre. Que que adianta eu ter uma mulher, se ela ta morando lá e eu to sempre sozinho com os meus cachorros? Então, não adianta, se eu não arrumar uma pra vir pra cá junto comigo aí, trabalhar, cuidar das galinhas, fazer uma boia pra mim, não adianta. Eu não quero, eu posso ficar assim como eu tô. Eu dou risada (Luis).

Além de existirem poucas mulheres no espaço rural disponíveis a ter um relacionamento amoroso com os solteirões, algumas vezes, o perfil requerido por eles não é compatível com o dessas mulheres. A mãe de Carlos, conta sobre o gosto do filho, com o que ele concorda: “Ah, e ele, gosto pra mulher, casando e a mulher tem que andar bem arrumada, pintada e com jóias e não trabalhar assim no pesado” (Antônia). Percebe-se que Carlos (52 anos) valoriza o atributo beleza, o seu modelo de companheira condiz com o estereótipo da prenda, mulher do gaúcho que está sempre bonita, esperando o gaúcho em casa, ao entardecer. Carlos também comenta que tem dificuldade de encontrar uma mulher que goste de conversar e compartilhar sobre os mesmos assuntos. Ele completou o ensino médio, e se interessa por assuntos como espiritismo, o que assustaria as mulheres. Ele comenta que sai de vez em quando com uma vizinha que é mãe solteira, mas os assuntos deles não combinam. Ela o chama de louco, quando as conversas não são compartilhadas, enquanto ele tem que falar sobre assuntos como cozinha e criação de gado para agradá-la. Esses são desencontros que emergem nas relações amorosas dos solteirões entrevistados.

Entendo que algumas das justificativas que os homens dão para o fim de seus relacionamentos amorosos, como aversão ao ciúme feminino, medo do casamento e falta de paciência para resolver conflitos na relação, podem ser compreendidas como receio de perda da autonomia masculina. A base dessas

questões é o receio de perder o domínio masculino, que é característico da sociedade estudada. Nesse sentido, atos como dialogar com uma companheira para buscar resolver um conflito representam, para os homens, uma ameaça à dominação masculina.

5.3 Masculinidade e solteirice: chimarreando só

As noções de liberdade e de solidão são trabalhadas por Leal (1992) no âmbito do gauchismo. Conforme Leal (1992), liberdade e solidão estão relacionadas com a masculinidade gaúcha. Essas noções são centrais nas representações sociais dos solteirões sobre a solteirice, assim como acontece no estudo de Lopes (2006). Conforme Leal (1992), a valorização da liberdade é uma das características da masculinidade no gauchismo. A mulher seria percebida pelo gaúcho⁶⁴ como laço que sufoca. Assim, porque não tem condições de ter esses laços e criar uma simbologia para justificar essa impossibilidade, ou porque não quer tê-los, o gaúcho evitaria laços, esses representados por mulher e filhos. De fato, a liberdade é uma das características do gaúcho original, conforme Braz (2002). Ele até sugere a necessidade de substituir esse termo por desejo de independência ou rebeldia, já que não existia uma liberdade consentida pela conformação da sociedade da época.

A forma com que os solteirões interpretam a solteirice também é trabalhada por Lopes (2006). Os homens não justificavam de forma objetiva o fato de permanecerem solteiros. Eles mencionavam que com o passar do tempo não casaram, e quando eram jovens e moravam com pais esse assunto não os preocupava. Entretanto, com o tempo, sensações de solidão e arrependimento apareceram. De forma similar aos solteirões de Alegrete, os entrevistados dessa realidade consideram negativa a solidão sentida e a perspectiva de não ter esposa e filhos para ampará-los na velhice. A solidão ou a falta de uma família é sentida, especialmente, no momento de tomar chimarrão, da mesma forma que acontece em Alegrete. O ato de tomar chimarrão carrega um sentido de sociabilidade entre os membros da família e entre moradores da localidade, já que o chimarrão media as

⁶⁴ Gaúcho é utilizado por Leal (1992) em referência ao homem rural do pampa que trabalha na pecuária de corte.

relações entre as pessoas. Nesse sentido, os homens que viviam sozinhos em Putinga não costumam receber visitas. Assim, a ausência de mulheres na casa contribui para o isolamento social dos solteirões. Como pontos positivos, destacavam o fato de não ter responsabilidade com a família, podendo sair mais que os homens casados para se divertir (LOPES, 2006).

Os homens se reconhecem como solteirões. Quando chego na propriedade de Reginaldo (65 anos), ele comenta: “Nós somos solteirões”. Já André (37 anos) diz que não se incomoda por ser chamado de solteirão, uma vez que sempre leva “tudo na festa”. Embora eles tentem justificar de alguma forma, nenhum dos homens responde claramente porque ficou solteiro. Esse é um assunto que causava explicações breves interrompidas por longos silêncios nas respostas. Reginaldo, por exemplo, responde: “foi passando, fui ficando, ficando e fiquei solteiro”.

No início da entrevista com André, ele faz uma analogia jocosa que não encontrou nenhum chinelo para o seu pé. O solteiro faz uma referência à música “Recorrendo os aguapés”, que é cantada pelo cantor favorito dele, Porca Véia. A letra se refere a um gaúcho que vai para a vila procurar uma companhia feminina após o término do seu trabalho.

Recorrendo os aguapés (Autoria de Telmo de Lima Freitas, interpretação de Porca Véia)

Amanhã de manhãzinha eu vou pro povo
Eu vou de novo recorrer os aguapés
Terminaram as esquilas à martelo
E eu vou campear algum chinelo pro meu pé

De quando em vez uma cruzada pela vila
Onde cochilam as pinguanchas querendonas
Não é demais pra quem vive numa estância
Matar a ânsia escutando uma cordeona

E quando sobra um sorriso companheiro
Para um tropeiro que campeia onde sestiar
O mundo véio se derrete num abraço
E a gente sente uma vontade de ficar

Semana nova de guaiaca quase seca
Mas não importa o que é bom nos apaixonou
No mês que vem volto de novo Deus me livre
Matar a ânsia escutando uma cordeona.

Esse solteirão conta que está sozinho por opção, porque quer conservar sua liberdade, sua independência: “Eu faz horas que querem me amarrar, mas é eu que

não quero. Eu mais é por opção para não estar me incomodando mesmo. Se é para estar me incomodando, fico solteiro” (André). Já em outros momentos da entrevista, ele diz que tentou ter relacionamentos amorosos duradouros, no entanto, não teve sucesso: “É pra lá e pra cá, eu caio fora. Não amolo muito, quer, quer, não quer, to indo. Como diz o outro, quem quer tem que aceitar do jeito do outro, com toda a loucura” (André).

A vida de solteiro é boa na perspectiva de Reginaldo. Já para Alberto, “é preferível casar do que viver solito”. Ele diz que existem pessoas boas, e que uma delas poderia ser sua companheira, porém, não conseguiu arrumar nenhuma. A principal vantagem da solteirice para os entrevistados é a garantia da liberdade. Já a principal desvantagem mencionada é o sentimento de falta de uma companheira e de uma família. A representação social construída em torno da solteirice remete à garantia da liberdade, como fica claro no depoimento de André.

(Cassiane) - Se tu fosses me dizer, quais são os pontos positivos e negativos de ser solteiro?

(André) - O positivo é que tu não tem problema com a tua liberdade, tu é livre e solto. Vai pro lado que quer sem precisar dar satisfação para ninguém. Esta é a vantagem.

(Cassiane) - Nem para o pai e para a mãe?

(André) - Não, sou maior de idade e vacinado. Sou dono do meu nariz. O único problema é só não ter uma companheira, só. (Em voz baixa): Mas que ser livre é bom, é bom (gargalhadas). Quer sair, oh, to indo, se manda e vai.

Nesse sentido, Luis (56 anos) menciona que sempre foi independente. Já Carlos diz que a pessoa solteira faz o que quer. Quando pergunto se ele não gosta de relacionamentos sérios, ele responde que prefere “só na brincadeira”. Na mesma perspectiva que o filho, Antônia diz que “é melhor ter por esporte”. Conforme ela, Carlos deve ter algum relacionamento amoroso que está se firmando na cidade vizinha, já que está indo para lá com frequência maior do que a de costume.

Para Carlos (52 anos), o ritual do casamento é desnecessário. Ele menciona o caso de um vizinho que tem um relacionamento há anos e filhos com uma mulher que vive na cidade. Os dois irão oficializar a união e realizar uma festa. Como convidado, Carlos gosta da ideia da festa para se divertir, entretanto defende que atualmente morar junto é melhor do que casar. Nesse sentido, Carlos e sua mãe criticam o casamento de sua irmã, que teve uma grande festa, mas durou pouco tempo: “Bah, me deu um baita trabalho, ficar matando ovelha. Caminhão com

bebida, pagamos um baita dinheiro. [...] Mas é melhor não casar não, casar para depois se separar”.

O casamento também é abordado por Luis. Para ele, casar costuma ser um desejo das pessoas jovens, mas quando a pessoa adquire experiência, essa situação modifica-se, conforme depoimento:

(Luis) - Mas a pessoa tem que casar quando é jovem, antes dos vinte anos a pessoa acha que casar é a solução para todos os problemas. Às vezes vai arrumar mais problemas ainda. Eu acho que não casou, depois que passou dos quarenta, até pode casar, mas é difícil.

(Cassiane) - É complicado.

(Luis) - Vai pegando experiência da vida. Por isso que eu digo: Tá com vontade de casar? Casa de uma vez. Eu não sou contra o casamento. Não sou casado, mas quem quiser casar, que case porque olha, é complicado.

(Cassiane) - Mas naquela época, até se tivesse dado certo, tinha casado?

(Luis) - Sim. Mas agora mudou.

A solidão é percebida pelos entrevistados como um ponto negativo da solteirice. Nos casos dos homens que vivem sozinhos, o sentimento é mais forte. Alberto (60 anos), que tem problemas de relacionamento com familiares e sai pouco de casa, passa os dias festivos “sozinho, sozinho e com Deus”, como ele diz em relação ao último Natal antes da entrevista. Para não sentir solidão durante as noites, ele procura se ocupar assistindo televisão e tomando chimarrão. Já o depoimento de Paulo, que é agricultor familiar separado, expõe a solidão sentida por quem vive só, durante as noites.

De dia a gente passa entretido, de noite é que bate a solidão um pouco, vendo televisão, escutando o rádio [...]. De vez em quando vem esse meu irmão que mora em Porto Alegre. O Vicente lá que a senhora falou é difícil de vir. Tem os outros, mas não vem também. Na época de férias esse sempre vem. [...] É isto, de dia eu fico entretido, o pior é quando falta luz, aí eu vou te dizer, mas eu tenho um radinho à pilha (Paulo).

Diante dessa situação, alguns solteirões entrevistados revelam o desejo de encontrarem uma companheira no futuro, enquanto outros manifestam a intenção de continuar levando a vida sozinho. Somente um deles, Reginaldo, demonstra convicção de quer continuar solteiro. Nos casos de André e Carlos, essa possibilidade pode vir a se concretizar, deixada aos desígnios do futuro. Quando pergunto a Carlos se ele tem a intenção de ter uma companheira no futuro, ele

responde: “Não, às vezes, quem sabe. [...] Eu só fico pensando pro amanhã, para o depois de amanhã não sei o que vai acontecer. É complicado.” Já Alberto, mostra sua intenção em deixar de ser solteiro: “Se eu achasse uma boa, podia tentar né. Mas tinha que ser uma pessoa boa.” O futuro planejado por Luis, quando estiver idoso, é viver em um asilo. Conforme ele, nesse lugar ficará bem e encontrará alguém que o cuide.

Sobre a intenção de ter filhos, André comenta: “Se for possível, ter né, se não, não. Seja lá o que Deus quiser. Se for pra ter, terá, se não, não; não dá para esquentar a cabeça”. Já Carlos comenta que é complicado ter e educar um filho no mundo contemporâneo:

É que hoje para ter um filho, tem que pensar para criar, para ter um filho hoje é mais difícil. Porque hoje não é como antigamente, antigamente a alimentação era uma batata, uma mandioca e deu. Hoje já tem o vestuário, médico, ainda são crianças de colo, tem que levar toda a semana no médico. Tem o ensino, é complicado. Hoje não, tá fácil, por isso que a maioria só tem um. O cara vai ter um filho lá e nasce trigêmeos (risos). De dois, três assim. Porque tudo é possível, e se chega a nascer deficiente (Carlos).

Os entrevistados que não são agricultores familiares, mas que também vivem sozinhos, mostram intenção de encontrar alguém para compartilhar a vida. Para Afonso, o plano é encontrar uma mulher com cerca de cinquenta anos para se casar, a idade é um pré-requisito repetido por várias vezes. Ele planeja construir uma casa nova e tratar os problemas dentários para então encontrar uma companheira. Juarez, que tem sessenta e nove anos, diz que apesar da sua idade, quer encontrar alguém: “Olha eu com toda esta idade que to, ainda tenho vontade de arrumar. Embora seja só para ficar junto” (Juarez). Já Paulo deixa a possibilidade em aberto: “Olha, eu não procuro ninguém, mas de repente né. De repente cai do céu né. Procurar eu não procuro, mas também não vou dizer que não”. Diferentemente dos demais, Pedro diz que não quer viver com uma mulher, porque não quer perder sua autonomia de sair e passar alguns dias fora de casa quando deseja.

Ser solteirão não é apenas uma consequência de fatores estruturais. Essa questão também passa por fatores identitários. Dito de outra forma, a solteirice é resultado de um emaranhado de fatores identitários e estruturais. As representações sociais desses homens, a forma com que eles se sentem, bem como os seus

gostos, tem como base as suas experiências e a realidade em que vivem. Condições diferentes de existência dão origem a estilos de vida diferentes (BOURDIEU, 2011).

Conforme Camarero et al (2005), as afirmações das pessoas fazem sentido dentro do contexto em que são pronunciadas, e quando são relacionadas com as trajetórias de vida e os espaços culturais em que surgem. Dessa forma, para buscar entender atributos da masculinidade dos solteirões, como o desejo de autonomia, é preciso considerar os aspectos históricos e culturais presentes no rural alegretense, como a influência da cultura do gauchismo, através do mito do gaúcho livre. A veneração a esse mito no gauchismo pode ser observada em letras de música como esta:

Teatino e chineiro (Composição de Otavio Darci e interpretação de Porca Véia)

Arrebentei as maneiras e joguei o cabresto fora
Cuiudo quando tá preso ronda cerca a toda hora
Com sede de liberdade se escapa e se manda embora
Com sede de liberdade se escapa e se manda embora.

Este cuiudo que eu falo tú ja vai saber quem é
Sou eu que um dia fui preso por carícias de mulher
Mas um dia eu me cansei peguei a estrada e dei no pé
Mas um dia eu me cansei peguei a estrada e dei no pé.

Só trouxe junto comigo as minhas gaitas mais nada
Sem rumo olhei pra o longe mandei pata e fui pra estrada
Me senti livre ao vento que também não tem morada
Me senti livre ao vento que também não tem morada.

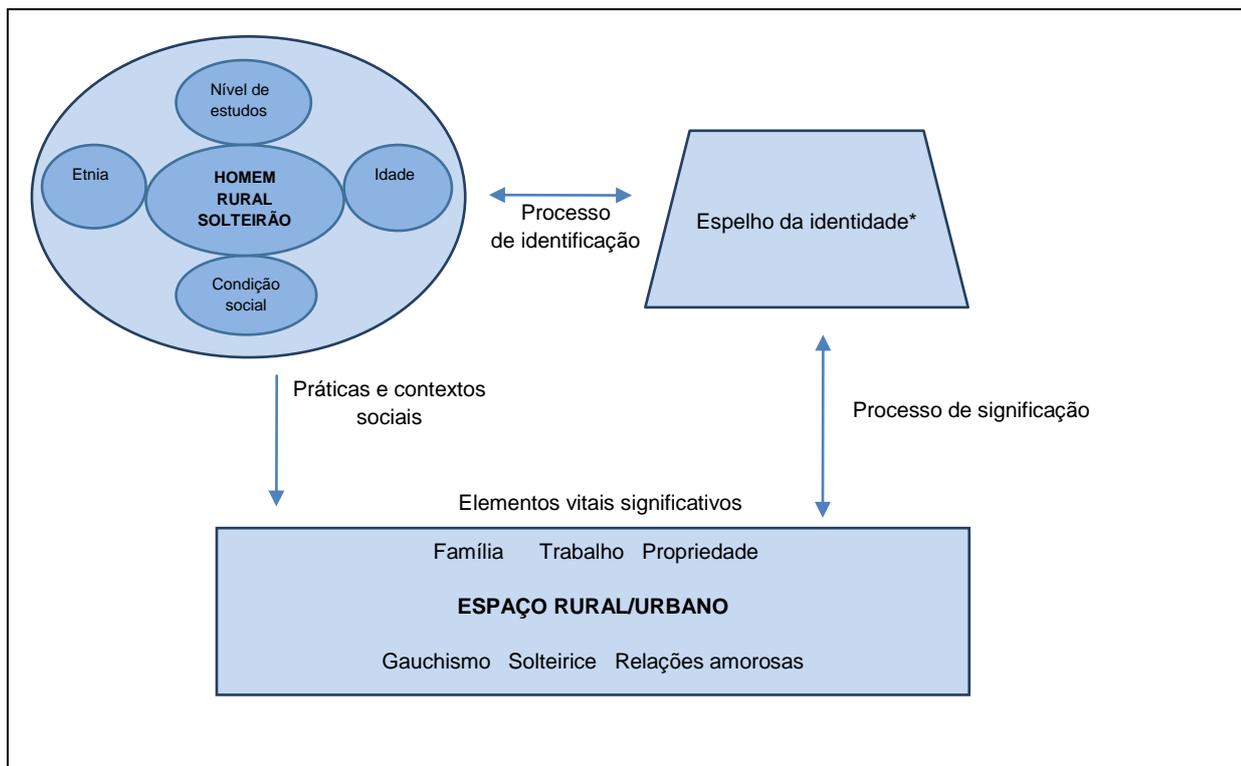
Sou teatino e sou chineiro e gosto muito de um carinho
Amante da solidão por isso vivo sozinho
Gaudério por excelência, faço meu próprio caminho
Gaudério por excelência, faço meu próprio caminho.

A identidade se expressa na forma com que as pessoas se vêem no dia a dia, e no sentido que dão para o que fazem (CAMARERO et al, 2005). Assim, o ser homem e as construções sociais que isto implica, dão origem à identidade masculina. Os agricultores familiares entrevistados se identificam, conforme mostram em seus discursos, como gaúchos (e) rurais (e) solteirões. Esses são traços importantes da sua masculinidade. A partir da adaptação do modelo formulado por Camarero et al (2005) para entender os elementos da identidade das mulheres rurais na Espanha, é possível atentar para o processo de construção da

identidade dos agricultores familiares solteirões. Cada homem rural solteirão tem as suas especificidades em relação à idade, à condição social, à etnia e ao nível de estudos. Esse homem se identifica com uma determinada imagem que é construída sobre elementos que são significativos em sua vida.

Toda identidade é a identificação de uma pessoa com uma determinada imagem. Isto acontece na prática como se os sujeitos, na hora de falarem de si mesmos, olhassem em um espelho de palavras, em cujo fundo aparecesse uma paisagem simbólica de elementos vitais significativos (CAMARERO et al, 2005, p. 189).

Através de práticas e contextos sociais, esse homem entra em contato com os elementos que são significativos em sua vida. Esses elementos, família, trabalho, propriedade, gauchismo, solteirice, relações amorosas, são permeados por relações entre o espaço rural e o urbano. O homem atribui significado a esse quadro de elementos, o que irá impactar sobre o olhar que ele terá de si. “Ninguém constrói essa imagem de si mesmo livremente, a partir do zero, posto que esses elementos vitais remetem sempre a uma série de práticas pessoais situadas em contextos sociais concretos” (CAMARERO et al, 2005, p. 189).



Quadro 2- Elementos da Identidade do Homem Rural Solteiro

* Imagem que o homem tem de si mesmo em função dos elementos vitais significativos para ele.
 Fonte: Adaptação do modelo de Camarero et al (2005, p. 190).

Conforme mostra Camarero et al (2005), a identidade é construída em oposição a pessoas e grupos com os quais se tem contato. A identidade de homem rural solteiro também é formada a partir da relação com outros grupos sociais, os quais são objetos de valorização, comparação e construção de estereótipos por parte dos agricultores familiares solteirões. Fazem parte desses grupos as mulheres rurais, as mulheres urbanas, os peões de fazenda, os agricultores familiares casados e os homens urbanos. Dessa forma, por exemplo, o agricultor familiar solteiro entende que o peão de fazenda não tem autonomia para trabalhar da forma como gosta e para ir onde deseja, o que ele tem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho busquei responder “De que forma a solteirice masculina se desenvolveu e se apresenta na agricultura familiar de Alegrete/RS?” Iniciei a pesquisa acreditando que a solteirice masculina seria fruto de uma decisão individual, sendo que essa decisão sofreria influências do contexto em que a pessoa vive. Dessa forma, tratei a solteirice como uma construção social.

A solteirice de homens aparece de forma expressiva no espaço rural de Alegrete, de forma relacionada com processos de masculinização e de envelhecimento da população. O êxodo rural seletivo de jovens e mulheres que vem acontecendo nas últimas décadas, juntamente com a diminuição da taxa de fecundidade, desregula a constituição da população. As mulheres jovens migram para as cidades, animadas pela perspectiva de continuar seus estudos, buscar trabalhos não agrícolas, conquistar maior autonomia, entre outros fatores, embora nem sempre os desejos se concretizem na realidade urbana. A população que permanece no rural é constituída por um alto percentual de pessoas idosas e de homens. Nessa configuração, os homens encontram maiores dificuldades para encontrar companheiras do que em outras realidades. Dessa forma, os desequilíbrios demográficos favorecem a solteirice de homens no espaço rural alegretense, embora essa não seja a sua única explicação.

A razão de sexo e o percentual de homens solteirões são bem mais expressivos na população rural de Alegrete, do que na do Rio Grande do Sul e na do Brasil. Os solteirões do espaço rural do município se concentram basicamente em dois grupos sociais, agricultores familiares que trabalham com pecuária de corte e peões assalariados de fazendas. Os solteirões que são agricultores familiares apresentam o seguinte perfil: homens com idade entre 45 e 65 anos, com ensino fundamental incompleto, que vivem sozinhos, com os pais ou com irmãos solteiros, em localidades distantes da sede do município, e que se dedicam à pecuária de corte. Geralmente, eles são integrantes de famílias com pouca terra, com baixas rendas e com mais de um solteirão. Em muitos casos, quando não conseguem se manter somente da rentabilidade da propriedade, os solteirões prestam serviços para outras unidades produtivas da região, principalmente no manejo de bovinos de

corte e no alambrado. Dessa forma, fica claro que a solteirice não é meramente uma decisão individual, considerando que, por exemplo, não encontrei fazendeiros solteirões. As restritivas condições socioeconômicas de famílias de agricultores favorecem a solteirice em Alegrete.

A agricultura familiar alegretense é responsável pela maior parte dos estabelecimentos agropecuários do município, todavia, detém um baixo percentual de terras. Essa categoria social se desenvolveu em um campo de dominação simbólica da agricultura empresarial. Muitas famílias de agricultores familiares se dedicam à atividade pecuária de corte. A reprodução social na agricultura familiar é garantida através do repasse de saberes e de meios de produção no interior das famílias, e entre as gerações. Dessa forma, a continuidade dos estabelecimentos agropecuários familiares, ao longo do tempo, foi garantida por meio da formação de novos agricultores e novas agricultoras no âmbito familiar.

Quando existe um alto percentual de agricultores familiares solteirões, como acontece em Alegrete, a formação de novas famílias é impactada, bem como a continuidade dos estabelecimentos agropecuários. O fracionamento excessivo das propriedades familiares, decorrente da divisão das terras em partes iguais para cada filho, e a falta de sucessores com disposição para assumirem as unidades produtivas nas famílias dos solteirões, assinala para o comprometimento da continuidade dessas unidades produtivas. Embora essa situação provoque tristeza nos homens solteiros, a tendência futura de suas propriedades é de venda para pessoas de fora da família. Isso acentua a concentração da posse da terra nessa realidade, uma vez que os principais compradores são fazendeiros e granjeiros da região.

Determinadas condições sociais vem favorecendo a solteirice masculina ao longo do tempo no território do município de Alegrete. O gado xucro que existia no pampa promoveu a vinda de muitos homens solitários interessados na caça a esses animais, os gaúchos primitivos. Os inúmeros conflitos armados que aconteceram nessa região ao longo dos séculos, foram responsáveis pela atração de um contingente de soldados que, muitas vezes, viviam na região sem trazer consigo as mulheres. Dessa forma, o território de Alegrete foi se tornando um lugar masculinizado, como pode ser visto na Figura 10.

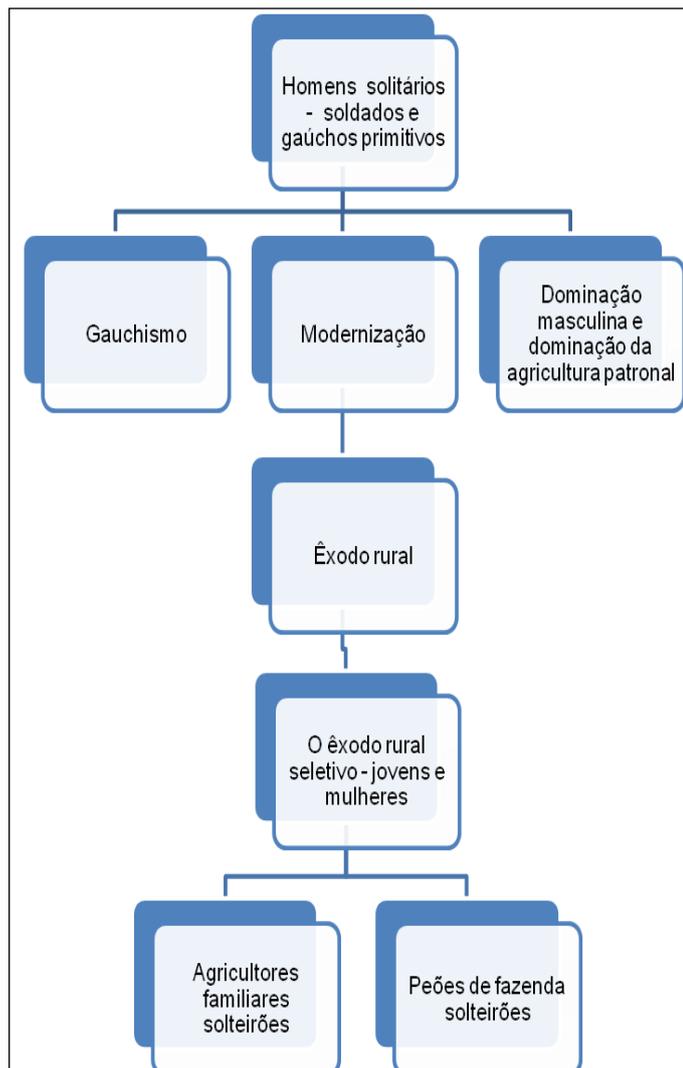


Figura 10 – Esquematização da construção da solteirice masculina no espaço rural alegretense

Ao longo da história, o acesso aos meios de produção, como a terra, foi dificultado aos camponeses no território que hoje pertence ao município de Alegrete. A doação de sesmarias iniciou um processo de concentração da posse da terra na região, que continua até a atualidade. As famílias camponesas lançaram mão de várias estratégias ao longo do tempo para garantir a sua reprodução social, como a prestação de serviços de alguns membros nas fazendas da região, de forma esporádica ou continuada. Em algumas épocas, as possibilidades de reprodução social dessas famílias eram dificultadas, e, em contrapartida, apareciam novas possibilidades de trabalho nas cidades emergentes.

A modernização também provocou impactos na dinâmica populacional. A partir de introdução de inovações técnicas na produção agropecuária, houve a diminuição da necessidade de mão de obra. O cercamento dos campos, que inicia no final do século XIX, foi uma das primeiras transformações nesse sentido. As atividades agropecuárias passaram, paulatinamente, a depender da dinâmica do mercado, com melhoramento genético dos rebanhos, introdução de pastagens cultivadas, insumos e maquinários. Novas atividades agrícolas e florestais apareceram no município no século XX, como os cultivos de arroz e de soja. A modernização também traz mudanças em outros âmbitos, como a melhoria nos meios de transporte e de comunicação, educação e saúde, aproximando o espaço rural e o urbano, e disseminando os valores urbanos. A modernização não chegou sozinha, ela foi acompanhada de um processo de êxodo rural, que inicialmente foi responsável pela transferência de um grande número de famílias para as cidades e, nas últimas décadas, ganhou um caráter seletivo, envolvendo, principalmente, jovens e mulheres.

Algumas das transformações ocasionadas pela modernização aconteceram em um passado recente, ou estão em processo no rural profundo de Alegrete, como é o caso do acesso de agricultores familiares à luz elétrica e à água encanada. No âmbito da educação, as transformações também são recentes, sendo que o acesso dos agricultores familiares ao ensino público e gratuito até poucas décadas atrás era difícil, conforme os depoimentos dos solteirões. Na verdade, até hoje essa situação não foi totalmente resolvida, por exemplo, em algumas localidades não é disponibilizado ensino médio, ou transporte público para os estudantes desse nível de ensino. Alguns aspectos da forma de viver de antigamente, ou seja, de algumas décadas atrás, são lembrados pelos solteirões com um sentido negativo, relacionado ao sofrimento, como as dificuldades pelas quais passaram para estudar. Já outras lembranças despertam saudades dos modos simples de vida, das brincadeiras, do convívio familiar e social, das casas de barro e capim, de gente hospitaleira.

O gauchismo é forte não somente no contexto estudado, mas também na vida dos solteirões. Juntamente com hábitos vivenciados no dia a dia, como o ato de tomar chimarrão, também foi se formando ao longo do tempo um estereótipo de gaúcho, representado principalmente pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho. A figura do gaúcho como herói, símbolo de coragem, masculinidade e liberdade passou a ser exaltada após a modernização pelo MTG, como forma de reviver e

promover a vida na estância. Esse fato, entretanto, não condiz com a realidade, uma vez que o gaúcho, na verdade, representa um grupo social explorado, conforme Freitas (1993).

O gauchismo marca a forma de viver de todos os solteirões, mesmo que isto se dê de diferentes maneiras. O hábito de tomar chimarrão e a preferência pelas músicas gaúchas são questões compartilhadas entre eles. Também é comum o sentimento de saudade das atividades de lazer vinculadas ao gauchismo, das quais participavam durante a juventude, como os bailes de rancho e as carreiras. A vida na campanha e as experiências com manejo do gado *vacum* são elementos que trazem aportes do gauchismo para o cotidiano dos solteirões. Por outro lado, existem divergências em relação a alguns elementos, geralmente vinculados ao tradicionalismo, como o uso diário de bombacha e a participação em atividades promovidas pelos centros de tradições gaúchas.

A família é uma instituição central para os solteirões, que representa afetividade e apoio. Os pais e mães falecidos são lembrados com carinho pelos entrevistados, que demonstravam saudade e gratidão pelo que aprenderam com eles. A relação entre irmãos também é um ponto considerado importante por eles, sendo que a ausência desses gera um sentimento de tristeza. Entretanto, a família também é um campo social no qual emergem tensões e conflitos. Existe uma hierarquia pai-mãe-filho-filha, que ao ser tensionada, através da disputa por poder, gera conflitos. Nesse sentido, acontecem desentendimentos entre os pais do solteirão, entre ele e o pai, ou irmãos.

As famílias não são iguais e, historicamente, o sobrenome constituiu-se uma forma de distinção social no local. Os bailes de rancho, realizados em décadas passadas, eram espaços de segregação, conforme a condição social, a origem étnica e a família de pertença. Embora essa situação tenha se transformado, o pertencimento a determinada família ainda é um fator que justifica que pais proibam determinados namoros. A maioria das famílias dos solteirões passou por situações de dificuldades econômicas. Para superá-las, foram utilizadas estratégias como o trabalho das mulheres que lavavam roupas para vizinhos nas sangas, e o trabalho das crianças. A iniciação do trabalho dos solteirões aconteceu na infância, sendo que as tarefas eram distribuídas conforme a idade e o sexo. No caso das famílias que passavam por situações de dificuldades econômicas, o trabalho das crianças, seja na propriedade ou na prestação de serviços para terceiros, era utilizado como

forma de aprendizagem para a vida e de amenizar as precárias condições de existência da família.

A construção do que é masculino e do que é feminino aconteceu desde a infância na vida dos solteirões. As brincadeiras de infância marcaram essa construção, sendo que seus jogos tradicionais estavam associados ao gado de osso, num exercício de preparação para o trabalho de manejo do gado, na vida adulta. Já as meninas, com as quais eles conviviam na infância, brincavam com bonecas de pano, de forma a prepararem-se para o cuidado dos filhos e para as tarefas do lar. As tarefas atribuídas pelos pais durante a infância costumavam ser direcionadas aos meninos, quando eram consideradas produtivas, e às meninas, quando eram consideradas do âmbito reprodutivo. Dessa forma, acontecia a reprodução da divisão clássica do trabalho e da dominação masculina.

As concepções de família e as relações conjugais vêm mudando nas últimas décadas no espaço rural alegretense. As moradias rurais que costumavam agrupar os casais e vários filhos e filhas, por vezes, abrigam um solteirão que vive sozinho, dois irmãos solteirões, um solteirão e seus pais ou casais de aposentados. Essa mudança estrutural vem acompanhada de uma transformação nas relações de gênero. Desde as últimas décadas, as mulheres rurais pressionam e lutam, de forma individual ou coletiva, por mudanças nas relações de dominação masculina que regem essa sociedade. As tensões e conflitos podem ser percebidos no aumento do número de separações com iniciativa feminina. Essas situações são justificadas pelas mulheres como uma resposta à dominação masculina no âmbito doméstico, e como uma alternativa para a conquista de maior autonomia, enquanto os homens justificam as separações através do desejo das companheiras de viverem na cidade, intenção que não é compartilhada por eles. Possivelmente, as duas justificativas são faces de uma mesma moeda.

Os solteirões vivem nesse contexto de mudança nas relações de gênero, sendo que eles também contribuem com essa mudança. A masculinidade vivenciada pelos solteirões é não hegemônica. A masculinidade hegemônica no espaço rural de Alegrete remete a aspectos da figura estereotipada do gaúcho, másculo, corajoso, forte e provedor. Já os solteirões vivenciam uma masculinidade que comporta a realização cotidiana de trabalhos domésticos e o cuidado de familiares idosos e doentes, tarefas que são percebidas como femininas nessa realidade. Os solteirões realizam tarefas do lar, como cozinhar, limpar a casa e lavar roupas, e falam

normalmente sobre elas. O apego à família faz com que muitos solteirões sejam os cuidadores dos pais durante sua velhice. Nesse caso, eles desenvolvem atividades como dar banho, preparar a alimentação e alimentar os pais, além de atenderem os trabalhos da produção agropecuária no estabelecimento da família.

Existem algumas características que são compartilhadas pelos solteirões, como o apego à família, a valorização positiva da vida rural, do trabalho e da cultura gaúcha, além do desejo de autonomia pessoal. Essas semelhanças proporcionam a emergência de uma identidade masculina em comum. A identidade de homem rural solteirão é construída a partir de um processo de identificação, no qual são considerados os significados produzidos em torno da família, trabalho, propriedade, gauchismo, solteirice e relações amorosas.

A representação social dos solteirões em torno do espaço rural remete a um espaço de vida, um lugar bom para viver, e onde eles querem viver. As redes de sociabilidade construídas no espaço rural e a vinculação da vida rural com liberdade são elementos valorizados positivamente por eles. Nesse sentido, eles demonstram orgulho por serem homens rurais.

Ademais, o trabalho é motivo de orgulho para esses homens. O trabalho também é valorizado positivamente, mesmo quando se trata do trabalho pesado. Para ser bem visto, entretanto, o trabalho precisa ser desenvolvido de forma autônoma, sem receber ordens diretas de outrem, e não pode prender. Nesse sentido, o trabalho na agricultura familiar é considerado livre, mas as atividades que necessitam a presença constante do trabalhador são mal vistas, como a bovinocultura de leite. A realização de changas também é avaliada positivamente, pois os solteirões entendem que conseguem manter certo grau de autonomia na realização de tarefas diárias, acordadas sem o estabelecimento de vínculos empregatícios. Já o trabalho de empregado formal, seja como peão de fazenda seja como trabalhador urbano, é avaliado negativamente, e relacionado à noção de dependência e prisão.

A liberdade é uma ideia chave para entender as maneiras de como os homens vivem a condição de solteirice na agricultura familiar. Ela aparece reiteradamente nos discursos dos solteirões. Existe uma fixação pela ideia de liberdade vinculada a vários aspectos da vida desses homens: a vida rural é boa porque é livre, o trabalho na agricultura familiar é bom porque é livre, ser solteiro é bom porque garante a manutenção da liberdade. A repetição dessa noção, bem

como o desejo de possuí-la, possivelmente estejam relacionados com a exaltação da liberdade que acontece no gauchismo. Na verdade, o que os solteirões procuram é garantir a autonomia nas suas vidas. O direito de ir e vir quando quiserem é defendido por eles. O único motivo pelo qual mencionam abrir mão desse direito é a necessidade de cuidar dos pais enfermos. Com esse objetivo, permanecem em casa, ao lado dos pais, durante o tempo necessário. Eles não querem ter patrão, patroa ou quem quer que seja que lhes dêem ordens.

Nos seus depoimentos, duas noções representam a solteirice, a autonomia e a solidão, sendo a primeira avaliada positivamente e a segunda negativamente. Dessa forma, o solteirão pode sair quando quer, sem dar satisfações sobre a sua vida. Por outro lado, existem momentos em que a ausência de uma companheira é sentida. Os depoimentos sobre as relações amorosas que eles tiveram, ou que tem, materializam em exemplos essa dicotomia. Dessa forma, aparecem referências à fuga de compromisso sério, à falta de paciência para resolver conflitos, à aversão ao sentimento de ciúmes, que é relacionado com posse e aprisionamento. Por outro lado, também acalentam o sonho de encontrar uma companheira para construir uma vida juntos. Não obstante, a companheira ideal precisa ser uma pessoa boa e, de preferência, uma mulher rural que aceite viver na propriedade do companheiro. Sob tais condições, torna-se muito difícil encontrá-la da realidade objetiva do município de Alegrete, em face da baixa densidade populacional feminina no espaço rural e dos processos de emancipação feminina.

Compreendo a solteirice masculina na agricultura familiar alegretense como uma construção social. Ela é o resultado da decisão dos homens em manterem-se solteiros, sendo que essa decisão é favorecida por diversos fatores estruturais e agenciais (Figura 11).

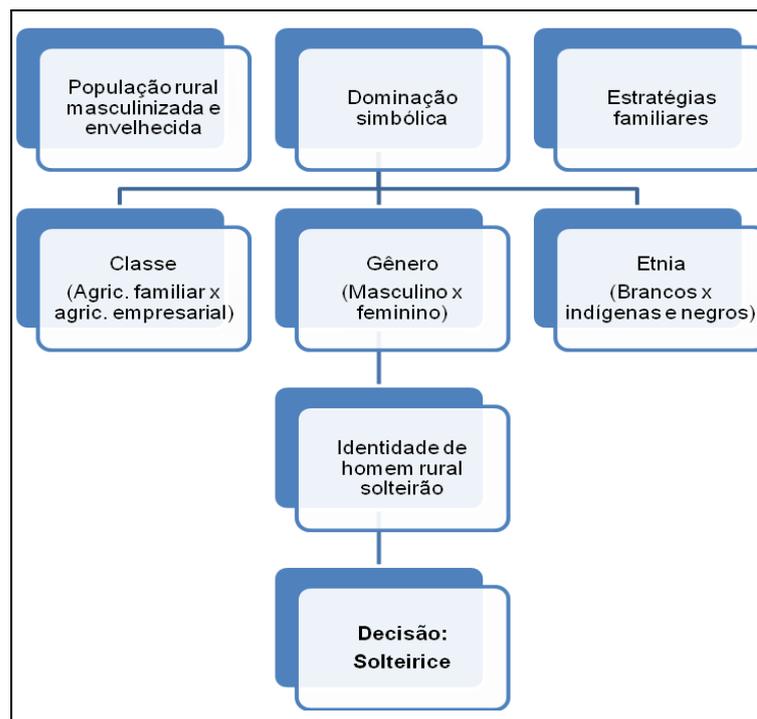


Figura 11 – Esquema de interpretação da solteirice de homens rurais.

Na sociedade rural de Alegrete, existe um processo histórico de dominação simbólica nos âmbitos de classe, de gênero e de etnia. Nessa realidade, a agricultura empresarial exerce dominação sobre a agricultura familiar, o masculino exerce dominação sobre o feminino, e a etnia branca exerce dominação sobre as etnias indígena e negra. Existem, entretanto, disputas por poder, que constantemente agem sobre essa configuração. Esse contexto de fortes desigualdades sociais, juntamente com a condição da população rural, masculinizada e envelhecida, favorece a solteirice masculina. As estratégias familiares, que muitas vezes elegem os homens para serem os cuidadores dos pais, também atuam nesse sentido. Esses fatores estruturais, juntamente com o gauchismo, impactam sobre as trajetórias de vida dos homens, sendo objetos de atribuição de significados e de internalização por eles.

Os solteirões são gaúchos de carne, ossos e sentimentos. A masculinidade vivenciada por eles remete a aspectos como amor à vida rural, desejo de autonomia, valorização do trabalho e do gauchismo, e apego à família. De forma relacionada a esses elementos, eles constroem a identidade de “homem rural solteirão”. Esses

agricultores familiares tomam as suas decisões considerando as suas trajetórias de vida, os fatores estruturais que atuam sobre elas e suas representações sociais sobre o mundo que os cerca e sobre si mesmos. Entre elas, eles decidem continuar solteiros.

Não tive a pretensão de esgotar o assunto pesquisado nesta tese. Pelo contrário, esta é uma investigação inicial sobre um tema complexo. Para dar continuidade nesta linha de pesquisa, indico a realização de estudos aprofundados sobre o papel das mulheres na agricultura familiar da região Campanha Gaúcha, bem como as percepções delas em relação aos solteirões. Também indico a realização de uma investigação sobre a sexualidade dos agricultores familiares solteirões. Outra possibilidade de pesquisa é atentar para a solteirice no contexto do trabalho assalariado nas fazendas da Região da Campanha Gaúcha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. W. B. Redescobrimo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1986, n. 1, v. 1, p. 66-83.

ALVES, E. **Fotografia da escultura “Negrinho Triunfante”**, [20--]. Disponível em: http://porteiros.unipampa.edu.br/alegrete/index.php?option=com_content&view=article&id=697. Acesso em: 21 mai. 2013.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 661-694, jun. 2005.

ASSUNÇÃO, F. O. **Historia del Gaucho**. El gaucho: ser y qué hacer. 2ª ed. Buenos Aires: Claridad, 2007.

BERCOVICH, A. M. Características regionais da população idosa do Brasil. **Rev. Bras. Est. Pop.** Campinas: 10 (1/2), 1993.

BODOQUE, Y. P. Hombres sin mujeres. La búsqueda de la reproducción de la sociedad a través de la mirada de la ficción social. Granada: **Gazeta de Antropología**. Nº 25, 2009, artículo 47. Disponível em: <http://www.ugr.es/~pwlac/G25_47Yolanda_Bodoque_Puerta.html>. Acesso em: 01 jun. 2012.

BOURDIEU, P. **El baile de los solteros**. Barcelona: Anagrama, 2004. Título da edição original: Le bal del célibataires. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2011. 560p.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S. A. 1989.

BRAZ, E. M. **Retratos do gaúcho antigo**: a gênese de uma cultura. Porto Alegre: Martins Liv. Ed., 2002.

BRITO, A. N. S. **Entre o corredor e a estância**: dinâmicas sociais e produtivas na APA do Ibirapuitã. 2010. 160f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

BRUM, C. K. Indumentária gaúcha: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das *pilchas*. In: OLIVEN, R; MACIEL, M. E; BRUM, C. K. (Org.). **Expressões da cultura gaúcha**. Santa Maria: EDUFMS, 2010. p. 65-96.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.205-227, jan-abr. 2004.

BUTO, A.; HORA, K. M. R. Mulheres e reforma agrária no Brasil. In: LOPES, A. L.; BUTTO, A. (Org.). **Mulheres na reforma agrária**: a experiência recente do Brasil. Brasília: MDA, 2008, p.19-38.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CAMARERO, L. et al. La población rural de España: de los desequilibrios a la sostenibilidad social. Barcelona: Fundación La Caixa, Colección Estudios Sociales nº 27, 2009. Disponível em < www.laCaixa.es/ObraSocial>. Acesso em: 28 jan. 2010.

CAMARERO, L. et al. **Emprendedoras rurales**: de trabajadoras invisibles a sujetos pendientes. Colección Interciencias, 27, Valencia: UNED, 2005.

CAMPBELL, H.; BILL, M. M.; FINNEY, M. (Ed.). **Country boys**: masculinity and rural life. United States of America: The Pennsylvania State University Press, 2006.

CHAMPAGNE, P. **Ampliação do espaço social e crise da identidade camponesa**. Texto não publicado traduzido por Sonia Guimarães Taborda, com revisão de Anita Brumer. Texto original: Elargissement de l'espace social et crise de l'identité paysanne. Cahiers d'économie et sociologie rurales, nº 3, décembre 1986, p. 73-89.

CONNEL, R. H. La organización social de La masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (orgs.). **Masculinidad/es: poder y crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres n. 24, ISIS Internacional, FLACSO-Chile, 1997, p. 31-47.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2013, vol.21, n. 01, p. 241-282.

COSTA, C.; CAMARERO, L. **Desafios para a sustentabilidade social**: contornos demográficos do espaço rural brasileiro, não publicado.

COSTA, C.; FROEHLICH, J. M.; CARPES, R. H. Masculinização rural: uma abordagem a partir da regionalização por sistemas agrários no Rio Grande do Sul. **R. Bras. Est. Pop.**, v. 30, n. 2, p. 465-483, jul./dez. 2013.

COSTA, C.; FROEHLICH, J. M. Políticas públicas e masculinização rural no Rio Grande do Sul: uma abordagem a partir das condições regionais. **Campo-Território**, v. 09, n.17, p. 27-54, mar. 2014.

COSTA, C. **Masculinização da população rural no Rio Grande do Sul**: análise a partir dos sistemas agrários. 2010. 115f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

CRUZ, F. **Género, psicología y desarrollo rural**: la construcción de nuevas identidades. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 2006.

DEL CARRIL, B. **El gaucho**: su origen, su personalidad, su vida. Buenos Aires: Emecé Editores, 1993.

DELGADO, G. C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. **Estudos Avançados**, v.15, n. 43, 2001.

Escultura **Negrinho Triunfante**, do escultor Vasco Prado, no Parque Rui Ramos, em Alegrete. Foto de Eroni Alves. Disponível em: http://porteiros.unipampa.edu.br/alegrete/index.php?option=com_content&view=article&id=697. Acesso em 21 mai. 2013.

FANTONA, J. M.; ROGER, L. **Plan**: tal como fue. Primera Fiesta de los Solteros de Plan, Vale de Gistau. Cosas de Arfagón n. 1. Zaragoza: Edizioni de L'Astral, 1989.

FARINATTI, L. A. **Confins meridionais**: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História, 2007, 421 p.

FARINATTI, L. A. Peões de estância e produção familiar na Fronteira Sul do Brasil (1845–1865). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 359-383, jul. 2008.
FERREIRO, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

Flores de outro mundo. Filme de Icíar Bollaín, 1999. Acessado em 18/08/2013. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=HwRzXsrIS2M>>.
FONSECA, M. T. L. **A extensão rural no Brasil**: um projeto educativo para o capital. São Paulo: Ed. Loyola, 1985.

FREITAS, D. O capitalismo pastoril. **Ensaio FEE**, POA 14 (2), 1993, p. 438-465.

GARCIA, G. B. **O domínio da terra**: conflitos e estrutura agrária na Campanha Rio-grandense Oitocentista. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em História da UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em história, 2005, 195 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIRON, L. **Dominação e subordinação**: mulher e trabalho na pequena propriedade. Porto Alegre: Ed. Suliane Letra e Vida, 2008.

GOLDANI, A. M. Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos sessenta**: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p.75 a 114.

GOLIN, T. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GONZAGA, S. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Orgs.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p.113 a 131.

HERNÁNDEZ, J. **El gaucho Martín Fierro/ La vuelta de Martín Fierro**. 16. ed. MENDRANO, L. S. (editor). Madrid: Cátedra, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/ca/default.asp?o=2&i=P>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 jun. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IBGE Cidades**: Alegrete. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 14 jun. 2012.

LAYTANO, D. História da cidade de Alegrete. Especial para o Jornal do Povo de 12 de janeiro de 1957. Arquivos do CEPAL, consulta em 2013.

LEAL, O. F. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: ORO, A. P.; TEIXEIRA, S. A. (coord.). **Brasil & França**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992, p. 141 a 150.

LEAL, O. F. **Os Causos de Galpão**: circulação de Identidades entre Gaúchos na Fronteira Brazil, Uruguai e Argentina. Trabalho apresentado no Encontro Nacional da ANPOCS, outubro de 1989.

LEITE, D. A. Freguesia de Alegrete: sesmarias, estâncias, fazendas e chácaras. In: SANTOS, Danilo Assumpção dos. **Levantamento de fontes**. Alegrete: CEPAL, 2004, p. 95-103.

LÉVI-STRAUSS, C. “Natureza e cultura” e “O princípio de reciprocidade” In: **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LOPES NETO, J. S. **Lendas do sul**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002. 159p.

LOPES, M. N. **O celibato masculino e as perspectivas de reprodução na agricultura familiar**. Monografia de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais, Porto Alegre/UFRGS, 2006.

MACIEL, M. E. Gauchismo, tradição e Tradicionalismo. **Cadernos IHU Idéias**, (UNISINOS), v. ed. 87, p. 01-22, 2007.

MAGALHÃES, R. S. A 'masculinização' da produção de leite. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 47, n. 1, jan.-mar. 2009, p. 275 a 299.

MARIN, J. O. B. Homens solteiros na agricultura familiar. In: TERCEIRO ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 2008, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Rede de Estudos Rurais, 2008, p. 01-16.

MARQUES DE ALEGRETE. **Carta de Concessão de sesmaria a Thomas Ferreira Dalle, 1815**. Documento recuperado e componente do acervo do CEPAL. Alegrete: 1997.

MARTINS, C. **Estrada Nova**. Guias de Leitura. Porto Alegre: Mercado Livre, 1985.

MARTINS, C. **Porteira Fechada**. 4ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1979.

MARTINS, C. **Sem rumo**. 3ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.

MELLO, M. A. Transformações sociais recentes no espaço rural do Oeste de Santa Catarina: migração, sucessão e celibato. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 44,2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2006, p. 1-18.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Primeira Edição: MENDRAS, HENRY. Sociétés Paysannes. Paris: Librairie Armand Colin, 1976.

MEYER, A. **Gaúcho, história de uma palavra**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.

MOLAS, R. E. R. **Historia social del gaucho**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982. Versão original: 1968. Disponível em: <<http://es.scribd.com/doc/63630890/Historia-Social-Del-Gaucho>>. Acesso em 01mar. 2013.

MONTESINOS, R. **Perfiles de la masculinidad**. Iztapalapa: Plaza y Valdes, 2007.

MOURA, M. M. **Camponeses**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

NEVES, D. P. Agricultura familiar: quantos ancoradouros!. In: FERNANDES, B. M; MARQUES, M. I. M; SUZUKI, J. C. (Org.). **Geografia Agrária: teoria e poder**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 211-270.

OLIVEN, R; MACIEL, M. E; BRUM, C. K. (Org.). **Expressões da cultura gaúcha**. Santa Maria: EDUFMS, 2010.

PANZUTTI, N. P. M. **Mulher rural: eminência oculta**. Campinas: Alínea, 2006. v. 1.

PAULILO, M. I. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 01, jan.-abr. 2004, p. 229-252.

PESAVENTO, S. J. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 60-83.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Série Revisão, 1. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

PICCIN, M. B. **Os Senhores da Terra e da Guerra no Rio Grande do Sul: um estudo sobre as práticas de reprodução social do patronato rural estancieiro**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, para obtenção do Título de Doutor em Ciências Sociais, 2012, 458p.

RODRIGUES. L. L. **O avesso do casamento: uma leitura antropológica do celibato entre camponeses ítalo e teuto-capixabas**. Dissertação de mestrado apresentada ao PPG em Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 1991.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. Coleção Brasil Urgente. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAINT-HILAIRE, A., 1779-1859. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2ª ed. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1987.

SAMPEDRO, M. R. **Género y ruralidade**. Las mujeres ante el reto de la desagrarización. Madrid: Ministerios de Asuntos Sociales/Instituto de las Mujeres, 1996.

SANTOS, D. A. **Considerações sobre Alegrete e Rio Grande do Sul**. Alegrete: CEPAL, 2001.

SANTOS, D. A. **Populações indígenas e o município de Alegrete**. Alegrete: CEPAL, 1999.

SANTOS, D. A. **Alegrete, a terra dos gaúchos**. Alegrete: CEPAL, 2003.

SARMIENTO, D. F. F, 1999. **Texto original de 1845**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.educ.ar/uploads/contents/DomingoF.Sarmiento-Facundo0.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

SILVA NETO, B. A regionalização do Estado segundo os seus sistemas agrários; Objetivos e aspectos metodológicos dos estudos municipais. In: SILVA NETO, B.; BASSO, D. (Org.). **Sistemas agrários do Rio Grande do Sul**: análise e recomendações de políticas. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2005, p. 93-108 e p.159-164.

SILVEIRA, H. J. V. As Missões Orientais e seus antigos domínios. Porto Alegre: Typographia da Livraria Oficial, 1909. In: SANTOS, D. A. **Sesmarias e estâncias**. Alegrete: CEPAL, 2003.

SIQUEIRA, L. H. S. **As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar**. 2004. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

STRAPASOLAS, V. L. O valor do casamento na agricultura familiar. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Feministas**, jan-abr., Ano, Vol. 12, Núm. 001, 2004.

TAVARES, M. S. **Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero**: ser solteiro e solteira em Aracaju e Salvador. Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais à Universidade Federal da Bahia, no curso de Ciências Sociais. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008, 390p.

Testamento de Joze Moreíra Lopes. Município de Alegrete, 1835. Documento recuperado e componente do acervo do CEPAL. Alegrete: 1998.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro 40(1): 27-55, Jan./Fev. 2006.

VARGAS, E. G. Os reflexos sócio-culturais do latifúndio no Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alegrete.** Ano 02, n. 1, 2011, p. 85-91.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida:** reflexão sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. F. **Amor e celibato no universo camponês.** Textos NEPO 17. Campinas: NEPO: UNICAMP, 1990.

XAVIER, P. A estância. In: KREMER, A. C. et. al. **Rio Grande do Sul:** terra e povo. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1969, p. 75-89.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista para homens solteiros

a) **Geral**

Para iniciar a entrevista, eu gostaria que o senhor se apresentasse.

b) **Infância**

Conte-me um pouco da tua vida: como foi a tua infância?

Como era a vida na tua família?

Do que tu brincavas quando era criança? Com quem?

Quando começaste a trabalhar?

Quais eram as tuas tarefas? E das tuas irmãs?

O que tu mais gostavas quando era criança?

b) **Escola**

Chegaste a frequentar a escola?

Como era a escola em que tu estudavas?

Como chegavas à escola?

Como eram os professores?

Como era o ensino escolar?

Gostavas de ir à escola e de estudar?

Por que paraste de estudar?

Os teus irmãos e irmãs continuaram os estudos escolares?

c) **Juventude**

Como foi a tua juventude?

O que costumavas fazer na tua juventude para te divertir?

Quem eram os teus amigos naquela época?

Como eram os rodeios, festas e bailes?

Como eram os namoros naquela época?

d) **Família**

Quem faz parte da tua família?

O que significa a família para ti?

Como foi, e como é, atualmente, a relação com os teus familiares?

e) **Trabalho**

O que significa o trabalho para ti?

Como é o teu trabalho no dia-a-dia?

Gostas do que faz?

Como é a divisão das tarefas entre as pessoas que trabalham na propriedade?

Quem toma as decisões sobre a produção na propriedade?

f) **Questão econômica**

Qual é o destino da renda da propriedade?

Como é dividida a renda entre os integrantes da família?

Estás satisfeito com a renda que recebes?

- g) **Sucessão na propriedade**
Quem são os possíveis sucessores na propriedade?
Qual é a tua participação na herança da propriedade da família?
Como foi a transmissão da terra para os atuais proprietários?
Já houve algum conflito na família pela disputa de herança?
- h) **Políticas públicas**
Recebes algum benefício do governo?
O que achas dos serviços de extensão rural prestados em Alegrete?
- i) **Organização social**
Participas de associações?
Participas de sindicatos?
Como é a tua participação?
O que achas dessas instituições?
- j) **Religiosidade**
Acreditas em Deus?
Como demonstras a tua fé?
Qual é a tua religião?
Participas ativamente de atividades religiosas?
- k) **Lazer**
O que tu fazes quando tens tempo livre?
Como costumavas te divertir? Com que frequência?
Costumas participar de atividades na cidade?
Qual a importância das atividades de lazer para ti?
Qual tua música preferida?
- l) **Amizade**
Como são os teus amigos e amigas?
Qual a importância deles para ti?
- m) **Tradição gaúcha**
Costumas utilizar trajes gaúchos?
Gostas de música tradicionalista? Danças músicas tradicionalistas?
Frequentas os bailes tradicionalistas? Poderias me relatar como são os bailes?
Cantas ou tocas algum instrumento?
Participas de algum CTG (Centro de Tradições Gaúchas)?
Participas de atividades da Semana Farroupilha? O que achas do tradicionalismo gaúcho?
- n) **Visão da cidade**
O que te atrai na cidade?
O que tu não gostas na cidade?
Já viveste ou pensaste em viver na cidade?
- o) **Vida no campo**
Por que escolheste viver no campo?

O que gostas na vida rural?
Quais são as dificuldades?

p) **Relações de gênero**

Como é a tua relação com as mulheres em geral?
Tu achas que existem diferenças entre homens e mulheres? Quais?
Tu frequentas lugares onde existem apenas homens? Quais?

q) **Relacionamentos amorosos**

Tem muitas mulheres solteiras da tua idade aqui na região? E na época da tua juventude?
Os teus relacionamentos amorosos foram envolvimento passageiros ou tiveste namoros sérios?
Namoraste em casa? Por quanto tempo? Por que os relacionamentos acabaram?
Como eram as mulheres? Tens namorada atualmente?

r) **Êxodo rural**

O que achas da opção de muitas moças rurais de Alegrete de mudar para a cidade?
Tens amigos que mudaram para a cidade?
Essas mudanças tiveram alguma influência na tua vida?

s) **Perspectivas**

Como tu achas que será o futuro da tua propriedade?
Quais são os teus objetivos?

t) **Ser solteiro**

Quais os pontos positivos em ser solteiro? Quais as dificuldades?
Como a tua família recebe essa decisão tua? E as outras pessoas do lugar onde moras?
Como te sentes sendo solteiro?

u) **Constituição de uma família própria**

O que achas do casamento?
O que pensas sobre a possibilidade de morar com uma pessoa?
Pensas em ter filhos?

v) **Auto-representação**

Como tu te vês?
O que achas da tua vida?
Gostas da vida que levas? Por quê?

Apêndice B – Questionário aplicado aos homens solteiros

a) Nome:

b) Idade:

c) Escolaridade:

 analfabeto; ensino fundamental incompleto; ensino fundamental completo; ensino médio incompleto; ensino médio completo; curso superior incompleto; curso superior completo; pós-graduação.

d) Localidade:.....

e) Distância da cidade:

 0 a 05 km; 06 a 10 km; 11 a 15 km; 16 a 20 km; 21 a 25 km; 26 a 30 km; 31 a 35 km; 36 a 40 km; 41 a 45 km; 46 a 50 km; 51 a 55 km; 56 a 60 km; mais de 61 km.f) Meio de locomoção: cavalo; ônibus; motocicleta; automóvel.

g) Tamanho da UPA (unidade de produção agropecuária):

 0 a 5 ha; 06 a 10ha; 11 a 20ha; 21 a 30ha; 31 a 40ha; 41 a 50ha; 51 a 60 ha; 61 a 70ha; 71 a 80ha; 81 a 90ha; 91 a 100ha; 101 a 150ha; 151 a 200ha; 201 a 250ha; 251 a 300ha; 301 a 350ha; 351 a 400ha; mais de 400ha.h) Proprietário: o próprio; pais; família; outro - cedido; outro - arrendado.

i) Atividade principal, destinação e área ocupada:

Atividade principal	Destinação	Área ocupada

j) Atividades produtivas secundárias:

Atividades	Destinação	Área ocupada

k) Restrições ambientais:

- estiagens; cheias; granizo;
 vento forte; solo pouco fértil; solo pedregoso;
 outras,

l) Produtos adquiridos fora da UPA:

.....

m) Produtos comercializados:

- carne de bovino; carneiros; bovinos; ovinos;
 carne de ovino; lã; soja; milho;
 arroz; leite;
 outros.....

n) Destinação dos produtos comercializados:

- venda direta ao consumidor; atravessador; matadouros; outro,

o) Periodicidade da comercialização:

- semanal; mensal; anual; conforme a necessidade;
 nos períodos de preços altos.

p) Atividades exercidas fora da UPA:

- alambrador; peão de estância; outra

q) Mora com: pais; outros familiares; sozinho; outro,_____.

- r) Posição na família: () filho único; () filho mais velho; () filho mais novo;
() intermediário.

Apêndice C – Roteiro de entrevista semiestruturada para agricultores familiares e moradores rurais

a) Geral

Inicialmente, gostaria que o senhor (ou a senhora) se apresentasse.

Como era a vida no campo aqui em Alegrete na época em que o senhor (ou a senhora) era criança (ou nas décadas de 1940/1950/1960)?

Quais os principais acontecimentos marcantes da história de Alegrete, que o senhor (ou a senhora) lembra?

Houve muitas mudanças desde aquele tempo na forma de viver das pessoas que moram no rural de Alegrete?

Quais foram as principais?

Quando as mudanças iniciaram?

Quando se tornaram mais fortes? Por que o senhor (a senhora) acha que houve estas mudanças?

As mudanças continuam acontecendo? Quais?

O senhor (a senhora) acha estas mudanças ruins ou boas? Por quê?

b) Agricultura empresarial

Como eram as grandes propriedades? O que elas produziam?

Como era a vida dos estancieiros?

Como era a vida dos peões? De onde eram os peões? Existiam pessoas que trabalhavam por dia? Quem eram estas pessoas? Como elas vivam? Somente os homens trabalhavam de peão?

Quais eram os trabalhos das mulheres nas grandes propriedades?

O que mudou em relação à produção nas grandes propriedades?

c) Agricultura familiar

Como eram as propriedades tocadas pela família?

Qual era o tamanho médio destas propriedades?

O que as propriedades familiares produziam para vender? Como vendiam?

O que produziam para o consumo?

O que as propriedades compravam? De quem eram feitas as compras?

Para onde os produtos eram vendidos?

Como era feito o transporte?

Como era o preço dos produtos?

Como estas pessoas viviam?

O que mudou especialmente na agricultura familiar? Quando estas mudanças aconteceram?

As mudanças foram mais fortes na agricultura familiar ou na agricultura empresarial? Por quê?

d) Aspectos produtivos

Quando o arroz começou a ser cultivado em Alegrete?

Quando a soja começou a ser cultivada?

Quando o eucalipto começou a ser cultivado?

Quem trabalha com estas culturas?

O que mudou no manejo do gado? Quais as mudanças nas raças dos animais? Quando iniciou o cultivo de pastagens?

Como foi o trabalho dos extensionistas para incentivar a utilização de novas tecnologias? Como os produtores aceitavam as novas tecnologias?

Aumentou a compra de insumos? Quais? Quem vende?

Aumentou a compra de máquinas? Quem utiliza estas máquinas e insumos? Quais as mudanças na posse de terra? Quais as mudanças com relação à venda dos produtos?

As pessoas do espaço rural costumam trabalhar em atividades que não sejam da agricultura? Quais?

e) **Aspectos infraestruturais**

Como era a escola? Quem eram os professores?

Até que série as pessoas costumavam estudar? Por quê? Quem estudava mais tempo?

O que mudou com relação à educação?

Como era o acesso à saúde? O que mudou com relação à saúde?

Como era o deslocamento das pessoas?

As pessoas costumavam ir com frequência à cidade? O que mudou com relação ao transporte e às estradas?

Como eram as casas? Como são as casas hoje?

Quais eram os meios de comunicação utilizados?

Quando chegou a energia elétrica?

O que mudou com a energia elétrica? Quando começou a melhorar os meios de comunicação (rádio, TV, telefone)?

Quais os eletrodomésticos as pessoas compraram para suas casas?

Todos tem televisão? O que mudou com a televisão?

f) **Aspectos demográficos**

No espaço rural, havia mais famílias que hoje na sua região?

O número de moradores da região diminuiu? Por quê?

Quando aconteceu esta diminuição?

Existiam mais crianças, jovens, adultos ou idosos?

Atualmente, existem mais crianças, jovens, adultos ou idosos?

A maior parte da população rural era de homens ou de mulheres? E atualmente?

Naquela época as pessoas iam morar na cidade? Quem ia embora?

Por que partiam para a cidade? E atualmente?

Para onde as pessoas vão? Por quê?

Nesta região é comum a situação de pessoas que estão voltando para morar no campo? Quem volta?

g) **Aspectos familiares**

Há algumas décadas, como eram as famílias?

Como era a relação entre pais e filhos e filhas? O que mudou na relação entre pais e filhos?

Como era a relação entre marido e mulher? O que mudou na relação entre marido e mulher?

Quem tomava as decisões na família? E atualmente?

Como eram divididos os trabalhos da casa e do campo?

O que os homens faziam?
O que as mulheres faziam? E as crianças? E os jovens?
O que mudou na divisão das tarefas?
Como era dividida a renda agrícola? O que mudou na utilização da renda agrícola?
Como era a sucessão dos estabelecimentos? E hoje?
Quem herda a terra? Como é a divisão entre homens e mulheres?
A distribuição da herança costuma gerar conflitos?
Quando a pessoa é considerada adulta?

h) **Lazer**

Como as pessoas se divertiam? O que mudou em relação à diversão?
Como eram os bailes?
Como eram as festas?
O que mudou nos bailes e festas?
Como eram os rodeios e as carreiras?
O que mudou nos rodeios e carreiras?
Como eram os bolichos? Como são os bolichos hoje? Quem frequenta estes lugares?

i) **Aspectos religiosos**

Qual era a religião principal?
Como era o envolvimento das pessoas com a religião?
Havia igrejas nas localidades?
As missas eram frequentes?
Como era a relação com o padre?
O que mudou com relação à religião?
Como é o envolvimento das pessoas com a religião atualmente?

j) **Relações na localidade**

Como era a relação entre vizinhos?
Havia o costume das pessoas se reunirem para o serviço campeiro?
Era comum a visita entre vizinhos? O que mudou na relação entre vizinhos?
Como era a relação entre as famílias dos fazendeiros e as famílias dos agricultores familiares? E atualmente?
Havia muitas brigas entre famílias e vizinhos?
As brigas e mortes causadas por desentendimentos eram comuns?
Por que as pessoas costumavam brigar? Quem brigava? Ainda existem muitas brigas? Quem briga? Onde acontecem as brigas? Por quê?
Quem eram as pessoas mais poderosas? Por quê? Quem são hoje as pessoas mais poderosas?

k) **Aspectos culturais**

As pessoas utilizavam vestimentas gaúchas no dia-a-dia? Quais? E atualmente?
Quais os costumes eram cultivados? E hoje?

l) **Relacionamentos amorosos**

Como iniciavam os namoros?

Quais eram os critérios para escolher os namorados? Os pais interferiam nas escolhas? Os pais incentivam os namoros?

Como eram os namoros?

Quais eram os cuidados dos pais com os rapazes e as moças?

Como deveria ser a moça para ser vista como uma boa noiva?

Como deveria ser o rapaz para ser visto como um bom noivo?

O que mudou nos namoros de hoje?

Como eram os casamentos?

O que mudou com relação aos casamentos?

É comum o casamento entre primos?

Algumas pessoas se 'ajuntavam'? Como estas pessoas eram vistas?

Hoje mais pessoas se ajuntam?

Havia separações? Como era vista a separação e as pessoas separadas? O que mudou com relação à separação?

Havia muitos viúvos e viúvas?

Eles costumavam se casar?

Havia mães solteiras? Como eram vistas? Aumentou o número de mães solteiras?

m) **Pessoas solteiras**

Havia homens e mulheres que não se casavam? Cerca de quantos na localidade?

Quem eram estes solteiros e estas solteiras? A maioria era mulher ou homem?

Como eram vistos?

Por que estas pessoas não casaram?

Como eles eram?

O que eles faziam nos finais de semana?

Eles namoravam? Como eram estes namoros?

Como as famílias viam os homens solteiros e as mulheres solteiras?

Havia muitos homens solteiros nas propriedades familiares? Eles viviam sozinhos ou com a família?

O que acontecia os bens da pessoa que morria solteira?

O que mudou com relação aos solteiros e às solteiras?

A quantidade de solteiros aumentou? Quando? Por quê?

Atualmente, a maioria é mulher ou homem?

Como eles vivem?

Qual a idade da maioria?

Com o que trabalham?

Por que estas pessoas não casam?

O que eles fazem no tempo livre?

Eles namoram?

Existem muitos homens solteiros nas propriedades familiares? Eles moram sozinhos ou com a família?

O que o senhor (ou a senhora) pensa sobre essas pessoas adultas que são solteiras?

Quais as diferenças entre a vida do homem solteiro e a do homem casado?

Quais as diferenças entre a vida da mulher solteira e a da mulher casada?

n) **Cidade**

Como era a cidade Alegrete? Como as pessoas viviam na cidade? No que trabalhavam? Como é a cidade atualmente?

Apêndice D – Roteiro de entrevista semiestruturada para agentes de desenvolvimento rural

a) Geral

Inicialmente, gostaria que o senhor (ou a senhora) se apresentasse.

Como era a vida no campo aqui em Alegrete na época nas décadas de 1940/1950/1960?

Houve muitas mudanças desde aquele tempo na forma de viver das pessoas que moram no rural de Alegrete? Quais foram as principais?

Quando as mudanças iniciaram?

Quando se tornaram mais fortes?

Por que o senhor (a senhora) acha que houve estas mudanças?

As mudanças continuam acontecendo? Quais?

O senhor (a senhora) acha estas mudanças ruins ou boas? Por quê?

b) Aspectos produtivos

O que mudou em relação na produção?

Quando o arroz começou a ser cultivado em Alegrete?

Quando a soja começou a ser cultivada?

Quando o eucalipto começou a ser cultivado?

Quem trabalha com estas culturas?

O que mudou no manejo do gado?

Quais as mudanças nas raças dos animais?

Quando iniciou o cultivo de pastagens?

Como foi o trabalho dos extensionistas para incentivar a utilização de novas tecnologias? Como os produtores aceitavam as novas tecnologias?

Aumentou a compra de insumos? Quais? Quem vende?

Aumentou a compra de máquinas? Quem utiliza estas máquinas e insumos? Quais as mudanças na posse de terra? Quais as mudanças com relação ao mercado de produtos agropecuários?

As pessoas do espaço rural costumam trabalhar com atividades não agrícolas?

Quais? Quem? Onde?

c) Extensão rural

Quando a instituição começou a prestar serviços em Alegrete?

Como era o trabalho? O que mudou?

Como é atualmente o trabalho com agricultores familiares?

d) Agricultura familiar

O que mudou especialmente na agricultura familiar?

Quando estas mudanças aconteceram?

As mudanças foram mais fortes na agricultura familiar ou na agricultura empresarial?

Por quê?

Como é a agricultura familiar do município hoje?

Onde se concentram os estabelecimentos familiares?

Como é a sucessão dos estabelecimentos?

Quem herda a terra? Como é a divisão entre homens e mulheres?
A distribuição da herança costuma gerar conflitos?

e) **Aspectos infraestruturais**

O que mudou com relação à educação?

O que mudou com relação à saúde?

O que mudou com relação ao transporte e às estradas?

Quando chegou a energia elétrica? O que mudou com a energia elétrica? Quais os eletrodomésticos as pessoas compraram para suas casas? Todos tem televisão? O que mudou com a televisão?

f) **Aspectos demográficos**

O número de moradores da região diminuiu? Por quê? Quando aconteceu esta diminuição?

Existem mais crianças, jovens, adultos ou idosos?

A maior parte da população rural é de homens ou de mulheres?

Quem vai embora? Para onde? Por quê?

É comum a situação de pessoas que estão voltando para morar no campo? Quem volta?

g) **Pessoas solteiras**

A quantidade de solteiros aumentou nas últimas décadas? Por quê?

A maioria é mulher ou homem?

Qual é a faixa etária da maioria deles?

Como eles vivem? Com o que trabalham?

Por que estas pessoas não casam?

Existem muitos homens solteiros nas propriedades familiares?

Eles moram sozinhos ou com a família?

Em quais as localidades existem mais homens solteiros? Por quê?

A instituição trabalha com estes homens solteiros?

Apêndice E – Caracterização geral dos entrevistados

Número	Pseudônimo	Descrição
01	Reginaldo	Agricultor familiar solteirão
02	André	Agricultor familiar solteirão
03	Luis	Agricultor familiar solteirão
04	Carlos	Agricultor familiar solteirão
05	Alberto	Agricultor familiar solteirão
06	Júlio	Agricultor familiar solteirão
07	Pedro	Posteiro solteirão
08	Juarez	Posteiro solteirão
09	Rodrigo	Morador rural solteirão
10	Alceu	Morador rural solteirão
11	Paulo	Agricultor familiar separado
12	Afonso	Peão de fazenda aposentado separado
13	Gustavo	Agente de desenvolvimento rural
14	Rita	Agente de desenvolvimento rural
15	Lurdes	Representante da APAFA
16	Amanda	Agente de desenvolvimento rural
17	Evandro	Agente de desenvolvimento rural
18	Mateus	Agente de desenvolvimento rural
19	Aline	Jovem de origem rural que estuda na cidade
20	Carla	Professora de escola rural
21	Fabiana	Professora de escola rural
22	Vicente	Professor de escola rural, irmão de Paulo
23	Bibiana	Funcionária de escola rural
24	Marcelo	Assentado da reforma agrária e agente de desenvolvimento rural
25	Otávio	Vendedor de loja de produtos oriundos da agricultura familiar, morador do espaço rural
26	Adão	Agricultor familiar
27	Maria	Agricultora familiar
28	Elza	Agricultora familiar aposentada e viúva
29	Julieta	Agricultora familiar aposentada, irmã de Júlio
30	Antônia	Agricultora familiar aposentada que vive na cidade, mãe de Carlos
Conversa informal	Claúdio e Nédio	Caroneiros, empregado de granja e domador de cavalos
Conversa informal	Lúcio	Guarda de escola e morador rural
Conversa informal	Venâncio	Ex-peão de fazenda separado, alcoólatra.
Conversa informal	Moisés	Peão de estância separado
Conversa informal	Márcio	Secretário de escola rural
Conversa informal	Valmir	Administrador de fazenda

Apêndice F – Termo de consentimento livre e esclarecido para homens rurais solteiros

Título do estudo: “Somos solteirões”: A construção social da solteirice na agricultura familiar de Alegrete/RS

Pesquisador(es) responsável(is): Cassiane da Costa, com orientação de Joel Orlando Bevilaqua Marin

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural –DEAER/UFSM

Telefone para contato: 05596516465

Local da coleta de dados: Município de Alegrete/RS

Grupo de entrevistados: Homens rurais solteiros

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: O objetivo geral da pesquisa é compreender o celibato masculino na agricultura familiar do município de Alegrete, estado do Rio Grande do Sul.

Procedimentos. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas na concessão desta entrevista, respondendo às perguntas formuladas que abordam as características da agricultura familiar de Alegrete/RS e do ‘ser solteiro’ nesta realidade. A entrevista será gravada, sendo que uma cópia das gravações ficará, durante cinco anos sob os cuidados do professor orientador da pesquisa, Dr. Joel Orlando Bevilaqua Marin. Após este período, os dados serão destruídos.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria _____, de _____ de 20____.

Assinatura

Pesquisador responsável

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009 Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep